



FACULDADE
DAMAS



TEMPO DE APRENDER: ARQUITETURA E URBANISMO

Prof^a Mércia Carréra de Medeiros (Org.)

**Mércia Carréra de Medeiros
(Organizadora)**

**Tempo de Aprender:
Arquitetura e Urbanismo**

**Recife
Faculdade Damas da Instrução Cristã
2021**

Catálogo na Fonte
Bibliotecário Ricardo Luiz Lopes CRB/4-2116

T228 **Tempo de aprender: arquitetura e urbanismo. [recurso eletrônico] /**
Organizador: Mércia Carréra de Medeiros – Recife: Fadic, 2020.
199 p. .: il. color.

ISBN: 978-65-993283-1-2
Inclui bibliografia.

1. Interdisciplinaridade. 2. Arquitetura. 3. Urbanismo. 4.
Paisagismo. 5. Metodologia científica. I. Medeiros, Mércia Carréra. II.
Faculdade Damas da Instrução Cristã. III. Título.

72 CDU

FICHA TÉCNICA

ORGANIZAÇÃO

Mércia Carréra de Medeiros

CAPA E DIAGRAMAÇÃO

Camila Brito da Cruz

AUTORES

Alexandra Carneiro da Silva	Luciana Santiago Costa
Amanda Maria Barbosa da Silva	Maria Eduarda Albuquerque de Souza
Amanda Maria Costa Bezerra Cavalcanti	Maria Eduarda Samson F. de Albuquerque
Ana Idalice Laurentino da Silva	Maria de Fátima Xavier do Monte Almeida
Ana Maria Filgueira Ramalho	Maria Luiza de Lavor
Bianca Lira de Alencar	Maria Vitória de Oliveira Neves Silva
Camila Brito da Cruz	Maxwel da Silva Pereira
Davi Araújo Muniz	Nicole Nóbrega Carneiro da Cunha
Gisele Melo de Carvalho	Pedro Henrique Cabral Valadares
Isadora de Melo Bradley Bachmann	Ricardo Javier Bonilla
Itanara Muniz de Carvalho Lima	Rubens Abner de Andrade Cunha
Joyce de Oliveira Galdino Gomes	Stephanie Rocha de Araújo
Lara Almeida Malta	Suellen Maria Gomes de Lima
Larissa Ranielly Salvador Gouveia	Walkiria Roberta Lima da Silva
Lucas Padilha Almeida Barros de Melo	Winnie Emily Fellows

APRESENTAÇÃO

Esta edição resulta da iniciativa da coordenação do curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Damas que, assim, divulga para conhecimento público, a produção dos discentes durante o semestre de 2020.2, auxiliados pelos docentes das disciplinas.

O objetivo principal é estimular a produção acadêmica e incentivar a divulgação dos trabalhos desenvolvidos. Os componentes que elaboraram os artigos se esforçaram para produzir uma publicação em que se reconhecesse, essencialmente, o conteúdo apreendido em sala de aula.

Agradecemos a todos os discentes e docentes que, no semestre de 2020.2, contribuíram e possibilitaram a ampliação do conhecimento no campo da Arquitetura e Urbanismo.

Prof^a. Dra. Mércia Carréra de Medeiros

Coordenadora do curso de Arquitetura e Urbanismo

Faculdade Damas da Instrução Cristã

Março de 2021.

PREFÁCIO

Em tempos de normalidade, o curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Damas da Instrução Cristã tem, por tradição, no início de cada semestre letivo, uma exposição de trabalhos acadêmicos produzidos no semestre anterior. Tal exposição, com duração de uma semana, tem por finalidade tornar públicas as produções dos discentes nas disciplinas e compartilhar suas experiências, principalmente com os alunos novatos.

A exposição possui grande diversidade, pois são divulgados projetos de arquitetura, urbanismo, paisagismo, por meio de plantas, perspectivas e maquetes. Também são expostos trabalhos teóricos e experimentos de disciplinas práticas, inclusive da área de engenharia.

Os trabalhos ficam expostos em biombos e mesas ao longo dos corredores, à vista de todos os alunos, professores e demais funcionários, de modo que todo o conteúdo pode ser contemplado, garantindo, assim, a disseminação da vasta diversidade disciplinar inerente à arquitetura e urbanismo. Alguns desses trabalhos são apresentados pelos alunos no auditório como maneira de compartilhar detalhes dos trabalhos e debater os processos e os resultados.

Contudo, a pandemia do novo coronavírus ocasionou uma ruptura radical, um paradigma generalizado nas mais diversas camadas sociais, profissionais e institucionais. Desta forma, fomos conduzidos à uma nova realidade para a qual tivemos que nos adaptar com agilidade, mas com firmeza, serenidade e profissionalismo.

As aulas presenciais foram transpostas para o meio virtual síncrono, bem como as bancas de defesa de Trabalhos de Conclusão de Curso. Como a busca por novos caminhos para atingir nossos objetivos nunca foi interrompida, a tradicional exposição presencial de trabalhos passará a ocorrer em outra modalidade: um e-book com artigos e relatos de experiência, em que os alunos, supervisionados por seus respectivos professores, apresentam parte dos conhecimentos adquiridos e dos projetos elaborados no semestre anterior.

Trata-se de um desafio, não apenas por ser nosso primeiro e-book, mas também por ser mais um degrau que estamos galgando diante desse momento tão difícil que a humanidade enfrenta.

Este desafio de adaptação (e por que não dizer resiliência?) me faz lembrar da Exposição Universal de Paris do ano de 1900, em que diversos artistas ilustraram ideias de como os franceses imaginavam que o mundo seria no ano 2000. Na série de ilustrações, divulgadas em postais e embalagens de produtos já havia a percepção de que os carros voariam no século XXI. Outra ideia, premonitória ou desejança, foi a comunicação por áudio e vídeo em tempo real, em que a voz era captada por um microfone e a imagem era projetada em uma parede ou mesmo em uma tela portátil. Ou seja, comunicação virtual. Cento e vinte anos depois, os veículos urbanos ainda não voam, mas a virtualidade nas relações interpessoais se tornou uma realidade que, antes, deveria ser casual ou consequência de uma evolução natural tecnológica e comportamental. Contudo, a pandemia do novo coronavírus impulsionou os meios virtuais para além da mera comunicação, consagrando-os, de modo imperativo, como espaços impalpáveis de atividades profissionais e acadêmicas.

A pandemia criou obstáculos, mas todo obstáculo demanda um esforço de superação, de mudança, de adaptação. Tal esforço tem sido empenhado com bastante afinco por todos nós que fazemos parte do curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Damas da Instrução Cristã, conduzidos pelo incansável vigor da coordenadora Mércia Carréra que, dia a dia, conduz a todos para um futuro melhor.

Sendo assim, os artigos e relatos de experiência publicados neste e-book demonstram o resultado deste esforço conjunto de docentes e discentes e, acima de tudo, de nossa capacidade de adaptação e condução das atividades diante do cenário atual, sem prejuízo da qualidade do aprendizado.

Então, embora os carros ainda não voem como os parisienses sonhavam há cento e vinte e um anos, as atividades e relações interpessoais ultrapassaram sobremaneira a mera comunicação virtual por eles especulada, graças à ciência e sua produção tecnológica, mas também graças à nossa perseverança. Estamos seguindo firmes, em resiliência às adversidades impostas pela nova realidade, e este primeiro e-book é mais uma demonstração disso.

Prof. Dr. Pedro Valadares

Professor do curso de Arquitetura e Urbanismo
Faculdade Damas da Instrução Cristã

Março de 2021.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	4
PREFÁCIO.....	5
DESENHO ARTÍSTICO	9
DESENHO ARTÍSTICO: RELATO DE EXPERIÊNCIAS NO APRENDIZADO DA DISCIPLINA NO SEMESTRE 2020.2	10
PROJETO DE ARQUITETURA 1 E GEOMETRIA DESCRITIVA.....	19
INTERDISCIPLINARIDADE ENTRE PROJETO DE ARQUITETURA 1 (RESIDENCIAL) E A GEOMETRIA DESCRITIVA NO PROCESSO CRIATIVO DE UM BANGALÔ	20
ESTÉTICA	34
ESTÉTICA CLÁSSICA: VISÃO DA BELEZA POR SÓCRATES, PLATÃO E ARISTÓTELES NA ARQUITETURA	35
TÓPICOS ESPECIAIS 2.....	42
DIFERENTES MERCADOS DE TRABALHO NA ÁREA DA ARQUITETURA E URBANISMO	43
CONCEITO DE ARQUITETURA E ARQUITETOS FAMOSOS	53
TÓPICOS ESPECIAIS 4.....	62
ANÁLISE DO CENÁRIO DE TELHADO VERDE NA CIDADE DO RECIFE MEDIANTE APLICAÇÃO DA LEI MUNICIPAL.....	63
PROJETO DE ARQUITETURA 3.....	76
PROJETO INSTITUCIONAL - EDUCAÇÃO E CULTURA: PROCEDIMENTOS PROJETUAIS	77
METODOLOGIA CIENTÍFICA.....	92
INTERIORES BRUTALISTAS: UMA ANÁLISE DE RESIDÊNCIAS PROJETADAS POR ACÁCIO GIL BORSOI EM JOÃO PESSOA NA DÉCADA DE 1960	93
ARQUITETURA SAGRADA: UMA ANÁLISE DA EVOLUÇÃO DOS ELEMENTOS ARQUITETÔNICOS E LITÚRGICOS EM DUAS IGREJAS CATÓLICAS NA CIDADE DO RECIFE.	104

A CIDADE E A ZONA RURAL: O RETRATO ENCONTRADO NOS FILMES DE CLAUDIO ASSIS	116
ARQUITETURA NO SERTÃO À LUZ DOS PRINCÍPIOS PÓS-MODERNISTAS DA ARQUITETURA DO CONCEITO E DA FORMA	127
O "REGIONALISMO CRÍTICO" DE KENNETH FRAMPTON E SUA EXPRESSÃO NA ARQUITETURA MODERNA PERNAMBUCANA.....	136
LEGISLAÇÃO URBANO - ARQUITETÔNICA / PLANEJAMENTO URBANO 2.....	147
REQUALIFICAÇÃO NOS BAIRROS VÁRZEA E CAXANGÁ: APLICAÇÃO DOS INSTRUMENTOS URBANÍSTICOS DO ESTATUTO DA CIDADE	148
PLANEJAMENTO URBANO 4, PAISAGISMO 2, TÉCNICAS RETROSPECTIVAS E PROJETO DE INTERIORES 2.....	161
INTERVENÇÕES URBANÍSTICAS NO BAIRRO DA TORRE/RECIFE-PE.	162
PROPOSTA DE INTERVENÇÃO ARQUITETÔNICA DE ADAPTAÇÃO DE UMA ANTIGA RESIDÊNCIA PARA UM NOVO USO	171
PROJETOS DE ARQUITETURA DE INTERIORES PARA RESTAURANTES DE CULINÁRIA JAPONESA E ITALIANA.....	178
PROJETO DE JARDIM PARA CASARIO NO BAIRRO DA TORRE.	188

DESENHO ARTÍSTICO

A disciplina de Desenho Artístico – 1º período, procura instruir o aluno iniciante do curso de Arquitetura e Urbanismo na técnica do desenho de observação preparando-o para a comunicação através do desenho – ferramenta primeira do arquiteto. Disciplinas como Desenho arquitetônico 1 e 2, Perspectiva e todas as cadeiras que usam o desenho Técnico - Projeto de Arquitetura 1 a 6, herdam este 'despertar' do aluno para essa nova linguagem que se apresenta. A disciplina trata de temas como o uso de materiais diversos, técnicas básicas de perspectiva, o uso de cores e a aprendizagem de representação técnica. Compõe-se de prática constante com exercícios em aula e tarefas de casa.

Professor: Ms. Ricardo Javier Bonilla

DESENHO ARTÍSTICO: RELATO DE EXPERIÊNCIAS NO APRENDIZADO DA DISCIPLINA NO SEMESTRE 2020.2.

Lucas Padilha Almeida Barros de Melo

Aluno do curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Damas,
Recife – PE, 2º período.

Rubens Abner de Andrade Cunha

Aluno do curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Damas,
Recife – PE, 2º período.

Suellen Maria Gomes de Lima

Aluno do curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Damas,
Recife – PE, 2º período.

Walkiria Roberta Lima da Silva

Aluno do curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Damas,
Recife – PE, 2º período.

Ricardo Javier Bonilla

Mestre em Ciência Geodésica e Tecnologias da Geoinformação.
Professor do curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Damas,
Recife-PE. E-mail: ricardo.javier@faculdedamas.edu.br.

1. INTRODUÇÃO

Em 2020 enfrentávamos a primeira onda do COVID-19, onde a maioria dos serviços tiveram de ser interrompidos de maneira a diminuir o contágio da doença. Entretanto, a Faculdade Damas da Instrução Cristã (FADIC) não se deu por vencida e deu início ao seu período de aulas remotas. Nós, alunos, tivemos o privilégio de continuar na saga para nossa formação acadêmica no curso de Arquitetura e Urbanismo, e através deste relato, vamos compartilhar nossa vivência, mais precisamente na matéria de Desenho Artístico, que nos foi ministrada pelo Prof. MSc. Ricardo Javier Bonilla.

O texto tem como objetivo passar a visão dos alunos no período de formação e instrução do curso, através do texto e imagens de trabalhos produzidos pelos mesmos, e relatar como foi todo o processo de aprendizagem no período remoto vivenciado na universidade.

O texto se torna um importante documento para os alunos que virão na posteridade, servindo também como lembrete para os participantes de que o aprendizado nunca terá fim em uma vida acadêmica. É preciso sempre ansiar por dias melhores na sociedade, e através da formação educacional isso torna-se mais acessível. O semestre de 2020 nos mostrou que é preciso resiliência para continuar batalhando, apesar das adversidades.

“Através de dificuldades, para as estrelas” – provérbio latino

2. CORES NA ARQUITETURA

No curso de Arquitetura e Urbanismo, é costumeiro entender que a arte pode ser apresentada de diversas maneiras, inclusive em comunhão com a arquitetura. Entretanto, na matéria de Desenho Artístico, aprendemos que arquitetura também é arte, e uma forma de expressar essa arte é através das cores que a ela são atribuídas.

Pintar uma área gourmet em tons de laranja ou quartos de adolescentes com um verde suave dizem muito mais do que apenas cores ao acaso, elas carregam um significado interno, que nos passa despercebido quando não entendemos o poder das cores.

O verde do hospital, ou o verde aguado de escolas são outros exemplos de como as cores podem ser introduzidas de maneira a exercer uma função extra ao ambiente que são inseridas. Os arquitetos devem entender esse artifício para criar espaços que produzam sentimentos.

2.1. PSICOLOGIA DAS CORES

Assim como qualquer objeto arquitetônico que é introduzido em um certo ambiente, as cores também têm o poder de influenciar a experiência de cada usuário ali presente. E por que isso acontece? Com estudos produzidos em mais de duas mil pessoas, em seu livro “A psicologia Das Cores”, Eva Heller demonstra que as cores e os sentimentos atribuídos a elas não ocorrem ao acaso, e não são questões de gosto individual, estão ligadas a vivências comuns que carregamos desde a infância.

A simbologia atrelada à uma cor pode ser aproveitada em ambientes de forma que sustente seu significado, como exemplo; utilizar em uma sala de estar mais íntima, que o usuário deseja para relaxar depois de um dia cansativo de trabalho, cores em um tom de azul mais escuro, que passa a temática de calma e relaxamento ao espaço.

2.2. COMUNICAÇÃO DAS CORES

Contudo, usar as cores de maneira aleatória pode provocar um acidente na tentativa de transmitir algo com as cores. Dar-se como exemplo utilizar na mesma sala de estar azul, um amarelo forte em uma das paredes. O amarelo passa a sensação de felicidade, euforia, que pode atrapalhar o local de descanso. E como entender a relação das cores?

Simple, através do círculo cromático. Nas aulas do prof. Bonilla fomos ensinados a construir nosso próprio círculo, para usar em projetos futuros e através dele entender a disposição da comunicação das cores. Segue foto de um dos trabalhos produzidos:



Figura 01: Círculo cromático.
Fonte: Suellen Maria, 2020.

Entendendo como são distribuídas as cores nos círculos, entramos no mérito de que forma são feitas as possíveis ligações para combinações existentes. As ligações devem seguir o padrão abaixo:

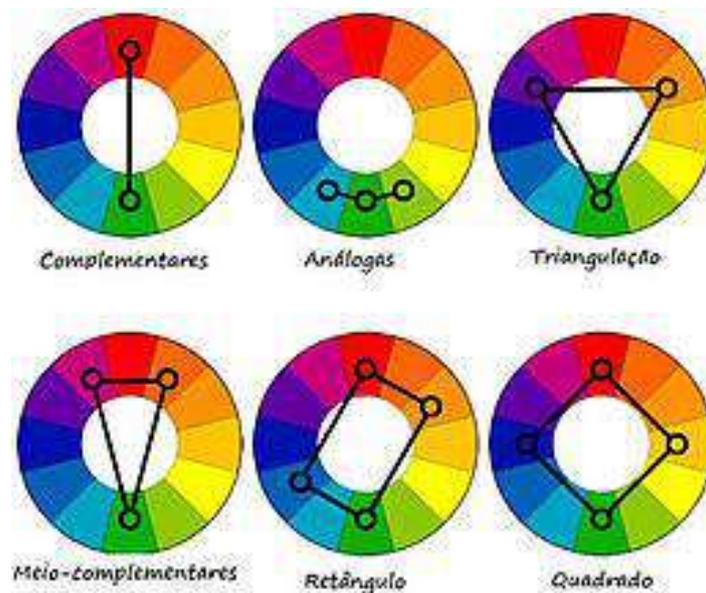


Figura 02: Combinação harmônica das cores.
Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Combinacao_harmonica_das_cores.jpg

Dessa forma, uma boa escolha para o azul que citamos no exemplo seria um azul suave ou violeta, cores análogas a ele. As outras formas de combinações também são válidas para criar um ambiente bem harmônico.

2.3. JOGO DE CORES

Depois de entendidos a importância de seus artifícios para a arquitetura, as cores podem ser usadas com diversos propósitos, inclusive transformar alguns aspectos do espaço. Exemplo, proporcionar efeitos visuais de como pé-direito mais baixo, encurtamento espacial, ou até alongamento espacial. E como alcançar essa tamanha transformação apenas com cores? E quais cores usar?

Fácil! O processo ocorre por simples ilusão de ótica, mas pode criar grande impacto em futuros projetos que podem ser adicionadas tais técnicas. E as cores utilizadas depende da ilusão que deseja ser criada, sempre usando como base cores claras e/ou mais escuras.

Se o objetivo é elevar o teto: basta utilizar uma cor mais clara nele, e deixar as paredes com cores mais escuras. Uma técnica bastante utilizada é deixar o teto em branco, acompanhado de paredes escuras, e completar com a decoração do espaço.

Já se a intenção é dar amplitude, fazer com que o espaço pareça maior, vale a pena investir em um piso mais escuro, de forma que acompanhe paredes com cores claras. Deixando o piso uniforme em toda a casa faz com que ela pareça ampla e integrada.

As combinações são diversas, e podem se adaptar a determinado espaço, desde que seja o desejo do usuário. Como exemplificado na tabela abaixo; pode-se destacar uma parede, encurtar um ambiente e até encurtar as paredes. As possibilidades são infinitas para a criatividade do profissional.

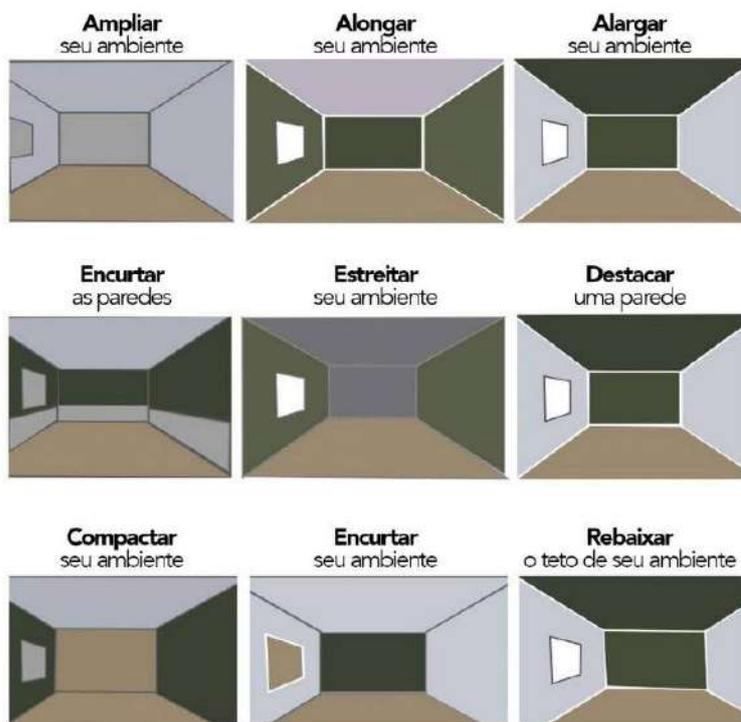


Figura 03: “Inspire-se” – VERGINIA, a vida no seu tom.
 Fonte: <https://www.tintasverginia.com.br/>

3. PERSPECTIVAS

Outro tema abordado na disciplina foi o de Perspectivas. Segundo o dicionário, perspectiva é a técnica de representação de objetos tridimensionais sobre uma superfície bidimensional, como a folha de um papel de desenho que possibilita a ilusão de espessura e profundidade das figuras. De forma mais fácil, em um desenho simples só temos noção de altura e largura, ou seja, 2 dimensões, mais em um desenho de perspectiva é visto um terceiro elemento que é a profundidade, que causa uma ilusão de ótica parecendo estar em 3 dimensões.

Alguns elementos são essenciais para o entendimento da perspectiva, são eles: linha do horizonte, ponto de vista, ponto de fuga e linhas de fuga. Linha do horizonte é o elemento que representa o nível dos olhos do observador, numa paisagem é a linha que separa o céu e a terra.

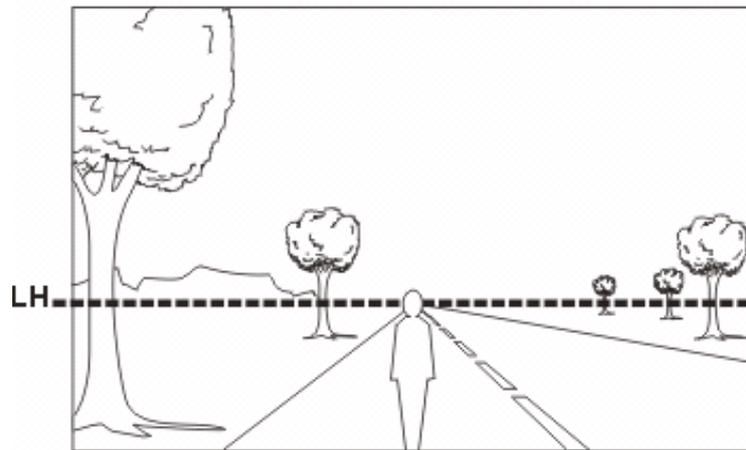


Figura 04: Ponto de Vista.

Fonte: http://www.sobrearte.com.br/desenho/perspectiva/elementos_da_perspectiva.php

Quando se olha para baixo ou para cima a linha do horizonte não se move, isso porque o nível da sua cabeça não mudou.

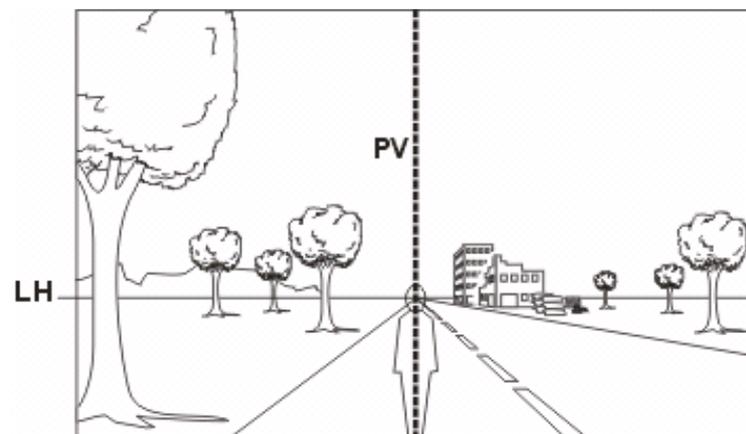


Figura 05: Linha do Horizonte.

Fonte: http://www.sobrearte.com.br/desenho/perspectiva/elementos_da_perspectiva.php

Ponto de vista é a linha vertical perpendicular à linha do horizonte, o ponto de vista é identificado exatamente no cruzamento entre a linha do horizonte e a linha do horizonte.

Ponto de fuga é o ponto localizado na linha do horizonte já traçada para onde todas as linhas paralelas irão convergir quando se desenhar em perspectiva.

Em alguns casos são necessários dois ou mais pontos de fuga, esses pontos podem coincidir tanto na linha do horizonte como no ponto de vista, como também podem estar fora dessas linhas.

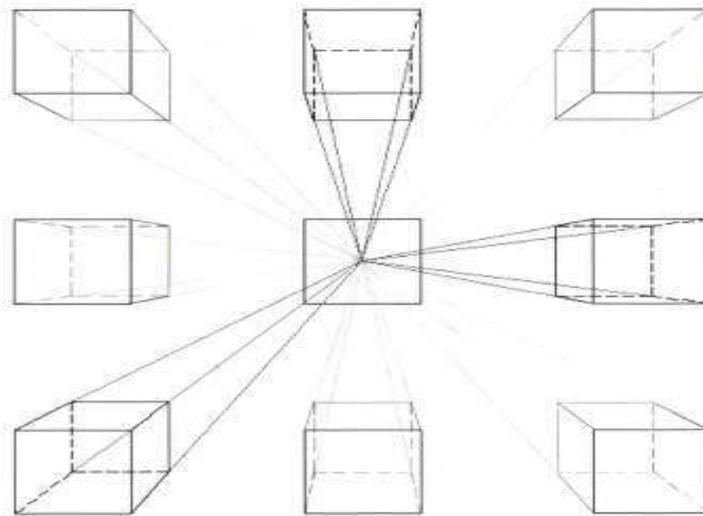


Figura 06: Exercício de posicionamento espacial, realizado pelo aluno Rubens Abner.
Fonte: tirada pelo próprio aluno.

Linhas de fuga são as linhas paralelas que convergem para o ponto de fuga é o afunilamento dessas linhas em direção ao ponto de fuga que geram a sensação de profundidade.



Figura 07: Linhas de fuga.
Fonte: http://www.sobrearte.com.br/desenho/perspectiva/elementos_da_perspectiva.php

Esses elementos citados formam a perspectiva cônica, mas também existem a perspectiva cavaleira e a perspectiva axonométrica que se divide em: isométrica, dimétrica e trimétrica.

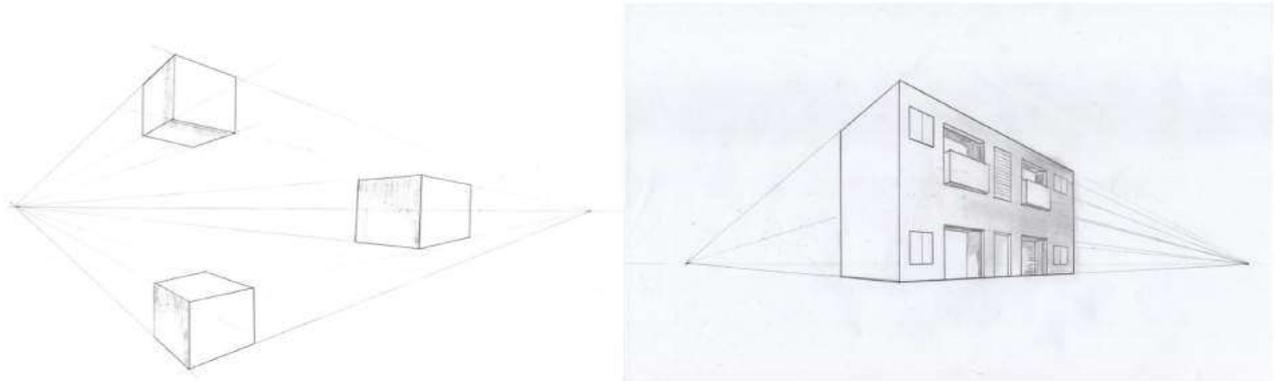


Figura 08: Demonstrativo de perspectiva de cubos com linha do horizonte e linhas de fuga e perspectiva de casa.

Fonte: Rubens Abner, 2020.

4. DESENHO DE VEGETAÇÃO

A parte de desenho de vegetação foi abordada no segundo bimestre de 2020.2 e tratou da importância da inclusão da vegetação no desenho arquitetônico, a fim de aproximar o ambiente do real e criar um espaço orgânico. Tendo em vista que os ambientes transmitem sensações e informações podendo gerar um impacto tanto agradável quanto tornar esse espaço desconfortável/desagradável.

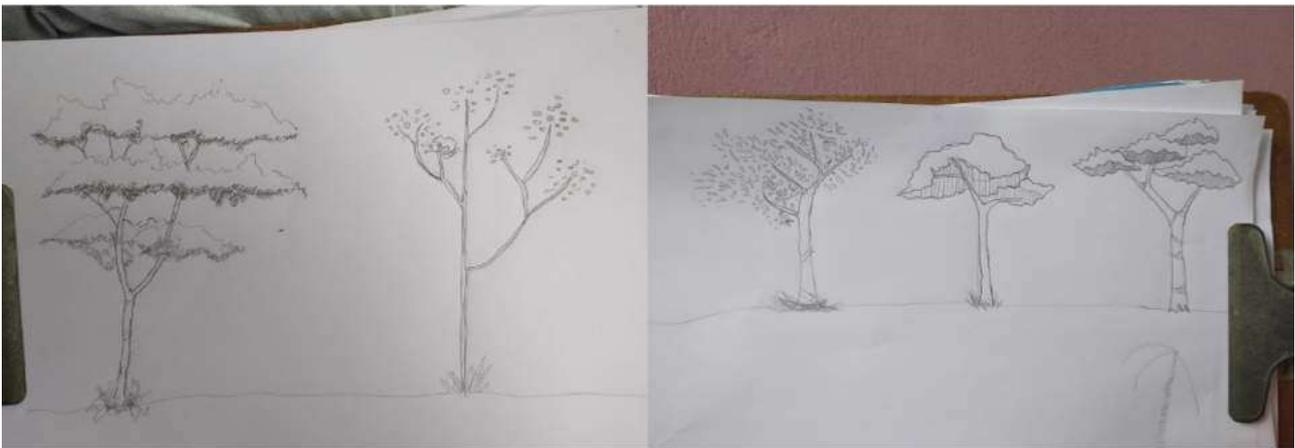


Figura 09: Desenhos feitos à mão livre.

Fonte: Walkiria Roberta, 2020.

Essa parte da disciplina de desenho artístico foi de suma importância, pois estimulou o senso artístico pessoal e fez com que tivesse o prazer do desenho à mão considerando a assimetria e beleza das vegetações naturais com o auxílio do livro "Desenho de vegetação em Arquitetura e Urbanismo", de SILVA, 2009.

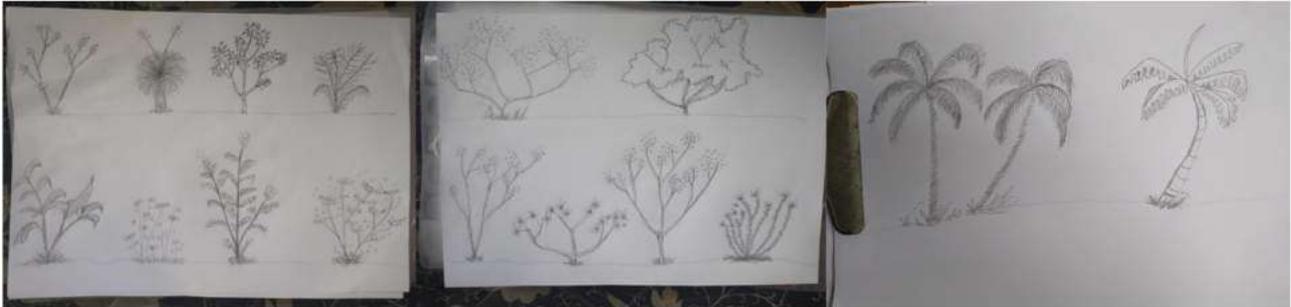


Figura 10: Desenhos feitos à mão livre.
Fonte: Walkiria Roberta, 2020.

5. A IMPORTÂNCIA DO DESENHO A MÃO

Nos dias atuais, com todas as tecnologias que auxiliam os profissionais em seus projetos, é comum ver, entre os estudantes de arquitetura, o uso frequente de aplicativos e softwares de desenho CAD desde os seus primeiros anos de faculdade. Em virtude disso, a disciplina de desenho artístico nos ensinou sobre a importância do traço a mão livre. Nos mostrou também que temos a capacidade de criar rascunhos a partir de uma ideia, pois será a partir desses mesmos rascunhos que sairão todas as diretrizes do projeto.

Além disso, nos foi apresentado também sobre as texturas, sobre as formas que elas podem ser e quais as intensidades que podem ter; nos ensinou também que elas têm o propósito de acrescentar realidade, profundidade e consequentemente identidade e sentimento aos desenhos.

Portanto, a disciplina de desenho artístico nos fez entender a extrema importância de nós, futuros arquitetos, conseguirmos expressar de maneira limpa e clara todas as nossas ideias com a ajuda de desenhos.



Figura 11: Croquis à mão com o uso de texturas.
Fonte: CHING, 2012.

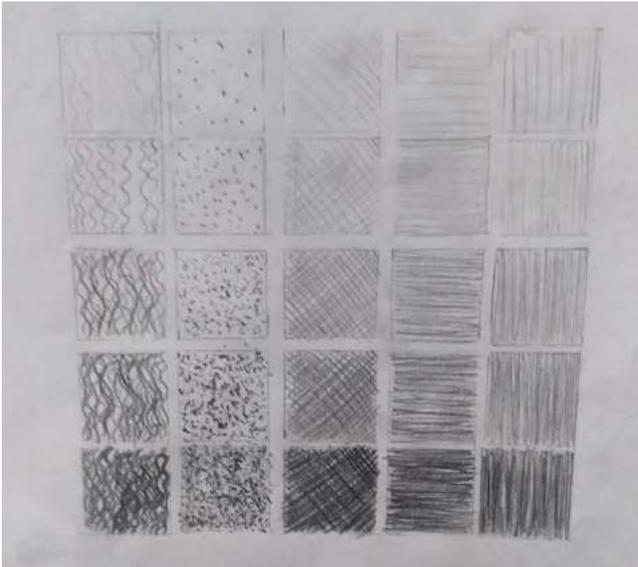


Figura 12: Tipos de texturas e suas intensidades.
Fonte: Suelen Maria, 2020.

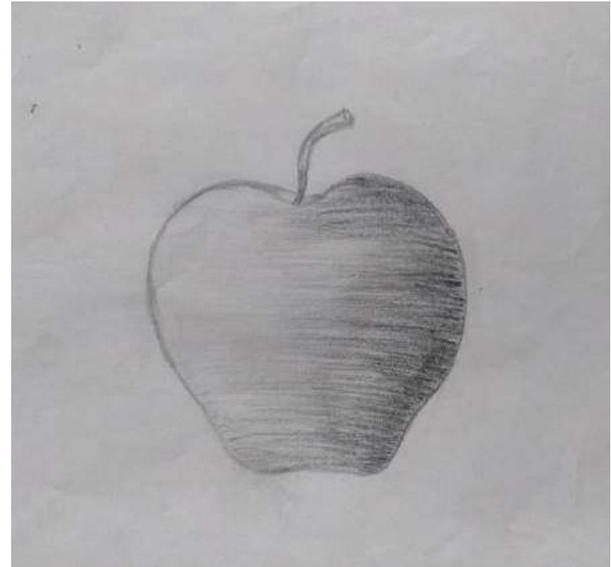


Figura 13: Uso de texturas.
Fonte: Suelen Maria, 2020.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, nossa introdução ao Desenho Artístico foi muito prática e habilmente ensinada, através dos ensinamentos do Prof. Bonilla passamos a enxergar de outra forma o papel do arquiteto, e da emoção que sua profissão provoca. Chegamos à conclusão do poder dessa ferramenta para uma vida profissional bem-sucedida.

Após a conclusão das aulas, pesquisamos até hoje maneiras de aperfeiçoar nosso desenho. Seja em nossas perspectivas, de maneira que passem melhor como nossa imaginação trabalha, ou com o aperfeiçoamento do desenho a mão, sempre exercitando o poder do clássico "papel e lápis". Seja descobrindo o valor das cores, e usando-as de forma harmônica para cada projeto que nos é encarado, ou ainda em representar de forma mais precisa elementos importantes para a construção de uma edificação, como sua vegetação.

Em qualquer que seja o âmbito, a arte nos acompanha em nossa profissão. Somos futuros arquitetos, e antes de tudo, agentes da imaginação. A forma como transformamos sonhos em realidade, no mínimo, só poderia ser igualada a arte.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHING, Francis D. K; JURSZEK, Steven P. **Desenho para arquitetos**. Tradução de Alexandre Salvaterra. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2012.

SILVA, Antônio Carlos Rodrigues. **Desenho de vegetação em arquitetura e urbanismo**. São Paulo: Blucher, 2009.

PROJETO DE ARQUITETURA 1 E GEOMETRIA DESCRITIVA

Geometria Descritiva é uma disciplina que desenvolve a capacidade de representação gráfica de formas tridimensionais em planos de projeção ortogonal. Quando aplicada à arquitetura, pode-se destacar sua importância no processo criativo na invenção do projeto. Fato este constatado a partir da interdisciplinaridade entre Geometria Descritiva e a Projeto de Arquitetura I – Residencial, disciplina esta que tem como objetivo projetar espaços de moradia em um só plano, ao nível de esboços e maquetes. Um dos temas dos projetos estudados em sala, foi um bangalô. Este artigo, trata das etapas do processo de projetar vivenciadas por duas alunas ao desenvolverem o partido arquitetônico volumétrico de um bangalô de praia durante a realização da disciplina Projeto de Arquitetura I – Residencial, em aulas remotas, sob a orientação da professora da disciplina, oferecida pelo curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Damas, no segundo período, quando o desenvolvimento da criatividade do partido volumétrico foi facilitado a partir dos conhecimentos adquiridos na disciplina Geometria Descritiva.

Professora: Ms. Maria de Fátima Xavier do Monte Almeida
Projeto de Arquitetura 1 e Geometria Descritiva

INTERDISCIPLINARIDADE ENTRE PROJETO DE ARQUITETURA 1 (RESIDENCIAL) E A GEOMETRIA DESCRITIVA NO PROCESSO CRIATIVO DE UM BANGALÔ.

Amanda Maria Costa Bezerra Cavalcanti

Graduanda do 6º período do curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Damas da Instrução Cristã, Recife-PE. E-mail: 161620202001@faculdedamas.edu.br.

Maria Vitória de Oliveira Neves Silva

Graduanda do 3º período do curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Damas da Instrução Cristã, Recife-PE. E-mail: mariavitoriaoliveiranevessilva@gmail.com.

Maria de Fátima Xavier do Monte Almeida

Mestre em Design. Professora do curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Damas da Instrução Cristã, Recife-PE. E-mail: fatima.almeida@faculdedamas.edu.br.

1. INTRODUÇÃO

Constata-se que o aluno do curso de arquitetura e urbanismo deve ter a competência para desenvolver criatividade capaz de gerar alternativas para cada proposta de projeto, ao mesmo tempo, percebe-se quanto é difícil para o discente encontrar uma linha de ação ou roteiro para desenvolver sua criatividade, principalmente quando é solicitado expressar graficamente as primeiras ideias. Mesmo ciente das etapas do processo projetual, a dificuldade do aluno geralmente ocorre quando se quer ter originalidade em busca de um partido que gere um volume adequado ao conceito do projeto arquitetônico.

Segundo Montenegro, (2004, p.60): "a imaginação é sonho, é projeção, é fantasia; enquanto que a criatividade é imaginação mais realização, expressão, construção". Para tal, não se pode exigir originalidade total na criatividade do aluno, pois o mesmo autor afirma que o ponto de partida pode ser proveniente de "um fato novo ou antigo que passa pela imaginação e recebe um tratamento pessoal".

Daí, surge a necessidade do repertório de imagens percebidas, sentidas, guardadas na memória do aluno através de pesquisas, análise de estudos de caso, experiências anteriores como um processo de arquivamento de ideias para utilizá-las no ato de criar. Pois, segundo Montenegro (2004,p.66) “ Nada vem do nada. A imaginação procura no banco de dados da memória um ramo de um conjunto e liga a outro ramo de um segundo conjunto. Conjunto de formas, cores, materiais, etc. entram no jogo”.

Diante do que foi exposto, o presente artigo trata das etapas do processo projetual vivenciadas por duas alunas ao desenvolverem o partido arquitetônico volumétrico de um bangalô de praia durante a realização da disciplina Projeto de Arquitetura I – Residencial, também conhecida pela terminologia PA1, oferecida pelo curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Damas, em aulas remotas, no segundo período, quando o desenvolvimento da criatividade do partido volumétrico foi facilitado a partir dos conhecimentos adquiridos na disciplina Geometria Descritiva.

Trata-se, portanto, da importância da interdisciplinaridade entre Projeto de Arquitetura I –Residencial e Geometria Descritiva no processo criativo durante a invenção de projeto, tendo como resultado final, a proposta do estudo preliminar de um bangalô de praia ao nível de esboços e maquetes. As autoras do presente trabalho participaram do processo ensino /aprendizagem quando as duas disciplinas foram lecionadas em 2020 pelo mesmo docente.

Dessa forma, a interdisciplinaridade permitiu fluidez do processo criativo na solução de cobertas a partir do estudo de intersecção de planos e de superfícies regradadas não planificáveis, conteúdo aprendido na disciplina Geometria Descritiva.

Não se pretende no presente artigo investigar em profundidade um modelo teórico aplicável ao processo projetual na arquitetura de um bangalô a partir da interdisciplinaridade, mas destacar algumas etapas que favoreceram, não só a criatividade do partido arquitetônico volumétrico sobre o tema, mas também possibilitaram avaliar as informações básicas, tanto de natureza conceitual, quanto físico ambiental do projeto, além de permitir aos alunos entender as necessidades e expectativas dos seus usuários.

Diante das dificuldades dos alunos em expressar suas primeiras ideias através do desenho arquitetônico e do desenho de perspectiva - devido ao fato de não dominarem a representação gráfica bidimensional de um volume – a orientadora, responsável pela disciplina, solicitou aos alunos, a construção de maquetes que serviu como ferramenta de expressão de soluções criativas no processo de projetar em PA1.

É bom esclarecer, que as etapas do processo projetual são ensinadas nas disciplinas de Projeto de Arquitetura durante seis semestres letivos consecutivos a partir do segundo ao oitavo período do curso. Tais etapas exigem criatividade do aluno desde a concepção e finalização do projeto, fazendo com que o planejamento arquitetônico seja um processo importante e complexo no ensino/aprendizagem, visto que todo o produto da obra depende dessas etapas quando o resultado do processo é um objeto arquitetônico.

A disciplina de Geometria Descritiva, no entanto, é lecionada apenas no primeiro ano do curso. Tem como objetivo, capacitar o aluno para a representação de formas tridimensionais em planos de projeção ortogonal. Alguém pode questionar como tal disciplina pode favorecer a criatividade. Isto pode ocorrer, desde que as formas tridimensionais a serem representadas no plano de projeção sejam direcionadas à arquitetura. Por conta disto, seu conteúdo programático - vistas ortográficas de superfícies regradas não planificáveis, declividade, seção de superfícies e sua planificação - permite sua aplicação em cobertas.

Diante do que foi exposto, a representação gráfica bidimensional das superfícies aprendidas através do sistema de Monge em Geometria Descritiva facilitou a criatividade do partido volumétrico como também a construção das maquetes dos dois bangalôs solicitada aos alunos na disciplina de PAI.

No final deste artigo, apresentam-se dois bangalôs desenvolvidos pelas duas alunas autoras do artigo, cujo partido arquitetônico foi uma folha, inspirada na superfície regradada não planificável, Parabolóide Hiperbólico. Já o outro, foi inspirado no prisma de base octogonal, cuja seção volumétrica gerou duas cobertas com quatro águas de mesma declividade com alturas distintas.

O artigo está estruturado em quatro capítulos. No primeiro, apresenta-se o objetivo, a justificativa e estrutura do artigo. Já no segundo capítulo, destaca-se a complexidade do projeto de arquitetura e a importância das etapas do processo de projetar de natureza conceitual, físico ambiental até chegar no partido arquitetônico na invenção do projeto. O terceiro capítulo, aborda os tipos de superfície, a importância de sua representação gráfica no sistema mongeano e da sua aplicação na arquitetura. No quarto, são apresentados o resultado da interdisciplinaridade, a partir do estudo preliminar de dois bangalôs. E por fim a conclusão.

2. PROJETO DE ARQUITETURA E PROCESSO PROJETUAL

Este capítulo, tem como objetivo apresentar as etapas do processo projetual ensinadas e aprendidas pelos alunos remotamente na disciplina de Projeto de Arquitetura – Residencial, PA1. Torna-se útil esclarecer o significado de certos termos aplicados neste capítulo, antes de abordar o tema. Quando se trata de projetar arquitetura, pode-se afirmar que seja um ato de criar, idealizar um edifício a ser construído e que o projeto de arquitetura é o documento explicativo de como se deve construir um edifício. O partido na arquitetura é considerado como a ideia preliminar de uma edificação. O processo projetual se chama planejamento arquitetônico que é organizado em várias etapas que se inicia a partir da coleta e análise de informações básicas que são, de uma parte de natureza conceitual, referentes às variáveis teóricas, e de outra parte de natureza físico-ambiental. NEVES (2012).

Porém, não se pode iniciar o raciocínio sobre processo projetual sem antes falar sobre o trinômio vitruviano. A arquitetura, por muitos tem uma interpretação de que apenas é algo que serve para o deleite do observador, que seu único valor é estético. Porém para Vitruvius, a arquitetura pode ser apresentada por um triângulo, que sem uma das demais pontas, desvalida seu conceito. Foi dado

o seu próprio nome: triângulo vitruviano. Nele, teoricamente, cada vértice teria um nome: *utilitas*, seria sobre a função da obra; *firmitas*, sobre a estrutura dela; e *venustas*, a estética. Para ele, esses três são os pilares da arquitetura.

No entanto, embora esta análise possa ser precisa e correta, está incompleta. De acordo com a complexidade da arquitetura, pode-se afirmar que se tem outros tipos de fatores, muitas vezes esquecidos, mas lembrados por Silva (1984, p.7):

A arquitetura é um fenômeno complexo e contraditório. É complexo porque envolve uma verdadeira infinidade de fatores intervenientes: fatores culturais, psicológicos, econômicos, técnicos, ambientais, etc. É contraditório porque um mesmo fator pode significar coisas diametralmente opostas, dependendo do contexto em que se verifique. O que é verdade em uma determinada situação poderá não ser em outra. O conceito do válido e do verdadeiro, em termos de arquitetura, é uma variável que depende da época, do cenário e dos protagonistas.

Observa-se que Silva (1984) afirma que existem vários fatores que podem intervir na arquitetura. Não apenas valores técnicos, mas também étnicos e culturais que devem ser levados em conta quando se refere ao ato de projetar ou a arquitetura propriamente dita. O Vitruvius é mais restrito, levando em consideração apenas três princípios para o processo criativo. Suas ideias são complementares. Pode-se levar em consideração, portanto, a estrutura, a utilidade do espaço, a cultura, o psicológico, os gostos, o contexto ambiental, etc, em que o usuário está inserido para poder criar espaços, tanto firmes e úteis, como agradáveis e confortáveis.

Sendo assim, a arquitetura se estrutura a partir de determinações e condições históricas e culturais. E a sua identidade é fruto das informações externas, sendo elas códigos que extraímos do mundo. O que muda de uma obra a outra seria a marca individual do arquiteto para/com o cliente; adaptando a obra a sua identidade e individualidade. O processo de criação, querendo ou não, se dá pela capacidade do arquiteto, e/ ou estudante em converter informações e transformá-las em conhecimento.

A coleta e análise de informações básicas, portanto, para projetar é complexa e pode ocorrer de várias maneiras. Porém, para melhor entender as etapas do processo projetual, a orientadora de PA1 optou despertar no imaginário dos alunos iniciantes do curso, a ideia de preparar duas "malas" antes de iniciar o processo criativo para invenção do projeto. A primeira etapa está associada à natureza do conceito do tema do projeto e a segunda está associada aos aspectos físicos do terreno escolhido.

Durante o processo de projetar, é sempre dito aos discentes que as informações básicas referentes aos aspectos conceituais deveriam ser inseridas em uma mala imaginária, denominada "conceito", onde eles deveriam ter conhecimento sobre 1] as necessidades e expectativas dos futuros usuários, as possíveis tarefas/atividades a serem realizadas em cada ambiente 2] estudos de caso sobre o tema, projetados por arquitetos para melhorar o repertório de

imagens de planta baixa comparado ao volume e o olhar crítico direcionado para o programa, tarefas/atividades, organograma, fluxograma, dimensionamento dos projetos de cada caso 3] e por último, a existência de uma legislação específica para o conceito do tema arquitetônico. Da mesma forma, as informações básicas sobre o terreno escolhido deveriam ser inseridas em uma mala imaginária denominada "lugar" onde os alunos deveriam ter conhecimento sobre 1] condicionantes físicos ambientais 2] o contexto urbano e 3] a legislação urbana pertinente.

Um dos pontos dessa troca de informações entre orientadora e alunos, foi a produção do programa do bangalô a partir de uma lista de necessidades e expectativas baseada no perfil do futuro cliente, um hóspede de bangalô: casal que exige conforto, funcionalidade, beleza e lugar para descanso. Outro ponto, foi a discussão do contexto do entorno do bangalô, onde a obra arquitetônica deveria ser inserida na praia.

A partir da análise das informações discutidas em sala, os alunos mesmo tendo conhecimento de todas as informações contidas nas supostas malas de conceito e lugar, tiveram dificuldades de solucionar as necessidades dos usuários em forma de projeto. Para facilitar o trabalho criativo dos alunos, foi possível estabelecer uma ordem de procedimentos para que pudessem adotar o partido arquitetônico, outra etapa de processo projetual. Para isso, tornou-se necessário conceituar e entender o que é partido arquitetônico para que depois, todos pudessem avaliar o partido do bangalô proposto por cada colega, baseado em Laert (2012.p.7):

Denomina-se Partido Arquitetônico a ideia preliminar do edifício projetado. Idealizar um projeto requer, pelo menos, dois procedimentos: um em que o projetista toma a resolução de escolha dentre inúmeras alternativas, de uma ideia que deverá servir de base ao projeto do edifício do tema proposto; e outro em que a ideia escolhida é desenvolvida para resultar no projeto. É do primeiro procedimento, o da escolha da ideia, que resulta o partido, a concepção inicial do projeto do edifício, a feitura do seu esboço".

Diante desta explanação de Laert, 2012, os alunos perceberam que para adotar o partido arquitetônico do bangalô, torna-se fundamental conhecer as informações relacionadas ao "conceito" e ao "lugar", e os alunos são motivados, novamente pela orientadora de PA1, a fazerem associação de ideias, como se cada uma das duas etapas do processo projetual, conceito e lugar, fossem duas malas imaginárias cujo conteúdo tivesse uma série de condicionantes ou determinantes que justificassem as necessidades, expectativas dos usuários e a forma do partido arquitetônico.

Segundo Lemos, 2003, os principais determinantes, ou condicionadores, do partido são: técnica construtiva, o clima, as condições físicas e topográficas do sítio; o programa das necessidades, segundo os usos, costumes populares ou conveniências do cliente, as condições financeiras do cliente; a legislação regulamentadora e/ou as normas sociais e/ou as regras da funcionalidade.

Diante de tantas variáveis determinantes, possíveis para adoção de um partido arquitetônico e perante a falta de experiência no processo de projetar dos discentes, as duas alunas, autoras desse artigo, recorreram às lembranças das superfícies aprendidas na disciplina de Geometria Descritiva e com ajuda da orientadora resolveram amadurecer a ideia na adoção do partido arquitetônico com a intenção de interferir na qualidade volumétrica do projeto.

3. GEOMETRIA DESCRITIVA E A ARQUITETURA

Este capítulo destaca a importância do ensino da Geometria Descritiva no processo criativo quando é aplicada à arquitetura. Não é intenção aprofundar os estudos sobre o sistema de Monge, nem de solucionar problemas de projeção ortogonal de pontos, retas e superfícies. Objetiva, sim, destacar os tipos de superfície e a forma como foi lecionada a disciplina, de forma remota, que motivaram as autoras a adotarem parte do conteúdo teórico da disciplina no processo criativo na adoção do partido arquitetônico em PA1.

A orientadora da disciplina esclarece aos alunos quanto é importante o sistema de Monge na representação gráfica do desenho arquitetônico e do desenho de perspectiva. Destaca ainda as diferenças entre os tipos de representação que variam de acordo com a inclinação das projetantes em relação ao plano de projeção, à posição do objeto e do observador.

Na realidade, a Geometria Descritiva é utilizada, de modo geral, para representar objetos tridimensionais em planos bidimensionais, utilizando o Método de Monge, para encontrar suas projeções perpendiculares, distâncias, áreas, etc. De acordo com Marccone, (2019, p)

Ofereceu suporte matemático a muitas das representações em arquitetura e urbanismo; pôde se estabelecer uma correspondência da é pura com a interface igualmente plana das mídias envolvidas na elaboração de plantas baixas e vistas, já que a interpretação de projeções cilíndricas-ortogonais em arquitetura também se vale de procedimento semelhante, ao do realizado em descritiva, para a compreensão da forma geométrica.

É uma disciplina que auxilia percepção espacial do aluno, capacitando-o a interpretar a volumetria de um objeto e por isto, torna-se indispensável na sua formação acadêmica pois as representações gráficas representadas, em é pura, o habilitam a entender melhor a relação espaço e forma. A atividade projetual efetivada por meio das representações ortográficas requer conhecimento e domínio da simbologia adotada e atenção a detalhes fundamentais para a definição do projeto. MARCONE (2019)

Seu ensino, dentro do curso de arquitetura e urbanismo, tem sua participação somada ao conhecimento volumétrico, podendo contribuir, diretamente, no processo criativo requerido nas disciplinas de projeto arquitetônico, ajudando, assim, na representação da forma e da técnica para elaboração.

Diante das dificuldades dos alunos em visualizar os volumes para representá-los no sistema de projeções ortogonais, no sistema de Monge, a orientadora, responsável pela disciplina, faz uso de maquetes que servem como ferramenta para avaliar as superfícies de mesma declividade aplicada na arquitetura. Por exemplo, o aluno ao visualizar ou ao construir maquetes de telhados, o processo ensino/ aprendizagem é facilitado para se calcular declividade, interseção, verdadeira grandeza de plano e entender sua projeção ortogonal. Ver figuras 01 e 02:



Figura 01 maquete e vista ortográfica superior.
Fonte: Barison (2007).

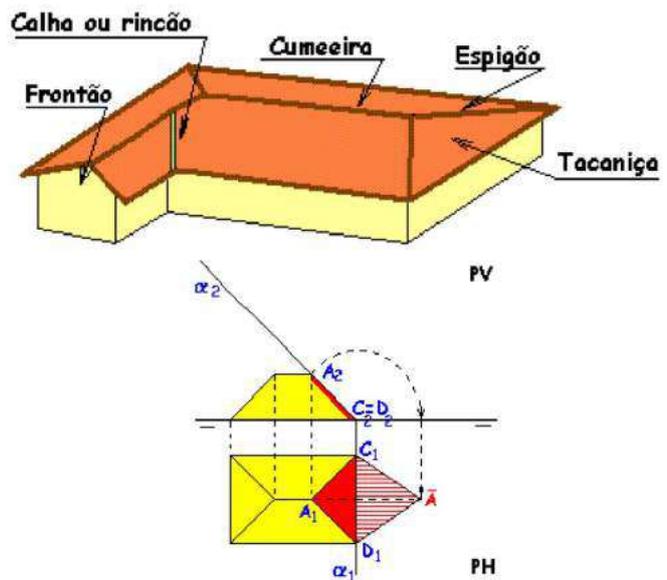


Figura 02- maquete e rebatimento de plano
Fonte: Barison (2007)

O mesmo ocorre quando se trabalha com superfícies regradas não desenvolvíveis, parabolóide hiperbólico, para sua construção e representação no sistema de Monge. Ver figura 03.

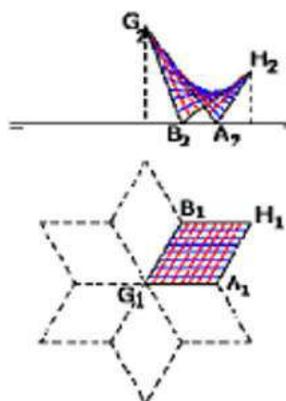


Figura 03- Representação da parabolóide hiperbólico no sistema de Monge e sua construção
Fonte: Barison (2007)

Os estudos sobre superfícies aplicáveis na arquitetura acima apresentados, inspiraram as autoras em PA1 na adoção do partido volumétrico do bangalô: um partido volumétrico mais racional, delimitado por uma planta octogonal e outra mais orgânica inspirado em uma folha.

É obrigação do projetista pensar na forma, saber representá-la e oferecer meios para sua construção. Sabe-se que as ferramentas gráficas, tecnologias, podem até ajudar o profissional ou estudante a ser mais ágil em seus projetos, mas sem o conhecimento das propriedades das superfícies, quer sejam planificáveis ou geradas por retas não planificáveis, nada servirá, essas ferramentas, para aumentar sua criatividade.

O estudante de arquitetura deve tirar proveito da disciplina de Geometria Descritiva para aumentar sua capacidade de manipular volumes, futuras obras de arquitetura, por meio de várias operações - seções planas, interseções, rebatimentos - ora formando reentrâncias, ora saliências, representando-as através de projeções, quer seja mediante papel e lápis ou por um programa técnico. Mas o fundamental, é conhecer as formas e saber representá-las independente da tecnologia a ser usada para favorecer o processo criativo desde a concepção de projetos.

Diferente do desenho técnico representado em Geometria Descritiva, o desenho de esboço foi utilizado na disciplina de PA1 para iniciar os primeiros traços no processo criativo do bangalô. Sabe-se que o esboço transforma uma imagem mental em imagem gráfica, mas exige-se habilidade de expressar graficamente os modelos que surgem na mente. Por falta de experiência e treinamento dos alunos, tornou-se útil o uso de esboços com maquetes para facilitar a visualização da volumetria. Foi possível assim, apresentar como produto final, uma maquete, com planta baixa e layout do mobiliário no interior no seu interior cujas cobertas ficaram sobrepostas às paredes.

A seguir, vamos expor o objetivo central do artigo, que é destacar como a interdisciplinaridade da geometria descritiva com projeto arquitetônico pode influenciar diretamente na elaboração de projetos mais criativos.

4. RESULTADOS

Os resultados, fruto da interdisciplinaridade entre Projeto de Arquitetura I – residencial e Geometria Descritiva, correspondem aos dois projetos desenvolvidos pelas alunas com adoção do partido arquitetônico volumétrico diretamente relacionados com o assunto estudado em Geometria Descritiva, tipos de superfícies, onde elas foram exploradas em dois pontos: como intersecção de planos de mesma declividade, telhado (exemplo 01), e como superfícies regradas não desenvolvíveis, parabolóide hiperbólico (exemplo 02).

Em ambos os casos, o bangalô ficaria situado dentro de um hotel, em Alagoas, beira-mar, com espaço privado e com total liberdade de intimidade na parte interior do espaço. Os usuários deveriam desfrutar o máximo da natureza, tanto do mar quanto da área verde.

4.1. EXEMPLO 01

A planta em octógono, Figura 04 e figura 05, foi o partido do projeto desde o início, pela autora que se baseou para criar sua volumetria. Associar geometria descritiva com projeto arquitetônico foi muito importante no processo criativo da autora pois foi com ele que conseguiu visualizar melhor a volumetria do projeto, e com isso idealizá-lo mesmo antes da maquete.

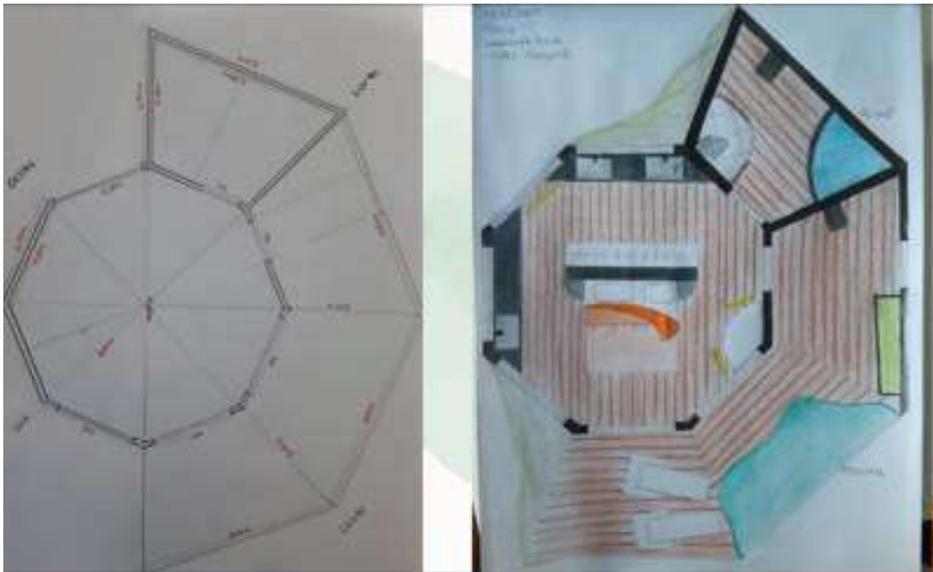


Figura 04: planta baixa octogonal.
Fonte: as autoras, 2020.

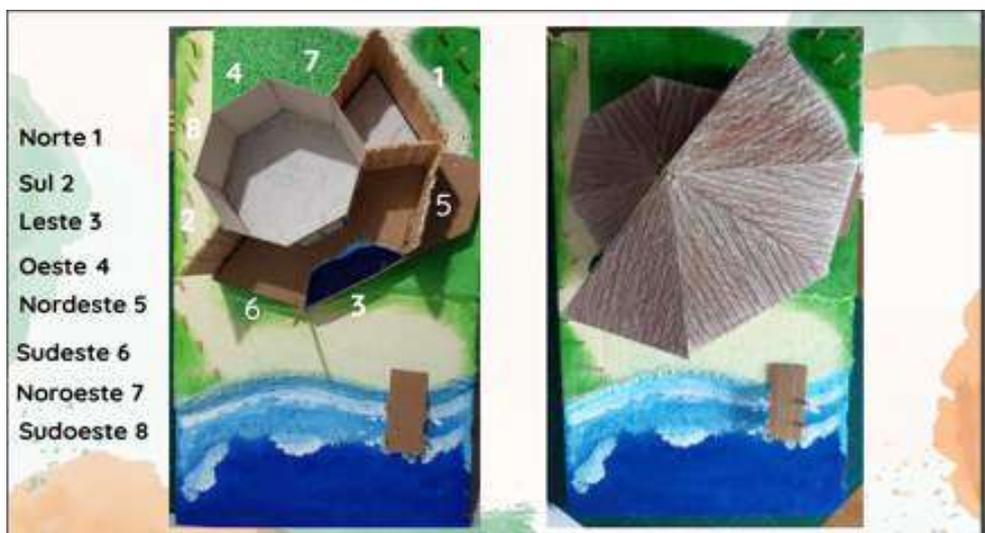


Figura 05: Vista superior bangalô, sem e com coberta.
Fonte: as autoras, 2020.

Queria usufruir da ventilação e iluminação natural através de fenômenos vistos em Física aplicada à arquitetura, como o efeito chaminé e a ventilação cruzada. A parte da cobertura que teria acesso aos ventos do leste e do sul, propus que tivesse tamanho e declividade maior, com maiores beirais que pudesse proporcionar mais sombra aos usuários (é possível ter uma melhor visualização

na figura 06 em relação às do norte e oeste que seriam mais baixas, com menor número de inclinação.

Ao todo, seriam quatro lâminas de cada (altas e baixas) com uma janela entre elas para que houvesse o efeito chaminé, figura 06, que valorizaria tanto a coberta quanto os ventos. O bangalô ficaria meio metro acima do solo, com vista inteiramente aberta para o mar e ao mesmo tempo com a privacidade totalmente preservada.



Figura 06: Fachada oeste do bangalô.
Fonte: as autoras, 2020.

Na figura 07, podemos observar a entrada do bangalô, que fica em direção ao Nordeste, uma das áreas de melhor ventilação. Contudo, essa ideia não bloquearia em nada o arejo do espaço pois este já vinha sendo valorizado nas demais orientações do terreno imagem 08 e 09.



Figura 07: Fachada nordeste do bangalô.
Fonte: as autoras, 2020.



Figura 08: Fachada sudeste.
Fonte: As autoras, 2020.



Figura 09: fachada leste do bangalô.
Fonte: As autoras, 2020.

4.2. EXEMPLO 02

O processo criativo desse projeto foi influenciado diretamente pelo ambiente beira-mar e sua vegetação local. Com o intuito de lembrar uma folha de coqueiro, figura 010, a ideia foi alcançada baseada em uma superfície regrada, chamada Parabolóide Hiperbólico. Com ela, além do efeito desejado na vista superior, as fachadas ganharam toda uma estética curva que chama atenção.



Figura 10: Croqui inicial da forma superior do bangalô.
Fonte: As autoras, 2020.

Por ser uma superfície regrada, garante, principalmente, uma grande resistência estrutural à construção, além de gerar uma boa qualidade quanto à reflexão da luz e uma continuidade na forma tanto internamente quanto externamente. Como podemos ver na figura 11, o formato é alcançado por possuir duas geratrizes infinitamente próximas e um plano tangente à superfície em um ponto contém a geratriz que passa pelo dito ponto, mas não é tangente à superfície em outros pontos da geratriz citada (figura 12).

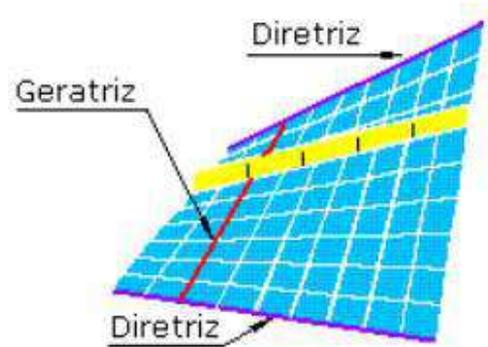
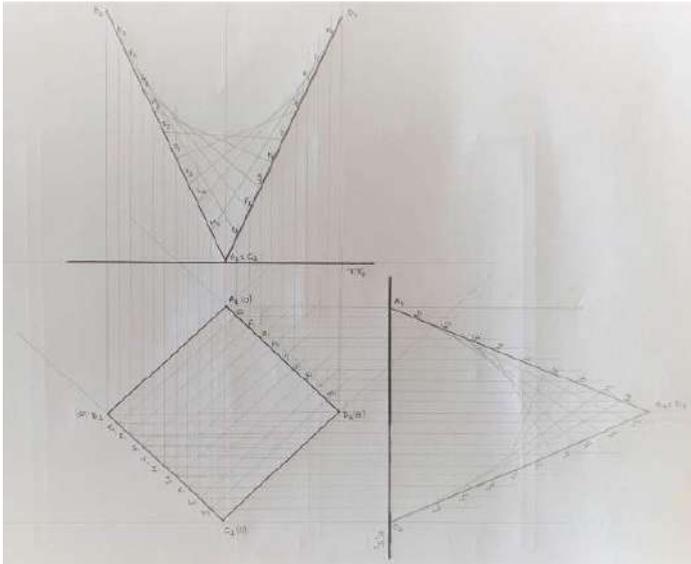


Figura 11 (esq.): Representação bidimensional de uma Parabolóide Hiperbólica com base quadrada.

Fonte: As autoras, 2020.

Figura 12 (dir.): Diretrizes e Geratrizes.

Fonte: Barison (2007, p.2).

Com isso, o resultado da junção entre a construção da Parabolóide com o formato desejado inicialmente, foi demonstrado nas figuras 13, 14 e 16, onde é possível visualizar as duas geratrizes e as retas perpendiculares que, quando juntas, formam o desenho proposto no projeto, visto nitidamente na Figura 15, onde é crível a forma da folha de um coqueiro.



Figura 13: Vista frontal da cobertura.

Fonte: As autoras, 2020.



Figura 14: Fachada nordeste.

Fonte: As autoras, 2020.



Figura 15: Vista superior da cobertura.

Fonte: As autoras, 2020.



Figura 16: Fachada norte do bangalô.

Fonte: As autoras, 2020.

Observa -se a planta baixa na figura 17 e planta de cobertura na figura 18. Para finalizar o trabalho realizado para disciplina de Projeto de Arquitetura I,

podemos observar, vendo as figuras 16,19 e 20 , o quanto a ideia obtida com base em Geometria Descritiva foi de fundamental importância para um volume estético imaginado durante o processo criativo.



Figura 17: Planta baixa bangalô.
Fonte: As autoras, 2020.

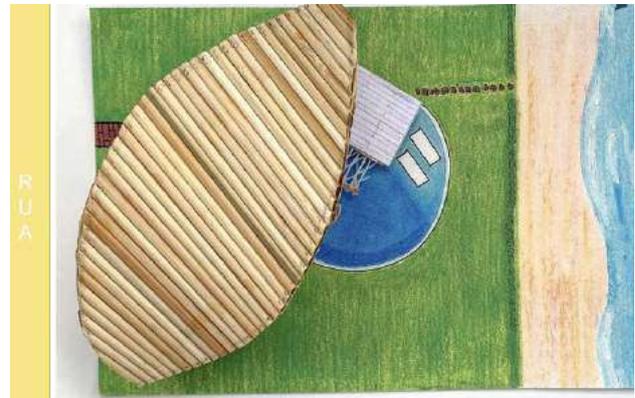


Figura 18: Vista superior do bangalô.
Fonte: As autoras, 2020.



Figura 19: Fachada oeste.
Fonte: As autoras, 2020.



Figura 19: Fachada norte.
Fonte: As autoras, 2020.

5. CONCLUSÃO

O projeto arquitetônico envolve algumas etapas, sendo o processo de criação a parte mais livre para qualquer arquiteto/estudante, nele, os limites são mais brandos e é possível imaginar formas volumétricas de todo modelo.

Nos resultados acima, observamos o quanto a geometria descritiva nos deu uma base fundamental na elaboração de cobertas que se encaixassem com cada projeto, tanto para criação da forma/volume, quanto para saber, construtivamente, o que precisaríamos fazer para o telhado ser desenvolvido; e, sem ela, não conseguiríamos chegar nesse resultado final.

Com isso, destacamos a importância do estímulo, partindo de cada faculdade, da interdisciplinaridade entre o conhecimento adquirido entre qualquer disciplina com a de projeto arquitetônico.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARISON, M.B. **Superfícies Regradas não Desenvolvíveis em Geometria Descritiva**. 2007: Londrina: Geométrica, vol.2 n.17a., , p. 2.

LEMOS, Carlos. **O que é arquitetura**. São Paulo: Brasiliense, 2003, p. 40-41.
NEVES, L.P. **Adoção do partido na arquitetura**.3.ed. Salvador: Edufba, 2012, p. 15.

MARCONE, Raphael. **Ferramentas Gráficas e Ensino da Geometria Descritiva em Cursos de Arquitetura e Urbanismo**, 2019.

MONTENEGRO, G. A. **A invenção do Projeto**. 3.ed. São Paulo: Blucher, 2004.
SILVA, E. Uma **Introdução ao Projeto Arquitetônico**. 2.ed. Porto Alegre: UFRGS,1998.

ESTÉTICA

A disciplina de Estética (2º período) tem por objetivo entender, através da filosofia, o desenvolvimento da produção artística e arquitetônica no decorrer dos séculos, dando suporte aos estudos de teoria e história da arquitetura, e fundamentação conceitual ao projeto arquitetônico. No trabalho apresentado, abordou-se o contributo da Estética do período clássico, representada pelos filósofos Sócrates, Platão e Aristóteles, exemplificando como seus pensamentos sobre a beleza podem ser identificados ainda hoje nas obras de arquitetura produzidas.

Professora: Ms. Gisele Melo de Carvalho

ESTÉTICA CLÁSSICA: VISÃO DA BELEZA POR SÓCRATES, PLATÃO E ARISTÓTELES NA ARQUITETURA.

Davi Araújo Muniz

Graduando do 3º período do curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Damas da Instrução Cristã, Recife-PE.
E-mail: daviaraujomuniz@hotmail.com.

Lara Almeida Malta

Graduanda do 3º período do curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Damas da Instrução Cristã, Recife-PE.
E-mail: lara_almeidas@hotmail.com.

Maria Eduarda Samson Fonseca de Albuquerque

Graduanda do 3º período do curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Damas da Instrução Cristã, Recife-PE.
E-mail: mariaeduardasamson@gmail.com.

Maria Vitória de Oliveira Neves Silva

Graduanda do 3º período do curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Damas da Instrução Cristã, Recife-PE.
E-mail: mariavitoriaoliveiranevessilva@gmail.com.

Gisele Melo de Carvalho

Mestre em História. Professora do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Damas da Instrução Cristã, Recife - PE.
Email: carvalhogm15@gmail.com.

1. INTRODUÇÃO

A antiguidade clássica está definida para este trabalho como o período compreendido entre o século VIII a.C. e o século V d.C., e que compreende as culturas da Grécia e Roma antigas. O período clássico grego foi a época compreendida entre os séculos VI - IV a.C., período em que viveram os filósofos Sócrates, Platão, Aristóteles. Foi o ciclo de maior desenvolvimento intelectual da Grécia, chegando a ser considerado o apogeu da cultura grega.

De acordo com Corona e Lemos, o termo clássico é um adjetivo com aplicação precisa para designar aquilo que se torna modelo ou padrão em arquitetura. Pode ser usado com referência a obras antigas ou contemporâneas que

tenham esse valor” (CORONA & LEMOS, 1972:132). Neste sentido, é notório que a contribuição das reflexões de Sócrates, Platão e Aristóteles para a beleza tenham-se tornado padrões para a arquitetura ocidental desde os tempos clássicos, e que se perpetua até a contemporaneidade.

Diversos projetos de arquitetura contêm em seu âmago os aspectos da funcionalidade exaltada por Sócrates, ou o ideal estético a ser perseguido por Platão, ou então os condicionantes de harmonia e proporção aristotélica.

Assim, o nosso objetivo neste trabalho é expor e exemplificar os conceitos de belo e beleza analisados na estética clássica destes filósofos, e que ao nosso ver, são encontrados nos projetos da arquitetura atual.

A nossa escolha se deu pelo fato dos três filósofos serem os mais relevantes pensadores do período clássico, e que impulsionaram todo um pensamento filosófico sobre diversas questões ao longo do desenvolvimento da sociedade ocidental.

2. TEORIA SOCRÁTICA DA BELEZA

Sócrates (469 a.C - 399 a.C) foi o primeiro filósofo a teorizar a arquitetura. Conhecida como a primeira estética da arquitetura, o filósofo clássico apresenta a ideia do funcionalismo, percepção essa de grande valor histórico e que continua sendo utilizada nos dias atuais. Para Sócrates, vão existir duas verdadeiras formas de beleza: a primeira, ligada à sua utilidade, para com os seres humanos; e a segunda, vem da mimese do que o ser humano precisa ser.

Para se entender um pouco mais sobre a segunda forma de beleza verdadeira, mencionada no parágrafo anterior, faz-se necessário entender o conceito de mimese. A mimese vai surgir do naturalismo e de maneira mais literal significa “imitação”. Nesse sentido, a mimese seria uma imitação da realidade, só que diferente do naturalismo, esta reprodução se aplica não só às artes plásticas e à arquitetura, mas também, à música, à literatura e à dramaturgia.

Como o exemplo dessa mimese temos uma conversa entre Sócrates e o pintor grego Parrásio, onde: “Sócrates obtém de Parrásio que concorde em que o pintor pode “imitar” uma expressão jovial ou triste, um olhar amistoso ou hostil ou qualidades de caráter como “a nobreza e a generosidade, a vileza e a mesquinhez, a modéstia e a inteligência, a insolência e a estupidez” que se revelam nos olhares e nos gestos dos homens, estejam eles imóveis ou em movimento” (OSBORNE, 1993:58)

O funcionalismo, por sua vez, destaca-se no ramo da arquitetura, como bem posicionado no livro de Maurício Puls, “A teoria parte do fato básico de que, ‘em toda verdadeira experiência de arquitetura, a forma é inseparável da função”, pois a funcionalidade implica na finalidade do projeto que será elaborado. Dentro desse raciocínio, Sócrates também argumenta em relação aos saberes divinos e aos saberes humanos, que se distinguem em dois tipos de criação: a natural, pelos deuses, e a artificial, pelos homens. Nisso, tudo que está presente na natureza, seja por exemplo a luz, água, árvores, terra, ar, plantas, foi

criada pelos deuses, ou seja, é auto-suficiente, enquanto “os objetos artificiais existem por causa de um agente externo, que constitui seu padrão de medida.”(PULS, 2006:65.)

Portanto, para Sócrates, a beleza se encontra na utilidade que algo terá para o homem, por exemplo, uma lixeira e um muro seriam belos, pois possuem uma função na sociedade. Diante disso, para o filósofo, a beleza é visível na “imitação” do que as pessoas deveriam ser.



Figura 01: Casa Pirajá; Figura 02: Sala da Casa Pirajá

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/889372/casa-piraja-estudio-bra>

Como exemplificação da teoria de Sócrates, faremos uma análise da “Casa Pirajá”, projeto do Estúdio BRA. Essa casa, já na terceira geração da mesma família, está situada na cidade de Pinheiros e passou por uma grande reforma na tentativa de melhorar diversas falhas existentes antes, com espaços extremamente compartimentados, péssima iluminação e um pé-direito longe do ideal, para exemplificar algumas dessas falhas.

O projeto foi completamente mudado visando um funcionalismo eficaz e moderno. O programa do térreo foi pensando de forma que a funcionalidade da circulação entre cozinha, sala de estar, jardim e churrasqueira fosse mais aberta, promovendo um diálogo melhor em vez de algo fechado, livre de fechamentos verticais. Projetou-se também uma porta pivotante e caixilho de correr que, quando aberto, expande-se a área social. Apesar do terreno estreito, os arquitetos conseguiram definir bem os tamanhos de cada ambiente, para promover uma melhor utilização dos usuários, afinal esse é o principal critério de Sócrates para o belo, o útil, sendo esta casa um exemplo do belo na arquitetura para Sócrates.

3. TEORIA PLATÔNICA DA BELEZA

Platão foi fundador da Academia de Atenas, discípulo de Sócrates e professor de Aristóteles, ele foi um dos principais filósofos da história da humanidade, foi responsável por compartilhar pensamentos de grandes pensadores que vieram antes como Sócrates, Heráclito, Parmênides e Pitágoras. É inegável a importância de Platão tanto para a filosofia como para a humanidade, e obviamente um ser de grande destaque como esse não estaria fora do âmbito estético da arquitetura.

Para entender a visão platônica da Beleza é necessário expor o entendimento de Platão sobre o mundo. Para Platão, o universo está dividido em dois mundos, um sendo o que está diante de nós, que é o campo da ruína, da morte, da feiura e da decadência, chamado de "mundo em ruína". O outro mundo é o que está acima do nosso, ele é autêntico, em forma, do qual recebemos existência e significação, o mundo das Ideias Puras. Dentro desse mundo a Beleza, Verdade e o Bem são essências superiores que estão conectadas ao Ser. Com isso, juntos os dois mundo, em que o ser do mundo em ruína possui no outro um modelo, os padrões se entendem entre os seres sensíveis e as essências superiores.

Para Platão, a alma sabe de tudo e se o corpo não consegue acompanhar esse conhecimento é porque a parte material do ser é grosseira, e isso faz com que nos afastemos da maior parte do conhecimento da alma. Uma vez que ela contempla o que é verdadeiro, a beleza e o bem absoluto. E o caminho que a eleva é o amor, como sendo algo puro e não o amor físico.

A beleza de algo material, segundo Platão, depende de uma comunicação entre esse ser e a Beleza Absoluta, essa sendo pura, imutável e eterna no mundo supra-sensível das ideias.

Para Platão a Beleza causava enlevo, prazer, arrebatamento e deleite. O objeto material no nosso mundo seria cada vez mais belo quanto mais se aproximasse da sua representação ideal que existe no mundo das Ideias. A beleza terrestre é reflexo da Absoluta, são "imitações" dos modelos ideais. Segundo Platão, a alma humana é eterna e sofre um certo declínio ao se unir ao material.



Figura 03: Casa de Vidro
Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/01-12802/classicos-da-arquitetura-casa-de-vidro-lina-bo-bardi>

A Casa de Vidro, primeira obra construída da arquiteta italiana Lina Bo Bardi (1914 - 1992), está localizada no bairro do Morumbi, na Zona Sul de São Paulo, e serviu de residência para a arquiteta e para o seu marido Pietro Maria Bardi (1900 - 1999).

A casa exemplifica a beleza platônica, seguindo a ideia de que "a construção deve ser bem ordenada, simétrica, harmoniosa e proporcionada, para espelhar a alma virtuosa".(PULS, 2006:119.)

A Casa de Vidro se enquadra também no ideal de beleza platônico por possuir formas geométricas puras, como o cubo, demonstrando sua natureza propriamente bela por si mesma, visto que é uma apropriação de formas existentes no mundo sensível das Ideias, reproduzindo a sua própria essência. Isso, porque "essa regularidade recebe agora uma determinação formal precisa: a construção deve imitar os sólidos geométricos puros, que são ideias eternas e imutáveis, e deve exibir cores puras, dado que todo elemento puro é mais belo e verdadeiro que os misturados" (PULS, 2006:119.).

4. TEORIA ARISTOTÉLICA DA BELEZA

Nascido no Império Macedônio, no ano 384 a.C., Aristóteles ganhou enorme notoriedade dentro da filosofia humana. Foi um dos grandes pensadores da Grécia Antiga, teve destaque no âmbito empirista e na filosofia Escolástica e Moderna, mas também teve importante papel dentro da Estética clássica com seu conceito da Beleza e suas categorias.

Aristóteles traz uma ideia do belo bem diferente da ideia platônica. Na verdade, ele abandona aquele conceito idealista de que para algo ser belo ele tem que ter uma maior participação dentro de uma Beleza suprema que está no mundo das Ideias Puras. Ele traz de início dois elementos que considera atrelados à beleza: a harmonia e a proporção, além de outro, que seria a grandeza, esse último sendo muito importante para diferenciar o que ele vai denominar de Belo e de Gracioso. Para o filósofo algo bonito e com proporção, mas sem grandeza é algo que pertence ao mundo Gracioso, para pertencer ao Belo é preciso ter grandeza e imponência.

"O Belo consiste na grandeza e na ordem, e, portanto, um organismo vivo pequeníssimo não poderia ser belo, pois a visão é confusa quando se olha por tempo quase imperceptível; e também não seria belo sendo enorme, porque faltaria a visão de conjunto, escapando à vista dos espectadores a unidade e a totalidade" (SUASSUNA, 1992:51).

Com esse pensamento de Aristóteles se entende que deve haver harmonia, proporção e grandeza na figura do belo, um não pode ser muito sobressaído que o outro.

Assim como Platão, Aristóteles tem uma visão do mundo para entender o conceito da beleza. Para ele o mundo em que vivemos veio do caos e posteriormente passou a ser regido pela harmonia, entretanto ainda há traços daquela desordem passada acarretando numa luta para uma vitória completa da harmonia contra o caos.

Como já visto, a harmonia é um importante fator para a visão de Aristóteles acerca desse assunto, outro elemento importante é a desordem, essa sendo contrário da harmonia porém sendo vista como estimulante da Beleza através da ordem.

Aristóteles abandona por inteiro o idealismo platônico, segundo seus pensamentos, a beleza depende apenas da harmonia e ordenação das partes que compõem o todo do objeto de estudo. Ele tinha a ideia de que o objeto tem a beleza como sua propriedade, sua característica, em contrapartida de Platão, que diz que o objeto recebe uma luz de algo superior a ela mesma.

No seguimento da arte, a comédia seria, para Aristóteles, a arte do feio, do oposto do que é belo. Ele tinha a comédia como imitação e representação dos homens inferiores. Com isso apresenta o risível, que simplesmente é o que temos por desarmonia, feiura inocente, como demonstração de um valor cômico que é feia e desproporcional.

Uma das maiores contribuições desse filósofo foi tentar usar uma visão mais realista e objetiva em relação à beleza do objeto sem precisar investigar outra coisa sem ser o próprio objeto.

Em resumo, as três principais características da beleza para Aristóteles são harmonia, grandeza e proporção. O realismo é um divisor de águas pois não se mistura com pensamentos estreitos pelo motivo de que este é a descoberta da pura essência das coisas.



Figura 04: Residência Cassiano Ribeiro Coutinho

Fonte: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitectos/06.063/432>



Figura 05: Residência Cassiano Ribeiro Coutinho

Fonte: <https://3dwarehouse.sketchup.com/model/95b16fd15ef794734b-60469f4818b767/Residencia-Cassiano-Ribeiro-Coutinho>

Para exemplificar a ideia de Beleza para o Esteta Aristóteles, analisamos a Residência Cassiano Ribeiro Coutinho, localizada na Avenida Epiácio Pessoa, na Paraíba. A casa foi projetada pelo arquiteto Acácio Gil Borsoi (1924 - 2009) em 1958 e conta com projeto de paisagismo de Burle Marx. Como outros projetos do arquiteto, sua volumetria é setorizada e dividida em diferentes níveis por rampas, além do uso de pilotis, treliças e cobogós.

Para Aristóteles, o seu ideal de beleza era composto por três aspectos básicos: proporção, harmonia e grandeza. A fachada frontal e lateral trazem um jogo de linhas horizontais retangulares das paredes, vidros e sacada, trazendo uma sensação de harmonia e proporcionalidade entre esses elementos, sem nenhum destoar muito do outro, e por fim, a grandeza da construção em sua totalidade, devido suas dimensões elevadas e extensas.

5. CONCLUSÃO

Analisando as estéticas clássicas de Sócrates, Platão e Aristóteles, aprendemos que a beleza vai muito além daquilo que é belo aos olhos de cada um. Cada observador pode ter uma interpretação diferente do que é belo e por consequente, algo que seja agradável esteticamente.

Apresentamos as visões de três estetas distintos, que mesmo estando situados há séculos de diferença da contemporaneidade estão exemplificadas atualmente na Casa Pirajá do Estudio BRA, na Casa de Vidro de Lina Bo Bardi e na Residência Cassiano Ribeiro Coutinho, de Borsoi, respectivamente.

Estes exemplos mostram diferentes conceitos do belo aplicados à arquitetura, que muitas vezes não se associa ao senso comum da beleza.

A estética clássica, referenciada a esses 3 autores, ainda hoje é motivo de estudos, tendo assim o poder de inspirar e influenciar profissionais no cenário arquitetônico brasileiro.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SUASSUNA, Ariano. **Iniciação à Estética**. Recife: Editora Universitária, 1992.

PULS, Mauricio. **Arquitetura e Filosofia**. São Paulo: Annablume, 2006.

OSBORN, Harold. **Estética e teoria da arte: uma introdução histórica**. São Paulo, Editora Cultrix, 1993.

<http://acaciogilborsoi.com.br/projetos/anos-50/cassiano-ribeiro-coutinho/>

TÓPICOS ESPECIAIS 2

As disciplinas de Tópicos Especiais têm como objetivo geral desenvolver atividades relacionadas à prática profissional em Arquitetura e Urbanismo e suas diversas áreas de atuação, considerando o volume de conhecimento adquirido pelo aluno em cada período. No segundo semestre de 2020, a disciplina de Tópicos Especiais 2, componente curricular do segundo período, trabalhou alguns dos aspectos que visam uma compreensão básica acerca do conceito de Arquitetura e Urbanismo, considerando a multiplicidade de atuações profissionais, inclusive em transversalidade com outros campos disciplinares, elencando alguns dos arquitetos e urbanistas mais renomados.

Professora: Dra. Luciana Santiago Costa

DIFERENTES MERCADOS DE TRABALHO NA ÁREA DA ARQUITETURA E URBANISMO.

Joyce de Oliveira Galdino Gomes

Graduanda do 3º período do curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Damas da Instrução Cristã, Recife – PE. E-mail: 161620201104@faculdedamas.edu.br.

Nicole Nóbrega Carneiro da Cunha

Graduanda do 3º período do curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Damas da Instrução Cristã, Recife – PE. E-mail: 161620191043@faculdedamas.edu.br.

Luciana Santiago Costa

Doutora em Desenvolvimento Urbano pelo MDU/UFPE. Professora do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Damas da Instrução Cristã, Recife – PE. E-mail: luciana.santiago@faculdedamas.edu.br.

1. INTRODUÇÃO

Esse trabalho foi realizado no ano de 2020 por estudantes de arquitetura da Faculdade DAMAS, na disciplina de Tópicos Especiais II e teve como finalidade mostrar diferentes mercados de trabalho na área da arquitetura e urbanismo.

O objetivo deste não foi apresentar áreas de trabalho de arquitetura e urbanismo mais conhecidas, tais como paisagismo, planejamento urbano, restauração de edifícios, planejamento de interiores, e outras áreas afins, mas sim mostrar áreas diferentes de trabalho.

Assim, objetiva-se inspirar futuros arquitetos nesses diferentes campos de atuação de abrindo opções de novos empregos.

2. AUTOMAÇÃO

O Mercado de trabalho na área de automação residencial cresceu muito e com o passar dos últimos cinco anos, o número de empresas que trabalham desenvolvendo tecnologias para a produção de casas inteligentes triplicou. É comum nessa área que profissionais, tais como arquitetos, engenheiros e atuantes

de área da tecnologia usem esses recursos para agregar valor aos projetos. A era em que os *smart home* eram apenas luxo se foi, hoje é uma comodidade que garante maior conforto e segurança. Toda a implementação da tecnologia precisa ser bem estudada para que seja eficiente e sustentável, logo, um profissional que consegue desenvolver bons projetos se destaca muito mais no mercado. Assim, existem pós graduação sendo ofertadas em automação em algumas universidades federais pelo Brasil.

A atuação faz-se em projetos residenciais, projetos comerciais, projetos industriais, projetos específicos para estabelecimentos gastronômicos (restaurantes e bares), projetos de condicionamento de energia, projetos de recepção e processamento digital de sinais, projetos automotivos e projetos de monitoramento de atletismo.

Para desenvolver projetos nessa área, além de estudar o projeto arquitetônico, é preciso ter um conhecimento prévio de como funcionam os sistemas tecnológicos e qual a melhor forma de implementar, visando fornecer o melhor aproveitamento de tempo e recursos, simplificando atividades do dia a dia.

No Brasil, a automação ganhou um espaço imenso nas casas e principalmente nas empresas. Há uma grande demanda de pessoas querendo esse tipo de serviço, mas poucos profissionais qualificados atuando o que gera um cenário favorável para quem escolher se especializar e desenvolver projetos de automação.

A arquiteta e designer brasileira Flavia Ranieri cria casas inteligentes com o intuito de facilitar a vida dos idosos. (casacor.abril,2021) (Figura 1).

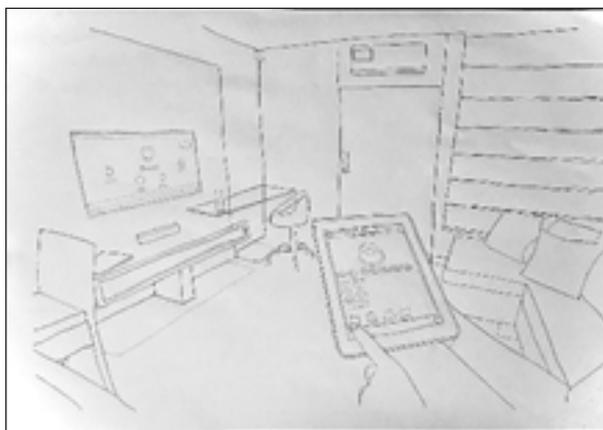


Figura 01: Desenho de Casa Inteligente.
Autora: Nicole Nobrega, 2020.

3. ARQUITETURA NAVAL

Com cerca de 70% do planeta coberto por água, a mobilidade hídrica é um dos principais meios de locomoção e com o passar dos anos as embarcações estão se adaptando e ganhando novos usos. Nesse contexto, profissionais como o arquiteto naval, são capazes projetar navios de carga, barcos de vela e energia de alta velocidade, navios de cruzeiro, navios da marinha, grandes iates, plataformas de perfuração offshore, turbinas eólicas flutuantes, robôs subaquáticos, submarinos nucleares e veleiros autônomos são requisitados em

toda parte do mundo com ótima valorização e remuneração. Plataformas de petróleo, carreira acadêmica, projetista, levantamento, regulação e controle de qualidade são temas marcantes dessa área e lembram muito dos temas abordados também em arquitetura.

No Brasil, ainda não há uma graduação específica para arquitetura naval, apenas para engenharia naval, sendo necessário fazer um mestrado específico, mas são poucas as universidades que oferecem o curso. Assim, somente a marinha oferece arquitetura naval no Brasil e a carreira mais promissora da marinha, faz-se através de concurso.

Mas, em países como EUA e Canadá, há inúmeras universidades que oferecem programas de intercâmbio com toda a estrutura para o desenvolvimento de um profissional bem capacitado. Fora do Brasil existe ainda o Instituto Webb (na costa norte de Long Island), que oferece uma graduação dupla onde o aluno cursa arquitetura e engenharia naval simultaneamente.

Alana Smentek-Duerr atuou por muito tempo em empresas de energias eólicas em plataformas da marinha. Além dela, há também Tamara Klink que, na França, está estudando especialização em arquitetura naval, na Ecole Nationale Supérieure d'Architecture de Nantes. E a Hampton Dixon '11, desenvolve projetos para proporcionar aos hóspedes novos espaços emocionantes, desde parques aquáticos e locais públicos até restaurantes e bares para Carnival Cruise Line.

Porém há poucos arquitetos almejando trabalhar nesse ramo, o que demonstra a necessidade do incentivo do corpo docente das faculdades de arquitetura para que futuros arquitetos atuem nessa área. (flseagrant.org, 2021)(Figura 2).

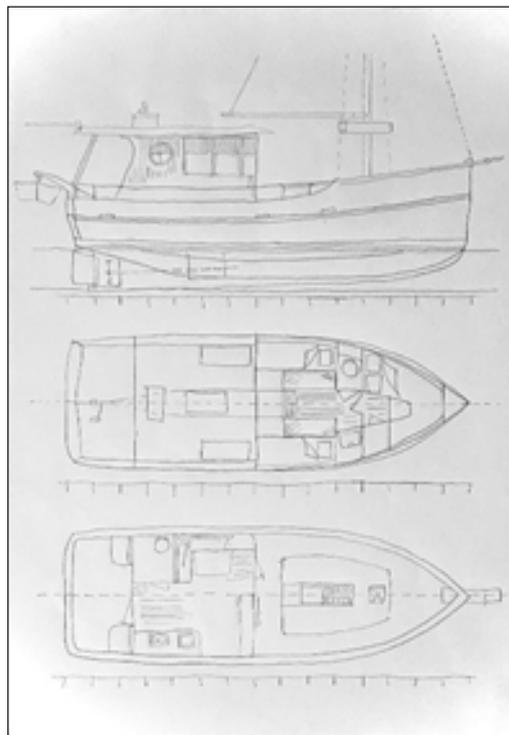


Figura 02: Desenho de Barco.
Autora: Nicole Nobrega, 2020.

4. DESIGN DE JOIAS

Em todas as eras da humanidade havia a existência de joias. Os adornos sempre estiveram presentes desde a pré-história, construídos com conchas, pedras, madeira e até de ossos ou dentes, no qual tinham o desígnio de ressaltar o papel e o status dos membros da sociedade, além de funcionar como amuletos protetores. Joias egípcias, com sua riqueza de cores obtidas de minérios como feldspato e lápis-lazúli, celtas, que construíam as jóias em bronze e ouro, e gregas e romanas, com a policromia (aplicação de esmalte por cima uma superfície de madeira folheada a ouro), marcam da antiguidade até os dias atuais.

Com o passar do tempo, o designer de joias se inseriu no mercado de trabalho, podendo trabalhar tanto em escala industrial, como com produção autoral. Ademais, pode tanto produzir as joias, quanto atuar na fabricação de peças folheadas e bijuterias. E sua base de formação é, geralmente, o design de produto ou desenho industrial, com especialização em joalheria, porém poucos sabem que arquitetos também podem atuar nessa área, uma vez que, assim como para os designers de joias, os arquitetos aprendem a utilização do sistema mongeano entre outros estudos em comum.

Para a realização da especialização, os pré-requisitos mais comumente exigidos pelas faculdades são pessoas portadoras de diploma de terceiro grau, a formação em design ou áreas afins (como arquitetura, por exemplo), conhecimentos básicos em técnicas de representação (ilustração tradicional, computação gráfica ou desenho técnico) e/ou ourivesaria.

No Brasil, a joalheria possui uma história recente do ponto de vista histórico, com quase 5000 anos. Com o passar dos anos e com o aumento da sua importância, nasceu o design de joias, no qual notava a importância de projetar e fabricar. Com as várias mudanças que a produção de joias sofreu a partir do final da década de 1940, surgiu um novo paradigma projetual e um novo profissional, focado especialmente na criação de joias. Ademais, as joias brasileiras possuem importância no mercado internacional, causando crescimento da demanda por profissionais especializados que estejam atentos às tendências do mundo.

Clementina Duarte é uma das arquitetas mais famosas pelas suas criativas criações de design de joias. Arquiteta pernambucana, nasceu em 1941 e começou seu estudo acadêmico no início dos anos 1960, na Faculdade de Arquitetura do Recife, fazendo posteriormente, mestrado e ensinando História da Arquitetura na Universidade de Brasília, em 1964, onde Oscar Niemeyer era o diretor da faculdade e a admirava. Passado um tempo em Brasília, fez pós-graduação em arquitetura e design no Instituto d'Art et Métiers, na França, 1966, onde iniciou sua carreira de designer de joia, e posteriormente, fez Design em Paris, Londres e Helsinque, sendo considerada uma das melhores designers de joias da atualidade. Ela fez exposições em museus, galerias de arte e joalherias renomadas dos Estados Unidos e Europa nas suas principais cidades, além de receber o prêmio de Melhor Design de Joias na XI Bienal de São Paulo, na I Bienal Brasileira de Design, o prêmio da Fine Jewelry Designer revista Executive Jeweler, Nova Iorque e foi homenageada pela revista International Jeweler Magazine. (clementinaduarte, 2021) (Figura 3).



Figura 03: Desenho de joia.
Autora: Nicole Nobrega, 2020.

5. ARQUITETURA EM HQs, MANGÁ E ANIMES

O design está muito atrelado com representações gráficas, e eles podem atuar com criação de HQ (história em quadrinho), mangás, animações, animes, entre outros. Porém, poucas pessoas notam que arquitetos também podem atuar nessa área de entretenimento, que ganha muito mais destaque com os quadros exibindo um lindo cenário, uma boa perspectiva ou uma bela paisagem, o que demonstra a importância de arquitetos nesse ramo.

A faixa salarial do Escritor de Histórias em Quadrinhos fica entre 1.353,00 e 3.928,41 reais, com uma média de 1.713,07 reais do piso salarial 2021 de acordos coletivos (1.876,95 reais a cada 42 horas semanais). Já o mangaká (criador de mangás), segundo o site Quora, recebe anualmente cerca de 16 milhões de ienes. E o artista de animes, de acordo com a Associação Japonesa de Criadores de Animação, um animador no Japão ganha em média 1,1 milhão de ienes (US \$ 10.000) por ano na faixa dos 20 anos, 2,1 milhões de ienes (US \$ 19.000) perto dos 30 anos e ¥ 3,5 milhões habitável, mas ainda escasso (\$ 31.000) entre os 40 e 50 anos. Como essa área no mercado de trabalho brasileiro é pouco valorizada, brasileiros que atuam nessa área terminam indo ao Japão.

No Brasil, a formação profissional do desenhista é possível ser alcançada através de cursos livres de Desenho oferecidos por profissionais do ramo, que lecionam as principais formas e técnicas de utilizar os materiais de desenho. Porém, para uma especialização nessa área, como não há um curso próprio, é exigido um curso superior completo ou em andamento, preferencialmente na área de Comunicação ou Design, como arquitetura, compreensão da língua portuguesa e interpretação de textos, conhecimento da leitura e da interpretação na língua inglesa, entendimento da cultura geral e habilidade em pesquisa pela internet.

Para publicação da história, há dois modos básicos, com uma empresa ou por conta própria, através de um financiamento coletivo, impressão em gráficas com qualidade, e até através de um lançamento digital. Porém, a indústria brasileira de quadrinhos padece por falta de capital e de interesse em novos

quadrinistas. E para os mangakás brasileiros, uma das maiores dificuldades encontradas, assim como aos criadores de HQs, é o investimento. Poucas editoras brasileiras investem em mangá, porque, segundo elas, um mangá brasileiro não daria tanto lucro no mercado. Ademais, na cultura brasileira, não há muitos leitores de mangás, ao contrário do Japão, onde o consumo, isto é, a venda de mangás é bem maior, onde o retorno na publicação de uma boa história é quase sempre vantajoso, fazendo valer a pena. O que mostra que deveria haver um incentivo da leitura e consumo de HQs e mangás pela mídia e pelo corpo docente.

Para os brasileiros, Maurício de Sousa, um dos cartunistas e escritores brasileiros mais conhecidos e aclamados pelo público, conhecido pelo seu maior trabalho, Turma da Mônica, é um dos membros mais marcantes da Academia Paulista de Letras, e fez parte da infância de muitos brasileiros. Porém, muitos dos brasileiros conhecem apenas Maurício, e ele não é a única personalidade importante nesse ramo no Brasil. Além dele tem Marcelo Campos, o primeiro brasileiro a desenhar para a DC (década de 1980). Ele mostra que o mercado de trabalho dessa área é muito impopular no Brasil, ocasionando a procura do mercado estrangeiro pelos brasileiros criadores de HQ. Além deles, há Thiago Furukawa Lucas, ou como é conhecido, Yuu Kamiya, um ilustrador, escritor e o primeiro mangaká brasileiro a fazer sucesso no Japão. Seus trabalhos de ilustração mais conhecidos são Itsuka Tenma no Kuro Usagi, uma novela escrita por Takaya Kagami, e No Game, No Life, no qual ele mesmo é o autor.

Tsutomu Nihei, mangaká japonês formado em arquitetura, nasceu em 26 de fevereiro de 1971. Sua arte teve grande influência da cultura cyberpunk, e nela pode ser observado o uso de enormes e intrincadas estruturas desenhadas, que tornam seus mangás únicos. Blame! e Knights of Sidonia são duas de suas obras mais conhecidas, que o renderam muitos admiradores fora do Japão, ocasionando a publicação em inglês dos mangás Blame!, Biomega e Knights of Sidonia, pela Vertical Inc. e Viz Media, e foram publicados os mangás Blame! e Abara pela Editora JBC e pela Panini Comics, respectivamente, no Brasil. (wikipedia.org/Yukamiya, 2021)(Figura 4).



Figura 04: Desenho de estruturas.
Autora: Nicole Nobrega, 2020.

6. CENÁRIOS EM CINEMA

A pessoa que se encanta com a ambientação dos filmes provavelmente se interessa pela área de arquitetura cenográfica ou arquitetura efêmera. Os arquitetos do ramo de cenografia podem atuar na parte de produções artísticas, englobando filmes, novelas, shows, apresentações de qualquer tipo, séries e minisséries, que também pode ser desempenhado por profissionais nas áreas de design, artes plásticas e bacharel em artes Cênicas, por exemplo. Também, atuam em exposições de arte, museus, feiras, lojas, vitrines, estandes e pontos de venda, eventos corporativos (como showrooms), lançamentos de produtos e serviços, exhibições, festas, casamentos, formaturas, entre outros afins. O profissional do campo de produções artísticas, juntamente com o Diretor e Diretor de fotografia, cuida de todo o visual do filme, criando conceitos visuais e liderando o departamento de arte. É feita a construção de cenários e criação de ambientação de cenas, permitindo que o espectador se localize no filme.

O arquiteto pode atuar na pesquisa de mobiliário em filmes históricos, utilizando a paleta de cores, critérios como faixa etária, posição econômica e social, situação emocional dos personagens para criação do cenário, e supervisionam a montagem de todos os ambientes da produção. Para entrar na área de arquitetura cenográfica ou arquitetura efêmera é preciso fazer uma especialização em arquitetura cenográfica. Um lugar para estudar é a pós-graduação em cenografia da Universidade Veiga de Almeida com duração de 18 meses contando 440 horas-aula, tendo dois polos, a Rua Ibituruna, 108 e a Av. Gal Felicissimo Cardoso, 500, e o Fósforo Cenografia e Arquitetura, em Belo Horizonte na Rua Brasópolis, 139. Sobre o salário, de acordo com o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) do Ministério do Trabalho, o cenógrafo de teatro possui uma média salarial mensal de 2.375,64 reais, e um de cinema ganha em torno de 2.818,17 reais.

Ao contrário do que se pensa, o Brasil necessita de arquitetos nesta área de atuação, e a demanda vem crescendo, principalmente no eixo Rio – São Paulo, região onde esse tipo de atividade está concentrada. Emissoras de televisão costumam abrir programas de estágio e trainees com vagas de arquitetos, sendo essa a principal entrada para o ramo. Algumas personalidades que se formaram em arquitetura e urbanismo atuam como diretor do filme, sendo a base desses profissionais a ambientação do filme.

Um deles é Fernando Meirelles, nascido em São Paulo, cursou a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, sendo seu trabalho de conclusão do curso um filme. Atuou como cineasta, produtor e roteirista. Antes trabalhando em projetos experimentais e vídeos para a televisão, estreia no cinema dirigindo "O Menino Maluquinho 2". Em seguida, trabalhou com o popular Domésticas. Entre seus sucessos temos o filme que é consagrado internacionalmente chamado "Cidade de Deus", indicado a quatro categorias no Oscar 2004 e vencedor de diversas categorias no Grande Prêmio do Cinema Brasileiro 2003. Foi no ano de 2015 que se tornou supervisor artístico da Globo Filmes, trabalhando na área de supervisão de séries e telefilmes produzidas para

coprodução e exibição pela Rede Globo. Também chefiou a equipe responsável pela cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de 2016. Um de seus mais recentes projetos, feito em 2019, é o filme "Dois Papas" disponível na plataforma de streaming Netflix.

Daniela Medeiros, outra dessas personalidades, é natural de Curitiba (PR), formada em arquitetura pela PUC PR e design de móveis pela UTFPR, trabalha nos Estados Unidos atuando como produtora, designer e set designer. Dentre seus trabalhos, ela atuou em set designer no filme "Thor: Ragnarok", da Marvel, Homem-Formiga e a Vespa, da Marvel, Godzilla: King of Monsters, da Warner Brothers e Legendary Pictures. Trabalhou também com figuras importantes da área, entre eles Dan Hennah (The Hobbit e Senhor dos Anéis) e Richard Hobbs (Mad Max). (habitusBrasil.com, 2021) (Figura 5).



Figura 05: Desenho de filmes.
Autora: Nicole Nobrega, 2021.

7. DESIGN DE GAMES

O primeiro videogame surgiu em 1961 nos EUA, quando Massachusetts Institute of Technology (MIT) recebeu o computador mais moderno de sua época, o PDP-1 (Programmed Data Processor-1), que possuía o tamanho de uma geladeira. Desde então, o desenvolvimento dessa área só aumentou. No Brasil, além do mercado nacional de design de games, agências de desenvolvimento de jogos estão desenvolvendo games para o exterior. Mesmo com a crescente popularidade dos jogos aos brasileiros, poucos são os que têm a noção de que arquitetos podem, também, atuar nessa área. Um dos primeiros passos a ser dado para o arquiteto o qual deseja seguir pelo caminho dos games é a interação com a tecnologia.

Na arquitetura, assim como nos games, o espaço possui grande relevância. Para o primeiro, a relação entre espaço e usuário se faz essencial, e para o segundo, respectivamente, há o espaço virtual, no qual o jogador constantemente interage, que dá uma experiência lúdica singular. Assim, o jogo digital, para envolver e encantar, deve assimilar muito o conhecimento arquitetônico sobre espaços e relações. E tanto no processo de concepção, quanto de execução, a arquitetura depende essencialmente da tecnologia, e, para sua evolução, os videogames também dependem dela. Além de que, a tecnologia para archi-

tetura e aos jogos digitais, em muitos casos, são as mesmas. E tecnologias de realidade aumentada e virtual estão muito difundidas no desenvolvimento dos games e são naturalmente aplicáveis na arquitetura.

Assim, o arquiteto que desenvolve as competências que unem criação e programação terá muita facilidade em conceber espaços virtuais interativos. Se acrescentar o componente lúdico, a arquitetura fica demasiadamente parecida com um videogame. A remuneração das profissões no Brasil, o salário médio do profissional de Designer de Games no país é de 3.709,34 reais mensal.

O mercado de trabalho brasileiro ainda se apresenta bem restrito quando falamos da indústria de videogames. Isso porque essa indústria ainda é muito recente. Quando equiparado esse tema com as dimensões de demanda da construção civil, urbanismo, paisagismo e design, de maneira geral, essa restrição se evidencia. Ademais, alunos cursando arquitetura, tendem a desprezar outras possibilidades que estão além das áreas clássicas, tal qual Design de Games. Além disso, há questões geracionais do corpo docente que não levam em conta os videogames como uma forma artística. Consequentemente, eles excluem esse campo de atuação do arquiteto, claro, não em todo caso. E ainda essa situação está mudando com o tempo. As profissões estão se ressignificando e, portanto, as formações também estão se modificando.

Leandro Yanaze é professor graduado em Arquitetura e Urbanismo pela FAU-USP que coordena o curso de graduação em Jogos Digitais da Universidade Metodista de São Paulo. Durante o curso, ele fez estágio em uma empresa de arqueologia no qual o proprietário-chefe costuma o incentivar a explorar inovadoras tecnologias de visualização arquitetônica e arqueológica nos projetos que fazia. Lá, ele teve a oportunidade de reconstruir digitalmente uma cidade de interesse histórico de forma interativa. Para Yanaze, o arquiteto que desenvolve as competências que unem criação e programação, possui uma clareza para planejar espaços virtuais interativos. Adicionando o elemento recreativo na arquitetura, tem-se a fórmula resultante de um videogame. (4arquitetura, 2021) (Figura 6)



Figura 6: Desenho de cidades.
Autora: Nicole Nobrega, março, 2021.

8. CONCLUSÃO

Como se sabe, a área de arquitetura é vasta, mas há pouco conhecimento em algumas áreas durante o curso arquitetura e urbanismo, o que atrapalha na ingresso de estudantes de arquitetura, que poderiam ter mais afinidades com certas áreas.

Portanto, ao encerrar o curso, o arquiteto tem várias opções de áreas de trabalho e esse artigo teve como propósito de apresentar diferentes mercados de trabalho na área da arquitetura e urbanismo.

9. REFERÊNCIAS

casacor.abril.com. disponível em: <https://casacor.abril.com.br/tudo-sobre/flavia-ranieri/> acessado em março de 2021.

www.flseagrant.org. disponível em: <https://www.flseagrant.org/alana-smen-tek-duerr/> acessado em março de 2021.

www.clementinaduarte.com.br. disponível em: <http://www.clementinaduarte.com.br/> acessado em março de 2021.

wikipedia.org/Yukamiya. disponível em: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Yuu_Kamiya / acessado em março de 2021.

habitusbrasil.com. disponível em: <https://habitusbrasil.com/cinema-arquitetura-e-design-em-hollywood/> acessado em março de 2021.

4arquitetura.com.br. disponível em: <http://44arquitetura.com.br/2017/11/arquitetura-e-jogos-digitais-carreira/> acessado em março de 2021.

CONCEITO DE ARQUITETURA E ARQUITETOS FAMOSOS.

Amanda Maria Costa Bezerra Cavalcanti

Graduanda do 6º período do curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Damas da Instrução Cristã, Recife-PE. E-mail: 161620202001@faculdadedamas.edu.br.

Walkiria Roberta Lima da Silva

Aluno do curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Damas, Recife – PE, 2º período.

Luciana Santiago Costa

Doutora em Desenvolvimento Urbano pelo MDU/UFPE. Professora do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Damas da Instrução Cristã, Recife – PE. E-mail: luciana.santiago@faculdadedamas.edu.br.

1. INTRODUÇÃO

Em um ano tão atípico, como foi o de 2020, a necessidade de se reinventar e transformar a forma de aprendizagem dos conteúdos foi de extrema importância. Na Faculdade Damas da Instrução Cristã, através de seus coordenadores e professores, fomos acolhidos de forma privilegiada.

Esse trabalho foi realizado na disciplina de Tópicos Especiais II que abordou o conceito da arquitetura, urbanismo e paisagismo, áreas de atuação do arquiteto e urbanista, o que é necessário para abrir o escritório de arquitetura e como se destacar no mercado de trabalho. Esse artigo teve como objetivo abordar o conceito de arquitetura que foi desenvolvido durante as aulas, através do texto e imagens de trabalhos produzidos pelos mesmos e relatar como foi todo o processo de aprendizagem no período remoto vivenciado.

2. CONCEITO DE ARQUITETURA

A cadeira de Tópicos Especiais II traz à tona assuntos de diversas áreas da arquitetura e do urbanismo. No semestre de 2020.2, o seminário que mais despertou a curiosidade e ampliou o desejo de mergulhar no mundo das artes, e sua influência na vida do ser humano em todos os aspectos, foi aquele no qual pesquisamos sobre o significado do que é arquitetura.

Inicialmente, foi elaborada uma síntese da história da arquitetura e suas fases, onde foi possível enxergar como a ideia do que é arquitetura se modifica de acordo com fatores culturais, psicológicos, econômicos, técnicos, ambientais, etc.

Posteriormente, foi descrito o conceito de alguns arquitetos contemporâneos e outros que marcaram a história da arquitetura, como, por exemplo, Oscar Niemeyer, um dos maiores representantes da arquitetura moderna mundial, com mais de 600 obras pelo mundo, e responsável pelo planejamento de diversos prédios públicos em Brasília; Severiano Mário Porto, conhecido como o "arquiteto da floresta, responsável por conceber um modelo único de arquitetura amazônica e sustentável; e Ludwig Mies Van der Rohe, considerado um dos principais nomes da arquitetura do século XX.

Apoiado nas formulações e histórias desses ícones arquitetônicos mundiais, pudemos elaborar nosso próprio conceito de arquitetura, e perceber que a arquitetura se molda aos seus usuários, possuindo um significado único para cada pessoa. A **Figura 01** foi a imagem utilizada na abertura do seminário.



Figura 01 – Seminário Tópicos Especiais II: O significado da arquitetura.
Fonte: os autores, 2020

Fizemos uma breve apresentação da linha do tempo da arquitetura com suas diversas finalidades, como por exemplo a arquitetura militar com o intuito de criar fortalezas que serviam para vigiar o seu território e armazenar armas; a arquitetura colonial que trata da transição do modo de vida da sociedade em colônias que se formaram através das grandes navegações exploratórias em prol do crescimento de seus países colonizadores; a arquitetura neoclássica que era inspirada na estética greco-romana, expressava os valores da burguesia que assumiria a sociedade europeia depois da Revolução Francesa; arquitetura Modernista que foi um conjunto de ideias e movimentos que predominaram no século XX tanto no âmbito da arte, cultura e linguagem da sociedade, buscava romper com as antigas concepções e criar novas, um dos exemplos de arquitetura moderna é a Villa Savoye de Le Corbusier com os cinco Pilares da Arquitetura Moderna:

fachada livre, janelas em fita, pilotis, terraço jardim e planta livre onde prevalece o uso do concreto, aço, ferro e vidro em suas obras arquitetônicas (**Figura 02**).



Figura 02 - Seminário Tópicos Especiais II: Linha do Tempo.
Fonte: os autores, 2020

Após a apresentação dessa linha do tempo, trouxemos conceitos de arquitetura abordados em sala de aula virtual pela professora Luciana Santiago e o conceito de Antônio Houaiss, que foi um grande professor, filólogo e diplomata, que traz à tona as características sociais culturais ao conceito de arquitetura. É importante mencionar que não existe um conceito único para a arquitetura e sim visões, portanto em nossa perspectiva ela engloba aspectos singulares de cada perfil: cliente, usuário e profissionais da área da construção civil que estão sempre em constante mudança. Não sendo uma área estática, mas moldando-se de acordo com as necessidades do cotidiano (aspectos culturais, sociais, econômicos e profissionais) (**Figura 03**).



Figura 03 - Seminário Tópicos Especiais II: O que é arquitetura?
Fonte: os autores, 2020.

3. ARQUITETOS FAMOSOS

O grande arquiteto modernista brasileiro, Oscar Niemeyer, responsável pelo projeto de Brasília em parceria com o arquiteto e urbanista Lúcio Costa, tendo a sua inspiração em um dos pioneiros da arquitetura moderna, Le Corbusier. Nomeado arquiteto-chefe de Brasília em 1958, para onde se transfere e permanece até 1960. Entre os projetos mais importantes dele, destacam-se o Parque do Ibirapuera em São Paulo, a sede do Partido Comunista Francês em Paris, a Escola de Arquitetura de Argel na Argélia, a sede da Editora Mondadori em Milão na Itália e a sede do jornal L'Humanité em Saint-Denis na França (**Figura 04**).



Figura 04 - Seminário Tópicos Especiais II: Arquitetos brasileiros (Oscar Niemeyer).
Fonte: os autores, 2020.

Patrícia Pomerantzeff, dona do canal Doma Arquitetura no Youtube, ganhadora do prêmio de canal mais influente sobre arquitetura de 2020, é uma arquiteta que apresenta reformas que faz para alguns de seus clientes no seu canal, trazendo informações sobre arquitetura e algumas dicas no seu canal. Nasceu na cidade de São Paulo no dia 28/08/1982, sua primeira formação foi em artes plásticas, em 2004, em 2006, formou-se em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. No estágio, ela visitou muitas obras e teve contato com toda a rotina do escritório, que envolvia reuniões com clientes, prestadores de serviço, criação de planilhas e todo o gerenciamento de obras. Suas principais obras são: Cozinha Monet, Apartamento Mickey, Escritório da Doma Arquitetura, Apartamento de 30 m² e o Apartamento Garden (**Figura 05**).



Figura 05 - Seminário Tópicos Especiais II: Arquitetos brasileiros (Patrícia Pomerantzeff).
Fonte: os autores, 2020.

Trouxemos também o grande arquiteto Severiano Mário Porto, mais conhecido como o “arquiteto da floresta”, que faleceu recentemente no ano de 2020. Seus projetos partem do pressuposto da sustentabilidade e para ele a arquitetura se molda à natureza. Nascido em Uberlândia/MG, em 19/02/1930, tinha 90 anos de idade. Mudou-se aos cinco anos para o Rio de Janeiro, onde viria a graduar-se em arquitetura pela Universidade do Brasil e depois morou em Manaus onde atuou como grande arquiteto brasileiro. Mundialmente conhecido como o “arquiteto da Amazônia”, responsável por conceber um modelo único de arquitetura amazônica e sustentável, que une técnicas desenvolvidas por ribeirinhos e caboclos com as mais modernas e inovadoras criações na arquitetura. Desenvolveu muitos projetos no Amazonas entre eles: o Estádio Vivaldo Lima, o restaurante Chapéu de Palha, ambos já demolidos. Em 2016, por iniciativa da Assembléia Legislativa do Amazonas, com envolvimento do CAU/AM, diversas de suas obras foram tombadas, por seu interesse arquitetônico, histórico e cultural. Entre elas, está o Fórum Henocho Reis, o Tribunal Regional Eleitoral (TRE-AM), a Universidade Federal do Amazonas (UFAM), a Sede da Superintendência da Zona Franca de Manaus (SUFRAMA), o Banco da Amazônia e o Centro de Proteção Ambiental de Balbina, hoje em ruínas (**Figura 06**).



Figura 06 - Seminário Tópicos Especiais II: Arquitetos brasileiros (Severiano Mário Porto).
Fonte: os autores, 2020.

Mies Van der Rohe, um dos três arquitetos internacionais que fundaram a corrente modernista da arquitetura e mestre do minimalismo, ajudou a criar um estilo de arquitetura característico do século XX: um ambiente/espço com muita luz e simplicidade, aço industrial e vidro temperado, espaços abertos e sem obstáculos. Nasceu em Aachen, na Alemanha, em 27 de março de 1886. O estilo dele cria a expressão "pele de vidro", em que esta seria a "estrutura óssea" do edifício, abusa de esquadrias metálicas emoldurando lâminas de vidro, conseguindo belos efeitos com os reflexos criados. Deixou um legado que se traduziu não só em obras, mas em todo um estilo e uma verdadeira escola da arquitetura moderna em, como ele dizia: "Deus está nos detalhes". Criou o Pavilhão Alemão da Exposição Internacional de Barcelona, com materiais nobres, mármore travertino e pilares de aço sobre painéis de madeira, o que deveria ser temporário acaba se tornando uma de suas obras mais conhecidas. O pavilhão de Barcelona foi desmontado em 1930, mas foi reconstruído décadas mais tarde, nos anos 80 (**Figura 07**).



Figura 07 - Seminário Tópicos Especiais II: Arquitetos internacionais (Ludwig Mies Van der Roh).
Fonte: os autores, 2020.

Antoni Gaudí nasceu na Catalunha na Espanha, em junho de 1852. No ano de 1873, começou a fazer o curso de Arquitetura na Escola de Belas Artes, que depois passou a se chamar Escola de Arquitetura da Universidade de Barcelona. Suas soluções arquitetônicas foram fortemente baseadas na natureza, traço importante que marcou o seu estilo. Além disso, a liberdade das formas, a expressividade das misturas de cores e texturas e a complexidade da geometria eram constantes em suas obras. Foi um arquiteto famoso do modernismo catalão, usava na maioria de suas obras a cerâmica, vitral, ferro forjado e marcenaria. Introduziu novas técnicas no tratamento de materiais, como o trencadis, realizado com base em fragmentos cerâmicos. Suas obras são dotadas de profunda originalidade, revelando um estilo autêntico, único e individual, a maior parte de suas obras se encontra em Barcelona. Além da paixão pela arquitetura, Gaudí transparece em suas obras outras duas grandes marcas: a natureza e a religião. Principais obras: Templo Expiatório da Sagrada Família, La Pedrera e a Casa Batlló (**Figura 08**).



Figura 08 - Seminário Tópicos Especiais II: Arquitetos internacionais (Antoni Gaudí).
Fonte: os autores, 2020.

Partindo dessa pesquisa sobre os arquitetos e analisando os conceitos de arquitetura pudemos formular nosso próprio conceito sobre o que é a arquitetura. Percebemos que a arquitetura não necessariamente é feita somente pelos arquitetos/ engenheiros mas parte de um conjunto de normas e regras que regem a sociedade em determinada época, na qual valores sociais, culturais e econômicos estão atrelados intrinsecamente a sua função, como por exemplo, o pensamento de que projetos arquitetônicos só são acessíveis para quem tem um poderio econômico maior. Essa arquitetura reflete a situação particular de cada indivíduo-usuário nesse macro que é a vida em sociedade e que podemos perceber ainda mais claro nos dias atuais com a disparidade crescente a respeito da situação financeira, a favelização e marginalização de cidadãos que vivem muita das vezes em situação precária em residências irregulares sem amparo

social com a criação de condomínios fechados, separação social de acordo com sua renda e a ascensão social a ser alcançada que contribuem para que haja continuidade desse ciclo cruel que vem sendo construído e moldado pelo ser humano ao longo da história e que é apresentado por diversos meios e um desses meios é a arquitetura. Através dos shoppings no meio de comunidades carentes, apartamentos luxuosos, sobrados, templos religiosos, parques, creches, escolas, hospitais, entre outros. A **Figura 09** mostra a conclusão da equipe.

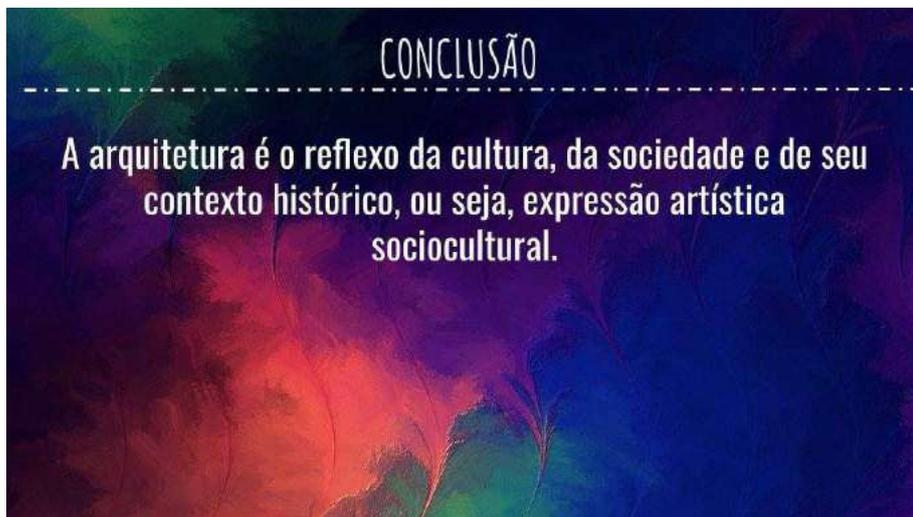


Figura 09 - Seminário Tópicos Especiais II: Conclusão.
Fonte: os autores, 2020.

4. CONCLUSÃO

Diversas pessoas acreditam numa ideia engessada da arquitetura e do urbanismo e, a disciplina de Tópicos Especiais II, nos fez sair do óbvio, pesquisando sobre tudo que pode envolver nossa área de escolha de formação profissional. Nos fez pensar na função social do arquiteto e urbanista, na qual teremos o papel de transformadores de ambientes/espacos. Desde o básico, como o seu conceito, para entender bem mais profundamente o que é abordado ao longo do curso, até as áreas que estarão disponíveis para seguirmos adiante.

Concluimos, então, que essa busca, além de esclarecer algo pontual, nos carrega de vontade em ir mais afundo e plantar ideias novas, as quais, antes, talvez não fizessem parte de nossas escolhas.

5. REFERÊNCIAS

<http://macdesign.com.br/blog/5-arquitetos-brasileiros-da-Atualidade-que-voce-precisa-conhecer/> acessado em março de 2021.

<https://www.vivadecora.com.br/pro/arquitetos/famosos-arquitetos-brasileiros/> acessado em março de 2021.

<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/top-10-os-arquitetos-mais-importantes-da-historia/> acessado em março de 2021.

<https://www.instagram.com/domaarquitetura/> acessado em março de 2021.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Elevador_Lacerda, acessado em março de 2021.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Edif%C3%ADcio_Gustavo_Capanema, acessado em março de 2021.

<https://www.vivadecora.com.br/pro/arquitetura/arquitetura=-no-brasil/#:~:text=O%20desenvolvimento%20da%20arquitetura%20e,fundadas%20neste%20per%C3%ADodo%2C%20como%20Salvador.&text=Pode%2Dse%20dizer%20que%20a,no%20Brasil%20do%20s%C3%A9culo%20XX.>, acessado em março de 2021.

<http://portalparamazonia.blogspot.com/2016/01/palacete-faciola.html>, acessado em março de 2021.

<https://www.museudofutebol.org.br/evento/aniversario-do-bairro-do-pacaembu>, acessado em março de 2021.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Catedral_Metropolitana_de_Bras%C3%ADlia, acessado em março de 2021.

<https://laart.art.br/blog/arquitetura-contemporanea-no-brasil/> acessado em março de 2021.

TÓPICOS ESPECIAIS 4

A disciplina Tópicos Especiais 4 tem como objetivo qualificar o aluno do quarto período de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Damas, mantendo-o atualizado com as novas demandas do mercado de trabalho através de atividades práticas e metodológicas da profissão de arquiteto e urbanista. Devido à promulgação da Lei Municipal 18.112/2015 pela prefeitura do Recife no ano de 2015, que aborda sobre a obrigatoriedade de telhado verde na cidade, os alunos junto com a orientadora da disciplina desenvolveram uma pesquisa sobre o impacto dessa lei nos projetos da cidade e teve como objetivo identificar se os profissionais da área de arquitetura possuíam conhecimentos sobre a lei e quais impactos a mesma teve nos projetos e nos usuários desses espaços. A escolha do tema deve-se ao nível de conhecimento dos alunos e ao interesse de somar conhecimento à disciplina do 4º período, Conforto Ambiental I, que busca técnicas, métodos e elementos que possam ser utilizados em projetos de arquitetura para satisfazer às exigências humanas quanto aos aspectos térmicos, lumínicos e acústicos.

Professora: Ms. Maria de Fátima Xavier do Monte Almeida

ANÁLISE DO CENÁRIO DE TELHADO VERDE NA CIDADE DO RECIFE MEDIANTE APLICAÇÃO DA LEI MUNICIPAL.

Alexandra Carneiro da Silva

Graduanda do 4º período do curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Damas da Instrução Cristã, Recife-PE.
E-mail: 161620191105@faculdedamas.edu.br.

Amanda Maria Barbosa da Silva

Graduanda do 4º período do curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Damas da Instrução Cristã, Recife-PE.
E-mail: 1616201922001@faculdedamas.edu.br.

Camila Brito da Cruz

Graduanda do 4º período do curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Damas da Instrução Cristã, Recife-PE.
E-mail: camilabritocruz@gmail.com.

Larissa Ranielly Salvador Gouveia

Graduando do 4º período do curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Damas da Instrução Cristã, Recife-PE.
E-mail: larissagouveia.arquitetura@gmail.com.

Maria de Fátima Xavier do Monte Almeida

Mestre em Design. Professora do curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Damas da Instrução Cristã, Recife-PE.
E-mail: fatima.almeida@faculdedamas.edu.br.

1. INTRODUÇÃO

Devido à promulgação da Lei Municipal 18.112/2015 pela prefeitura do Recife no ano de 2015, que aborda sobre a obrigatoriedade de telhado verde na cidade, a disciplina de Tópicos Especiais 4, quarto período do curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Damas, desenvolveu uma pesquisa sobre o impacto dessa lei nos projetos da cidade e teve como objetivo da disciplina identificar se os profissionais da área de arquitetura possuíam conhecimentos sobre a lei e quais impactos a mesma teve nos projetos e nos usuários desses espaços.

O processo de pesquisa se deu com a intenção de conhecer a lei municipal do Recife e das legislações de outros Estados e Municípios, bem como entender a definição, os tipos e a manutenção sobre telhado verde. Outra etapa da pesquisa foi a análise de casos na cidade do Recife e contato com empresas e profissionais que atuam na implementação de telhado verde na cidade.

Com base na pesquisa realizada foi decidido a criação de questionários com o intuito de comprovar se o objetivo traçado na disciplina seria alcançado. Foram produzidos quatro tipos de questionário, sendo um voltado para os profissionais da área, o outro para usuários dos espaços projetados, outro para as empresas que possuem domínio na implementação do telhado verde e outro para os proprietários dos locais onde possuem telhado verde.

Com os dados apresentados foi possível observar que, o cenário de teto verde no Recife ainda é um tanto desconhecido. Contudo, não foram obtidas respostas nos questionários dos proprietários e das empresas, por isso não foi possível afirmar com 100% de certeza.

2. LEGISLAÇÃO

A Prefeitura do Recife (PE), no ano de 2015 sancionou a Lei Municipal 18.112/2015 que aborda o seguinte assunto:

Dispõe sobre a melhoria da qualidade ambiental das edificações por meio da obrigatoriedade de instalação do "telhado verde", e construção de reservatórios de acúmulo ou de retardo do escoamento das águas pluviais para a rede de drenagem e dá outras providências (Diário Oficial da Prefeitura do Recife - Edição nº 5 de 13 de janeiro de 2015).

Essa lei vem tornar obrigatório em seu primeiro artigo, que as edificações habitacionais multifamiliares com mais de 4 pavimentos e as não-habitacionais com mais de 400m² de área de cobertura possuam telhado verde em seus projetos a partir da vigência da lei.

A Lei Municipal 18.112/2015 também define no inciso primeiro do artigo primeiro o que seria o telhado verde:

...é uma camada de vegetação aplicada sobre a cobertura das edificações, como também sobre a cobertura da área de estacionamento, e piso de área de lazer, de modo a melhorar o aspecto paisagístico, diminuir a ilha de calor, absorver parte do escoamento superficial e melhorar o microclima local (Diário Oficial da Prefeitura do Recife - Edição nº 5 de 13 de janeiro de 2015).

Portanto ao vermos como a lei define telhado verde, percebemos como não está associada só a cobertura das edificações, mas associa o telhado verde a várias estruturas que podem se valer de vegetação como forma de melhorar o aspecto paisagístico, diminuir as ilhas de calor na cidade e ajudar a absorver parte da água da chuva.

Depois de ter sido analisado o conteúdo da Lei Municipal do Recife foi necessário verificar se existiam leis ou decretos em outros Estados e Municípios para que pudesse ser feita uma comparação com outros lugares. Foi encontrado, então, a legislação de São Paulo, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina e Piauí. Entretanto, foi estudado mais profundamente a legislação de São Paulo e do Rio Grande do Sul.

Ao ser estudado a legislação da cidade de São Paulo, foi encontrado o Decreto nº 55.994 de 2015 que foi regulamentado pelo Termo de Compensação Ambiental (TCA), o qual determina que telhados verdes e jardins verticais podem ser utilizados como compensação ambiental nas construções. Após esse decreto, em 2016, a prefeitura aprovou a aplicação de uma quota ambiental associada a incentivos fiscais para uso do telhado verde. Em outros municípios do estado de São Paulo foi encontrado determinações parecidas a exemplo de Guarulhos que por meio da Lei 6793/2010 dava descontos no IPTU (imposto predial e territorial urbano) variando de 3% a 5% e em 2012 a Lei 7031/2012 obriga a instalação de telhados verdes. Outro exemplo é Santos com a Lei Complementar 913/2015 que incentiva a implantação de telhado verde em condomínios verticais. E como em Recife, foi levado em consideração os parâmetros de drenagem, microclima e biodiversidade como meio de minimizar os impactos ambientais e aumentar a presença verde.

Ao ser analisado a Lei Estadual nº 11.520/2000 do Rio Grande do Sul, que determina em seu artigo sétimo as alternativas para área livre que não puderem ser mantidas no lote, essas áreas seriam os terraços e coberturas vegetais e pisos. Pela lei gaúcha essa área livre se refere a parte do terreno que não foi acrescido de qualquer pavimento ou elemento construtivo impermeável, vegetada, e não podendo estar sob projeção da edificação ou sobre o subsolo, pois tem como ideia a valorização da paisagem urbana bem como melhorar o clima no entorno e ajudar na captação de água.

3. TETO VERDE

Além da definição de telhado verde que a Lei Municipal 18.112/2015 fornece, ela também especifica no inciso segundo do artigo primeiro que tipo de telhado verde poderia existir:

O "Telhado Verde" poderá ter vegetação extensiva ou intensiva, de preferência nativa para resistir ao clima tropical do município, com as suas variações de temperatura e umidade (Diário Oficial da Prefeitura do Recife - Edição nº 5 de 13 de janeiro de 2015).

Com essa especificação foi necessário buscar informações sobre os tipos de telhado verde, qual era a manutenção e como a vegetação estaria presente. Foi encontrado três tipos de telhado verde: o extensivo, o semi-intensivo e o intensivo. O extensivo é adequado para estruturas com pouca capacidade de carga e locais que originalmente não foram pensados para telhado verde, possui um

custo mais baixo em relação aos telhados intensivos e semi-intensivos e sua camada vegetal não é muito profunda e é adequado para plantas que não possuem muita exigência de manutenção e tem baixo crescimento. As plantas ideais para esse tipo de telhado verde são as plantas rasteiras e de pequeno porte.

Contudo o semi-intensivo em relação a requisitos se enquadram nos sistemas de telhado verde extensivo e intensivo. Ou seja, é um telhado verde intermediário e ao ser comparado com o extensivo possui mais manutenção, custo elevado e proporciona mais peso à estrutura. Já o telhado intensivo é o que mais vai ter manutenção e se torna mais caro além de necessitar de uma estrutura pensada e planejada para ele pois é um telhado que comporta plantas perenes, arbustos e árvores, além da vegetação podem ser adicionados passarelas, bancos, playgrounds e até espelhos d'água nessa estrutura.

Outro sistema muito utilizado em telhados verdes que foi necessário buscar informações foram os sistemas de captação de água e irrigação. O sistema de captação de água é um sistema previsto na Lei Municipal do Recife em seu artigo terceiro:

Em lotes com área superior a 500 m² (quinhentos metros quadrados), edificados ou não, que tenham área impermeabilizada superior a 25% (vinte e cinco por cento) da área total do lote deverão ser executados reservatórios de águas pluviais como condição para aprovação de projetos iniciais (Diário Oficial da Prefeitura do Recife - Edição nº 5 de 13 de janeiro de 2015).

Portanto era necessário entender como funciona esse sistema e os custos que ele agrega a implantação do telhado verde, bem como facilita a manutenção do telhado verde e essa água captada pode ser utilizada na edificação. Outro sistema pesquisado foi o sistema de irrigação para entender como o telhado verde pode ter um sistema automatizado de irrigação e facilitar sua manutenção.

Por fim, se achou necessário e interessante buscar na cidade do Recife casos que já utilizam o telhado verde bem como quais desses casos foram devido a implantação da legislação. Foram encontrados quatro casos sendo eles: Bar Central (figura 1), Softex Recife de 2014 (figura 2), Empresarial Charles Darwin de 2017 (figura 3) e Rooftop Cais do Sertão de 2019 (figura 4). O Bar Central foi um telhado verde feito pelo próprio proprietário antes da existência da lei e possui gramas e plantas frutíferas como pitanga, maracujá, limão e acerola, ao qual ele utiliza as frutas nos drinks do bar. O edifício da Softex Recife é um espaço onde funcionários e da empresa podem se encontrar em momento de descanso do serviço, o prédio aluga para eventos devido a bela vista que se tem da cidade do Recife e foi um projeto realizado antes da lei também. Já o caso do Empresarial Charles Darwin segue exatamente a lei, e é considerado o primeiro a implantar a lei em sua construção e também é o maior em área verde. O mais recente de todos é o Rooftop do Cais do Sertão, ao qual fica em cima do Museu Cais do Sertão e possui um restaurante para as pessoas apreciarem uma vista do Rio Capibaribe, porém com uma atmosfera do sertão nordestino ao seu redor.



Figura 1 - Bar Central.
Fonte: Disponível em: <<https://www.hype-ness.com.br/2015/04/recife-aprova-lei-que-obriga-qualquer-predio-com-mais-de-4-pavimentos-tenha-telhado-verde/>>. Acesso em: março 2021.



Figura 2 - Softex Recife.
Fonte: Disponível em: <<http://fazendosala.com.br/?tag=telhado-verde>>. Acesso em: março 2021.



Figura 3 - Empresarial Charles Darwin
Fonte: Disponível em: <<https://www.hype-ness.com.br/2015/04/recife-aprova-lei-que-obriga-qualquer-predio-com-mais-de-4-pavimentos-tenha-telhado-verde/>>. Acesso em: março 2021.



Figura 4 - Rooftop Cais do Sertão.
Fonte: Walter Dias, 2020.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A coleta de dados consistiu em uma pesquisa sobre telhado verde por meio de questionários. Simulamos ser um escritório de arquitetura oferecendo o serviço de montagem do telhado verde em busca de informações sobre o tema.

4.1. INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

A pesquisa com os participantes foi feita através de questionários online, onde cada participante respondeu a perguntas específicas.

As questões propostas nos questionários tinham como base o entendimento de cada pessoa acerca do teto verde, da legislação aplicada e o meio em que teve conhecimento sobre o telhado verde.

Os formulários apresentaram questões abertas para indicação da opinião do participante, questões fechadas de sim/não e outras podendo marcar mais de uma resposta, caso fosse necessário. Sendo assim, os questionários foram subdivididos em duas partes. A primeira parte sobre dados de identificação e informações relevantes a respeito do tema abordado e a segunda parte sobre conhecimento dos aspectos de usabilidade, dificuldades de implementação e benefícios do teto verde na cidade.

4.2. AMBIENTE DA PESQUISA

Diante do cenário pandêmico que estamos vivendo mundialmente, a pesquisa foi realizada de forma digital, através de formulários Google. Os quatro questionários foram enviados via e-mail e/ou WhatsApp após o primeiro contato direto com os participantes da pesquisa.

4.3. PARTICIPANTES DA PESQUISA

Os participantes escolhidos para a realização dos testes foram subdivididos em quatro grupos: usuários, empresas, profissionais e proprietários, os quais estavam dispostos a dedicar-se à pesquisa durante 15 dias. Foram aplicados 4 questionários, um para cada grupo, simulando ser um escritório de arquitetura especializado em telhado verde buscando informações acerca do entendimento do público sobre o tema. Ao todo, foram obtidas 43 respostas, sendo 27 usuários e 16 profissionais, contudo 2 grupos (empresas e proprietários) não responderam ao questionário devido ao cenário de pandemia. Não conseguimos ir aos estabelecimentos e às empresas para conversar com proprietários pessoalmente e durante o processo de levantamento de informações sobre telhado verde tivemos dificuldade em ter contato com empresas que trabalham nesse nicho mercadológico.

5. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Para verificar o objetivo proposto inicialmente e entender quais os possíveis motivos que levam à falta de implementação de telhados verdes na cidade do Recife, foram aplicados alguns questionários, cujo dados obtidos estão apresentados a seguir em forma de gráficos.

5.1. PROFISSIONAIS

A figura 5 mostra que entre os dezesseis profissionais entrevistados, apenas 25% trabalham nesse nicho mercadológico. A partir desse dado, é possível observar que esse mercado de trabalho ainda se encontra ocioso, possivelmente devido à pouca demanda de projetos de telhado verde em edificações, e há um número reduzido de profissionais especializados na área.

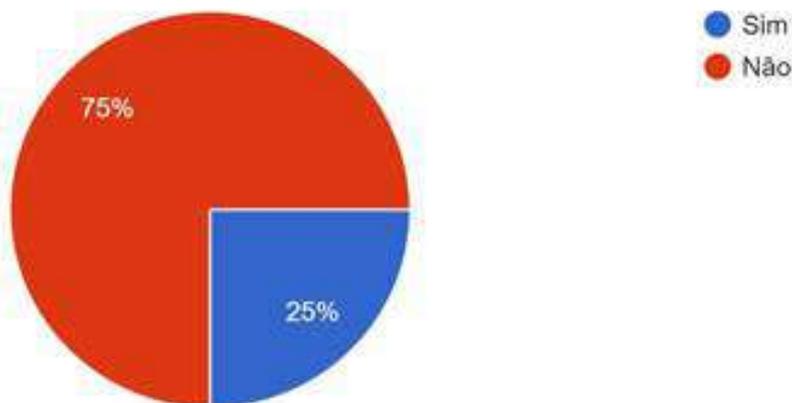


Figura 5 - Quantidade de profissionais que trabalham com telhados verdes.
 Fonte: As autoras, 2020.

Na figura 6 observa-se que de acordo com esses profissionais, cerca de 56,3% conheceu a Lei Municipal 18.112/2015 através da faculdade, enquanto discente, 31,3% através da prática profissional e um reduzido percentual, 12,4%, através da internet e outras mídias. Sendo assim, pode-se analisar que a divulgação acerca do tema ainda se encontra muito restrita ao meio da arquitetura e engenharia. Logo, nota-se que a divulgação através da mídia e da internet, a qual abrangeria a maior parte da população, ainda concentra uma pequena porcentagem; dessa forma, supõe-se que a falta do conhecimento da lei por parte dos arquitetos e engenheiros, pode repercutir na ausência ou redução de propostas de telhado verde em edificações.

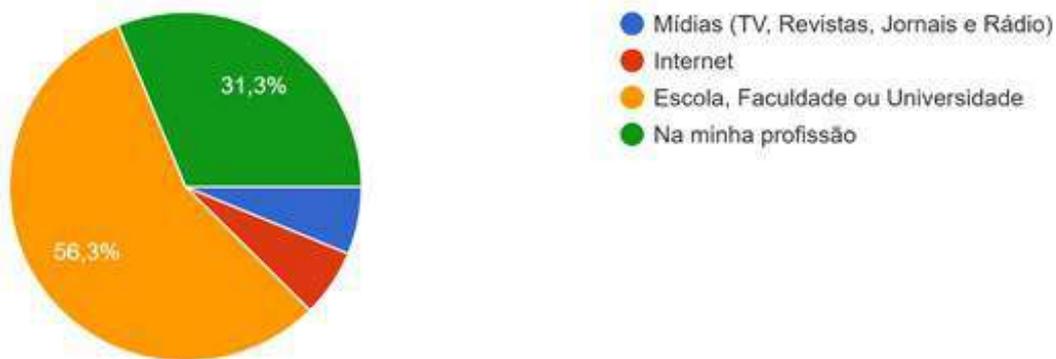


Figura 6 - Meio pelo qual conheceu sobre tetos verdes.
 Fonte: As autoras, 2020.

Logo, outro aspecto importante a se analisar é que de acordo com a Figura 7 cerca de 66,7% dos profissionais enfrentam dificuldades de implementação de telhados verdes na prática profissional. Graças a esse dado, questionou-se também quais foram as dificuldades apresentadas, e entre elas foram citadas, a falta de mão de obra qualificada; a falta de clientes; a impermeabilização do telhado, a consciência errada da tecnologia e principalmente o alto custo para a implementação como mostra a Figura 8.

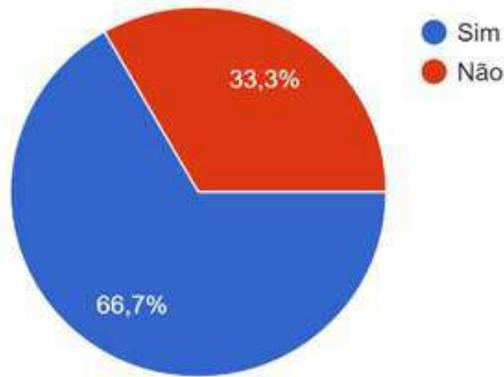


Figura 7 - Dificuldades de implementação de telhados verdes na prática profissional.
Fonte: As autoras, 2020.

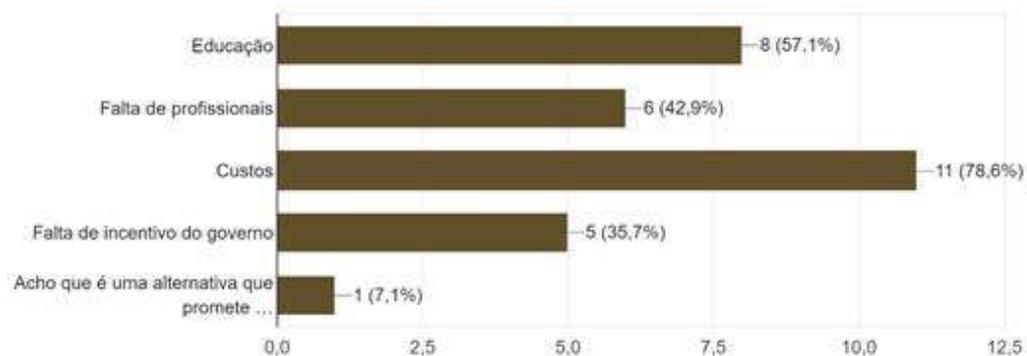


Figura 8 - Principais custos para a implementação do telhado verde.
Fonte: As autoras, 2020.

Já na Figura 9, cerca de 87,5% disseram que sim ao serem questionadas sobre a existência de impedimentos para a implementação e o desenvolvimento dos telhados verdes na cidade. Logo, entre as barreiras abordadas na Figura 10, além do alto custo, como foi falado anteriormente (cerca de 78,6%), também foram citados a educação (57,1%), a falta de profissionais (42,9%) e a falta do incentivo por parte do governo (35,7%). Esses resultados demonstram que apesar da existência de uma lei que incentiva a implementação, cabe ao governo promover outras formas de incentivos, como pode-se observar os meios que incentivam o uso do teto verde, respondidos pelos profissionais, destacados na figura 11.

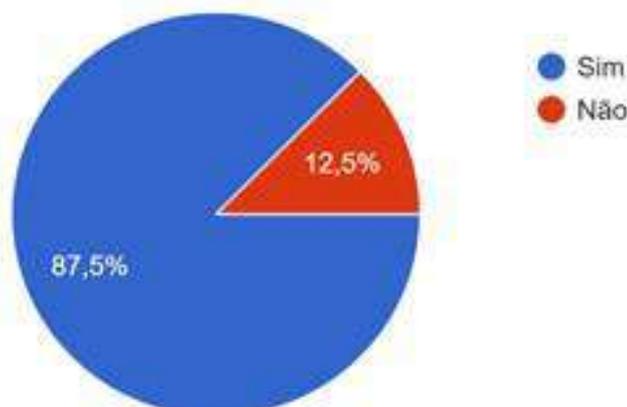


Figura 9 - Existem impedimentos para implementação e o desenvolvimento dos telhados verdes na cidade.
Fonte: As autoras, 2020.

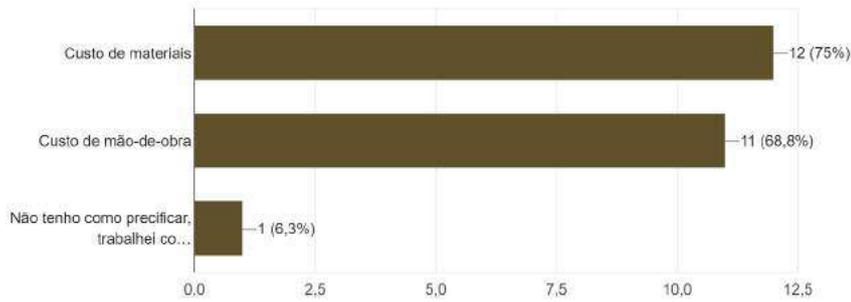


Figura 10 - Os principais impedimentos para implementação do telhado verde.
Fonte: As autoras, 2020.

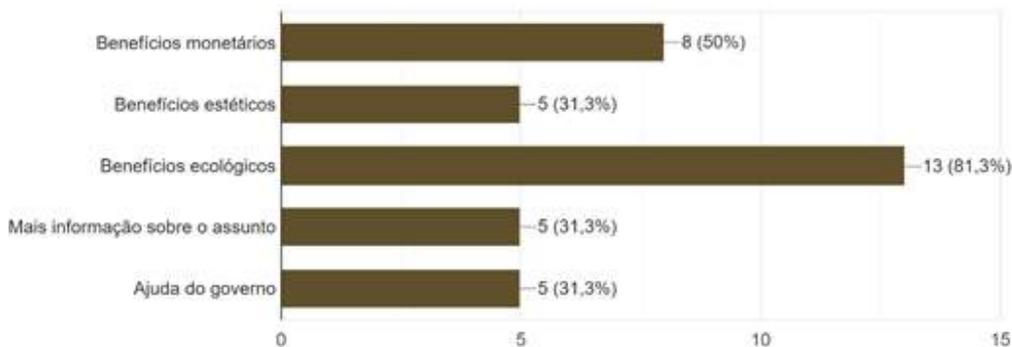


Figura 11 - O que incentiva a usar essa tecnologia.
Fonte: As autoras, 2020.

Portanto, vale ressaltar que a implementação desses incentivos corrobora para a aplicação da Lei Nº 18112 DE 12/01/2015 da cidade do Recife, visto que, de acordo com a figura 12, ela sozinha não favoreceu a inclusão de teto verde na construção e na concepção do projeto. Sendo assim, pode-se supor que essa afirmação, tem como base os poucos projetos construídos que aderiram aos telhados verdes.

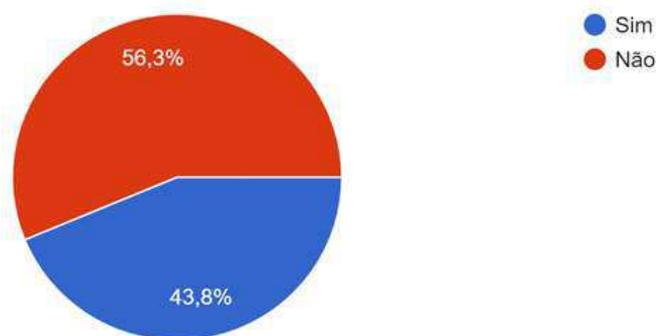


Figura 12 - A Lei Nº 18112 DE 12/01/2015 da cidade do Recife favoreceu a inclusão de teto verde na construção/concepção do projeto.
Fonte: As autoras, 2020.

5.2. USUÁRIOS

De acordo com os dados encontrados no gráfico ilustrado na Figura 14; entre os dezesseis entrevistados, todos da região metropolitana do Recife, 35,7%

dos usuários afirmaram ter tido conhecimento acerca do tema através da Mídia. Esse número caiu para 32,1% quando se refere à Escola, Faculdade ou Universidade, enquanto apenas 21,4% obteve esse conhecimento através da Internet. A partir daí, é notório uma grande divergência quando comparado com os dados da figura 6, visto que tanto a mídia como a internet somavam apenas 6,3%.



Figura 14 - Meio pelo qual conheceu sobre tetos verdes.
Fonte: As autoras, 2020.

Já na figura 15, está claro que todos concordam que há uma necessidade da implementação de telhados verdes na cidade e entre os motivos apresentados na figura 16 destacam-se a redução da ilha de calor e fatores estéticos. Esses dois pontos abordados estão diretamente ligados, uma vez que, a pequena quantidade de vegetação nos grandes centros urbanos, tem tornado as cidades cada vez mais quente e com aparência de uma gigante floresta de concreto.



Figura 15 - Há uma necessidade para a implementação de telhados verdes na cidade?
Fonte: As autoras, 2020.

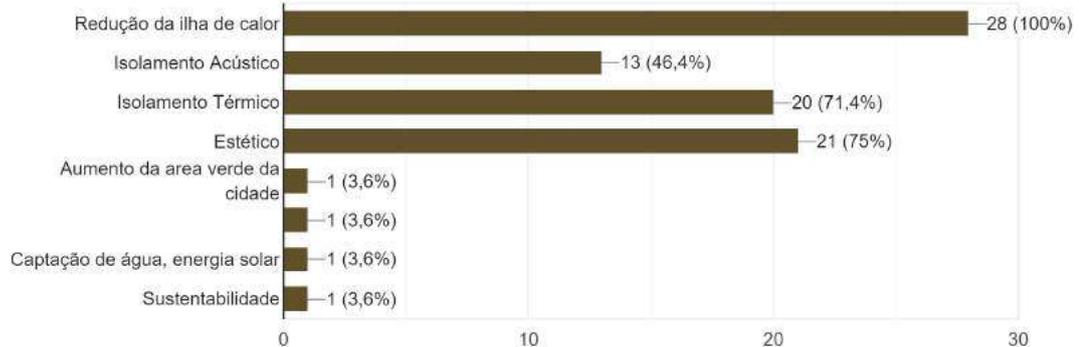


Figura 16 - Influência do telhado verde na cidade.
Fonte: As autoras, 2020.

Após a análise dos dados apresentados é possível observar que, apesar da criação da lei que visa a implementação de telhados verdes no Recife, ainda há poucos casos de edificações que adotaram os telhados verdes; Isso ocorre, talvez, porque a lei por si só não é suficiente para motivar a concepção de edificações com teto verde e que torne necessário uma maior divulgação, educação ambiental nos meios de comunicação e incentivo fiscal por parte do governo.

Após a realização e análise dos questionários, bem como o levantamento de todos o conteúdo durante a disciplina de Tópicos Especiais 4 os alunos montaram uma Cartilha Informativa, ilustrada na Figura 17.

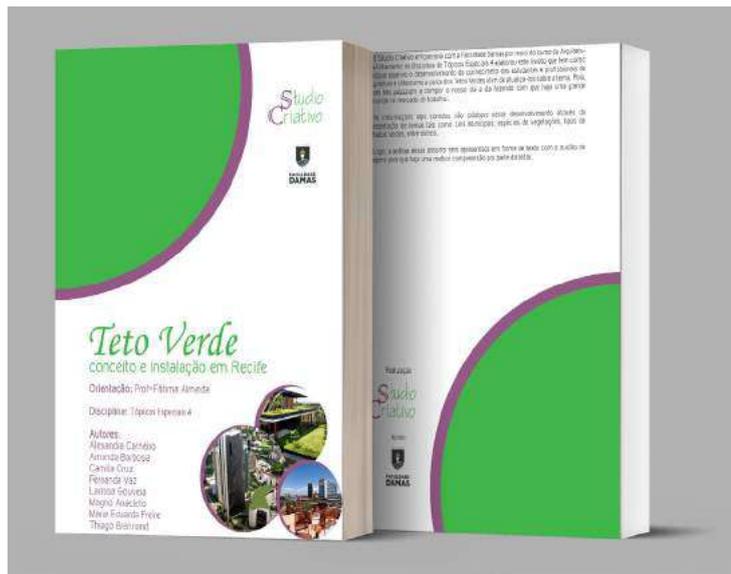


Figura 17 - Cartilha Informativa: Teto Verde: conceito e instalação em Recife. Fonte: Camila Cruz, 2020.

6. CONCLUSÃO

Com base na análise dos dados coletados por meio dos questionários se percebeu que a maioria dos profissionais entrevistados não trabalha com telhado verde, porém possuem conhecimento da Lei Nº 18112 de 12/01/2015. Contudo os dados coletados dos usuários mostram um maior equilíbrio ao abordar o meio pelo qual conheceu sobre tetos verdes mostrando assim o interesse dos residentes em Recife sobre telhado verde. Também com os usuários, foi unânime que o telhado verde tem influência na cidade por meio da redução da ilha de calor e nos valores estéticos. Não foi obtido respostas dos questionários pelos proprietários e empresas, porque devido ao cenário de pandemia não conseguimos ir aos estabelecimentos e empresas para conversar com proprietários e empresários pessoalmente e durante o processo de levantamento de informações sobre telhado verde. Houve dificuldade em ter retorno das empresas que trabalham nesse nicho mercadológico.

Diante da presente pesquisa, constatou-se que há um número reduzido de tetos verdes construídos na cidade do Recife após a vigência da Lei Municipal 18.112/2015, talvez por ela ser relativamente recente. Percebeu-se também, que não houve possibilidade de constatar o impacto gerado nos projetos de

edificações abrangidos por essa lei, pois não se pode quantificar os projetos em tramitação a serem aprovados na prefeitura, porém, constatou-se que, é de fundamental importância a conscientização de profissionais da área sobre o papel telhado verde nas edificações e na paisagem urbana desde a sua formação acadêmica à prática profissional.

Para favorecer a implantação de telhado verde, pode-se destacar algumas sugestões: o incentivo fiscal e divulgação associada à educação ambiental por parte do governo municipal; conhecimento da lei e da tecnologia a ser aplicada por parte dos profissionais. Esses profissionais, motivados, poderiam estimular os clientes, desde a concepção do projeto, na inclusão do telhado verde, independente das edificações estarem enquadradas ou não, na Lei Municipal 18.112/2015, possibilitando, assim, mais áreas verdes na cidade do Recife.

Depois da análise dos dados da pesquisa realizada na disciplina Tópicos Especiais 4, concluiu-se, a necessidade de criar um produto que ajudasse a divulgar mais o tema e para isso os alunos juntamente com a professora orientadora criaram uma Cartilha Informativa, material esse que é voltado para profissionais da área e público em geral.

7. REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

AECWEB. AECweb. Disponível em: <<https://www.aecweb.com.br/revista/materias/telhados-verdes-uma-floresta-de-vantagens/6079>>. Acesso em: março 2021.

BACELLAR, L. Fluxo Consultoria, 9 abril 2019. Disponível em: <<https://fluxoconsultoria.poli.ufrj.br/blog/reaproveitamento-de-agua/>>. Acesso em: março 2021.
BIANCHI, R. Arquitetura e Construção, 01 junho 2017. Disponível em: <<https://arquiteturaeconstrucao.abril.com.br/sustentabilidade/como-montar-o-seu-telhado-verde-usando-sistemas-prontos/>>. Acesso em: março 2021.

BRASIL, A. Ambiente Brasil, 16 junho 2019. Disponível em: <<https://noticias.ambientebrasil.com.br/redacao/2019/06/19/152571-telhados-verdes.html>>. Acesso em: março 2021.

COSTA, S. B. **Levantamento de custo e benefícios para a implantação de um sistema de telhado verde na cobertura impermeabilizada de uma edificação vertical**, 2018. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/140/o/LEVANTAMENTO_DE_CUSTO_E_BENEF%C3%8DCIOS_PARA_A_IMPLANTA%C3%87%C3%83O_DE_UM_SISTEMA_DE_TELHADO_VERDE_NA_COBERTURA_IMPERMEABILIZADA_DE_UMA_EDIFICA%C3%87%C3%83O_VERTICAL.pdf>. Acesso em: março 2021.

FRANCO, J. T. ArchDaily, 08 fevereiro 2020. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/910310/telhados-verdes-quais-sao-as-camadas-e-como-impermeabiliza-los-usando-membranas-liquidadas>>. Acesso em: março 2021.

MATA, S. D. Sitio da Mata, 9 agosto 2019. Disponível em: <<https://sitiodamata.com.br/blog/dicas/como-fazer-telhado-verde-e-quais-plantas-usar/>>. Acesso em: março 2021.

RECIFE, P. D. Diário Oficial da Prefeitura do Recife, 13 janeiro 2015. Disponível em: <<http://www.recife.pe.gov.br/diariooficial-acervo/exibemateria.php?cedicacodi=5&aedicaano=2015&ccadercodi=2&csecaocodi=49&cmatercodi=1&QP=&TP=>>>. Acesso em: março 2021.

SOUZA, E., 01 abril 2020. Disponível em: <<https://www.folhape.com.br/sabores/cais-rooftop-e-restaurant-com-vista-privilegiada/126751/>>. Acesso em: março 2021.

SUSTENTARQUI. SustentArqui, 12 fevereiro 2014. Disponível em: <<https://sustentarqui.com.br/vantagens=-e-desvantagens-de-um-telhado-verde/#:~:text=1%2D%20Diminui%20a%20polui%C3%A7%C3%A3o%20e,o%20isolamento%20t%C3%A9rmico%20da%20edifica%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: março 2021.

WEB, E. N. Engenheiro na Web, 2017. Disponível em: <<https://engenheironaweb.com/2017/07/29/como-montar-um-telhado-verde/>>. Acesso em: março 2021.

PROJETO DE ARQUITETURA 3

A disciplina PA 3, cujo objetivo geral é projetar edifícios institucionais voltados para a educação e especificamente, introduzir no exercício do projetar conceitos e leis relativos à temática educacional teve a oportunidade de desenvolver em nível de média complexidade um Projeto legal para o bairro da Torre, seguindo procedimentos projetuais que tiveram início com uma visita virtual à RPA-4 (Região político- administrativa, quatro), da cidade do Recife para entender da necessidade real desse tipo de projeto.

A análise dos dados estatísticos da RPA-4 apontou que o bairro da Torre, seria o mais indicado pela carência de uma edificação institucional daquele porte e guiados por conceitos e pedagogias de ensino foram elaboradas oficinas virtuais, em tempo real, para os estudos de forma e espaço com representação gráfica (esboços e perspectivas) e volumétrica (maquetes em sabão) ao mesmo tempo que de modo discursivo eram transmitidos conceitos teóricos sobre a prática de projeção em arquitetura, da legislação vigente e de que maneira poderia interagir o projeto com as demais disciplinais do eixo horizontal e/ou do vertical do curso.

As propostas apresentadas demonstraram uma versatilidade de criação formal e espacial, auxiliadas pelas disciplinas de Conforto, Desenho arquitetônico, Matemática e Instalações Elétricas e Hidro-sanitárias as quais sinalizam o aprendizado da Etapa – Projeto Legal e da distinção do que é um Projeto Institucional para a educação.

Professora: Ms. Maria Luiza de Lavor

PROJETO INSTITUCIONAL - EDUCAÇÃO E CULTURA: PROCEDIMENTOS PROJETUAIS.

Amanda Maria Barbosa da Silva

Graduanda do 4º período do curso de Arquitetura e Urbanismo da
Faculdade Damas da Instrução Cristã, Recife-PE.
E-mail: 1616201922001@faculdedamas.edu.br.

Camila Brito da Cruz

Graduanda do 4º período do curso de Arquitetura e Urbanismo da
Faculdade Damas da Instrução Cristã, Recife-PE.
E-mail: camilabritocruz@gmail.com.

Maria Luiza de Lavor

Mestre em Desenvolvimento Urbano. Professora do curso de
Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Damas da Instrução Cristã,
Recife-PE. E-mail: maria.luiza@faculdedamas.edu.br.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo trata dos procedimentos projetuais de dois edifícios institucionais voltados à educação e à cultura, desenvolvido em nível de Projeto, na disciplina de Projeto Arquitetônico III do curso de arquitetura e urbanismo da Faculdade Damas da Instrução Cristã para a RPA 4 – Região Política Administrativa 4, da cidade do Recife. A RPA 4 é composta por doze bairros: Cordeiro, Ilha do Retiro, Iputinga, Madalena, Prado, Torre, Zumbi, Engenho do Meio, Torrões, Caxangá, Cidade Universitária e Várzea. Inicialmente, por meio do mapeamento dos equipamentos existentes nessa região, optou-se pelo bairro da Torre, o qual está localizado na Zona Norte do Recife (Figura 1), visto que há uma carência de edifícios culturais e de lazer neste local.



Figura 1 – Mapa do bairro da Torre com equipamentos
Fonte: ESIG Recife, acesso: 2020

De acordo com Semira Adler Vainsencher, Pesquisadora da Fundação Joaquim Nabuco (Recife, 17 de julho de 2003), as terras que hoje compõem o bairro da Torre, eram sesmarias que permaneceram abandonadas por um bom tempo, até que no fim século XVI foram adquiridas pelo colono português Marcos André que fundou ali um engenho de cana de açúcar. No entanto, o engenho foi invadido pelos holandeses, que construíram ali uma grande fortaleza; porém, assim que foram derrotados, o capitão Antônio Borges Uchoa, descendente de Marcos André, além de restaurar o engenho, também construiu uma ponte para facilitar a comunicação entre suas terras; ponte essa existente até hoje, conhecida como ponte d`Uchoa. Esse engenho permaneceu bastante tempo na família até ser trocado pelo engenho Moreno, em Jaboatão; desde então, passou a pertencer a família Campelo até a sua extinção. Além disso, vale ressaltar que o nome "torre" se deu graças a antiga capela do engenho. Outrossim, de acordo com Rodrigo Cantarelli, Arquiteto e Museólogo da Fundação Joaquim Nabuco (Recife, 11 de setembro de 2013), em 1884 foi fundada a fábrica da torre, a qual está estreitamente ligada ao processo de desenvolvimento desse bairro; isso porque diversas pessoas passaram a construir suas moradias ao redor da fábrica, surgindo as primeiras vilas operárias nesta região.

Atualmente, segundo o site da Prefeitura do Recife sobre o bairro da Torre, o mesmo possui uma área de 117 hectares, com cerca de 17.903 mil habitantes, sendo 94,9% da população, com dez anos ou mais, alfabetizada. Além disso, a média de moradores por domicílio é de 3,0 sendo o valor do Rendimento Nominal Médio Mensal dos Domicílios, em torno de R\$4.827,09. Outrossim, o bairro também é caracterizado pelo seu gabarito majoritariamente horizontal, pela população de baixa renda e pela pequena quantidade de instituições de

educação e cultura. Sendo assim, a partir dos estudos feitos com esses dados estatísticos, surgiu a ideia de projetar um Centro de Educação e Cultura com o objetivo de suprir a necessidade de uma população que carece de uma estrutura física onde seja possível unir a educação, através de cursos profissionalizantes, à cultura. O presente trabalho consiste principalmente em mostrar as etapas necessárias de concepção e desenvolvimento do Projeto, que é definido pelo CAU/BR como:

Etapa destinada à concepção e à representação das informações técnicas iniciais de detalhamento do projeto e de seus elementos, instalações e componentes, a ser realizada por profissional habilitado...” (CAU/BR).

2. PROJETO

Como visto na introdução o projeto seria para o bairro da Torre e com o uso do ESIG foram mapeados os terrenos viáveis para a implantação do projeto, ver (Figura 1), e o terreno escolhido foi selecionado com base em critérios que levavam em conta a necessidade do bairro (Figura 2)

Critérios	A	B	C	D	E
1- Próximo a população usuária	✓	✓	✓	✗	✗
2- Acessível à população usuária	✓	✗	✓	✗	✗
3- Pontos de referência	✓	✓	✗	✗	✓
4- Visibilidade	✓	✗	✓	✗	✗
5- Dimensão	✓	✗	✗	✗	✓

✓ - atende aos critérios
✗ - não atende aos critérios

Figura 2 – Tabela: Critérios De Seleção Do Terreno
Fonte: Produzido pelas autoras, 2020

Ao analisar a tabela criada para determinar qual terreno seria o escolhido optou-se pelo terreno “A” por atender todos os critérios estipulados para o projeto.

2.1. ANÁLISE DA LEI DE USO E OCUPAÇÃO DO SOLO (LUOS)

A primeira etapa do processo do projeto foi a escolha do terreno levando em consideração todos os critérios analisados e citados anteriormente. O terreno **A** selecionado, é terreno de esquina que proporciona melhor acesso da população do bairro e do entorno. Então foi necessário entender a Lei de Uso e Ocupação do Solo (LUOS), no que tange a seus afastamentos e porcentagens de solo natural para uma construção não-habitacional e saber o cálculo para vagas de estacionamento adequados para a área selecionada.

Portanto a LUOS em seu artigo 66 informa o seguinte sobre solo natural:

Na ZUP 1, a Taxa de Solo Natural será de 25% (vinte e cinco por cento), admitindo-se uma parte tratada com revestimento permeável, desde que sejam preservadas as árvores existentes, na

proporção de 10 m² (dez metros quadrados) por árvore, não podendo o somatório dos valores correspondentes às árvores exceder a 5% (cinco por cento) da área total do terreno” (PREFEITURA DO RECIFE/LUOS).

A ZUP significa Zona de Urbanização Preferencial, que são zonas que possibilitam alta e médio potencial construtivo de acordo com condições de infraestrutura e paisagística, e no caso do bairro da Torre se encontra na ZUP 1 que indica alto potencial construtivo. Portanto, para o projeto ser aprovado na Prefeitura do Recife, o arquiteto tem que ter pensado e deixado livre 25% da área do terreno de solo natural.

Outro item analisado e que ajudou na implantação do projeto no terreno foi o Anexo 10 da LUOS que determina os afastamentos da construção dos limites do terreno (Figura 3).

ZONAS	PARÂMETROS URBANÍSTICOS					REQUISITOS ESPECIAIS
	TSN	μ	AFASTAMENTO INICIAL MÍNIMO (Afi)			
			FRONTAL	LATERAL E FUNDOS		
				Edif. <= 2 Pavt.	Edif. > 2 Pavt.	
ZONAS DE URBANIZAÇÃO						
ZUP 1	25	4,00	5,00	nulo/1,50	3,00	A,B,C,D
ZUP 2	50	3,00	7,00	nulo/1,50	3,00	A,C,E
ZUM	20	2,00	5,00	nulo/1,50	3,00	A,B,C,D
ZUR	70	0,50	5,00	nulo/1,50	3,00	A,B,C,D
ZONAS ESPECIAIS DE CENTRO						
ZECP	20	7,00	nulo	nulo/1,50	nulo/3,00	A,B,C,D,F
ZECS	20	5,50	nulo	nulo/1,50	nulo/3,00	A,B,C,D,F
ZECM	20	5,50	5,00	nulo/1,50	3,00	A,B,C,D

Figura 3 – Parâmetros urbanísticos
Fonte: Anexo 10 da LUOS, 2008

Como mostrado na Figura 3, que apresenta o terreno escolhido (Figura 4), os afastamentos da ZUP1 são 5 metros de frente e 1,5 metro nas laterais e fundos. Como o terreno é de esquina então ele possui duas frentes e dois fundos e não possui laterais. Então, os afastamentos frontais de 5 metros são que estão voltados para as ruas de acesso e os afastamentos de 1,5 metro de fundo são os que estão ao lado dos muros das construções vizinhas.

Entretanto, observando na lei os requisitos especiais para a área do terreno, percebeu-se condições que permitiam outras implantações para a construção sem que seja no centro do terreno. Um dos requisitos é que se a edificação tiver até 2 pavimentos o projetista pode colar a construção nas divisas laterais e/ou de fundos seguindo algumas condições tais como: se colar a construção em duas divisas laterais deve - se manter um afastamento de no mínimo 3 metros da divisa de fundos, se colar em uma divisa de fundo e uma lateral deve - se respeitar o afastamento mínimo de 1,50m na outra divisa lateral e a altura da construção colada não pode exceder 7,50 metros a partir do nível do meio fio. Outros requisitos especiais para o terreno escolhido são: edificações com mais de dois pavimentos poderão colar nas divisas laterais e/ou de fundo, contudo os dois primeiros pavimentos tem que atender as regras para dois pavimentos;

para as edificações com até 2 pavimentos e não estarem coladas nas divisas de fundo e laterais e se apresentarem vãos abertos ter afastamento mínimo de 1,5 metro para essas divisas; e por último para as edificações com mais de 2 pavimentos que não colarem nas divisas também vai se aceitar para os dois primeiros pavimentos afastamentos mínimos de 1,5 metro.

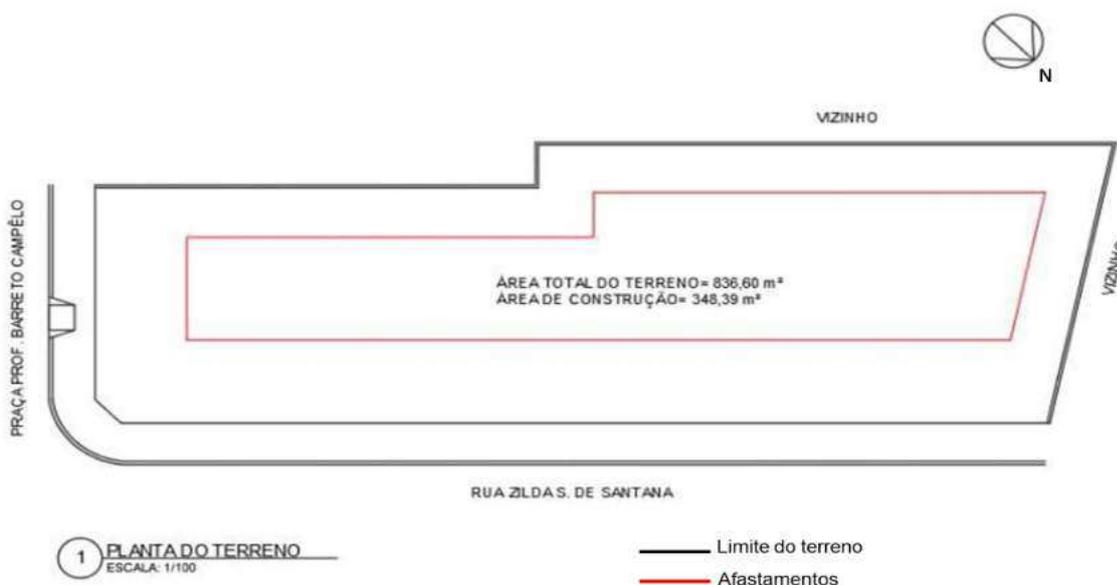


Figura 4 – Terreno com os recuos
 Fonte: Produzido pelas autoras em 2020

Na figura 4 a linha preta é o limite do terreno, enquanto a linha vermelha são os limites dos afastamentos informados na LUOS. Portanto, a área delimitada pelas linhas vermelhas é o que está habilitado para construir.

Outro item utilizado da LUOS foi o Anexo 8 para o cálculo do número de vagas de estacionamento. No Anexo é indicada para construções não-habitacionais, voltadas para a área de cultura, 1 veículo a cada 60 m², para terrenos que não estão nos corredores de transporte urbano principal ou secundários.

2.2. ESTUDO DE FORMA DO ANTEPROJETO

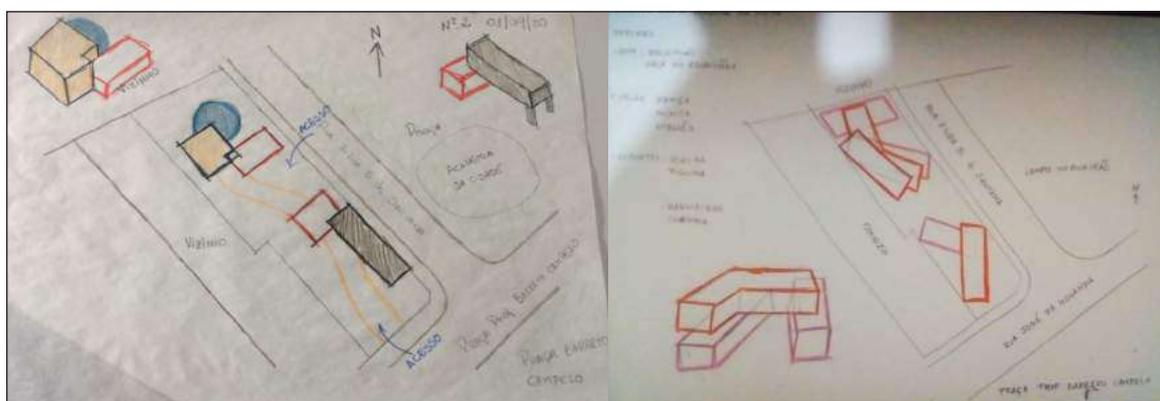


Figura 5 – Terreno com os recuos e implantação
 Fonte: Produzido pelas autoras, aulas de laboratório, 2020

Nesta etapa da concepção do projeto foram realizados vários estudos compositivos de forma e implantação. A Figura 5 ilustra exemplos dos estudos geométricos nos quais se percebe o uso da forma idealizada para os projetos: a forma quadrada com suas variantes. Como já visto em outras disciplinas a forma e o volume são importantes como meio de comunicação e de força no local onde estão inseridos. Com isso, foram utilizados os conceitos de Francis Ching para forma e volume. Para Ching (2016, p. 34):

Forma sugere referência tanto à estrutura interna e ao perfil exterior quanto ao princípio que confere unidade ao todo. Enquanto forma frequentemente inclui um sentido de massa ou volume tridimensional, formato refere-se mais especificamente ao aspecto essencial da forma que governa sua aparência - a configuração ou disposição relativa das linhas ou contornos que delimitam uma figura ou forma. (CHING, 2016).

Com esse conceito buscamos entender qual a mensagem plástica que o quadrado (plano) e volume (cubo) transmitiriam para a paisagem do lugar como espaço institucional. Ching (2016) aponta que o cubo por ser um sólido prismático constituído de seis quadrados iguais e por todos os ângulos serem iguais também, resulta em uma forma estática e estável e só perde sua estabilidade quando apoiado em uma de suas arestas ou lados, contudo a forma dele é altamente reconhecida.

Como o cubo deriva do quadrado, ele traz as características do mesmo e Ching (2016, p.41) aponta quais características o quadrado possui e suas derivações:

O quadrado representa o puro e o racional. É uma figura estática e neutra, não tendo nenhuma direção dominante. Todos os outros retângulos podem ser considerados variações do quadrado - desvios de norma pelo acréscimo de altura ou largura. Como o triângulo, o quadrado é estável quando repousa sobre um de seus lados, e dinâmico quando apoiado em um de seus vértices” (CHING, 2016).

Com a intenção de criar um Centro Cultural que transmitisse a sensação de segurança, de estabilidade, percebe-se nas maquetes de volumetria, abaixo, a predominância da forma quadrada. Pois a intenção era mostrar à comunidade local que seria um projeto seguro, estável de força plástica, um novo na paisagem e na esquina. Enfim, que fosse visto.



Figura 6 – Maquetes volumétricas – de 2 Anteprojetos
Fonte: Produzido pelas autoras em aulas de laboratório, 2020

2.3. AÇÕES CLIMÁTICAS: VENTILAÇÃO E INSOLAÇÃO

Estudou-se também às ações climáticas de insolação e ventilação do terreno para que fosse determinado a localização dos ambientes de acordo com a incidência de sol e vento, bem como quais seriam as aberturas e ações que deveriam ser realizadas na concepção do projeto para permitir que esses elementos fossem usados de forma favorável e natural, sem a necessidade de uso mecânico, principalmente na ventilação. Com isso, foi preciso ir buscar em Armando de Holanda (2018), *Roteiro para construir no Nordeste*, técnicas e formas para se construir de maneira favorável ao clima local.

Uma das recomendações que Armando de Holanda indica para o clima do Nordeste é recuar as paredes, pois com isso elas ficam protegidas do sol, do calor, das chuvas e da umidade, criando assim uma área externa mais agradável e com sombra por conta da projeção da cobertura. Outra recomendação é vaziar os muros pois eles filtram a luz, mas deixam a brisa penetrar no espaço. O autor recomenda o uso do Cobogó - elemento construtivo criado no Nordeste - adequado para o clima do mesmo, que pode assumir uma gama de configurações no projeto contribuindo para a estética do mesmo.

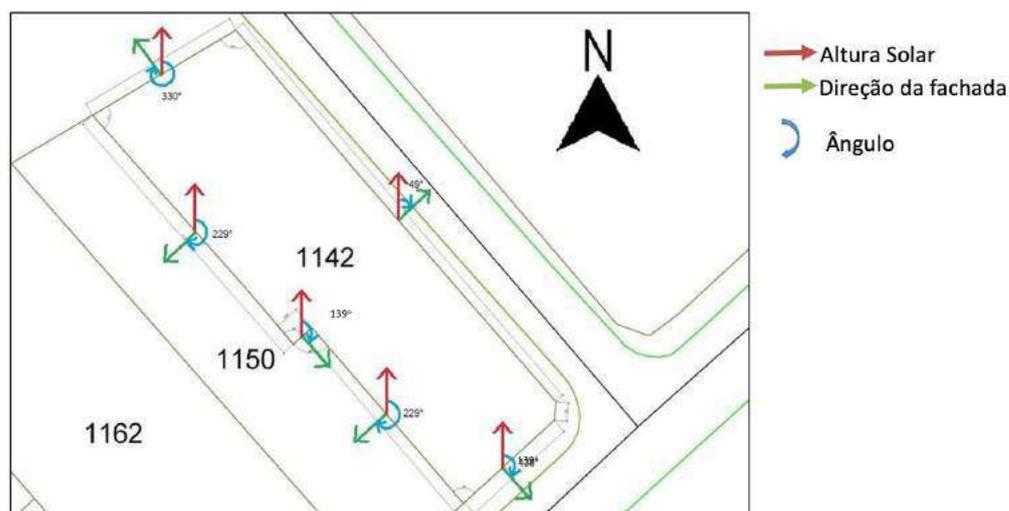


Figura 7 – Estudo de insolação e ventos do terreno
Fonte: Produzido pelas autoras, 2020

Como observado na Figura 7 foi feito o estudo de insolação e de ventos no terreno como atividade da disciplina de Conforto Ambiental I, a qual possibilitou saber quais as divisas com maior ventilação, as que recebem maior incidência de sol e que necessitam de maior cuidado seja na produção de sombras ou de recuos para que o ambiente se torne confortável e agradável. O cálculo desses dados foi feito por meio de um programa chamado Sol-Ar[®] da Universidade Federal de Santa Catarina, o qual permite que se possa medir a insolação nas fachadas ou divisas do terreno. Com essa informação em mãos é possível saber quais divisas são nascente e poente, e como o movimento aparente do sol vai influenciar na disposição do projeto no terreno.

2.4. ESTUDO DE CASO E PROGRAMA

Em uma das etapas do anteprojeto, foi requisitado aos alunos que realizassem um estudo de caso acerca do tema; esse estudo nada mais era que uma investigação sobre projetos já existentes; sendo assim, os exemplos apresentados foram analisados para que através deles se pudesse compreender melhor os ambientes. Entre os projetos investigados cita – se o Centro Educacional Unificado: CEU Santo Amaro, (Iniciação - Revista de Iniciação Científica, Tecnológica e Artística - Vol. 6 no 2 - novembro de 2016).

O projeto desenvolvido para o Centro Educacional Unificado CEU Santo Amaro se destina a educação escolar de crianças de até 5 anos de idade e a atividades culturais e esportivas abertas para a população. (GONÇALVES; FIALHO, 2016).

Vale ressaltar que, no caso do Centro Educacional Unificado: CEU Santo Amaro, foram desenvolvidos dois projetos, o que deu possibilidade à criação de uma análise comparativa entre eles, como é possível observar na Figura 8.

		QUADRO DE ANÁLISE	
ITEM	CASOS	A	B
IMPLANTAÇÃO		GRANDE PARTE DO TERRENO OCUPADO	PEQUENA PARTE DO TERRENO OCUPADO
RELAÇÃO COM A PAISAGEM		PAISAGEM AGRADÁVEL	PAISAGEM COSNTRUÍDA
		VISIBILIDADE DOS PONTOS DE REFERÊNCIA	SEM VISIBILIDADE DOS PONTOS DE REFERÊNCIA
		INTEGRAÇÃO AO BLOCO	SEM INTEGRAÇÃO AO BLOCO
RELAÇÃO COM O LOTE		IDEM IMPLANTAÇÃO	IDEM IMPLANTAÇÃO
RELAÇÃO COM OUTROS ELEMETOS ARQUITETÔNICOS		POSSUI RELAÇÃO COM OS OUTROS ELEMENTOS	NÃO POSSUI RELAÇÃO COM OS OUTROS ELEMENTOS
ACESSOS E PERCUSOS		FÁCIL ACESSO (RAMPA – ELEVADO; PASSARELA) E POR MEIO DA RUA	FÁCIL ACESSO PELA RUA
ORDEM EXTERIOR		ORDEM DINÂMICA COM DOIS BLOCOS DE FORMAS DIFERENTES E TAMANHOS DIFERENTES	ORDEM HORIZONTAL COMPOSTA POR TRÊS BLOCOS MODULADOS

Figura 8 – Quadro de análise Comparativa
Fonte: Produzido pelas autoras

Além disso, durante a análise desses estudos de caso, foi possível observar seus programas de atividades que serviram de base para o desenvolvimento de um programa destinado ao Centro de Educação e Cultura da Torre.

Administração	Áreas	Esporte	Áreas
Recepção:	7.5 m ²	Piscina:	12,50 m ²
Diretoria:	15m ²	Vestiário:	30m ²
Secretaria:	15 m ²	Total:	42.5 m²
Sala de reunião:	30 m ²	Apoio	Áreas
Almoxerifado:	30 m ²	Cantina:	30 m ²
banheiro:	15 m ²	DML:	4 m ²
Total:	112.5 m²	Total:	34 m²
Educação	Áreas	Cultura	Áreas
Salas de música:	60 m ²	Biblioteca:	80 m ²
Ateliês:	60 m ²	Auditório:	100 m ²
Salas de dança:	60 m ²	total:	180 m²
Salas de Aula:	40 m ²	Área total da construção:	589 m²
Total:	220 m²		

Figura 9 – Programa.

Fonte: Produzido pelas autoras, 2020

2.5. METODOLOGIA PEDAGÓGICA DE ENSINO

Para o desenvolvimento e definição do programa, também houve a necessidade de estabelecer qual seria a metodologia de ensino adotada por cada projeto; pois, cada programa deve adaptar-se ao tipo de ensino escolhido. Logo, para maior entendimento sobre a temática, metodologias de ensino, houve a necessidade de buscar informações acerca do tema.

Sendo assim, ao ser pesquisado no site FM2S, o post de Guilherme Mendes que fala sobre metodologia de ensino cita a seguinte frase:

*A palavra **metodologia** é uma derivação da palavra "método" (do Latim "methodus"), cujo significado, que tem origem latina é "caminho ou via para realização de algo." Já a palavra "metodologia", consiste no campo que estuda os melhores métodos praticados (MENDES, 2020).*

Logo, a metodologia trata-se do estudo do método. No entanto, essa palavra pode ter diferentes usos; no caso da pedagogia, ela refere-se ao estudo da melhor forma de se transmitir conhecimento. Entre as metodologias pedagógicas existentes, pode-se citar a Metodologia de Waldorf, que tem como foco a formação de um cidadão não só no aspecto intelectual, mas também em seu aspecto físico e emocional; e a Metodologia de Paulo Freire na qual o diálogo aparece como norteador no processo de aprendizagem.

A partir da escolha da metodologia, iniciou-se o processo de desenvolvimento do Centro de Educação e Cultura da Torre, visto que, tanto a forma como o programa deveriam estar de acordo com a metodologia escolhida; pois dessa maneira, o espaço pode ter as condições necessárias para que ela possa ser posta em prática.

3. PROPOSTAS

Etapa de produção das pranchas dos Projetos Institucionais, objeto da disciplina.

O primeiro projeto, denominado Fábrica de Cultura da Torre, ilustrará os resultados do método descrito neste artigo e se baseou na metodologia de ensino de Paulo Freire, que tem como objetivo promover uma troca entre professores e alunos e, portanto, não tem uma formação de salas com o professor na frente ensinando e o ensinamento é com base nas experiências reais e que os alunos irão enfrentar no dia a dia. Com isso, o projeto foi pensado que as salas seriam no primeiro pavimento onde teria uma sala de dança e música para que os alunos pudessem aprender e experimentar sobre o tema. E o outro bloco de salas seria um grande vão, onde as divisórias seriam estantes ou estruturas móveis que fossem capazes de formar salas menores ou maiores, na intenção de integrar as turmas ou os assuntos ensinados de forma a promover a troca de experiências. Como foi criado um espaço de ateliê foi pensando em ter nas paredes voltadas para o poente panos de cobogós que permitissem o sombreamento permeável e a eliminação de odores químicos. No térreo ficou a área administrativa e área de convivência e para ligar os dois blocos foi concebido um jardim interno visto do primeiro pavimento, coberto por uma claraboia elevada permitindo a entrada de luz, de vento e da própria chuva na área como forma de refrescar os ambientes em tempos mais quentes. O projeto pode ser observado nas Figuras 10, 11, 12 e 13.

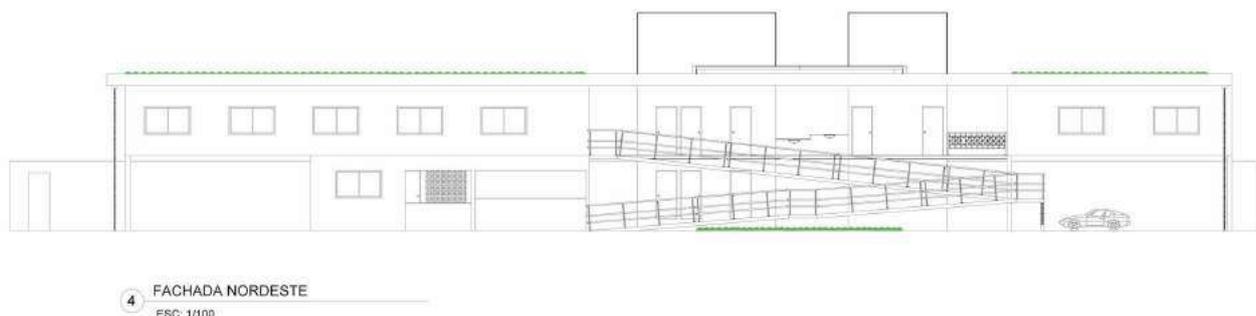


Figura 10 - Fábrica de Cultura da Torre – Fachada.
Fonte: Produzido por Camila Cruz, 2020

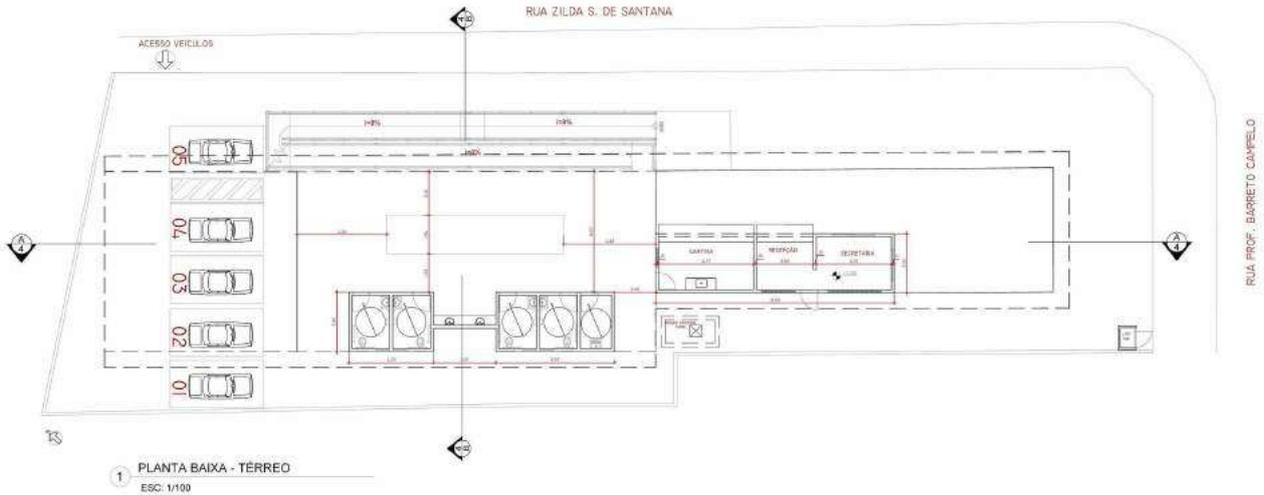


Figura 11 - Fábrica de Cultura da Torre - Planta Baixa Térreo
 Fonte: Produzido por Camila Cruz, 2020

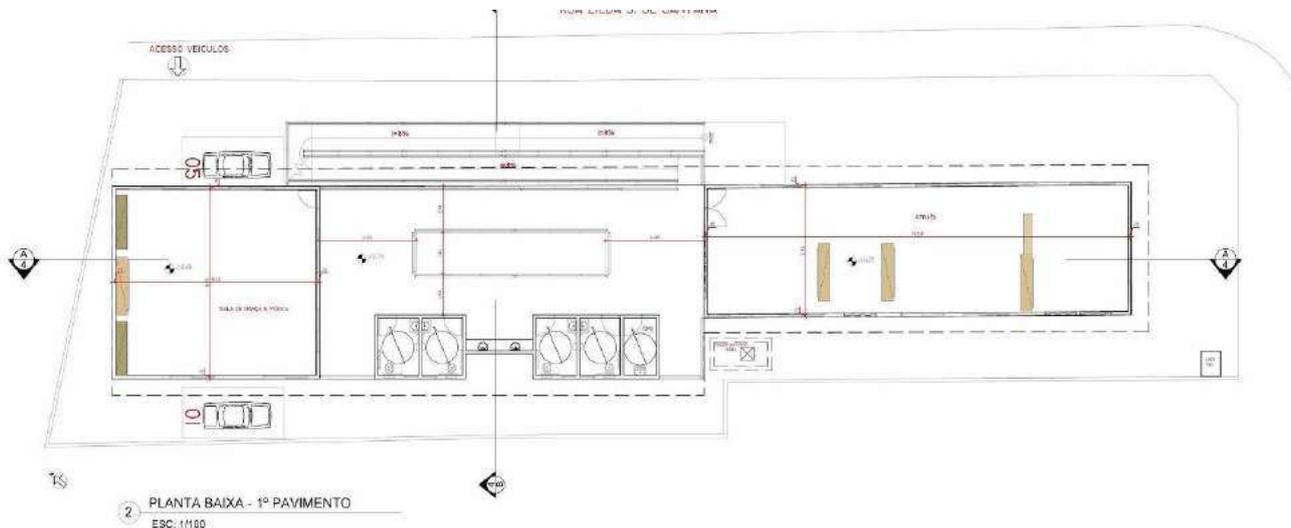


Figura 12 - Fábrica de Cultura da Torre - Planta Baixa 1º Pavimento
 Fonte: Produzido por Camila Cruz, 2020

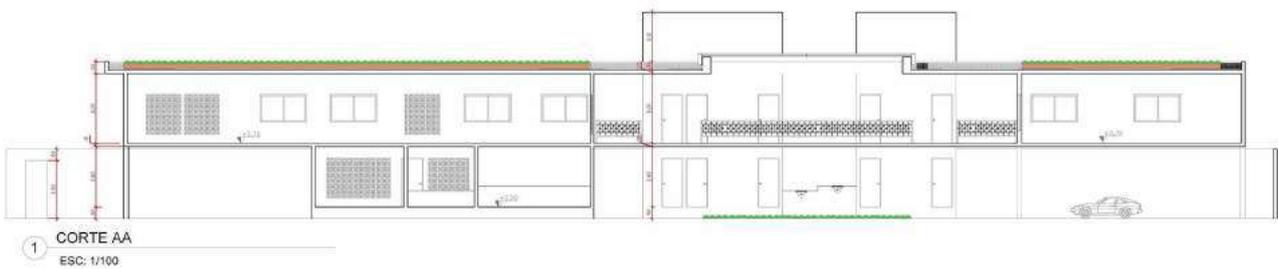


Figura 13 - Fábrica de Cultura da Torre - Corte
 Fonte: Produzido por Camila Cruz, 2020

No segundo projeto, optou-se pela utilização da metodologia de Waldorf. Sendo assim, o Centro de Educação e Cultura da Torre deveria atender a um ensino focado no físico, emocional e intelectual. Logo, o programa deveria englobar

salas de danças, onde podem ser realizadas aulas que exercitem o corpo; Além de um auditório, que servirá não só para a apresentação de trabalhos realizados pelos estudantes, como também poderiam receber palestrantes, como psicólogos, que pudessem tratar de temas emocionais frequentes na sociedade. Ainda assim, o aprendizado não será deixado de lado, uma vez que, por se tratar de um bairro carente, há uma necessidade de fazer com que essa população entre no mercado de trabalho; por isso, algumas das salas estão destinadas ao ensino de cursos profissionalizantes.

Além disso, a forma do projeto também recebeu grande influências da metodologia adotada, visto que, por se tratar de método que visa uma interação entre as pessoas em si e também com o ambiente; foi necessário que as salas estivessem posicionadas de tal modo que a circulação entre uma sala e outra pudesse ser realizada por meio de uma área de convivência, forçando o contato entre as pessoas. Além disso, de diversas partes do edifício, é possível ter uma vista para o exterior, fazendo com que o Centro de Educação e Cultura da Torre se conecte ao bairro. Portanto, durante a primeira parte de concepção do Projeto, foi possível chegar a seguinte forma:



Figura 14 – Centro de Educação e Cultura da Torre - Perspectiva
Fonte: Produzido por Amanda Barbosa, 2020

No entanto, essa forma foi modificada devido aos diversos estudos realizados com o intuito de alcançar o objetivo proposto pela metodologia, além de atender às exigências legais e técnicas. A proposta do Anteprojeto pode ser observada nas Figuras abaixo: 15 e 16, 17, 18 e 19.

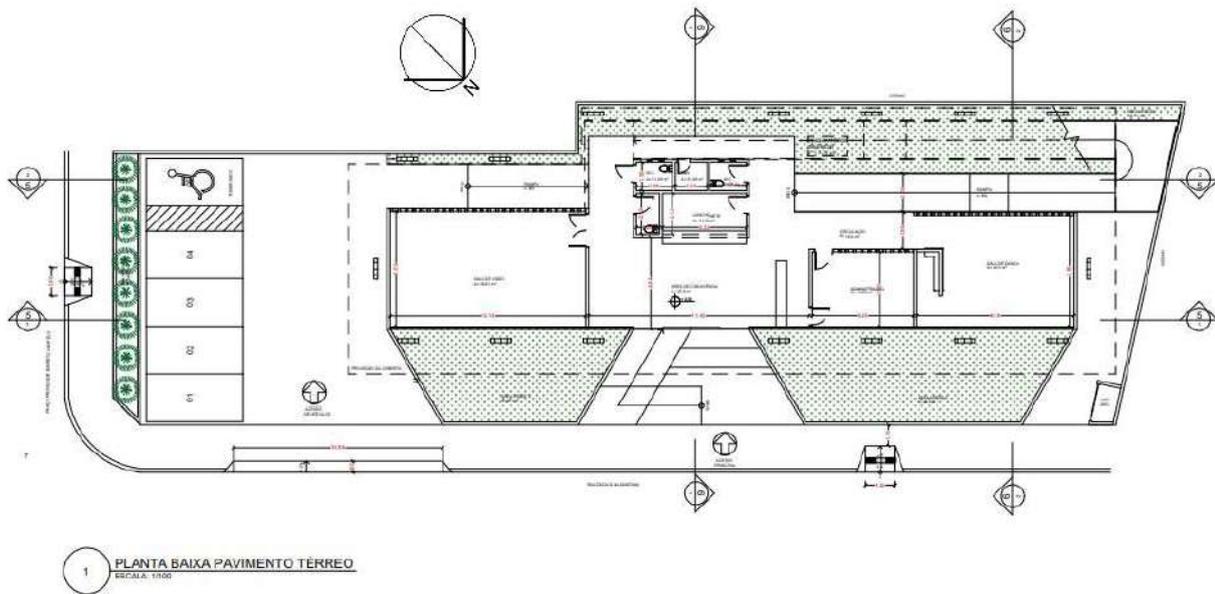


Figura 15 – Centro de Educação e Cultura da Torre - Planta baixa – Pavimento térreo
 Fonte: Produzido por Amanda Barbosa

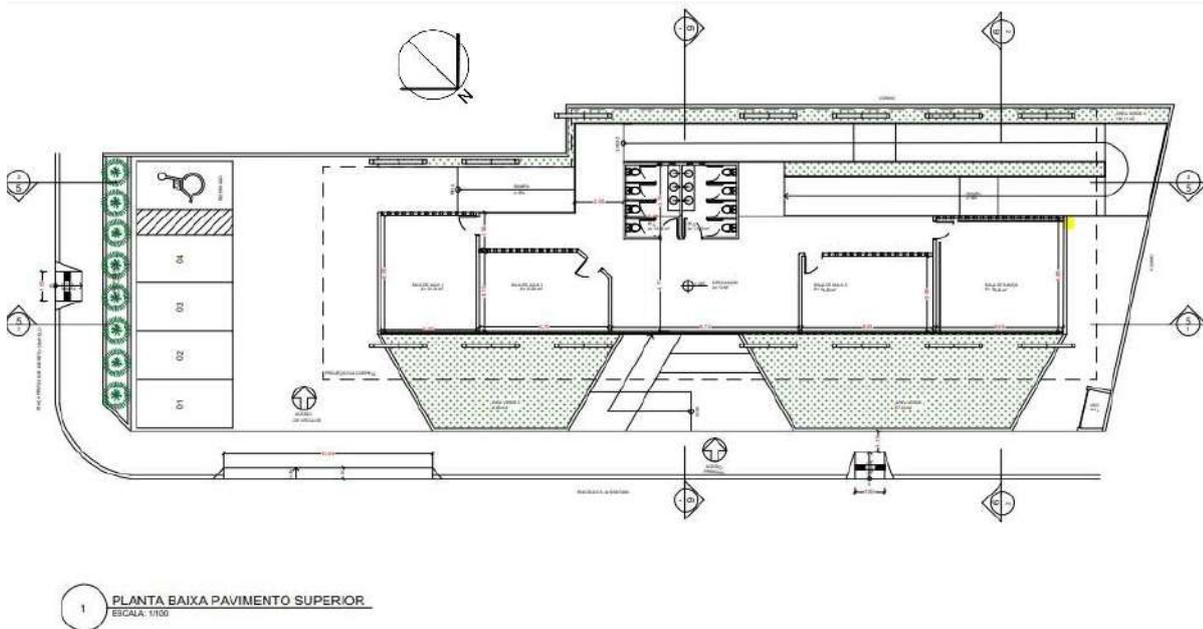


Figura 16 – Centro de Educação e Cultura da Torre - Planta baixa – Pavimento superior
 Fonte: Produzido por Amanda Barbosa, 2020

Para melhor entendimento, também é possível observar na figura 17, alguns dos cortes realizados nesse projeto.

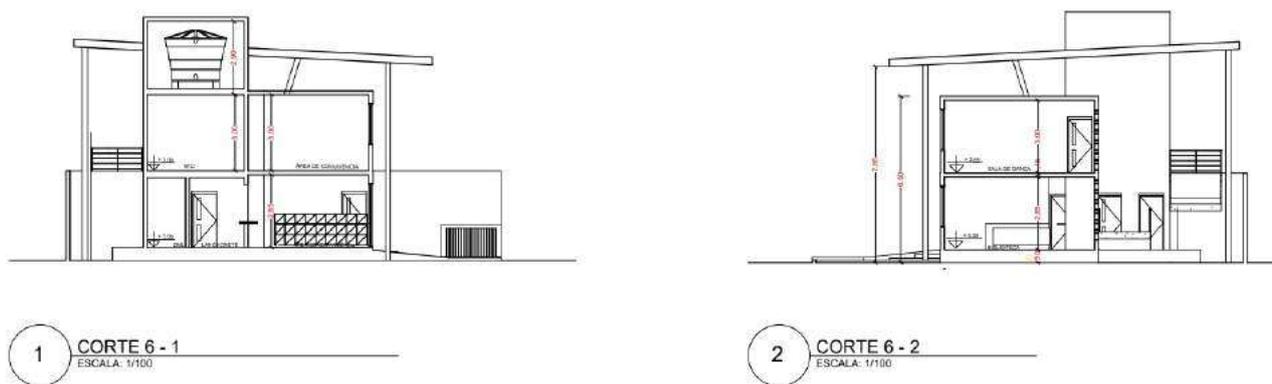


Figura 17 – Centro de Educação e Cultura da Torre - Cortes
 Fonte: Produzido por Amanda Barbosa, 2020

4. CONCLUSÃO

Após a apresentação dos projetos desenvolvidos, nota – se que, mesmo partindo de um só princípio, cada ideia é intrinsecamente distinta uma da outra; essas diferenças estão ligadas não só a escolha da metodologia, mas também a visão que cada um tem do espaço; pois cada arquiteto ao elaborar sua concepção, tem em mente uma intenção. No entanto, são essas diferentes concepções que mostram o quão encantador é a arte de projetar, visto que as inúmeras possibilidades encontradas fazem com que cada proposta seja única.

É dessas diferenças que as cidades possuem uma variedade de construções que formam sua identidade arquitetônica com o passar de gerações e estilos, sendo nessa variedade um modo de contar a história das pessoas por meio de seus edifícios e de seus idealizadores.

5. REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

Ching, Francis D.K. **Arquitetura, forma, espaço e ordem** - 4ª ed., São Paulo, Martins Fontes, 2016

Holanda, Armando de. **Roteiro para construir no Nordeste: Arquitetura como lugar ameno nos trópicos ensolarados** - 3ªed., Recife, 2018

Cavalcanti, Carlos Bezerra - **O Recife e seus bairros** - 8ª ed., Recife, Poço Cultural, 2016

CANTARELLI, R. **Fundação Joaquim Nabuco**, 11 setembro 2013. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&id=984:fabrica-da-torre-recife-pe>. Acesso em: março 2021.

CAU-BR. CAU-BR. Disponível em: <<https://www.caubr.gov.br/projetocompleto/home/conceitos/>>. Acesso em: março 2021.

MARINA, L. Passei Direto, 2015. Disponível em: <<https://www.passeidireto.com/arquivo/35831099/metodologia-freiriana>>. Acesso em: março 2021.

MENDES, G. fm2s, 6 junho 2020. Disponível em: <<https://www.fm2s.com.br/metodologia/#:~:text=Metodologia%20de%20Ensino,tamb%C3%A9m%20os%20recursos%20%C3%A1udio%20visuais>>. Acesso em: março 2021.

RECIFE, P. D. Prefeitura do Recife. Disponível em: <<http://www2.recife.pe.gov.br/servico/sobre-rpa-4?op=NzQ0MQ==>>. Acesso em: março 2021.

RECIFE, P. D. Prefeitura do Recife. Disponível em: <<http://www2.recife.pe.gov.br/servico/torre?op=NzQ3Ng==>>. Acesso em: março 2021.

RECIFE, P. D. Prefeitura do Recife. Disponível em: <<https://www.recife.pe.gov.br/pr/leis/luos/soloZUP.html>>. Acesso em: março 2021.

RECIFE, P. D. Prefeitura do Recife. Disponível em: <https://www.recife.pe.gov.br/pr/leis/luos/solocapitulo_iv__da_ocupa_o_do_solo.html>. Acesso em: março 2021.

RECIFE, P. D. Prefeitura do Recife. Disponível em: <<https://www.recife.pe.gov.br/pr/leis/luos/solountitled00000054.html>>. Acesso em: março 2021.

RECIFE, P. D. Prefeitura do Recife. Disponível em: <https://www.recife.pe.gov.br/pr/leis/luos/soloRequisitos_de_Estacionamento_par.html>. Acesso em: março 2021.

VAINSENER, S. A. Fundação Joaquim Nabuco, 17 julho 2003. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=179&Itemid=1>. Acesso em: março 2021.

ZANELLA, L. C. H., 2013. Disponível em: <http://arquivos.eadadm.ufsc.br/EaDADM/UAB_2014_2/Modulo_1/Metodologia/material_didatico/Livro%20texto%20Metodologia%20da%20Pesquisa.pdf>. Acesso em: março 2021.

GONÇALVES, R. M.; FIALHO, V. C. S. Centro Educacional Unificado - Revista de Iniciação Científica, Tecnológica e Artística Edição Temática em Comunicação, Arquitetura e Design, Vol. 6 nº 2, 2016. Disponível em: <https://silو.tips/download/centro-educacional-unificado-ceu-santo-amaro>. Acesso em: março 2021

METODOLOGIA CIENTÍFICA

A disciplina Metodologia Científica, ministrada pela Profa. Dra. Winnie Emily Fellows, no 6º período do Curso de Arquitetura e Urbanismo busca habilitar o aluno a identificar e compreender a construção de diversos tipos de trabalho científico, entre os quais, resumos, resenhas, artigos, dissertações e teses. A construção de um artigo no modelo definido pela ARCHITECTON - Revista de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Damas, foi solicitada como trabalho final para a turma de 2020.2. Com tema livre, o artigo deveria proporcionar ao aluno a oportunidade de mostrar os conhecimentos adquiridos na disciplina, em especial o conhecimento de como produzir e divulgar uma pesquisa através desse tipo específico de trabalho científico. Os temas escolhidos foram os mais diversos: a) evolução dos elementos arquitetônicos e litúrgicos, através da análise em duas igrejas católicas na cidade do Recife (Igreja São Pedro dos Clérigos, século XVIII, no centro da cidade, e Igreja Matriz de Nossa Senhora de Fátima, século XX, no bairro de Boa Viagem); b) a arquitetura no sertão pernambucano à luz dos princípios pós-modernistas, através da análise do projeto Academia Escola Unileão do escritório Lins Arquitetos Associados, que une a arquitetura vernacular aos princípios da corrente pós-modernista; c) a cidade e a zona rural de Pernambuco vistas pelo olhar do cineasta Cláudio Assis em dois dos seus filmes, Amarelo Manga (2003) e Baixio das Bestas (2006); d) um debate sobre o Regionalismo Crítico na arquitetura e sua expressão na arquitetura moderna pernambucana (artigo construído a partir de um fragmento do TCC do aluno-autor); e d) interiores brutalistas, através da análise de duas residências projetadas pelo arquiteto Acácio Gil Borsoi em João Pessoa, na década de 1960. O processo de construção dos artigos e as discussões em seminários internos em classe sobre cada um deles, foram bastante ricos e proveitosos para o aprendizado de toda a turma, tanto sobre os conteúdos da pesquisa apresentados por cada artigo, bem como sobre a sua formatação específica.

Professora: Dra. Winnie Emily Fellows

INTERIORES BRUTALISTAS: UMA ANÁLISE DE RESIDÊNCIAS PROJETADAS POR ACÁCIO GIL BORSOI EM JOÃO PESSOA NA DÉCADA DE 1960.

Stephanie Rocha de Araújo

Graduanda do 7º período do curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Damas da Instrução Cristã, Recife – PE. E-mail: stephanie-rocha@outlook.com

Winnie Emily Fellows

Doutora em Desenvolvimento Urbano pelo MDU/UFPE. Professora do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Damas da Instrução Cristã, Recife – PE. E-mail: winnie.fellows@faculdedamas.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo analisar os espaços interiores de residências projetadas por Acácio Gil Borsoi em João Pessoa na década de 1960, bem como as características típicas da arquitetura brutalista encontradas nessas residências. Borsoi formou-se em arquitetura pela Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil em 1949, e logo se muda para o Recife em 1951, onde dá início a sua proveitosa carreira profissional, contribuindo para a consolidação da Arquitetura Moderna na região nordeste junto com Delfim Amorim (AMARAL, 2003; NASLAVSKY, 2003).

É possível notar que a partir dos anos 1960, após uma viagem de estudos pela Europa, as obras de Borsoi passam a dispor de elementos utilizados por arquitetos americanos e europeus nas obras pós Segunda Guerra Mundial, empregando os materiais em seu estado bruto e deixando as estruturas das edificações aparentes, uma característica marcante da arquitetura moderna brutalista (AMARAL, 2004).

Nas duas obras analisadas no presente artigo, foi possível observar a presença do brutalismo através da utilização de materiais tradicionais, como por exemplo, o tijolo, a madeira e pedra, e materiais modernos, como o concreto armado, aço, e alumínio, para uma composição rica em detalhes, tanto no interior, quanto no exterior das residências (AMARAL, 2004).

Vale ressaltar que foi feita uma pesquisa similar em outras duas obras de Borsoi: o Tribunal de Justiça (1972) e a Assembleia Legislativa (1984), localizadas na cidade de Teresina, no estado do Piauí. Estas duas obras foram analisadas por Ana Rosa Soares Negreiros Feitosa, como objeto de estudo de sua tese de mestrado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. As duas edificações demonstram valores projetuais que ajudam a compreender uma obra com fundamentos na arquitetura moderna no Brasil.

2. BRUTALISMO: CONCEITO E CARACTERÍSTICAS

A arquitetura brutalista é considerada uma das mais importantes vertentes da arquitetura moderna, do período pós Segunda Guerra Mundial até meados de 1970. O termo brutalismo veio do *béton brut*, que em francês significa "concreto bruto" e ganhou notoriedade a partir da *Unité d'Habitation* (1945 - 1949) em Marselha, França, projetada por Le Corbusier (**Figura 01**). Uma obra marcante em um período da arquitetura moderna no qual a prioridade era a economia de recursos para reerguer as cidades europeias no pós-guerra (ZEIN, 2008).



Figura 01- *Unité d'Habitation*, Marselha, França (1945 - 1949). Le Corbusier. Fonte: Archdaily Brasil, 2016.

As obras brutalistas são caracterizadas sobretudo pelo uso do concreto armado e aparente, no qual ficam evidenciados os detalhes deixados pelas formas de madeira responsáveis pela moldagem do concreto durante a construção da obra, um detalhe que traz uma maior expressividade plástica. A construção da *Unité d'Habitation* (1945 - 1949) e das obras que a sucederam, ajudaram a influenciar arquitetos e difundir o brutalismo pelo mundo inteiro (ZEIN, 2008).

No que diz respeito às características brutalistas na obra de Acácio Gil Borsoi é destacado o uso coerente de diferentes materiais construtivos, trazendo um toque próprio, no qual Bruand (1981, apud AMARAL, 2004, p. 17) define:

Sua arquitetura [...] se destaca por um cuidado particular na escolha de materiais: atribui-se um papel importante ao tijolo aparente e a madeira, enquanto complementos das estruturas de concreto armado e dos panos de vidro (BRUAND, 1981, p.146-7 apud AMARAL, 2004, p.17).

Essas características poderão ser verificadas nas residências brutalistas projetadas por Acácio Gil Borsoi na cidade de João Pessoa e que serão analisadas adiante neste mesmo artigo.

3. A INFLUÊNCIA DO BRUTALISMO EUROPEU

Entre as décadas de 1960 e 1970, o arquiteto carioca Acácio Gil Borsoi realizou diversos projetos em algumas capitais nordestinas, entre elas, destacam-se Recife e João Pessoa, onde produziu desde casas e edifícios residenciais até edifícios institucionais (AMARAL, 2003; NASLAVSKY, 2003, p. 1-2).

Ao analisar a obra do arquiteto durante esse período, é possível verificar as características gerais de sua obra, suas técnicas, seu traço e a evolução de seu trabalho ao longo dos anos. Pode-se observar que Borsoi começa a trilhar novos rumos em suas obras, abstendo-se de características da Escola Carioca¹, utilizadas por ele na década de 1950, e partindo para os princípios brutalistas. Contudo, ao contrário da arquitetura brutalista paulista (**Figura 02**) que buscava explorar a plástica do concreto armado, Borsoi utilizava seus aspectos mais suaves (**Figura 03**), através da composição de concreto e tijolo aparente (AMARAL, 2003; NASLAVSKY, 2003, p. 1).

1 Termo utilizado para a arquitetura produzida entre as décadas de 1940 e 1950 por arquitetos do Rio de Janeiro.

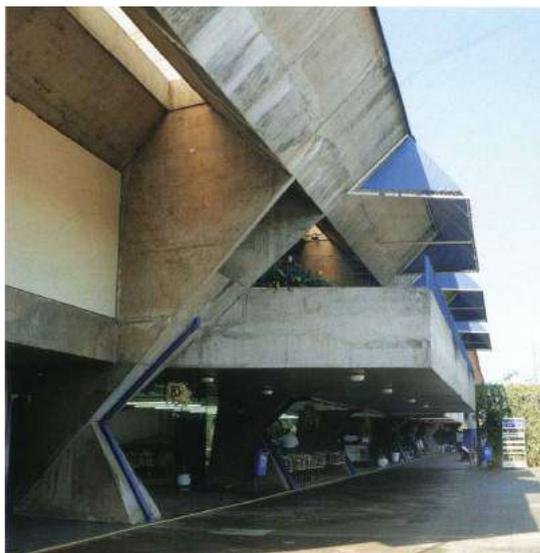


Figura 02 - Esq.: Anhembi Tênis Clube, João Batista Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi, São Paulo, 1961.

Fonte: Zein, 2005.

Figura 03 - Dir.: Residência Francisco Claudino de Albuquerque Filho, Acácio Gil Borsoi, Recife, 1956.

Fonte: Amaral, 2004.

Para muitos teóricos e arquitetos, na década de 1960 Acácio Gil Borsoi passou a utilizar em suas obras características de uma das vertentes da arquitetura brutalista, denominada estruturalismo. Fuão (2001, apud AMARAL, 2004, p. 93) descreve as consequências que o estruturalismo trouxe para a arquitetura:

Da contribuição do estruturalismo, metaforicamente, resultaram três manifestações interessantes na arquitetura. A primeira que foi buscar na antropologia, na arquitetura popular e vernacular, novas formas mais apropriadas de conceber o espaço. A segunda, que tomou a palavra ao pé da letra e foi buscar na estrutura a verdade e a pureza da forma, como a corrente do Novo Brutalismo; e por último, uma terceira que se utilizou da história como estrutura projetual, como o grupo Tendenza (FUÃO, 2001, apud AMARAL, 2004, p. 93).

A relação de Borsoi com a arquitetura brutalista se deu de maneira tardia, durante uma viagem à Europa em 1959. Esta viagem foi promovida pelo Itamaraty, para que ele pudesse realizar estudos acerca do design, proporcionando para o arquiteto um contato com as obras europeias pós Segunda Guerra Mundial. Nesse período, Borsoi teve contato com grandes arquitetos, escritórios e obras, sendo influenciado por eles de certa forma² (AMARAL, 2004, p. 93).

Após a viagem à Europa e devido ao enfraquecimento da arquitetura brasileira no âmbito internacional, após a inauguração da capital Brasília, Borsoi procura por parâmetros internacionais. Desse modo, os novos modelos e referências do arquiteto nos anos 1960 passam a ser as obras de arquitetos

² Entrevista concedida pelo arquiteto Acácio Gil Borsoi a Guilah Naslavsky e Izabel Amaral, na cidade do Recife em 25/11/2003.

que estão no topo do debate internacional, como por exemplo as obras tardias de Le Corbusier e as obras de James Stirling, Louis Kahn, Paul Rudolph e outros representantes do brutalismo internacional (AMARAL, 2003; NASLAVSKY, 2003, p. 9-10).

4. REGIONALISMO DE BORSOI

A arquitetura moderna brasileira, segundo Frampton (1997, apud AMARAL, p. 77), apresenta o regionalismo como uma maneira de se destacar no âmbito da arquitetura internacional. Todavia, no que diz respeito à esfera nacional, a mesma percepção é utilizada para evidenciar aspectos particulares existentes nas diferentes regiões do país, uma forma de afirmar as características predominantes na arquitetura moderna nacional (SEGAWA, 1998, apud AMARAL, 2004, p.77).

No nordeste brasileiro os aspectos particulares que se destacaram na arquitetura moderna local tinham como influência a herança arquitetônica colonial. Desse modo, é possível constatar nos projetos residenciais de Acácio Gil Borsoi, a partir de meados da década de 1950, uma introdução de valores presentes nas tradicionais construções brasileiras (**Figura 04**), principalmente nas antigas casas de engenho e nas peculiaridades de origem portuguesa e árabe (AMARAL, 2004, p. 77).



Figura 04- Conjunto Residencial da Praça Fleming, Acácio Gil Borsoi, 1954.
Fonte: Acervo Acácio Gil Borsoi, 2020.

Além disso, as residências produzidas por Borsoi costumavam possuir as seguintes características: empenas únicas com platibandas, planta livre, fachadas livres com planos e elementos inclinados, uma boa relação entre o interior e exterior da residência, uso de pérgulas e pilares e grandes panos de esquadrias, geralmente em vidro ou madeira (CANTALICE, 2009, p. 59-60).

Através das residências analisadas a seguir, Residência Antônio de Pádua e Residência Otacílio Campos, ambas projetadas e construídas na década de 1960, na cidade de João Pessoa, Paraíba, será possível detectar a presença dos artifícios utilizados na arquitetura brutalista, utilizando elementos da cultura brasileira e, sobretudo, intensificando o regionalismo nordestino.

5. RESIDÊNCIA ANTÔNIO DE PÁDUA (1966)

A Residência Antônio de Pádua, localizada em João Pessoa, está situada em um grandioso lote de esquina entre as ruas Giacomino Porto e Hildebrando Tourinho, no bairro de Miramar. O projeto da residência foi elaborado em 1966 por Acácio Gil Borsoi em parceria com Janete Costa, e utiliza como principais materiais construtivos o tijolo aparente e o concreto armado (CUNHA, 2013; MELO, 2013; SOARES, 2013, p. 8).

Segundo Albuquerque e Diógenes (2019, p.11), a presença do concreto e do tijolo aparente nesta residência vai além do exterior de suas fachadas e passa a fazer parte do interior, compondo até mesmo o mobiliário (**Figura 05**). A casa apresenta uma distribuição de cômodos determinante para a composição da volumetria do projeto, como por exemplo, os volumes retangulares onde estão situados os dormitórios.



Figura 05 - Estante e balcão: ambos utilizando concreto aparente. Residência Antônio de Pádua, Acácio Gil Borsoi, 1966.
Fonte: Amaral, 2004.

Para Amaral (2004, p.102), a volumetria da residência é formada a partir de adições realizadas de maneira individual em cada cômodo, sendo conectados de forma ortogonal. Além disso, Borsoi utiliza a adição e subtração, através de brises, rasgos, jardineiras e outros elementos (**Figuras 06 e 07**) para enriquecer o conjunto volumétrico da residência.



Figuras 06 e 07- Rasgos e brises em concreto nas fachadas. Residência Antônio de Pádua, Acácio Gil Borsoi, 1966.
Fonte: Amaral, 2004.

A residência dispõe de platibanda de concreto aparente, tendo como finalidade ocultar as telhas de fibrocimento, a laje plana de concreto e as calhas para escoamento de águas pluviais. Esse escoamento é realizado através das calhas encobertas pela platibanda e conduzidos até as gárgulas de concreto em formato de tronco de pirâmide recortado que perfuram as paredes externas da casa (AMARAL, 2004, p.104).

Outros elementos compositivos da residência são os *sheds*³, que possuem formato prismático e alguns com base triangular (**Figura 08**), utilizados para priorizar a iluminação natural nos ambientes e estão espalhados em várias partes da cobertura. Além disso, um elemento ganha destaque na residência Antônio de Pádua: uma grande pirâmide (**Figuras 09 e 10**) situada na cobertura, sobre a sala de jantar, ganhando notoriedade em relação ao conjunto da obra (AMARAL, 2003; NASLAVSKY, 2003, p. 12).



Figura 08- Em amarelo, os *sheds* e a pirâmide situada sobre a cobertura da sala de jantar.
Fonte: BITTENCOURT *et al*, 2012, editado por Marieta Tavares.



Figuras 09 e 10- Vista exterior da grande pirâmide; interior da sala de jantar.
Fonte: Marieta Tavares, 2013.

³ Abertura zenital geralmente utilizada em fábricas e que funcionam como captadores ou extratores de ar.

Segundo Amaral (2004, p.107) a residência Antônio de Pádua chama atenção não apenas por sua arquitetura brutalista, mas também pela relação criada por Borsoi com o meio externo. Por estar situada em um terreno elevado, a implantação da casa permite que um dos volumes tenha contato direto com a rua, principalmente por não utilizar muros para cercar o terreno, apenas os gradis, permitindo uma maior integração com o espaço urbano e tornando mais agradável a passagem nos arredores da residência.

6. RESIDÊNCIA OTACÍLIO CAMPOS (1966)

Na Residência Otacílio Campos, projetada por Acácio Gil Borsoi em 1966 na cidade de João Pessoa, Paraíba, é possível observar a liberdade na composição do volume da casa. É uma das obras do arquiteto, que assim como a Residência Antônio de Pádua, apresentam o tijolo aparente e o concreto armado como principais materiais construtivos. Ademais, faz uso de brises verticais (**Figura 11**), pórticos e vigas em concreto aparente como uma forma de compor a volumetria (AMARAL, 2003; NASLAVSKY, 2003, p. 13).



Figura 11- Presença de brises em concreto armado e fachada em tijolo aparente. Residência Otacílio Campos, Acácio Gil Borsoi, 1966.
Fonte: Amaral, 2004

De acordo com Amaral (2004, p. 98-101), a estrutura da residência tem um papel fundamental para a liberdade no desenvolvimento volumétrico da mesma, visto que apresenta cinco pórticos paralelos em concreto que dão sustentação para a laje de cobertura da residência. A implantação da residência no terreno se dá através de diversos blocos (**Figura 12**), apresentando um bloco diferente para garagem e serviços. O primeiro bloco da casa contempla a área social, situado em paralelo com a avenida principal. O segundo bloco faz a ligação entre o primeiro e o terceiro bloco, abrigando a área íntima e a cozinha.



Figura 12- Blocos da residência Otacílio Campos.
Fonte: Amaral, 2004.

Na residência Otacílio Campos é possível notar a relação entre o uso das cores e dos materiais construtivos que foram utilizados, trazendo a predominância de tons avermelhados por meio do tijolo, e da cor cinza do concreto aparente. Porém, a residência possui elementos volumétricos detalhados e que trazem um certo destaque para a obra: uma *bow window*⁴ (**Figura 13**), localizada na sala de jantar e os painéis cerâmicos produzidos pelo artista plástico pernambucano Francisco Brennand (**Figuras 14 e 15**). O emprego das cores e materiais construtivos aponta a transição que ocorre entre os elementos que possuem função estrutural ou de vedação, contribuindo para a composição dos volumes (AMARAL, 2004, p. 99-102).



Figuras 13, 14 e 15- À esquerda a bow window na sala de jantar; à direita, os painéis azuis em cerâmica Brennand.
Fonte: Amaral, 2004.

É possível observar que Borsoi trabalha com planos horizontais e verticais para compor os ambientes da casa. As esquadrias são posicionadas de piso a teto (**Figuras 16 e 17**), e utilizam o vidro e a madeira como principais materiais, de forma que favoreça a interação entre o interior e exterior, permitindo a entrada de luz natural na casa. Vale salientar a presença de detalhes que fazem referência à arquitetura tradicional, como um painel vazado feito em madeira maciça (**Figura 18**), utilizado para fazer a divisão entre um cômodo e outro (AMARAL, 2003; NASLAVSKY, 2003, p. 13)



Figuras 16 e 17- Esquadria em vidro e alumínio de piso a teto. Figura 18- Painel em madeira maciça.
Fonte: ArqPB, 2007.

A Residência Otacílio Campos era considerada a obra de Acácio Gil Borsoi que estava em melhor estado de conservação em João Pessoa. Infelizmente, por não possuir nenhum tipo de proteção patrimonial, a residência passou por processos de descaracterização, sendo demolida no ano de 2005, dando lugar a um centro comercial de qualidade arquitetônica inferior à residência. (TINEM, 2010, p. 19).

⁴ Janela em arco que se projeta para fora da edificação.

7. CONCLUSÕES

Ao analisar essas duas obras residenciais projetadas por Acácio Gil Borsoi, percebe-se a preocupação do arquiteto em utilizar materiais característicos da arquitetura brutalista, mas sem deixar de lado o regionalismo nordestino. Borsoi realizou com maestria a implantação e composição volumétrica das residências Antônio de Pádua e Otacílio Campos, buscando trazer as referências e soluções arquitetônicas adquiridas em sua viagem à Europa. No que diz respeito aos detalhes trazidos, eles enriquecem tanto o exterior, quanto o interior da residência, utilizando os materiais construtivos para criação de parte do mobiliário, como visto na Residência Antônio de Pádua, que apresenta estante de balcão em concreto aparente.

Ademais, o uso das cores trazidas pelos materiais é valorizado pelo arquiteto, por não ser utilizado nenhum tipo de revestimento para encobrir as estruturas aparentes. Nota-se também, que o uso do tijolo cerâmico é utilizado predominantemente nos planos verticais, enquanto que o concreto aparente é utilizado nos planos verticais e horizontais, através das lajes e brises presentes nas residências. A preocupação com a iluminação e ventilação natural é uma questão pertinente nas duas residências analisadas. Na Residência Antônio de Pádua, Borsoi utilizou sheds com formato piramidal sobre a coberta, possibilitando a entrada da iluminação natural em diversos ambientes. Os brises verticais em concreto aparente auxiliam no controle da luz solar em espaços de circulação e demais ambientes da casa. Outro ponto analisado foi o uso dos painéis azuis em cerâmica Brennand, que tornam a Residência Otacílio Campos uma verdadeira obra de arte, com sua riqueza de detalhes e jogo de cores.

Dentre as duas residências analisadas neste artigo, vale salientar que apenas uma continua de pé. A residência Antônio de Pádua permanece no mesmo local, porém seu estado de conservação é preocupante, visto que está desocupada e não recebe a devida manutenção. Já a residência Otacílio Campos, foi demolida em 2005, e deu lugar a uma construção com aspectos arquitetônicos inferiores à residência projetada por Borsoi. Tendo em vista esses fatos, percebe-se a importância de uma maior preservação da arquitetura modernista brasileira, em especial os exemplares brutalistas existentes no nordeste brasileiro.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Isadora Nobre; DIÓGENES, Beatriz Helena Nogueira. **Pela valorização da obra residencial modernista de Acácio Gil Borsoi em Fortaleza: o caso da Residência Benito Macedo.** In: SEMINÁRIO DOCOMOMO ARQUITETURA MODERNA BRASILEIRA, 13., 2019, Salvador. Anais... Fortaleza: UFC, 2019.

AMARAL, Izabel Fraga do. **Um olhar sobre a obra de Acácio Gil Borsoi: obras e projetos residenciais 1953-1970.** 2004. Tese (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2004.

CANTALICE, Aristóteles. **UM BRUTALISMO SUAVE: Traços da Arquitetura em Pernambuco (1960-1980)**. 2009. Tese (Mestrado em Ambiente Construído) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

CUNHA, Marcio Contrim; MELO, Marieta Dantas Tavares de; SOARES, Eduarda Kelen Silva. **Novos rumos de uma obra marginal: escalonamentos e ângulos irregulares na obra de Acácio Gil Borsoi**. In: SEMINÁRIO DOCOMOMO DE ARQUITETURA MODERNA E INTERNACIONAL, 10., 2013, Curitiba. Anais... João Pessoa: UFPB, 2013.

MELO, Marieta Dantas Tavares de. **Acácio Gil Borsoi: arquitetura residencial paraibana**, 2013. Dissertação (Mestrado)- UFPB/CT, 2013.

NASLAVSKY, Guilah; AMARAL, Izabel. **Identidade nacional ou regional: a obra do arquiteto Acácio Gil Borsoi**. In: SEMINÁRIO DOCOMOMO ARQUITETURA E URBANISMO MODERNOS, 5., 2003, São Carlos. Anais... São Carlos: EESC, 2003.

TINEM, Nelci. **Desafios da Preservação da arquitetura moderna: o caso da Paraíba**. Cadernos PPG-AU/FAUFBA. João Pessoa, 2010.

ZEIN, Ruth Verde. **Brutalismo, sobre sua definição (ou, de como um rótulo superficial é, por isso mesmo, adequado)**. *Arquitextos*, São Paulo, ano 07, n. 084.00, Vitruvius, maio 2007. Disponível em: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/07.084/243>. Acesso em: 25 nov. 2020.

ARQUITETURA SAGRADA: UMA ANÁLISE DA EVOLUÇÃO DOS ELEMENTOS ARQUITETÔNICOS E LITÚRGICOS EM DUAS IGREJAS CATÓLICAS NA CIDADE DO RECIFE.

Bianca Lira de Alencar

Graduanda do 7º período de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Damas da Instrução Cristã, Recife/PE.
E-mail: bliralencar@gmail.com

Winnie Emily Fellows

Doutora em Desenvolvimento Urbano pelo MDU/UFPE.
Professora do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Damas da Instrução Cristã, Recife-PE. E-mail: winnie.fellows@faculdadedamas.edu.br.

A arquitetura cria a possibilidade da espiritualidade, porquanto não deixa indiferente o fiel, mas o envolve, suscitando-lhe profundas emoções espirituais. (Richard Meier)

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta e discute a temática da arquitetura sagrada fazendo uma análise de duas igrejas localizadas na cidade do Recife, comparando-as quanto aos estilos arquitetônicos nelas presentes. Reflete sobre a arquitetura sagrada e analisa como ela vem se desenvolvendo e se alterando conforme o tempo e a evolução dos estilos arquitetônicos. As igrejas analisadas são a Igreja São Pedro dos Clérigos, século XVIII, bairro do centro do Recife e destaque para a arquitetura barroca da cidade do Recife, e a Igreja Matriz de Nossa Senhora de Fátima, século XX, no bairro de Boa Viagem em Recife, ícone da arquitetura contemporânea da cidade. São observados os elementos e materiais de cada projeto, como também são analisados o resgate e a permanência dos modos de projetar em determinados lugares.

Ao longo dos séculos, diversas tendências e estilos arquitetônicos foram surgindo. Hoje, através de suas evoluções, notadas ao longo do tempo, são objetos de estudo por todo o mundo. Porém, muito se percebe quanto ao resgate e a permanência de modos de se projetar em determinados lugares. No âmbito deste artigo, no estudo dos estilos arquitetônicos das igrejas, nota-se o mes-

mo movimento: evolução arquitetônica com respeito e preservação à tradição e costumes do início da História. "Quando se trata de arquitetura sacra, mais ainda se faz necessário conhecer esse espírito, que deve presidir à concepção e à realização arquitetônica" (MENEZES, 2006, p.10).

Conforme já mencionado, este artigo analisa dois estilos arquitetônicos desenvolvidos em igrejas, observa e compara como eles se comportam em edificações da arquitetura sagrada na cidade do Recife, estudando o que cada uma apresenta e quais são os elementos que, apesar da evolução dos estilos, dos materiais e do próprio tempo, são conservados nessas edificações. A partir de uma escolha pessoal, duas Igrejas Católicas foram selecionadas para essa análise. Nesse aspecto, será debatido a existência de diferenciação entre a concepção arquitetônica de uma igreja do século XVIII e a concepção arquitetônica de uma igreja do século XX. Como objetivo central, este artigo comenta como são concebidos os espaços sagrados na contemporaneidade, verificando a permanência dos princípios simbólicos tradicionais e como eles se manifestam na materialização da arquitetura religiosa católica contemporânea.

Durante muito tempo os estilos arquitetônicos foram surgindo e consequentemente influenciando a arquitetura das Igrejas Católicas. Posteriormente, com o início do movimento moderno, houve uma perda significativa da qualidade dos espaços sagrados. Atualmente, passam a ganhar destaque cada vez maior, os "galpões" que substituem as igrejas, ou igrejas que se perdem no cenário urbano. Passamos por elas e muitas vezes não percebemos sua existência. Muito distante do sentimento que se adquire ao passar pelas antigas igrejas barrocas, góticas e de tantos outros estilos.

Os edifícios religiosos, neste caso as Igrejas Católicas, são locais que por sua característica monumental, tem o poder de proporcionar permanência. Além disso, são baseadas naquilo que é mistério para os católicos, o Cristo e a realização dos Seus milagres, da Sua Redenção, procura fazer com que o espaço proporcione essa vivência, o usuário deve viver a obra que tem por objetivo o caminho a seguir para a eternidade e para a conquista do Paraíso.

Por fim, destaque-se que, o artigo identifica inicialmente os elementos presentes na arquitetura sagrada e posteriormente mostra como estes elementos são reproduzidos na Igreja barroca de São Pedro dos Clérigos e na Igreja moderna/contemporânea de Nossa Senhora de Fátima, ambas localizadas na cidade do Recife.

2. ARQUITETURA SAGRADA

A formação da arquitetura cristã desde seus primeiros séculos contribuiu com incontáveis exemplares arquitetônicos na História, tais edificações têm por objetivo uma adequação do espaço para a sagrada relação do homem, ser humano, com Deus. Ao longo desse tempo, essas edificações foram se espalhando por todo o mundo, sempre com o objetivo de agregar o sagrado nos tempos vividos, se concretizando assim, na arquitetura sagrada. Esse tipo de arquitetura foi se desenvolvendo, sofrendo modificações e influências, sua construção foi se adequando aos novos materiais e, de certo modo, foi crescendo com a própria evolução da religião católica, como por exemplo, com as determinações dos concílios do Vaticano, apresentadas mais adiante deste artigo.

Nota-se que desde o início deste tipo de construção, sempre houve um cuidado por parte dos projetistas, com a realização das edificações. A arquitetura sagrada é um tipo de arquitetura que vai muito além, que possui um papel muito importante para o ser humano. Neste sentido, para a religião católica, é o local mais importante para os fiéis, é ali onde tudo acontece, todo o mistério da vida de Jesus Cristo, nas Celebrações Eucarísticas.

A palavra "igreja" provém do agrupamento das pessoas que nela acontece. O seu papel fundamental é acolher a assembleia que se propõe realizar o convite de Jesus: "Fazei isto em memória de mim" (Lc 22, 19); (1 Cor 11, 24). Conforme diz a Bíblia (2018), o próprio Jesus afirmou: "Onde dois ou três estiverem reunidos no meu nome, lá estou no meio deles" (Mt 18, 20). A presença do Cristo na Igreja é antes de tudo um fruto da reunião do Seu povo e possui caráter sacerdotal, isto é, de mediação entre as pessoas e Deus Pai.

Os templos e outros locais sagrados adquiriram uma conotação profundamente mística e até mágica, apelando fortemente à mente e às emoções através dos sentidos: o impacto visual da arquitetura, o impacto olfativo do incenso e das velas, o impacto auditivo da liturgia e da música sacra. Em cada detalhe, os templos cristãos refletiam os novos entendimentos da fé, como a crescente separação entre o clero e os leigos, aquele ocupando a abside, onde ficava o altar, e estes a nave do santuário (MATOS, 2005, p.118).

A arquitetura religiosa é um dos campos onde se encontra a prática de projetos com liberdade de expressão e composição, mas que, ao mesmo tempo há uma necessidade de um certo rigor nas suas soluções de questões funcionais e normativas.

3. ARQUITETURA SAGRADA BARROCA

O Barroco deu seus primeiros sinais por volta do século 16, mas, foi apenas no final deste que começou a ganhar força e se espalhar por toda a Europa. Porém, somente no final do século 18 que foi incorporado no nosso país. Trazido pelos europeus, foi aqui um estilo difundido pelos Jesuítas que tinham por objetivo a propagação da fé cristã pelo Brasil. Assim, está fortemente relacionado ao cristianismo católico, o fazer arquitetônico barroco tem forte presença em igrejas e basílicas e é reconhecido por suas formas monumentais e decorações exuberantes que exaltam a religião. Tal exaltação é feita a partir da disposição dos seus elementos ao longo das igrejas, com a extravagância na decoração que proporcionam grandiosidade, poder e riqueza.

Este estilo é marcado pela exaltação de Deus e da Igreja, seus projetos passam a fazer uso de formas e texturas que dão a ideia de movimentos, produzindo também emoções e sensações. Além disso, é um estilo ousado, que conta com irregularidades nas suas proporções, encontramos Igrejas Barrocas de diversos tamanhos e todas envolvem quem as observa e possibilitam que as pessoas vivam o objetivo do estilo, vivam o mistério da Religião. Características que marcam tal estilo devem ser destacadas, como a forte presença de espaços e formas ovais, que trazem a ideia de centralização, uso de colunas tortas e de arcos, o constante uso da cruz grega, identificando a religião vivenciada, fachadas

convexas ou côncavas, que reforçam a ideia citada anteriormente de movimento, o uso da iluminação para criar a sensação de mistério, sensação de infinitude e grandeza, os elementos decorativos de muita exuberância e forte presença do dourados com efeitos em gesso ou estuque e os murais e pinturas nos tetos.

Diferentemente do barroco europeu, o barroco brasileiro passa a substituir alguns materiais para que suas obras se adequem ao espaço físico e ambiental em que se encontra, como por exemplo a substituição das pedras de mármore nos altares por pedras-sabão e também a substituição para suas esculturas, elementos e ornamentos passem a ser feitos na própria madeira, como o caso a Igreja São Pedro dos Clérigos, que será objeto de estudo nos próximos parágrafos.

3.1. IGREJA DE SÃO PEDRO DOS CLÉRIGOS / RECIFE-PE

A igreja escolhida para a primeira análise foi a Concatedral São Pedro dos Clérigos (**Figura 1**), localizada no centro da cidade do Recife e que está inserida no contexto do barroco brasileiro. Projetada por Manuel Jácome, inicialmente “mestre-pedreiro” e posteriormente arquiteto, a igreja foi construída aproximadamente entre 1728 a 1759, o conjunto da Igreja e do seu pátio frontal, são destaques de extrema importância e expressividade do barroco no Brasil. Hoje, esta edificação é tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN.



Figura 1 - Igreja Concatedral de São Pedro dos Clérigos.
Fonte: Google imagens, 2020.

Sua fachada destaca-se pela rigorosa proporção dos elementos e pela verticalidade, proporcionando monumentalidade para esta edificação. Observa-se que há uma desproporção da altura com relação à largura das torres, sendo essa verticalidade um dos elementos, segundo estudiosos, mais excepcionais dessa Igreja. (**Figuras 2 e 3**).

A fachada principal apresenta portada barroca monumental com rico trabalho em pedra, em que se vê, ao centro, o escudo da irmandade, representado pelas chaves do apóstolo Pedro. Os detalhes que saem das portas, as almofadas, foram feitos em um só bloco de madeira. Na porta central, além das folhas principais, as bandeiras podem ser abertas para a passagem do andor. A portada se prolonga e se une em uma única composição à janela alta em meio arco abatido, com balaústres e adornos em pedra unindo esses dois elementos. Nas duas torres vêm-se as janelas do coro, com balaústres e ornatos de pedra. (IPHAN, 2010).



Figura 2 (esq.) – Porta barroca monumental, Igreja São Pedro dos Clérigos, Recife-PE.
Fonte: Google Imagens, 2020.

Figura 3 (dir.) – Adornos e ornamentos em pedra na composição da fachada, Igreja São Pedro dos Clérigos, Recife-PE.
Fonte: Google Imagens, 2020.

Na planta da construção, a igreja possui uma nave octogonal (**Figura 4**) sobre um desenho elíptico, e peanhas octogonais, que são pequenos pedestais onde se assentam as imagens. Os pináculos, que são os mais altos pontos das torres e a pequena cúpula sustentada sob um tambor octogonal, são desenhos emprestados das torres de Braga, cidade ao norte de Portugal. Na frente do templo existe um gradil de ferro que separa o átrio do pátio, e a porta principal encontra-se ladeada por colunas duplas. (VAINSENER, 2009).



Figura 4 – Nave octogonal, Igreja São Pedro dos Clérigos.
Fonte: Google Imagens, 2020

Em seu interior, o teto e algumas laterais evidenciam belas pinturas, que como visto no estilo barroco, proporcionam tom sombrio em conjunto com a sua iluminação. A igreja possui obras delicadas de entalhamento, que são as talhas douradas e os seus arabescos, com saliências e simetrias, grandes janelas com molduras barrocas e balaustradas, assim como janelas pequenas.

Com relação a forma do seu espaço interno, “observa-se que a nave dispõe de partido octogonal, que se reflete na forma do forro em madeira, mas não na volumetria do monumento, sendo esse detalhe da planta o único em todo o Nordeste brasileiro” (IPHAN, 2010, p.10).

O interior é tratado de modo simétrico e há um magistral jogo de cheios e vazios. A igreja não tem naves laterais, mas apenas uma única nave, como forte traço do maneirismo. O altar-mor é entalhado em madeira-mármore, com painéis expressivos, destacando-se, entre suas colunas, as imagens de São Paulo e Santo Antônio de Pádua, que ladeiam a figura de São Pedro. Nos altares laterais da nave estão as imagens de São Vicente Férrer, São Miguel Arcanjo e Sagrada Família, e as de São João Nepomuceno, Nossa Senhora da Conceição e Calvário. (IPHAN, 2010).

Em todo o espaço desta edificação pode-se observar muitos traços da arquitetura barroca, mesmo que, com o decorrer das décadas, existam algumas mudanças na igreja que foram adquiridas com o tempo. Observando os aspectos de sua arquitetura dos elementos presentes nas igrejas, vemos a presença da entrada por três portas, a nave, onde estão dispostos os fiéis cristãos, os altares laterais e o central, onde o celebrante se encontra, o sacrário e o presbitério.

4. ARQUITETURA SAGRADA CONTEMPORÂNEA

A arquitetura contemporânea compreende num conjunto de estilos arquitetônicos vigentes depois do Modernismo, a partir da década de 80 e 90 do século XX. Tratando-se da arquitetura sagrada contemporânea, notou-se uma grande evolução, desde a concepção dos espaços, o uso de ornamentos, até na utilização de materiais para compor o edifício religioso.

Nascem de uma ampla mudança de mentalidade que marca o próprio advento da modernidade amplo senso; acirrando-se nas vanguardas do século XX, cuja ânsia por romper laços com o passado não poderia facilmente coadunar-se com a inevitável necessidade de respeitar, transformar e renovar a tradição que é inerente à projeção de espaços sagrados. (ZEIN, 2005, p. 187 apud SEEGERER, 2019, p.36).

Quando se trata de arquitetura sagrada contemporânea, geralmente se menciona a influência do II Concílio Vaticano, e, como dito anteriormente, com a própria evolução da religião, este estilo foi se caracterizando e se desenvolvendo, e o Concílio teve um grande papel com suas propostas para a nova era da Igreja, mesmo que em sua maioria, tratasse de pontos litúrgicos. Para melhor entendimento, os concílios são reuniões de autoridades eclesiais (bispos) que objetivam discutir e deliberar sobre assuntos mais variados relacionados à Igreja Católica Apostólica Romana (SEEGERER, 2019).

Ao longo da história, foram celebrados vinte e um concílios e o mais recente foi o concílio Vaticano II. Convocado pelo Papa João XXIII em 25 de dezembro de 1961, iniciou-se em 11 de outubro de 1962 – sob o pontificado do mesmo papa – e encerrou-se em 8 de dezembro de 1965 – sob o pontificado do Papa Paulo VI. (SEEGGERER, 2019, p. 39).

Havia um desejo de renovação litúrgica desde o final do século XIX. A Igreja se encontrava numa necessidade de renovação no âmbito litúrgico, e conseqüentemente, na esfera arquitetônica. Dessa forma, foi realizado o Concílio do Vaticano II (Roma, 11/10/1962 - 8/12/1965), com a missão principal de atualização e definição das ações que a Igreja deveria prosseguir para os tempos presentes e futuros. A Igreja sentiu a necessidade de se posicionar diante de um mundo contemporâneo com vistas para o futuro, e de se planejar para os próximos séculos. “Com o Concílio Vaticano II houve, de fato, uma renovação da igreja” (MORALES, 2012, p.9 apud SEEGGERER, 2019, p. 39)

De acordo com Seegerer (2019), uma mudança importante trazida por esse concílio, foi a sua contribuição em termos de diretrizes relacionadas à arte e arquitetura dos templos, questão que envolve aspectos da liturgia (conjunto dos elementos e práticas do culto religioso instituídos pela igreja).

O traço dos edifícios passou a ser outro, os projetos e obras passaram a ser concebidos com a ideia livre de excessos, em que o “menos é mais” é valorizado para dar credibilidade e sofisticação aos ambientes.

A influência deste Concílio na arquitetura sacra contemporânea existiu de forma evidente, alguns pontos importantes podem ser destacados: os edifícios começaram a passar uma linguagem de busca por uma simplicidade formal arquitetônica e no uso de materiais, como veremos na Igreja de Nossa Senhora de Boa Viagem; outra questão também tratada foi a funcionalidade dos edifícios e dos espaços celebrativos que passaram a ganhar prioridade em relação a outros espaços; a localização do altar, local onde o padre celebra a Eucaristia, sendo levado para o fim da edificação, num local em que todos vejam, melhorando sua relação com os assentos e com a distribuição dos fiéis, passando a ter mais importância, pois contribuiu para uma aproximação do Povo e assim mais participação dos mesmos; o sacrário foi realocado, em muitos casos, para uma capela próxima ao altar; e por fim, o uso de imagens foi sendo reduzido.

A arquitetura religiosa é um dos campos onde se encontra a prática de projetos com liberdade de expressão e composição, mas que, ao mesmo tempo há uma necessidade de um certo rigor nas suas soluções de questões funcionais e normativas. “A Igreja sempre deixou largo espaço criativo aos artistas, como a história o demonstra e como eu mesmo sublinhei na Carta aos Artistas”. (PRESBÍTEROS, 2011)

4.1 A IGREJA MATRIZ DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA

Para segunda análise, foi escolhida a igreja Matriz de Nossa Senhora de Fátima, que é também conhecida por “Igreja Nova de Boa Viagem” (**Figura 5**).

A paróquia está localizada na Rua Marquês de Valença, 350, no bairro de Boa Viagem, em Recife. Foi edificada por volta de 1960, e seu arquiteto não foi identificado. Na época de sua construção, teve à frente o pároco da época, o Padre Osvaldo. A matriz é atualmente administrada pelo Pároco Padre Luciano Brito, pelo Vigário, Dom Bruno Lira e por um Diácono.



Figura 5 – Igreja Matriz de Nossa Senhora de Fátima, Recife-PE.
Fonte: Google Imagens, 2020.

A matriz possui uma tipologia característica do período contemporâneo. Sua conformação lembra ao observador, uma tenda, simbologia criada pela utilização de um grande telhado em concreto com duas águas, evidenciado pela utilização de uma testeira larga de concreto no alinhamento das águas. A “tenda” é sustentada por doze pilares, fazendo uma alusão aos doze apóstolos de Jesus, e na fachada dois pilares maiores marcam ainda mais o desenho da tenda. A tenda foi tirada como partido para fazer alusão às tendas que Jesus utilizava para evangelizar.

Logo na fachada, já se observa novos elementos, como o grande vão em balanço, o uso do concreto, a intensa utilização de vidros e a cor dada pela utilização da cerâmica azul, lembrando da divindade de Jesus, que é característica do estilo.

Na entrada central, a principal, ao se direcionar para a nave, interior da edificação onde os fiéis se situam, o olhar do usuário é direcionado para a principal parte da Igreja, o presbitério. E logo de primeira já pode-se ver a presença de um grande vitral, característica resgatada de antigos estilos. O altar (**Figura 6**) é feito todo em mármore, seguindo as recomendações propostas para esse estilo e possui uma dimensão suficiente para comportar todos os materiais litúrgicos. “Aparentemente ele é todo polido, mas tem um friso rústico na parte de baixo do tampo que segue pela lateral, retratando a pureza do material”. (DIAS, 2017).



Figura 6 – Altar e vitral Igreja Nossa Senhora de Fátima, Recife-PE.
Fonte: Google imagens, 2020.

O ambão (lugar de proclamação da palavra de Deus) e o altar são feitos do mesmo material: mármore. Essa união do mesmo material, simboliza a unidade da palavra de Deus, lida no ambão e de todo o Mistério que acontece no altar. Próximo ao altar está localizado o batistério, onde é realizado o batismo, e deve estar presente em todas as igrejas.

Quanto às imagens, nesta igreja há apenas uma, a imagem de Nossa Senhora de Fátima (**Figura 7**), padroeira da matriz, localizada ao lado do altar, numa estrutura que segue a mesma linha de mármore do ambão e do altar. Além disso, há também, a imagem de São José e um grande crucifixo no centro da edificação, levando o olhar dos fiéis para Aquele que é o centro de tudo.



Figura 7 - Imagem de Nossa Senhora de Fátima, pertencente à igreja.
Fonte: Dias, 2017.

A nave (**Figura 8**), como dito anteriormente, o local onde se situam os fiéis, é claramente no estilo arquitetônico contemporâneo, com algumas características marcantes: a sua amplitude, os poucos ornamentos, o pé direito alto (comum nas edificações religiosas), e com uma característica tipicamente contemporânea, é iluminada naturalmente por uma série de cobogós situados nas suas laterais. Os bancos estão dispostos de forma confortável para que os fiéis tenham visão limpa para o altar. Ainda na nave, o olhar do observador também se volta para a forma trabalhada no gesso, observando a preocupação do arquiteto ao utilizar-se das tecnologias disponíveis na época. O mesmo gesso proporciona o conforto lumínico, uma vez que a iluminação se dispõe de forma indireta.



Figura 8 - Nave da igreja Nossa Senhora de Fátima.
Fonte: Google imagens, 2020.

Por último, o lugar do coro foi a única peça que não se encaixou nas recomendações do estilo atual, mas, que o arquiteto conseguiu se utilizar de materiais que remetesse à contemporaneidade, utilizando-se do aço, da laje em balanço e do concreto armado.

5. CONCLUSÕES

Após analisar os dois estilos arquitetônicos apresentados e suas igrejas estudadas, pode-se concluir que existe primeiramente uma evolução na concepção das construções de edifícios sagrados do século XVIII para os edifícios sagrados do século XX. É bastante visível a mudança uma vez que na análise

da igreja contemporânea vemos uma “desconstrução” do padrão das antigas igrejas, abandonando o uso de torres altas e utilizando de um claro simbolismo como seu partido.

Percebe-se também a mudança dos materiais utilizados nas igrejas, uma vez que na arquitetura barroca, através da Igreja São Pedro dos Clérigos, nota-se o comum uso da madeira, do ouro, da própria madeira trabalhada para o desenvolvimento de ornamentos, enquanto que na arquitetura sacra contemporânea, por meio da análise da Igreja de Nossa Senhora de Fátima, já se percebe uma arquitetura mais limpa, uma arquitetura que é mais clara, que através dos materiais utilizados, como o mármore, o aço e o gesso, deixa claro a sua linha arquitetônica. O uso do concreto armado também chama atenção, pois o mesmo permitiu um avanço enorme nas possibilidades construtivas, proporcionando obras de plasticidade até então inimagináveis, como o caso da cobertura e o vão da igreja de Boa Viagem, uma verdadeira liberdade formal.

Por outro lado, a partir da mesma análise, percebe-se que há uma busca pela tradição, uma busca por aquilo que é importante para questão doutrinária na Igreja. Há uma evolução arquitetônica com respeito e preservação à tradição e costumes do início da História das edificações católicas. Os elementos históricos da arquitetura religiosa passam a ser reinterpretados e são adaptados à arquitetura contemporânea, fazendo a ponte entre a história da arquitetura e o novo ritual litúrgico, pós-concílio.

Este artigo buscou agregar este conhecimento acerca dessa análise de dois estilos arquitetônicos observados em igrejas. Percebe-se que, mesmo com a evolução dos estilos arquitetônico, se faz necessário esse olhar especial para este tipo de arquitetura. A arquitetura sagrada católica, como visto, é uma arquitetura que tem um papel muito importante na vida dos seus fiéis, pois a partir dela, juntamente com as celebrações, fazem o ser humano estar em comunhão com Deus. Portanto, é importante que mesmo em novos tempos, o arquiteto tenha esse cuidado, preservando uma tradição mantida pela Igreja e construindo conforme os tempos e materiais em sua evolução. Como Menezes (2006, p.15) defende: “a liberdade da arte deve estar presente desde o início da concepção, vigiada, porém, orientada para que seja um elemento a mais que ressalte a liturgia, a fé e a religiosidade”.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA. **Bíblia sagrada**. 1º edição. Brasília. Tradução oficial CNBB, 2018.

DIAS, Clélia Mariano Cordeiro. **A arquitetura do sagrado: reflexos da arquitetura contemporânea pós-moderna nas igrejas católicas da arquidiocese de Olinda e Recife**. Trabalho de conclusão de curso – Faculdade Damas da Instrução Cristã, Recife, 2017.

IPHAN. **Rota Patrimônio Igreja São Pedro dos Clérigos Recife-PE**, 2010. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/7_rota_patrimo-nio_igreja_sao_pedro_recife_pe.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/7_rota_patrimonio_igreja_sao_pedro_recife_pe.pdf). Acesso em: 11 nov. 2020.

MATOS, Alderi Souza de. **A caminhada cristã na história: a bíblia, a igreja e a sociedade ontem e hoje**. Viçosa, MG: Ultimato, 2005.

MENEZES, Ivo Porto de. **Arquitetura Sagrada**. São Paulo: Edições Loyola, 2006. **PRESBÍTEROS**, 2011. Disponível em: <https://www.presbiteros.org.br/a-celebracao-da-santa-missa-i-o-decoro-da-celebracao-eucaristica/>. Acesso em 10 nov. 2020.

SEEGERER, Christian Michael. **Arquitetura sacra contemporânea: levantamento e análise de obras (2000-2015)**. Dissertação (mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2019.

VAINSENER, Semira Adler. **Igreja de São Pedro dos Clérigos, Recife, PE**. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>. Acesso em: 10 nov. 2020.

VATICAN. **Concílio Vaticano II. Christus dominus**. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf_p_vi_spe_19651208_epilogo-concilio-poveri.html. Acesso em: 10 de maio de 2017.

VATICANO II. **Constituição "Sacrosanctum Concilium" sobre a Sagrada Liturgia**". In: Compêndio do Vaticano II. Constituições, Decretos, Declarações. Petrópolis, Vozes, 1997, p. 259-306.

A CIDADE E A ZONA RURAL: O RETRATO ENCONTRADO NOS FILMES DE CLAUDIO ASSIS.

Maria Eduarda Albuquerque de Souza

Graduanda do 7º período do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Damas da Instrução Cristã, Recife-PE, 6º período.
E-mail: mariaeduarda6046@gmail.com

Winnie Emily Fellows

Doutora em Desenvolvimento Urbano pelo MDU/UFPE.
Professora do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Damas da Instrução Cristã, Recife-PE. E-mail: winnie.fellows@faculdedamas.edu.br.

1. INTRODUÇÃO

O cinema é um dos maiores artifícios midiáticos de entretenimento utilizado em todo o mundo e tem o poder de transmitir aos usuários histórias reais e fictícias. Muitos são os filmes que foram feitos de modo a apresentar as cidades nordestinas, porém, em sua maioria, esses filmes retratam apenas a parte mais sofrida da região, o sertão e a sua realidade advinda da seca, contribuindo assim com a criação de um estereótipo dos nordestinos e da sua paisagem.

Entretanto, Pernambuco possui uma grande costa litorânea, possuindo grande potencial turístico e de fato todos os anos recebe pessoas de outros estados e também de outros países. Há também suas sub-regiões, sendo elas: zona da mata, sertão e agreste, as quais possuem beleza dentro das suas especificidades, riquezas culturais, sociais e morfológicas. Mas, não somente isso, a região possui também pobreza, desigualdade, violência, entre outros problemas, em contrapartida essa não é a única realidade encontrada nos municípios, como Cláudio Assis demonstrou em seus filmes.

Optou-se por estudar dois filmes do cineasta Cláudio Assis, o qual contribuiu de forma intensa para a criação do rótulo de nordestino como pobre e sofrido, ambos encenados no estado de Pernambuco. Estrategicamente, escolheu-se um filme que apresentasse a cidade, sendo ele *Amarelo Manga* (2003)

o qual foi gravado no centro do Recife, e outro filme que apresentasse a zona rural do estado e propôs-se *Baixio das Bestas* (2006), por ter sido gravado em Nazaré da Mata.

Ambos repercutem os problemas gerados pela desigualdade social e as diversas mazelas sociais existentes. É necessário perceber que as histórias retratadas nos filmes não são completamente adversas à realidade encontrada no estado, mas o autor as retratou de modo a transparecer a ideia de ser a única realidade encontrada nas localidades. Desse modo, o presente artigo analisa as realidades presentes na cidade e na zona rural, apresentando as divergências entre o que foi apresentado pelo cineasta e a imagem das cidades em toda a sua completude.

O método utilizado foi o de Análise de Conteúdo, "uma técnica de investigação que tem por finalidade a descrição objectiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação." (BARDIN, 1977, p. 19). Em seu livro, Bardin apresenta como técnica a análise categorial, a qual será utilizada para examinar comparativamente os filmes de Cláudio Assis de forma categorizada, rápida, simples e eficaz (BARDIN, 1977).

2. AS IMAGENS DA CIDADE: RECIFE E NAZARÉ DA MATA.

Pernambuco é um dos estados do nordeste que mais se desenvolve economicamente e tem grande potencial frente a outros estados da mesma região. Por toda a sua relevância cultural, econômica e histórica, escolheu-se analisar dois filmes realizados no estado, os quais apresentam vários estereótipos socioculturais da população e paisagem de Pernambuco. Para Nascimento (2012) "No cinema, de modo geral, muita coisa ainda tem sido produzida e, via de regra, o tema do Nordeste pobre e miserável é retomado, mesmo que de forma sutil." Vê-se nos filmes o quanto essa ideia é fomentada particularmente no cenário pernambucano.

Os holofotes da política, da economia, da cultura e principalmente do cinema sempre estiveram com o foco voltado para a região Nordeste. (...) Algumas características como o preconceito, a pobreza, a miséria e a seca alimenta, até hoje, o discurso dos que se utilizam e/ou se beneficiam do Nordeste e dos nordestinos enquanto lócus e povo de contradições. (NASCIMENTO, 2012, p. 37)

O filme *Amarelo Manga* retrata o centro do Recife e mostra diversos problemas sociais, como: pobreza, assédio, violência, entre outros. Ao longo do filme são apresentadas cenas do cotidiano da população recifense, em sua maioria, pobres e à margem da sociedade, além de locais sem infraestrutura e habitabilidade. Nota-se que mesmo tendo sido gravado no centro histórico do Recife não apresenta nenhuma das suas positivities, nem o cenário cultural e nem a sua paisagem histórica. Pelo contrário, o autor demonstra querer evidenciar as

mazelas sociais presentes na cidade como sendo a única realidade encontrada em Recife (Figuras 01 e 02).



Figura 01 (esq.) – População marginalizada apresentada em uma das cenas do filme.

Fonte: Guidotti, 2015.

Figura 02 (dir.) – Casa precária e lugar inóspito.

Fonte: Amarelo Manga, 2003.

Observa-se, porém, que o bairro do Recife possui um conjunto arquitetônico tombado pelo IPHAN (Instituto Do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) desde 1998, no interior do qual estão presentes ruas, avenidas, igrejas, prédios, entre outros (IPHAN, 2014). Lugares como a Rua da Moeda, a qual é considerada uma das ruas mais belas do mundo e o Marco Zero, foram ignorados pelo cineasta, mesmo fazendo parte do cotidiano da população recifense, que ocupa e se apropria de ambos os espaços públicos. Assim, percebe-se que não foi retratada a paisagem do Recife em sua completude, apenas o cenário mais deteriorado da mesma (Figuras 3 a 6).



Figura 3 (esq.) – Edifício onde foi gravado o Hotel Texas.

Fonte: Amarelo Manga, 2003.

Figura 4 (dir.) – Igreja abandonada.

Fonte: Amarelo Manga, 2003.



Figura 5 – Rua da Moeda, Recife, PE.
Fonte: Pinterest, 2020.



Figura 6 – Marco Zero, Recife, PE.
Fonte: Visit Recife, 2017.

No filme nota-se a representatividade da força e brutalidade da mulher nordestina retratadas em diversas obras. Em uma das cenas de *Amarelo Manga* a personagem Kika descobre que foi traída e arranca com a boca parte da orelha da amante do seu esposo. Assim, nota-se o estereótipo criado por escritores e cineastas para as mulheres nordestinas, as quais muitas vezes recebem características de Maria Bonita, cangaceira e esposa de Lampião (Figuras 07 e 08).



Figura 07 – Personagem Kika descobrindo a traição.
Fonte: Guidotti, 2015.



Figura 08 – Personagem Kika mordendo a orelha da amante do seu esposo.
Fonte: Guidotti, 2015.

O cineasta insere no filme a seguinte fala “O ser humano é estômago e sexo” (ASSIS, 2003) e essa frase ecoa não somente nessa obra, mas também em *Baixio das Bestas*, no qual são apresentadas cenas explícitas de sexo e até mesmo de violência sexual.

Baixio das Bestas é um filme forte e que retrata a vida de uma adolescen-

te explorada pelo avô, que sofre abusos sexuais e psicológicos. Todas as noites o avô leva a menina em um posto frequentado por caminhoneiros, onde ela fica nua para que eles possam vê-la (Figura 09). Ademais, a cidade tem um prostíbulo utilizado por homens violentos, que usam drogas no local e agridem as mulheres.

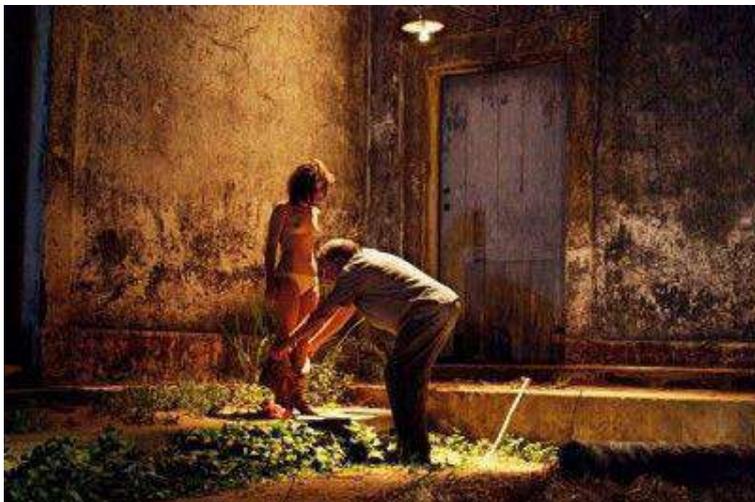


Figura 09 – Auxiliadora sendo despida pelo seu avô para ser assistida pelos caminhoneiros.

Fonte: *Baixio das Bestas*, 2006.

Nota-se que essa realidade é encontrada nas cidades pernambucanas, em situações possivelmente piores das que foram retratadas pelo cineasta. Mas, Cláudio de Assis cria a percepção no espectador de ser apenas a única realidade encontrada na região de Nazaré da Mata. A cidade, no entanto, possui muita força cultural, é considerada a Capital dos Maracatus e em suma não é uma das cidades mais perigosas de Pernambuco. Além disso, muitos são os engenhos de cana-de-açúcar presentes na região, “que representam um rico acervo patrimonial e trazem à nossa memória, o período do Brasil Colonial” (SILVA; PARENTE, 2019). Mas, o cineasta não se preocupa em apresentar essas características de forma positiva, criando assim, uma visão deturpada da cidade (Figuras 10, 11, 12 e 13).



Figura 10 (esq.) - Escultura localizada em Nazaré da Mata.

Fonte: Tripadvisor, 2019.

Figura 11 (dir.) - Engenho de Açúcar em Nazaré da Mata.

Fonte: Reportagem do G1 sobre os engenhos de açúcar, 2009.



Figura 12 (esq.) – Caboclo de Lança.

Fonte: *Viajar é simples*, 2012.

Figura 13 (dir.) – Personagem de Heitor sofrendo um infarto enquanto os caboclos de lança invadem sua casa.

Fonte: *Baixio das Bestas*, 2006.

Assim, confere-se aos filmes a produção de uma percepção incompleta da realidade paisagística e social encontrada nas cidades pernambucanas, as quais possuem grandes problemas sociais que precisam de solução, igualmente a outras cidades do país e do mundo, mas também possuem suas belezas e particularidades, que devem ser valorizadas.

3. AS CATEGORIAS DE ANÁLISE UTILIZADAS

Para avaliar os assuntos abordados nos filmes e o quanto eles delimitam a imagem da cidade em aspectos negativos, foram apresentadas categorias de análise baseadas na metodologia de Análise de Conteúdo, juntamente com a técnica de análise categorial¹. Assim, relacionam-se os longas-metragens com as categorias estabelecidas de acordo com os assuntos abordados nas mesmas, e dessa forma se permite perceber a imagem da cidade construída pelo cineasta Cláudio Assis contrapondo com a realidade existente.

Como já observado anteriormente, Assis não cria uma perspectiva inexistente do cenário encontrado na cidade, mas apresenta um repertório de personagens e paisagens que denotam a existência apenas desses lugares em Pernambuco, além de pessoas marginalizadas, pobres e em sua maioria sem perspectiva de futuro.

Através das categorias selecionadas foi possível ver a presença de cada um desses temas, são eles: segregação socioespacial, assédio, violência física, violência sexual e psicológica, prostituição, drogas, pobreza e desigualdade social, êxodo rural e símbolos da cidade.

¹ Trata-se de desmembrar o texto em unidades, categorizando-os em conjuntos. Dessa forma, foram escolhidas as categorias para relacioná-las aos filmes.

A maior parte dessas categorias está presente de forma similar em ambos os filmes, como apresentado no quadro abaixo, mesmo eles sendo reproduzidos em locais e contextos diferentes (Centro do Recife e Nazaré da Mata), compreende-se dessa forma a intenção do cineasta em enfatizar esses assuntos (Quadro 1).

CATEGORIAS DE ANÁLISE	FILMES	
	AMARELO MANGA	BAIXIO DAS BESTAS
SEGREGAÇÃO SOCIO ESPACIAL	X	X
ASSÉDIO	X	X
VIOLÊNCIA FÍSICA	X	X
VIOLÊNCIA SEXUAL E PSICOLÓGICA	X	X
PROSTITUIÇÃO		X
DROGAS	X	X
POBREZA / DESIGUALDADE SOCIAL	X	X
EXÓDO RURAL		X
SÍMBOLOS DA CIDADE	CENÁRIO DA CIDADE RESUMIDO A PARTE MAIS POBRE E DENEGRIDA	MARACATU (APRESENTADO EM UM CONTEXTO NEGATIVO)

Quadro 1 – Relação entre as categorias e os filmes.
Fonte: a autora, 2020

Ambos os longas-metragens abordam a segregação socioespacial presente nas cidades. O cenário de *Amarelo Manga* trás a percepção de um antigo cortiço, uma pensão onde moram várias pessoas com características diferentes e de baixo poder aquisitivo, tendo em vista que em uma das cenas do filme o dono da pensão morre e surge a preocupação quanto a compra do caixão. Além disso, o filme mostra também áreas de morros, vielas, casarios abandonados, entre outros espaços ocupados apenas por uma parcela marginalizada da sociedade. De igual modo, *Baixio das Bestas* também aborda o assunto através da distinção entre zona rural e a capital, onde uma possui maiores recursos que a outra.

A violência é apresentada de diversas formas nos filmes e a principal é a violência sexual, retratada em assédios, pedofilia, abusos, entre outros. Em *Amarelo Manga*, a personagem Lígia, dona de um bar frequentado majoritariamente por homens é assediada por clientes cotidianamente (Figura 14). E em *Baixio das Bestas* tanto a personagem Auxiliadora é abusada por seu avô e por outros homens, quanto às prostitutas da cidade sofrem com o machismo estrutural evidenciado através dos abusos sofridos.



Figura 14 – Personagem Lígia sendo assediada pelos clientes do seu bar.
Fonte: *Amarelo Manga*, 2003.

A prostituição é retratada em *Baixio das Bestas* evidenciando a violência sexual e o machismo estrutural. Durante o filme duas prostitutas foram estuproadas por homens de alto poder aquisitivo. Mas, nota-se que o cineasta fez questão de mostrar a força desses prostíbulos em vilarejos das cidades pernambucanas, demonstrando que a escolha de se prostituir em parte se dava por ser a única opção que algumas mulheres tinham para sobreviver. Além disso, a personagem Auxiliadora demonstrou o quanto a prostituição é facilmente aceita pelos nazarenos (Figura 15).



Figura 15 – Prostituta sendo abusada por homens.
Fonte: *Baixio das Bestas*, 2006.

As drogas também estão presentes nos filmes de Assis, em *Amarelo Manga* com menos força que em *Baixio das Bestas*. No primeiro apenas em um momento é percebida a utilização da maconha por um dos personagens, enquanto no segundo diversas vezes as drogas são utilizadas pelos personagens, os quais aparecem fora de controle.

A pobreza também é um assunto presente nos longas-metragens, em *Amarelo Manga* é retratada através de cenas da população em condições precárias de habitação (Figura 16). Além disso, em *Baixio das Bestas* a pobreza favorece a prostituição de algumas personagens como anteriormente citado e impedem que as mesmas tenham uma perspectiva de futuro diferente da prostituição, assédio e violência sexual.



Figura 16 – Crianças marginalizadas em situação de pobreza.
Fonte: Guidotti, 2015

O êxodo rural é retratado em *Baixio das Bestas*, através do personagem Cícero, jovem de classe média que passa a semana estudando em Recife e retorna para Nazaré da Mata nos fins de semana. Mostrando assim, a dependência que as zonas rurais têm da capital, devido à presença de universidade e também maiores oportunidades de emprego.

É importante perceber a imagem da cidade que Cláudio de Assis retrata em ambos os filmes. Recife é uma cidade que apresenta um vasto cenário cultural e histórico, seja através do carnaval, do frevo, da poesia ou dos grandes casarios, no entanto, *Amarelo Manga* apresenta apenas casarios abandonados, as áreas de morro, lugares inóspitos e precários, ressaltando alguns momentos em que apresenta as pontes e avenidas da cidade (Figuras 17 e 18).



Figura 17 (esq.) – Imagens gravadas em um morro do Recife.

Fonte: *Amarelo Manga*, 2003.

Figura 18 (dir.) - Cenas de local sem habitabilidade.

Fonte: *Amarelo Manga*, 2003.

Em *Baixio das Bestas*, mesmo sendo retratado na considerada capital do maracatu Nazaré da Mata, não é apresentada a beleza dessa cultura. Pelo contrário, Assis apresenta os caboclos de lança em único momento, quando o personagem de Heitor, o avô explorador, tem um infarto após os caboclos de lança entrar em sua casa. Desse modo, o cineasta demonstra serem eles os causadores da enfermidade (Figuras 19 e 20).



Figura 19 e 20 – Cenas em que Heitor sofre um infarto devido a invasão dos caboclos de lança em sua casa.

Fonte: *Baixio das Bestas*, 2006.

Assim, nota-se que há diversas imagens das cidades que foram ocultadas, principalmente os pontos positivos das mesmas. Em contrapartida, os problemas, a violência, a pobreza e todas as mazelas sociais presentes na cidade foram acentuadas, de modo a evidenciar a existência desses males, como realidade única.

4. CONCLUSÃO

O artigo buscou analisar os estereótipos das pessoas e das paisagens criadas pelos filmes *Amarelo Manga* e *Baixio das Bestas* de Cláudio Assis, de modo a perceber como todas essas questões da cidade foram retratadas pelo cineasta.

Através da Análise de Conteúdo e das categorias de análise selecionadas, foram avaliados os temas que mais se repetem ao longo dos filmes e o quanto eles influenciam na criação de uma vulgaridade de Pernambuco, da sua população, paisagem, entre outros aspectos. É importante perceber que a pesquisa não busca banalizar a temática apresentada pelo cineasta Cláudio Assis, pelo contrário, percebe-se a presença de todos esses problemas não somente no estado, mas em todo o país. O foco desse artigo, no entanto, é demonstrar que essa não é a única realidade encontrada em Pernambuco, em especial nas cidades retratadas nos dois filmes, mas que o estado apresenta muitas outras perspectivas favoráveis.

Em 2020, o cineasta em entrevista a Ricardo Daehn, declara quanto ao retrato dos filmes que relatam o Nordeste que "a narrativa dominante é a do Sudeste, e ela cria mil estereótipos sobre a gente." (ASSIS, 2020) Nota-se, no entanto que ele utiliza os mesmos estereótipos em seus filmes, como apresentado no presente artigo, contradizendo a sua declaração.

Conclui-se com isso, que Pernambuco possui diversos problemas sociais, como pobreza, violência, drogas, entre outros. Mas, não somente isso, os municípios possuem também belezas paisagísticas, um vasto cenário cultural, artístico e histórico. Desse modo, apresenta-se esse artigo com o intuito de demonstrar ambas as perspectivas para o restante da população, principalmente aos que nunca conheceram Pernambuco e carregam no seu imaginário a percepção de ser um lugar seco, pobre e sem valor.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARELO manga. Direção e Produção de Cláudio Assis. Recife, Parabólica Brasil, 2003. 1DVD (143 min.).

BAIXIO das bestas. Direção e Produção de Cláudio Assis. Nazaré da Mata, Parabólica Brasil, 2006. 1DVD (120 min.)

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Ed. 70, 1977.

NASCIMENTO, Renato Alves. **A paisagem narrativa do nordeste e dos nordestinos nos filmes de Vladimir Carvalho.** Dissertação (Mestrado em Geo-

grafia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

IPHAN. **Patrimônio Cultural Material e Conjuntos Urbanos Tombados**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/352/>. Acesso em: 11 nov. 2020.

SILVA, André Vinícius Santana da; PARENTE, Luciana Rachel Coutinho. **Educação, geografia e cultura: o patrimônio material de Nazaré da Mata, Pernambuco**. VI CONEDU, 2019.

GUIDOTTI, Flávia Garcia. **Crueldade e pensamento em Amarelo Manga: uma análise estética**. XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, 2015.

'**Rota do açúcar**' integra turismo de Alagoas, Pernambuco e Paraíba. G1, São Paulo, 28 jul. 2009. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL1239517-5598,00-ROTA+DO+ACUCAR+INTEGRA+TURISMO+DE+ALAGOAS+PERNAMBUCO+E+PARAIBA.html>. Acesso em: 25 nov. 2020.
Nazaré da Mata: fotos. Tripadvisor, ago. 2019. Disponível em: https://www.tripadvisor.com.br/LocationPhotos-g2348732-Nazare_Da_Mata_State_of_Pernambuco.html Acesso em: 25 nov. 2020

Maracatu de Nazaré da Mata. Viajar é simples, 22 fev. 2012. Disponível em: <https://viajaresimples.wordpress.com/2012/02/22/maracatu-de-nazare-da-mata/> Acesso em: 25 nov. 2020

ASSIS, Cláudio. **Entrevista dada a Ricardo Daehn para o Correio Brasiliense**. Diretores do Nordeste se inspiram em artistas populares para séries, 2020. Disponível em: https://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2020/07/20/interna_diversao_arte,873308/diretores-do-nordeste-se-inspiram-em-artistas-populares-para-series.shtml Acesso em: 11 nov. 2020.

ARQUITETURA NO SERTÃO À LUZ DOS PRINCÍPIOS PÓS-MODERNISTAS DA ARQUITETURA DO CONCEITO E DA FORMA.

Itanara Muniz de Carvalho Lima

Graduanda do 7º período do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Damas da Instrução Cristã, Recife-PE.
E-mail: itanaralima@hotmail.com.

Winnie Emily Fellows

Doutora em Desenvolvimento Urbano pelo MDU/UFPE. Professora do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Damas da Instrução Cristã, Recife-PE. E-mail: winnie.fellows@faculdedamas.edu.br.

1. INTRODUÇÃO

A análise feita no presente artigo busca enquadrar o projeto, Academia Escola Unileão do escritório Lins Arquitetos Associados, dentro dos parâmetros da corrente pós-modernista da Arquitetura do Conceito e da Forma. Fazendo uma ressalva à importância da Arquitetura Vernacular no sertão nordestino, onde o projeto se localiza, devido a similitude dos princípios defendidos por um dos principais nomes da corrente, o arquiteto John Hejduk.

Estes princípios contrariam a racionalização e defendem o valor simbólico de uma arquitetura mais orgânica. Assim, os valores culturais trazidos pelo uso dos materiais da própria região, reforça a relevância da função social do arquiteto e urbanista.

Assim, utiliza-se o projeto analisado como referência de uma arquitetura adequada para a sub-região sertaneja. Uma vez que, a utilização de materiais locais desta região, em sua maioria, é popular, e como diz Almeida (2006, p. 3), "a arquitetura feita pelo povo evidencia as particularidades do local onde está inserida, mostrando a habilidade dos populares em utilizar os recursos disponíveis necessários para a sua concepção". Então, levanta-se reflexões e questionamentos sobre como os profissionais da área atuam neste meio, afinal, por quê ao planejar um projeto que atenda às necessidades do cliente e busque o seu bem estar, não deve estar atrelado a estas particularidades locais?!

Por anos o contextualismo cultural e a preocupação com o *genius loci* de cada lugar é discutido pelos teóricos da área. O arquiteto Ricardo Bofill dos anos 70 até os dias de hoje, descreve que, sua arquitetura em todo lugar é diferente e está relacionada ao lugar, como também, o que aprendeu com essas experiências muito diferentes, é que a arquitetura não pode ser traduzida de um lugar para outro (BOFILL, 2019 apud BELOGOLOVSKY, 2019).

2. A CORRENTE PÓS-MODERNISTA DA ARQUITETURA DO CONCEITO E DA FORMA

Assim como surge, no final dos anos sessenta, a corrente dita “arquitetura comunicativa”, com os arquitetos, Aldo Rossi e Robert Venturi – e as suas concepções historicistas – definidas como, “pós-modernistas”. Em contraponto, uma nova concepção arquitetônica, trazida por nomes como, Peter Eisenman, Jonh Hejduk e Richard Meyer, surge, justamente como uma reação contra o pós-modernismo estilístico e em defesa da riqueza dos experimentalismos das vanguardas.

A corrente vem com uma reinterpretação das disposições racionalistas trazidas no Modernismo. Mas vai além, tendo em vista uma extrema radicalidade em sua intenção racionalista. Porém, um ponto relevante é que, Tafuri (1976 apud MONTANER, 2001)¹, classificou o grupo de arquitetos participantes como os “Five Architects” nova-iorquinos, e dentre eles, cada um seguiu uma referência dominante do Modernismo, com isso, houve uma riqueza de particularidades de cada arquiteto – mesmo sendo da mesma corrente –, além das particularidades pessoais, as de referências conceptivas.

Essa diversidade resulta em dois pontos distintos entre Eisenman e Hejduk bastante interessantes na corrente. O caso da abstração total, de uma arquitetura sem significado, antiorgânica, sem relação entre forma e vida e, livre de qualquer pretensão populista ou poluição realista, os quais eram pontos da radicalidade extrema de Peter Eisenman – mesmo que essa não fosse a real intenção da influência modernista em si. Diferente de Eisenman, Jonh Hejduk, aquele que será usado para esta análise, traz características mais empíricas, plásticas, sensíveis e próximas às necessidades materiais e simbólicas – mais orgânicas e próximas dos ideais dos pioneiros do modernismo – como também, a decomposição da arquitetura em suas formas geométricas mais simples e expressivas.

3. O SERTÃO E A ARQUITETURA VERNACULAR

3.1. A ARQUITETURA VERNACULAR

A chamada, “arquitetura mais inteligente”, recebe este termo devido a sua forma e concepção prática e econômica, além de atender às questões climáticas do projeto, com o uso de materiais adequados ao clima. Isso porque, resulta das condições naturais do local onde é construída e de um modelo padrão de design da habitação composto por símbolos lexicais (como os vocábulos de uma língua) e não idiossincráticos (RAPOPORT, 1980), ou seja, é influenciada por condições

¹ Manfredo Tafuri, *Five Architects NY*. Oficina Edizioni, Roma, 1976.

geográficas, climáticas, por aspectos culturais específicos e, por esse motivo, sua manifestação ocorre de maneira diferenciada e singular em diversas partes do mundo (SINGH, 2008). A arquitetura vernacular está presente nos primórdios da arquitetura, como mostra a Figura 01:

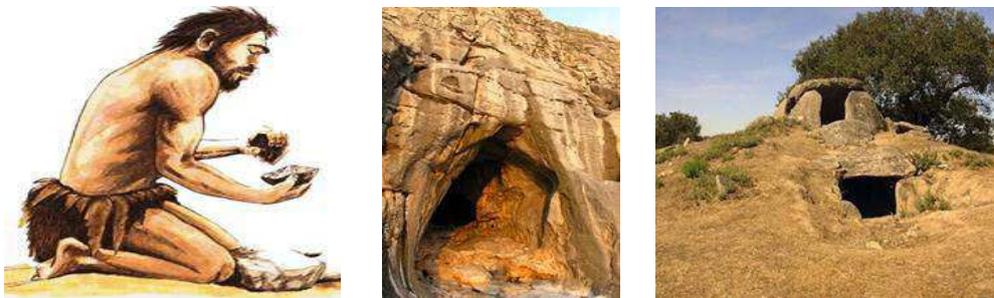


Figura 01- O homem pré-histórico, História da Arquitetura.
Fonte: Alunos Criativos, 2015

O Homem da Pré-História aproveitava as grutas naturais nas pedras, ou as fazia ou as aperfeiçoava para utilizá-la, com ornamentos rudimentares, como habitação.

Houve uma retomada às suas características a partir da ruptura modernista, quando os principais arquitetos à frente do Movimento Moderno criticavam a repetição de arquiteturas passadas que não possuíam vínculos históricos e culturais com o local, ignorando todo o contexto. Para eles, “Novos edifícios devem ser descobertos, não imitados.” (GROPIUS, 1977, p. 112), e essas críticas e reflexões vão dando abertura para novos questionamentos a respeito da continuidade do contextualismo cultural, como se intitula uma das correntes seguintes ao Movimento Moderno. Nesta corrente, por exemplo, um dos grandes nomes é o de Ricardo Bofill (Figura 02), o qual, durante uma entrevista, afirma que:

*A arquitetura precisa ter uma relação com o *genius loci* de cada lugar. Em outras palavras, ao seu espírito e DNA. A arquitetura não pode ser traduzida de um lugar para outro. A arquitetura deve ser específica para cada lugar (BOFILL, 2019 apud BELOGOLOVSKY, 2019, p. 01).*



Figura 02: La Muralla Rojain Alicante (1973). Ricardo Bofill.²
Fonte: ArchDaily, 2016.

² Projeto de Bofill, localizado na região espanhola de Calpe e construído em 1973, A Muralha Vermelha brinca com a arquitetura popular da região árabe mediterrânea, influenciada pela tradição da casbá. Mostrando como Bofill envolve detalhadamente às questões culturais e os materiais locais, tornando o projeto único.

Em outras definições, para Oliver (2006, p. 43, tradução nossa), a "Arquitetura Vernacular é a linguagem arquitetônica do povo que possui dialetos étnicos locais e regionais" e, por esse motivo, pode ser compreendida como uma Identidade Cultural Local.

3.2. ARQUITETURA VERNACULAR NO SERTÃO NORDESTINO

O litoral nordestino possuía um solo muito favorável ao cultivo da cana-de-açúcar, já conhecido e implantado na Europa. O restante das terras que não serviam aos colonizadores eram o que hoje se denomina sertão. Com o plantio em larga escala, começam a surgir engenhos para processar o açúcar, gerando a necessidade do gado para movimentar as moendas que não eram movidas a roda d'água (MAIA, 2014).

Com o crescimento acelerado dos rebanhos, começam a surgir conflitos entre os senhores de engenho e os criadores de gado, sendo instituída em 1701, uma Carta-Régia que proibia a criação de gado em terras litorâneas, gerando a migração dos criadores e de seus rebanhos para as regiões sertanejas, seguindo o percurso dos rios secos, se alojando em cabanas. As cabanas utilizavam o couro do gado para portas e janelas, como também para confecção de objetos como arreios e vestes, como o gibão para proteção da vegetação espinhosa de com galhos secos (MAIA, 2014).

Antes da chegada dos colonizadores a terras sertanejas eram os índios que a habitavam. A nação indígena Tapuia, nome genérico para os povos que viviam no interior, possuía em seus territórios grupos como os Cariri nas chapadas, Pipipã no Riacho do Navio, Rodela, nas ilhas do São Francisco, Caracu nas imediações de Serra Negra, entre outras. Após a colonização nas margens dos rios começaram a surgir as fazendas de gado, dando início aos primeiros povoados e vilas (CARVALHO, 2013).

E todo esse processo resultante do colonialismo, influenciou diretamente nas técnicas de execução das edificações sertanejas, tendo como principais, o uso do adobe, a pau-a-pique e a taipa de pilão (Figuras 03, 04, 05).



Figura 03 - Casa de taipa: barreamento (foto: Margem Arquitetura); Figura 04 - Construção de taipa de mão (foto: Vai com Tudo); Figura 05- Casa de Taipa de Mão.
Fonte: VivaDecora, 2020

Observa-se que o uso dessas técnicas, com estes materiais locais, está diretamente atrelado à uma arquitetura sustentável, pois, além de propor economia e identidade cultural, tem-se uma redução do impacto ambiental e um

conforto térmico mais eficientes que construções de alvenaria ou concreto. Isso porque, como Carignani e Reis (2014) descrevem o adobe:

O tijolo de adobe constitui-se basicamente de argila, silte e areia. A construção com o adobe é basicamente feita através da sobreposição de blocos de barro, que se unem através de uma argamassa de constituição semelhante ao material do qual o bloco é constituído. (...) as paredes em adobe apresentam conforto térmico adaptado ao clima local. Quanto ao conforto ambiental térmico e higrotérmico, o barro não queimado possui a capacidade de absorver e perder a umidade de maneira mais rápida que os demais materiais de construção. O processo não envolve queima. É um material reutilizável (CARIGNANI; REIS, 2014. p.1-3).

Com isso, questiona-se o uso de materiais inadequados e, frequentemente utilizados por profissionais da área, para esta região de clima seco. Além de ignorar as culturas locais, mantém uma arquitetura no interior sem vínculos históricos e culturais. Para Lamberts et al (2004), os arquitetos deveriam projetar edificações mais eficientes, isto é, que possibilitasse o uso racional de energia e garantisse o conforto térmico para o maior número possível de usuários.

4. ACADEMIA ESCOLA UNILEÃO / LINS ARQUITETOS ASSOCIADOS

O projeto Academia Escola Unileão foi escolhido para esta análise devido à sua concepção, que tanto une a arquitetura vernacular do sertão nordestino, quanto se adequa aos princípios da corrente pós-modernista.

Este projeto foi executado no interior do Ceará, um estado de clima semiárido, que seguiu de forte influência para o seu desenvolvimento. Há dois fatores primordiais que chamam a atenção neste projeto, trazendo algo especial, que são: a sua forma plástica de cinco círculos de 7.8 m de raio, que mesmo em escala humana, tem sua imponência com bastante clareza, devido a sua forma (Figura 06); como também, as soluções de conforto térmico, onde dos 7.80 m de raio, 6.0 m são de área útil e 1.80 m de jardins, criando uma camada externa de filtro e proteção a incidência solar (Figura 07).



Figuras 06 e 07 - Academia Escola Unileão (2018). Lins Arquitetos Associados.
Fonte: ArchDaily, 2019

Composta por uma paginação de tijolos cerâmicos maciços espaçados uns dos outros, causando um efeito 3D nas fachadas, além de ocasionar um jogo de luz e sombra dentro da edificação. Tendo assim, um espaço bastante agradável e simples. Outra camada – aplicada como forma de estratégia para o conforto ambiental – foi a utilização de jardins internos, com espécies vegetais nativas que contribuem para gerar um microclima agradável (Figuras 08, 09 e 10).



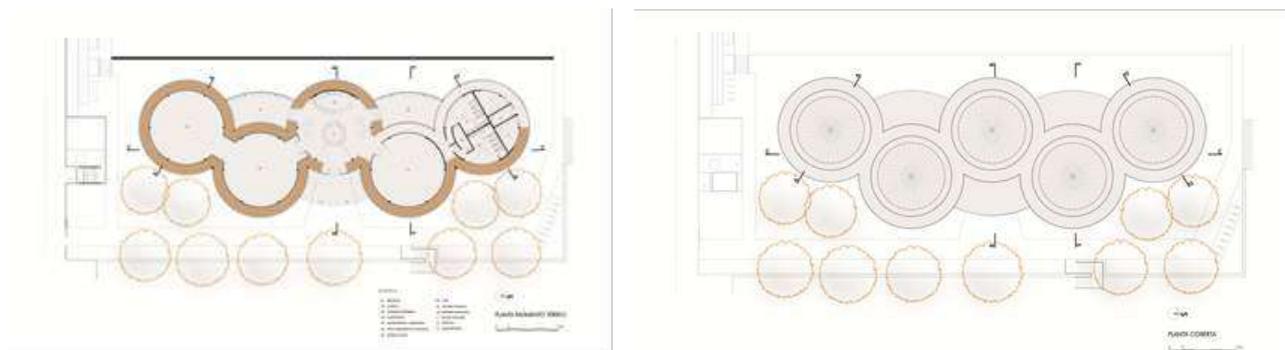
Figuras 08, 09 e 10 - Academia Escola Unileão (2018). Lins Arquitetos Associados
Fonte: ArchDaily, 2019



Figuras 11 e 12 - Academia Escola Unileão (2018). Lins Arquitetos Associados.
Fonte: ArchDaily, 2019.

E como última camada de proteção, há pano de esquadrias pivotantes de vidro incolor que permitem refrigerar a academia caso seja necessário (Figuras 11 e 12). Enquanto a cobertura, é composta por telhas termoacústicas que também atua nesse papel e protege o interior do edifício do calor excessivo.

E com todas estas características bem aplicadas, não seria diferente em relação ao programa, no qual, cada círculo funciona como uma célula de setorização e se conecta diretamente com a outra formando um conjunto alongado de aproximadamente 64 metros de comprimento, como visto na planta (Figuras 13 e 14). Na intenção de racionalizar a distribuição dos espaços, facilitando o uso destes com clareza e praticidade, mas sem abandonar a intenção estética e de conforto para aqueles que desfrutarão do espaço.



Figuras 13 e 14 - Academia Escola Unileão (2018). Lins Arquitetos Associados.
Fonte: ArchDaily, 2019.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Visto os conceitos abordados e as suas características, a corrente pós-modernista da arquitetura do conceito e da forma abraça a arquitetura vernacular, quando Jonh Hejduk se destaca na corrente pela sua sensibilidade, empirismo e proximidade para com às necessidades materiais e simbólicas do entorno. Característica pela qual o projeto exposto para análise propõe, sem desvalorizar a forma, assim como o arquiteto mencionado.

Além disso, o projeto trabalha cuidadosamente as questões simbólicas e ambientais do seu entorno, dando uma ressalva às características regionais do sertão nordestino ao valorizar o material de mais fácil acesso na região, o barro, como também, vegetações nativas de fácil adaptação climática. Algo muitas vezes ignorado por profissionais da área, que além de interferir na riqueza projetual – a concepção do projeto – também interfere na qualidade da edificação.

Assim como afirma Costa (2006, p. 11) “a arquitetura regional autêntica tem as suas raízes na terra; é produto espontâneo das necessidades e conveniências da economia e do meio físico e social e se desenvolve, com tecnologia a um tempo incipiente e apurada, à feição da índole e do engenho de cada povo; (...)”.

Ao invés da radicalização de Peter Eisenman, por exemplo, que valoriza puramente a forma pela forma, ou como já citado, enfatiza que a arquitetura é um trabalho intelectual, livre de qualquer pretensão populista ou poluição realista. Contrariamente, a arquitetura em suma deve manter-se coerente. Não abdicar completamente a abstração, mas como uma arte utilitária, tem um dever de significar, mostrar a história na espacialidade que a comporta. A arquitetura deve servir não só estruturalmente ou esteticamente, mas também, moralmente.

Almeida (1964) declara que os arquitetos devem se questionar, entre outras coisas, a respeito da verdadeira responsabilidade da arquitetura e qual seu papel social. A valorização cultural de elementos de caráter regionalista exerce uma parte dessa função que deve ser revista por arquitetos locais, por exemplo.

Almeida (1964) aponta ainda três níveis fundamentais da responsabilidade social do arquiteto: a arquitetura como uma atividade artística, enquadrando-se em esquemas de estética, filosofia, sociologia da arte; a arquitetura como atividade que reflete vários tipos de preocupações, revela ao arquiteto a gravidade dos problemas à escala nacional (problema da habitação, urbanístico,

da planificação do território); e como atividade enraizada sociologicamente, a arquitetura responde e propõe novas formulações das necessidades, comportamentos e aspirações das pessoas.

Sendo assim, verifica-se esta necessidade do arquiteto e urbanista, como atuante da área da construção civil, buscar trazer não apenas conceitos teóricos que visem a sustentabilidade ou contextos socioculturais, mas que a prática desta seja aplicada, assim como o escritório Lins Arquitetos Associados tem feito no interior Cearense. O ato de se colocar como um organismo daquele ecossistema, para que assim, busque atender às necessidades humanas sem prejudicar toda a contextualização envolvida.

6. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Caliane Christie Oliveira de. **Habitação Social: origens e produção** (Natal, 1889 – 1964). 2007. 235 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Universidade de São Paulo, São Carlos, 2007.

BELOGOLOVSKY, Vladimir. Ricardo Bofill: **Por que as cidades históricas são mais bonitas que as modernas**. ArchDaily Brasil. ago. 2019. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/804433/ricardo-bofill-por-que-as-cidades-historicas-sao-mais-bonitas-que-as-modernas>. Acesso em: 26 set. 2020.

CARIGNANI, G.; REIS, V. B. G. dos. **Projeto de Extensão – Resgate Cultural: O Adobe como técnica vernacular em Barra do Bugres-MT - um relato de experiência**. Núcleo de Estudo e Pesquisa em Edificações Sustentáveis, Passo Fundo. 10 p. nov. 2014. Disponível em: https://www.imes.edu.br/Uploads/Projeto%20de%20Extens%C3%A3o%20Resgate%20Cultural_O%20Adobe%20como%20t%C3%A9cnica%20vernacular%20em%20Barra%20do%20Bugres-MT.pdf. Acesso em: 03 nov. 2020.

CARLOS, G.; ROCHA, S. **Vernacular Heritage and Earthen Architecture: contributions for sustainable development**. Boca Raton: Taylor & Francis Group, CRC Press, 2014.

CARVALHO. A. P. B. de. **História da evolução urbana da cidade de Floresta- PE**. 2003. Trabalho de conclusão de curso (em História do Nordeste). Centro de Ensino Superior do Vale do São Francisco, Belém do São Francisco, 2003.

COSTA, Lucio. **Arquitetura**. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006. 152 p

GROPIUS, Walter. **Bauhaus: Novarquitetura**. Perspectiva, São Paulo, p. 109-115, 1977.

LAMBERTS, R.; DUTRA, L.; PEREIRA, F. **Eficiência Energética na Arquitetura**. PW, São Paulo, p 192. 1997.

MAIA, G. **A colonização do Nordeste brasileiro e os sertões**. BlogdoGemaia. 2012. Disponível em: <http://www.blogdogemaia.com/detalhes.php?not=788>. Acesso em: 16 de nov de 2020.

MONTANER, Josep Maria. **Depois do movimento moderno: arquitetura da segunda metade do século XX**. Barcelona: G.Gili, 2001.

OLIVER, P. **Built to meet needs: cultural issues in Vernacular Architecture**. Oxford: Elsevier LTDA, 2006.

PEREIRA, Mateus. **Academia Escola Unileão / Lins Arquitetos Associados**. Arch-Daily Brasil. jul. 2019. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/920845/academia-escola-unileao-lins-arquitetos-associados>. Acesso em: 23 set. 2020.

RAPOPORT, A. **Vernacular Architecture and the cultural determinants of form**. 1980. In: KING, A. D. Buildings and Society: essays on the social development of the built environment. London: Taylor & Francis e-Library, 2005

SINGH, M. K.; MAHAPATRA, S.; ATREYA, S. K. **Bioclimatism and vernacular architecture of north-east India**. 2008. Building and Environment, n. 44, p.878-888. Disponível em: www.elsevier.com/locate/buildenv. Acesso em: 23 out. 2020.

WEBER, W.; YANNAS, S. **Lessons from Vernacular Architecture**. London and New York: Taylor & Francis Group, Routledge, 2014.

O “REGIONALISMO CRÍTICO” DE KENNETH FRAMPTON E SUA EXPRESSÃO NA ARQUITETURA MODERNA PERNAMBUCANA.

Maxwel da Silva Pereira

Graduando do 10º período do curso de Arquitetura e Urbanismo
da Faculdade Damas da Instrução Cristã, Recife-PE. E-mail:
maxwel.pereira@gmail.com.

Winnie Emily Fellows

Doutora em Desenvolvimento Urbano pelo MDU/UFPE.
Professora do Curso de Arquitetura e Urbanismo da
Faculdade Damas, Recife-PE. E-mail:
winnie.fellows@faculdedamas.edu.br.

Gisele Melo de Carvalho

Mestre em História pela UFPE. Professora do Curso de
Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Damas da Instrução
Cristã, Recife – PE. E-mail: carvalhogm15@gmail.com.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo resgata um fragmento do Trabalho de Conclusão de Curso do autor, relativo ao termo “Regionalismo Crítico” definido para a arquitetura por Frampton (1997), e que vem sendo debatido por diversos autores. O objetivo é buscar reconhecer a influência de um regionalismo na arquitetura moderna em Pernambuco, mais especificadamente em Recife, e em que esta influência diferencia a arquitetura local, atribuindo-lhe valor histórico e servindo de modelo para criação de uma arquitetura identitária, atestando assim a riqueza e a diversidade da cultura brasileira.

A arquitetura moderna no Brasil busca formas de se afirmar e ser vista como única, sendo direcionada e obtendo características que podem ser definidas pelo meio cultural, pela influência do pensamento do arquiteto, e outros fatores como os climáticos, para buscar sua exclusividade meio à arquitetura produzida atualmente, garantindo assim uma identidade regional (SEGAWA, 1998).

Frampton (1997) define o termo “Regionalismo Crítico” como uma forma de nomear tal influência do meio na qual se insere a arquitetura, se baseando

em pontos que serão descritos neste trabalho, porém sendo questionado por outros autores, gerando um debate sobre o que viria a ser exatamente o termo. Após compreender a representação do regionalismo na arquitetura, vemos que a arquitetura moderna no Brasil cria sua identidade nas diversas regiões, sendo influenciada pelo movimento moderno que ocorria na Europa, adaptando os 5 conceitos racionalistas de Le Corbusier: planta livre, fachada livre, janelas em fita, uso de pilotis e o terraço jardim para a realidade do Brasil, e ganhando características exclusivas de acordo com a região onde é produzida.

Dentro do movimento moderno que se deu em Pernambuco na primeira metade do século XX, a questão de uma “escola de Recife” (SEGAWA, 1998) se vê traduzida nos parâmetros que Holanda (2018) busca representar para a elaboração de projetos modernos que sejam parte integrante da cidade, conversando com seu entorno, criando uma arquitetura mais harmônica e que consiga solucionar as intempéries climáticas do Nordeste, criando ambientes mais agradáveis, e configurando o que poderia ser chamado de uma expressão regionalista, como veremos a seguir.

2. UM DEBATE SOBRE O REGIONALISMO

Cabe ressaltar inicialmente o fenômeno atual apontado por Frampton (1980) do desgaste dos recursos culturais que fizeram parte das civilizações passadas, e que estão sendo sobrepostos à visão de uma nova civilização, onde o mundo compartilha de forma instantânea o mesmo conteúdo de criação e produção de forma global, diferentemente de tempos em que a cultura local definia a forma de viver determinada a cada civilização. A este fenômeno Frampton (1997) denomina cultura elementar, na qual se observa em qualquer parte do mundo um consumo do mesmo conteúdo sendo definido pelo mercado, criando um outro nível de subcultura no qual não considera as características adquiridas por um passado cultural. “Será que para entrar na rota da modernização é necessário descartar o antigo passado cultural que construiu a “raison d’être” de uma nação?” (FRAMPTON, 1997, p. 381).

Nesse paradoxo apresentado, ao mesmo tempo que uma nação precisa se aprofundar no conhecimento de seu passado, reforçando seus traços históricos, formando um “espírito nacional” e propagando sua cultura no qual se formou, se faz necessário, ao participar de uma sociedade moderna, de se integrar a racionalidade científica, técnica e política.

É um fato, nem toda cultura é capaz de suportar e absorver o choque da civilização moderna, este é o paradoxo: como tornar-se moderno e voltar às raízes, como reviver uma civilização antiga e adormecida e participar da civilização Universal? (FRAMPTON, 1997, p.381).

Com essa questão, Frampton (1997) coloca a existência de uma “cultura mundial”, ou seja, a influência gerada pela globalização da informação e conhecimento, na qual questiona o fato da produção arquitetônica possuir características que possam ser aplicadas em qualquer lugar do mundo, gerando uma

ausência de representatividade local, na produção arquitetônica, como ponto de partida para a elaboração do projeto. Frampton apresenta o termo e teoria do regionalismo crítico como sendo uma forma de conectar o valor histórico da civilização ao contexto mundial, de forma a buscar uma identidade regionalista na arquitetura produzida.

O termo regionalismo crítico não pretende denotar o vernáculo do modo como este, em outrora, produzido espontaneamente pela interação combinada de clima, cultura, mito e artesanato, mas antes pretende identificar as "escolas" regionais recentes, cujo objetivo principal tem sido refletir os limitados elementos construtivos nos quais se basearam e servir a eles. (FRAMPTON, 1997, p. 381-382).

Logo, segundo o autor, é um erro interpretar o "Regionalismo Crítico" como uma busca ou uma expressão arquitetônica vernácula, que em outros tempos fora produzido espontaneamente pela interação combinada de clima, cultura, mito e artesanato como partido, mas sim identificando as escolas regionais recentes, que buscavam compreender os elementos construtivos que foram desenvolvidos de acordo com as variações sociais e culturais durante o tempo, definindo uma forma de independência cultural.

Porém, é necessário considerar que a cultura regional não é algo imutável, mas sim algo a ser cultivado de forma consciente. Segundo Frampton (1980), deve-se manter a existência da cultura autêntica no futuro, em último caso dependendo da forma como conseguimos gerar de forma vital a cultura regional, ao mesmo tempo em que absorvemos as influências tanto da cultura local, quanto da civilização na qual o mundo compartilha.

Para Geertz (1989 p. 8-15) o debate sobre o real significado de cultura é interminável, pois segundo ele a cultura ao mesmo tempo é subjetiva ou objetiva. Há uma troca mútua de relação, sendo algo ao mesmo tempo definido, porém mutável, variando de acordo com a realidade da civilização na qual se aplica. Para descrever o significado de cultura, ele ilustra como os atos conhecidos pela sociedade, ou seja, "Quaisquer que sejam, ou onde quer que estejam esses sistemas de símbolos "em seus próprios termos", ganhamos acesso empírico a eles inspecionando os acontecimentos e não arrumando entidades abstratas em padrões unificados". Sendo assim, definindo traços que se baseiam em padrões mutáveis, mas que definem uma identidade cultural local e a sociedade onde está inserida.

Nesta manifestação identificada como regionalista, há uma preocupação pura e simples em retomar elementos e técnicas anteriormente utilizadas em determinados lugares, mas de forma crítica, ou seja, uma afirmação através de releituras desses elementos, do resgate cultural no reconhecimento por uma identidade cultural, ou mesmo uma busca pela identidade através da arquitetura.

Frampton (1997) define em sete pontos o termo regionalismo crítico:

1 – O Regionalismo crítico deve ser entendido como uma prática marginal que, embora crítica acerca da modernização, ainda assim se recusa a abandonar os aspectos emancipatórios e progressistas do legado arquitetônico moderno. (FRAMPTON, 1997, p.396).

Logo, o regionalismo não é uma prática voltada ao retrocesso estético e estilístico, ou seja, não busca retomar o modelo arquitetônico usado anteriormente, como por exemplo a proposta do neoclássico, onde se apresenta como uma releitura da arquitetura antiga, fugindo do contexto contemporâneo da obra, mas sim se apresenta o regionalismo como uma referência a técnicas construtivas passadas ou pouco praticadas no período contemporâneo. Assim como também referências visuais a ícones regionais, seja qual for sua escala, cidades, estados, nações, além de símbolos, signos, e a arte de maneira geral ligada a cultura, e ao mesmo tempo, o avanço tecnológico sem que este seja responsável por um distanciamento das manifestações culturais locais.

2 – [...] o Regionalismo crítico manifesta-se como uma arquitetura conscientemente delimitada que, em vez de enfatizar a construção como um objeto independente, faz a ênfase incidir sobre o território a ser estabelecido pela estrutura erguida no lugar.

3 – O Regionalismo crítico favorece a realização da arquitetura como um fato tectônico, e não como a redução do ambiente construído a uma série de episódios cenográficos desordenados.

4 – [...] o Regionalismo crítico é regional na medida em que invariavelmente enfatiza certos fatores específicos do lugar, que variam desde a topografia, vista como uma matriz tridimensional a qual a estrutura se amolda até o jogo variado da luz local que sobre ela incide.⁴⁴ (FRAMPTON, 1997, p.396).

Assim como no pensamento de Wright, “construir o lugar, não no lugar”, sob os aspectos da prática regional, não necessariamente se usa como referência principal fatores estéticos, mas sim físicos, topográficos, como por exemplo, segundo Moura, a luz natural que determinava as obras a serem implantadas no caso dos arquitetos portugueses como Álvaro Siza Vieira e Eduardo Souto de Moura.

5 – O Regionalismo crítico enfatiza tanto o tátil quanto o visual.

6 – Enquanto se opõe à simulação sentimental do vernáculo local, em certos momentos o Regionalismo crítico vai inserir elementos vernáculos reinterpretados como episódios disjuntivos dentro do todo. Além do mais, irá às vezes buscar tais elementos em fontes estrangeiras. (FRAMPTON, 1997, p.397).

Nesse ponto Frampton (1997) faz referência a Paul Ricoeur, onde afirma que todas as culturas, antigas e modernas, se desprendem do seu desenvolvimento intrínseco, com relação a mescla com outras culturas. Necessitando sua conexão com o passado e ao mesmo tempo participar da civilização contemporânea, o que muitas vezes acaba perdendo o vínculo com suas raízes culturais. O regionalismo não busca afastamento da civilização moderna como também não busca retomar ao passado, mas pelo contrário, busca acompanhar os avanços, porém sem se distanciar de suas raízes.

7 – O Regionalismo crítico tende a florescer naqueles interstícios culturais que, de um modo ou de outro, são capazes de fugir ao cerco da investida otimizadora da civilização universal. (FRAMPTON, 1997, p.397).

Frampton (1997) assim define que o regionalismo não é uma busca de retomar o passado nem muito menos abdicar técnicas e conhecimentos contemporâneos, mas sim intervir de alguma forma a definir traços que, ao meio da influência da civilização universal, carrega junto a si também traços da influência local onde se encontra determinada manifestação.

Montaner (2013 p.145), levanta o questionamento sobre o termo “Regionalismo Crítico”, usado por Frampton, como sendo um termo sem um uso claro, onde cria um debate crítico acerca da arquitetura produzida, de forma a tentar classificá-las, porém sem possuir meios para defini-las.

Ainda segundo Montaner (2003 p.97), pode-se ver como um termo criado a fim de representar a resistência contra o avanço da internacionalização da arquitetura, e o distanciamento da sua relação com o contexto local, como sendo um pensamento retrógrado, buscando, de certa forma, reafirmar arquiteturas marginalizadas diante do contexto mundial.

Para Montaner, o “Regionalismo Crítico” se apresenta como um termo confuso, pois não há como identificar os traços que afirmam a relação da obra com sua cultura local, sendo que toda obra apresenta em algum momento tal conexão com o contexto no qual se insere. Para ele, torna-se um questionamento vago, pois não há como avaliar o percentual de quanto sua conjuntura sócia espacial foi relevante para a concepção da obra. (MONTANER, 2013).

Porém, segundo Tzonis e Lefaivre (2013), umas das questões que identifica essa perspectiva é o problema da “arquitetura do lugar”, criando um pensamento crítico quanto à forma e o espaço da comunidade. Em um mundo que se caracteriza pela mobilidade e integração, o regionalismo se apresenta como uma abordagem para buscar uma arquitetura mais equilibrada, em contato com a realidade e cultura local. Frampton define como:

[...] A estratégia fundamental do regionalismo crítico é intermediar o impacto da civilização universal com elementos derivados indiretamente das peculiaridades de determinado lugar. O que dissemos acima deixa claro que o regionalismo crítico depende da manutenção de um nível elevado de consciência crítica. Sua inspiração principal encontra-se na atenção a aspectos como o espectro e a qualidade da luz local, ou na tectônica derivada de uma modalidade peculiar de estrutura, ou na topografia de determinada localidade. (FRAMPTON apud TZONIS, 2013, p.519).

O “Regionalismo Crítico” age como meio de intermediar o impacto da globalização, utilizando elementos característicos de cada lugar, como por exemplo, aspectos como a qualidade de luz e topografia do local determinado, para criar uma arquitetura única.

Refere-se a uma forma de pensamento arquitetônico, onde as necessidades locais, meios e técnicas aplicadas para a solução de problemas projetuais,

sejam vistos como partes integrantes para a arquitetura a ser produzida, ou seja, considerando as soluções e técnicas passadas para criar uma arquitetura integrada ao meio no qual está inserido, tanto pelo fator cultural quanto pelas condições que regem o ambiente.

O arquiteto pernambucano Armando de Holanda, em seu livro, *Roteiro para Construir no Nordeste* (1976), já discutia a interferência do clima no modo de construir, garantindo ao edifício características que se adaptem ao local construído, usando técnicas desenvolvidas para melhor adaptação à intensa insolação encontrada no nordeste do Brasil, tirando melhor proveito da sua iluminação em excesso e buscando maior atenção ao clima, à cultura e aos recursos naturais dispostos. (HOLANDA, 1976)

Sendo assim, compreende-se que para Frampton (1997) o "Regionalismo Crítico" vem como termo não para denotar o vernáculo como partido arquitetônico, mas para identificar a influência do local onde a arquitetura se insere com uma releitura e aproveitamento de técnicas e soluções já utilizadas neste local para harmonizar-se com a arquitetura moderna lá produzida.

Porém, para Montaner (2001) o termo Regionalismo Crítico se faz vago, pois toda arquitetura moderna não produzida na Europa sofre interferência do meio, sendo assim "Regionalismo Crítico" e não "Arquitetura Moderna", tornando-se impossível distinguir o ponto em que esta influência local se faz distinta e relevante para a concepção do projeto.

Pode-se entender, segundo Tzonis e Lefaivre (2013), que o "Regionalismo Crítico" deve ser visto como contraditório ao atual modelo que tende a dar preferência a tecnologia, economia e cultura globalizadas, se opondo a efeitos colaterais gerados como resultado dessas tendências geradas pelo interesse privado e o descaso público, buscando se enquadrar na realidade da qual se encontra, sendo pensada de forma que venha a suprir as necessidades e adversidades encontradas no local onde se pretende construir, não com viés voltado para a especulação do mercado, mas assim criando uma arquitetura única que busque propor a melhor solução para a moradia e não a mais econômica.

Durante o período moderno em Pernambuco, a arquitetura regionalista se mostrou como uma das características do pensamento arquitetônico da Escola de Belas Artes em Recife.

3. ARQUITETURA MODERNA EM PERNAMBUCO: UMA ESCOLA DE RECIFE?

Segawa (1998), define como "modernidades regionais", o resultado do trabalho de arquitetos brasileiros nômades e migrantes, que, independente do referencial de moderno que adotavam, a perspectiva neocolonial é base para o contraponto regionalista, buscando uma arquitetura onde identifique sua nacionalidade e ao mesmo tempo agindo como sendo um fator de renovação. Para ele, a arquitetura pernambucana surge de uma linguagem própria da linha carioca, formando arquitetos que continuaram atuando de forma consistente a produção arquitetônica regional.

No entanto Amorim (2001) usa como exemplo a escola americana regional de Sarasota, dos arquitetos Twitchell e Paul Rudolph, cuja filosofia fundamental

para a arquitetura produzida buscava: clareza construtiva; máxima economia de meios; volumes simples; clara geometria sobre a paisagem da Flórida e honestidade nos detalhes e nas conexões estruturais. Sendo estes tidos como “códigos de conduta projetiva”.

A compreensão de arquitetura como expressão artística, a exploração dos avanços técnicos e estruturais, a agregação de jovens e entusiastas estudantes e arquitetos, e o relativo isolamento das suas realizações, que permitiu o estabelecimento da escola de Sarasota. Em síntese, a comunhão de um mestre e seus aprendizes, no exercício de um ofício. (AMORIM, 2001).

Para Luiz Amorim, a escola de Sarasota se afirma somente no campo profissional, sendo fruto de uma produção singular de alguns arquitetos e obras tendo uma nova interpretação e amadurecimento de forma contínua da arquitetura local por novos profissionais.

A arquitetura em Recife, entretanto, se tem sua associação entre o meio acadêmico-profissional, onde, diferentemente da escola de Sarasota, não se tem estabelecido tais códigos de conduta projetiva, na sua expressividade é possível se encontrar aspectos fundamentais que compartilham de uma característica comum, nas quais nunca foram explícitas em forma de manifesto, porém como paradigmas, onde de certa forma estabeleceram limites para a arquitetura a ser produzida. (AMORIM, 2001).

A arquitetura em Recife apresenta semelhanças onde pode-se agrupar em categorias distintas, como brutalistas, nacionalistas ou regionalistas, mas alguns padrões típicos da arquitetura local, além de estéticos e funcionais, levaram a muitos estudiosos a levantar a hipótese de uma escola de arquitetura na região. (AMORIM, 2001).

Para Luiz Amorim, a “Escola de Recife” pode ser colocada como um caminho único, de Luiz Nunes em 1930 até os anos 70 com as obras de Armando de Holanda que se caracterizava pela interação dos setores funcionais, a característica ambiental e a forma sendo definida entre a racionalidade e o acervo histórico nacional.

Segundo Naslavsky (2003), fatores como região e localização, atributos de valor da obra, podem privar a produção arquitetônica local de uma avaliação mais profunda em meio às produções nacionais e internacionais contemporâneas a obra. Para ela, a arquitetura moderna em Pernambuco, pioneira através de Luís Nunes, reconhecida de forma tardia e ocorrendo de forma simultânea ao movimento moderno no Rio de Janeiro e em São Paulo, tem em um livro de Yves Bruand, *Arquitetura Contemporânea no Brasil*, o reconhecimento e o levantamento da hipótese de uma “escola do recife”. (NASLAVSKY, 2003).

Assim, no tocante à produção moderna em Pernambuco, pode-se ter duas análises: para Naslavsky (2003) existiu uma produção contínua da arquitetura moderna em Pernambuco iniciada com Luis Nunes nos anos 30, seguindo até os anos 70 e um segundo momento onde se vê o regionalismo, como uma continuação da incerta “Escola de Recife”. Em seu primeiro momento, o legado de Luís Nunes e alguns projetistas da década de 30 não conseguem dar segmento

as suas experiências pioneiras. A influência da arquitetura pernambucana se redefina com a chegada de Acácio Gil Borsoi e a modernidade carioca na década de 50 (NASLAVSKY, 2003). Entre o processo de revisão de um novo debate e o enfraquecimento da predominância do moderno carioca, há um hiato até a discussão no final dos anos 50, com Borsoi que enxerga novos caminhos na arquitetura internacional e Delfim Amorim, que é influenciado pelo passado colonial e correntes revisionistas internacionais. Este é o período mais relevante para a definição de uma identidade regional (NASLAVSKY, 2003).

Segundo Naslavsky (2003), as características que podem apontar uma "pernambucanidade" na arquitetura busca respeitar as condições climáticas e a utilização de materiais locais, como longos beirais, elementos vazados e a forma do agenciamento dos setores funcionais, na qual arquitetos como Delfim Amorim e Acácio Gil Borsoi, criaram uma marca registrada das soluções locais. Para ela, a hipótese da existência de uma "escola de Recife", não se faz válida, vendo que a existência de uma escola provocaria a continuidade entre estes dois momentos expostos por ela, vivenciados pela arquitetura moderna em Pernambuco. Porém, as produções regionais se fazem importantes para o plano nacional, devido às semelhanças entre os modelos e paradigmas da Arquitetura Moderna Brasileira.

Bruand (2010) coloca a produção da arquitetura Moderna em Pernambuco e a hipotética "Escola de Recife" em segundo plano, sendo uma forma derivada das escolas Carioca e Paulista.

Sendo assim, podemos compreender que por mais que não haja um consenso sobre a existência de uma "Escola de Recife" no meio acadêmico, a arquitetura produzida em Recife pode ser vista em três momentos representados por arquitetos como, inicialmente com Luiz Nunes, em seu breve momento, Acácio Gil Borsoi com o modernismo racionalista e Delfim Amorim com um perfil regionalista. Porém, sem definir parâmetros para a produção arquitetônica de Pernambuco, como define Bruand (2001) e Naslavsky (2003), a influência estética e funcional adquirida pela adaptação da arquitetura moderna no clima tropical do Nordeste garante características únicas que Amorim (2001) considera como fatores que garantiriam o reconhecimento da existência de uma "Escola de Recife".

Segawa (1998) ressalta a importância da arquitetura produzida durante o processo do modernismo em Pernambuco, e seu pioneirismo como experiência de grande importância para a arquitetura brasileira, garantindo um regionalismo nacional onde este "regionalismo local" se mostraria como adaptação sob uma influência da arquitetura moderna produzida no país. "Devemos preservar as obras que tem identidade moderna brasileira ou aquelas que, justamente por serem exceções, atestam a riqueza e diversidade da cultura brasileira." (NASLAVSKY, 2003).

Pode-se assim, identificar traços na arquitetura pernambucana que faça transparecer a presença de uma identidade regional que busca referenciar a cultura e a influência da natureza sobre a arquitetura moderna em Pernambuco, buscando uma melhor adequação ao local onde se encontra a obra e reafirmando assim uma identidade cultural na arquitetura contemporânea vigente. (NASLAVSKY, 2003)

Holanda (2018) ressalta a importância da valorização da natureza, da vegetação e da topografia local, com o propósito de melhor aproveitamento do microclima que a vegetação gera, e assim também trazendo para dentro da

construção, a fim de reforçar o espaço integrado, indicando outras soluções para as paredes, tornando-as mais finas, transparentes, semiabertas, reduzindo as barreiras visuais ao necessário.

Segundo Holanda (2018) a arquitetura proposta por mestres influentes na Escola de Belas Artes de Pernambuco como Acácio Gil Borsoi e Delfim Amorim, assim como de seus alunos, buscava priorizar o uso de separações leves e vazadas, elementos que favoreciam a entrada e saída de ventos, como cobogó, brises, venezianas, treliças de madeira e amplos beirais e varandas, o uso de pés direitos elevados e grandes coberturas em telhas de cerâmica, como soluções propostas para garantir maior permanência nos ambientes, protegendo também da forte insolação, utilizando-se da vegetação também para gerar sombras e criar espaços de integração de seu interior com o exterior.

Refletiu também sobre soluções para as fachadas das casas, orientadas pela insolação, utilizando-se de venezianas, brises e cobogós garantindo a privacidade, tirando melhor proveito da iluminação e amenizando seu impacto direto, possibilitando o fluxo de ar, gerando ambientes agradáveis e sombreados, tendo uma melhor interação com o espaço. (HOLANDA 2018).

Por conta do clima tropical, Holanda (2018) ressalta a necessidade de uma arquitetura que busque exprimir uma harmonia com os fatores naturais, de forma que a paisagem natural seja valorizada utilizando-se de árvores e vegetação, e fatores como sombras e controle de temperatura sejam aproveitados nos jardins, vias, estacionamentos, praças e parques.

O autor apresenta em seu livro, "Roteiro para Construir no Nordeste", parâmetros que garantiriam uma arquitetura moderna funcional, racional e integrada a seu entorno na qual fosse pensada e adaptada ao clima local do Nordeste brasileiro.

Assim, baseando-se na sua obra, destacam-se três parâmetros para a arquitetura regional de Pernambuco produzida em Recife:

1. CRIAÇÃO DE SOMBRAS E PAREDES RECUADAS;
2. VAZAMENTO DE MUROS;
3. INTEGRAÇÃO DA NATUREZA NA OBRA.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando a discussão sobre o que seria o "Regionalismo Crítico", pode-se observar que Frampton (1980) define sete pontos que podem identificar a influência regional sobre a arquitetura moderna produzida.

Em contraponto, Montaner (2001), questiona o uso do termo "Regionalismo Crítico" para referenciar a arquitetura moderna fora da Europa, uma vez que o termo dá margem a considerar toda arquitetura feita fora da Europa não como moderna, mas sim como regionalista. Segundo ele, toda obra teria influência direta ou indiretamente da região onde se encontra, sendo difícil distinguir até que ponto os parâmetros da arquitetura moderna e/ou a influência regional foi relevante para a concepção da obra.

Porém para Tzonis e Lefaivre (2013), o regionalismo crítico vem como forma de representar um movimento contra a interferência da cultura mundial, dotando-a com soluções para a moradia já conhecidas pela região a fim de se criar uma arquitetura única que condiz e interage com a região onde se encontra.

De acordo com estes três posicionamentos, questiona-se a existência de um regionalismo pernambucano na arquitetura produzida em Recife, e se é possível reconhecê-la por seus elementos constituintes.

Tomando-se como referência a obra de Armando Holanda (2018), "Roteiro para Construir no Nordeste", chegou-se à conclusão que sim. Nesta obra, ele apresenta soluções arquitetônicas para adequar o modernismo ao clima do Nordeste, inspirado na arquitetura colonial, criando uma releitura dentro dos elementos modernos para criar casas que buscam harmonizar a arquitetura ao meio.

Partindo-se da hipótese de que é possível reconhecer um Regionalismo Pernambucano na produção arquitetônica de residências modernas em Recife, essa pesquisa esclarece que a produção arquitetônica local tem sim características exclusivas da região, que podem ser representadas por três elementos: 1. Criação de sombras e paredes recuadas; 2. Vazamento de muros; 3. Integração da natureza na obra.

Observou-se, no âmbito do trabalho completo de graduação, origem deste artigo, que esses elementos foram identificados nas fachadas de algumas casas pesquisadas. Nestas casas, as particularidades construtivas conceituadas por Holanda (2018) afirmam seu regionalismo. No entanto, compartilha também das características da arquitetura moderna desenvolvida por todo país, como o uso de brises, pergolados, janelas em fita, utilizando-se dos elementos racionalistas e adaptando-os para a realidade do Nordeste brasileiro, onde a arquitetura produzida buscava resolver as intempéries climáticas da região.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, Luiz Manuel do Eirado. **Modernismo Recifense: Uma escola de Arquitetura, três paradigmas e alguns paradoxos**. Vitruvius, 2001. Disponível em: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/01.012/889>. Acesso em: 25 nov. 2020

BRUAND, Yves. **Arquitetura contemporânea no Brasil**. 4ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

FRAMPTON, Kenneth. **História crítica da arquitetura moderna**. 1ed. São Paulo: Martins Fontes 1997.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1 ed. Rio de Janeiro: LTC 1989

MONTANER, Josep Maria. **Depois do Movimento Moderno**. Barcelona: Gustavo Gili, AS, 2001.p.180.

MONTANER. Josep Maria. **Arquitetura Crítica**. Barcelona: Gustavo Gili. 3ed. 2013 (impressão digital).

NASLAVSKY, Guilah. **Arquitetura Moderna em Pernambuco entre 1945-1970: Uma Produção com Identidade Regional?**. 5º Seminário Docomomo Brasil Arquitetura e Urbanismo Modernos: Projeto e Preservação, 2003. Disponível em: <https://docomomo.org.br/wp-content/uploads/2016/01/055R.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2020.

NESBITT, Kate (org.). **Uma nova agenda para arquitetura. Antologia Teórica 1965 - 1995**. 2ed. São Paulo, Cosac & Naify, 2006.

SEGAWA, H. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990**. São Paulo: EDUSP, 1998.

LEGISLAÇÃO URBANO - ARQUITETÔNICA / PLANEJAMENTO URBANO 2

As disciplinas de Legislação Urbano-Arquitetônica e de Planejamento Urbano 2 são ministradas no 6º período do curso, constituindo um aprendizado interdisciplinar. O objetivo do trabalho final foi exercitar a aplicação dos instrumentos da política urbana previstos no Estatuto da Cidade (discutidos e aprendidos na disciplina de Legislação Urbano-Arquitetônica), como forma de enfrentar situações-problemas encontradas em bairros da cidade do Recife (discutidas e aprendidas na disciplina de Planejamento Urbano 2). Foram selecionados como áreas de estudo e intervenção, três grupos de bairros: Caxangá e Várzea; Cordeiro, Iputinga e Ilha do Retiro; Torre e Madalena. O diagnóstico feito para esses bairros apontou como situações-problemas mais presentes, um expressivo processo de verticalização, a presença de Comunidades de Interesse Social (CIS) não incluídas em Zonas de Especial Interesse Social (ZEIS), sítios históricos desprotegidos; infraestrutura e serviços urbanos precários; áreas e imóveis de interesse para preservação abandonados ou invadidos; terrenos subutilizados; e áreas de uso público degradadas ou em processo de degradação. Os alunos tiveram a oportunidade de refletir sobre cada uma das situações encontradas e de propor o instrumento de política urbana mais adequado para cada caso.

Professoras:

Dra. Ana Maria Filgueira Ramalho: Legislação Urbano-Arquitetônica

Dra. Winnie Emily Fellows: Planejamento Urbano 2

REQUALIFICAÇÃO NOS BAIRROS VÁRZEA E CAXANGÁ: APLICAÇÃO DOS INSTRUMENTOS URBANÍSTICOS DO ESTATUTO DA CIDADE.

Itanara Muniz de Carvalho Lima

Graduanda do 7º período em Arquitetura e Urbanismo na
Faculdade Damas da Instrução Cristã, Recife-PE.
E-mail: itanaralima@hotmail.com.

Maria Eduarda Albuquerque de Souza

Graduanda do 7º período em Arquitetura e Urbanismo na
Faculdade Damas da Instrução Cristã, Recife-PE. E-mail:
mariaeduarda6046@hotmail.com.

Ana Maria Filgueira Ramalho

Doutora em Desenvolvimento Urbano. Professora do Curso de
Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Damas, Recife-PE. E-mail:
ana.maria@faculdedamas.edu.br

Winnie Emily Fellows

Doutora em Desenvolvimento Urbano pelo MDU/UFPE. Professora
do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Damas da
Instrução Cristã, Recife-PE. E-mail:
winnie.fellows@faculdedamas.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Ao reunir conceitos teóricos, o presente trabalho tem como finalidade, analisar os instrumentos urbanísticos do Estatuto da Cidade e do Plano Diretor do Recife, bem como as suas possíveis aplicações nos bairros Caxangá e Várzea.

Caxangá e Várzea são importantes bairros da zona oeste de Recife, o primeiro interliga o centro do Recife com a zona oeste da cidade, enquanto o segundo é um dos maiores bairros em extensão territorial da cidade. Desse modo, ambos possuem grande concentração populacional, carregando características singulares quando comparados com outros bairros da Região Metropolitana do Recife. Ambos possuem, em sua maioria, edificações horizontais, ao contrário de outros bairros da cidade, onde dificilmente se encontram residências de até um pavimento.

Ainda assim, o processo da verticalização tem chegado aos seus territórios. No Caxangá os edifícios estão localizados próximos à Avenida Caxangá, um dos principais corredores de transporte da cidade, enquanto na Várzea, eles estão próximo ao Rio Capibaribe e à Universidade Federal de Pernambuco.

O aumento da verticalização nos bairros de estudo é resultado da expansão do mercado imobiliário em outras áreas da cidade, como é visto pelo adensamento do centro do Recife e em bairros próximos. Devido à busca por alternativas de criação da mais valia urbana juntamente com a presença de vazios urbanos e terrenos subutilizados, os bairros Caxangá e Várzea se tornam alvo desse processo.

Em contrapartida, nota-se os diversos problemas advindos com a verticalização. Os condomínios privados cada dia oferecem aos seus compradores mais variedades de serviços, como por exemplo: academia, espaços de lazer e até mesmo padarias, contribuindo para que os moradores desses edifícios não precisem sair de casa para encontrar determinados serviços. Por conta disso as pessoas deixam de andar nas ruas para ir aos mercados ou até mesmo para levar o filho na natação, considerando que encontra tudo em seu condomínio. E com isso, há o aumento da violência nas ruas, tendo em vista que elas se tornam cada vez mais vazias.

A Várzea, todavia, é um bairro em que os seus moradores ocupam os espaços públicos, utilizam a bicicleta como um dos principais transportes e possui características de centralidade, sendo encontrados no bairro desde lotérica à delegacia. Caxangá segue pelo mesmo caminho, possui praças com campos de futebol, skate park e academia da cidade, todos estes espaços públicos ocupados pela população. Assim, esse processo de verticalização segue contra essas características e pode levar o bairro por outro caminho, principalmente o da segregação socioespacial.

Notou-se através de análises e pesquisas que os bairros têm enfrentado problemas de urbanização, sendo eles ligados a infraestrutura, a habitabilidade e ao déficit habitacional. Isso também ocorre devido à carência de regularização fundiária. A Várzea, por exemplo, possui cinco Zonas Especiais de Interesse Social (ZEIS) e Caxangá possui uma. Segundo o Plano Diretor do Recife de 2008 essas áreas deveriam ser assistidas pelo Poder Público, no entanto, são encontrados nelas problemas como ausência de saneamento, de moradia e de políticas públicas.

Ademais, foram encontrados nos bairros diversos edifícios históricos que não são protegidos pela legislação, o que dificulta a permanência dessas memórias urbanas e contribui para o descaso do Patrimônio Histórico e Cultural da cidade. Além deles, os Imóveis de Proteção de Área Verde (IPAV) também estão descaracterizados ou subutilizados.

Por isso, através da análise notou-se que essas problemáticas podem ser minimizadas e até mesmo solucionadas com a utilização dos instrumentos do Estatuto da Cidade, o qual foi elaborado com o objetivo de regulamentar os artigos da Constituição Federal voltados para a política urbana. Além disso, pode-se contar ainda com o cumprimento do Zoneamento estabelecido pelo Plano Diretor do Recife de 2008, o qual delimita a Zona Especial de Patrimônio Histórico e o IPAV, bem como as especificidades que devem ser seguidas em seus limites. Desse modo, foi proposta a utilização desses instrumentos para fins de contribuir para a requalificação dos bairros Caxangá e Várzea.

2. OS INSTRUMENTOS DO ESTATUTO DA CIDADE E DO PLANO DIRETOR DO RECIFE A SEREM APLICADOS NOS BAIRROS

O Estatuto da Cidade foi promulgado em 10 de julho de 2001 com o objetivo de estabelecer diretrizes para o planejamento urbano. Além disso, regulamentam os artigos 182 e 183 da Constituição Federal de 1988, estabelecendo normas de ordem pública e de interesse social.

Há muitos instrumentos estabelecidos pelo Estatuto da Cidade, os quais regulamentam o uso da propriedade urbana para o bem da coletividade e dos cidadãos, levando em consideração também a segurança e o meio ambiente. Exemplos desses instrumentos são: Desapropriação, Direito de Preempção, Direito de Superfície, Estudo de Impacto de Vizinhança, IPTU Progressivo e Operações Urbanas Consorciadas.

Outros instrumentos também são definidos pelo Estatuto, os quais foram selecionados para aplicação nos bairros de estudo, e por isso mesmo serão aqui apresentados. São eles: Concessão do Direito Real de Uso (CDRU); Desapropriação por Utilidade Pública; Instituição de Zonas Especiais de Interesse Social; Tombamento; Transferência do Direito de Construir e Usucapião especial de imóvel urbano.

O CDRU se trata de uma concessão de uso dada pelo Estado para que alguém possa utilizar um terreno público por um determinado período de tempo, através de um contrato gratuito ou oneroso. Os usos permitidos pela CDRU são específicos e determinados pelo Decreto-Lei 271/1967, sendo possível a utilização para edificação, urbanização, industrialização, cultivo da terra, regularização fundiária de interesse social, aproveitamento sustentável das várzeas, preservação das comunidades de subsistência ou ainda outras formas que contribuam para o interesse social em áreas urbanas (BRASIL, 1967, Art. 7º).

A Desapropriação por Utilidade Pública se refere aos casos em que o poder público adquire um imóvel para fins de interesse social ou utilidade pública, ocorrendo mediante o pagamento de indenização. Segundo o Artigo 5º do Decreto-Lei 3.365 de 1941, alguns dos casos que podem ocorrer a Desapropriação por Utilidade Pública são: a segurança nacional, a defesa do Estado, o socorro público em caso de calamidade e a exploração ou a conservação dos serviços públicos.

A Instituição de Zonas Especiais de Interesse Social ocorre a partir da separação de uma "parcela de área urbana instituída pelo plano diretor ou definida por outra lei municipal, destinada preponderantemente à população de baixa renda e sujeita a regras específicas de parcelamento, uso e ocupação do solo" (BRASIL, 2017, Art. 18).

Para proteger o patrimônio cultural e histórico o principal instrumento utilizado é o Tombamento, cuja diretriz abrange os monumentos, sítios e paisagens que sejam importantes para a conservação da história e cultura, sejam eles naturais ou construídos (BRASIL, 1937, Art. 25).

A Transferência do Direito de Construir (TDC), segundo o artigo 35 do Estatuto da Cidade, permite que o proprietário exerça o direito de construir em outro local, baseado no plano diretor e em outras legislações. Essa transferência pode ocorrer em alguns casos, um deles é para preservação de patrimônio histórico, ambiental, social ou cultural. Além disso, a TDC pode ocorrer devido a

implantação de equipamento urbanos e comunitários, para urbanização de áreas ocupadas por população de baixa renda e Habitação de Interesse Social (HIS). Segundo o Estatuto da Cidade, referente à Usucapião especial de imóvel urbano:

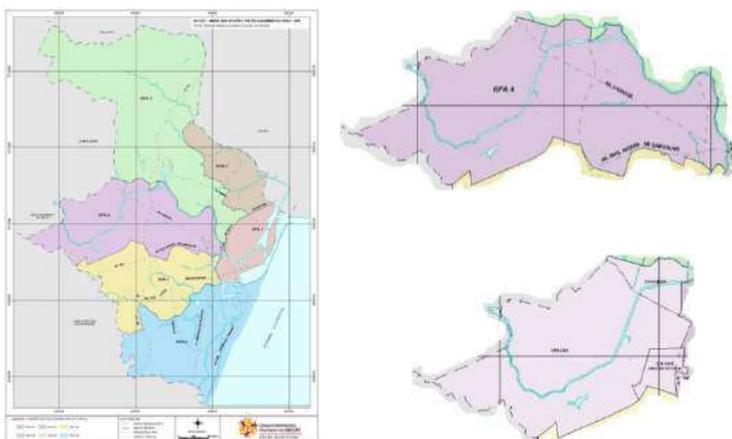
Aquele que possuir como sua área ou edificação urbana de até duzentos e cinquenta metros quadrados, por cinco anos, ininterruptamente e sem oposição, utilizando-a para sua moradia ou de sua família, adquirir-lhe-á o domínio, desde que não seja proprietário de outro imóvel urbano ou rural (BRASIL, 2001, Art. 9º).

O Plano Diretor do Recife (PDCR) de 2008 aprova diretrizes para o planejamento urbano da cidade, e entre todas as determinações deste Plano, estão o zoneamento do município, bem como os Imóveis de Preservação de Área Verde (IPAV) e suas especificidades. Entre as zonas apresentadas no Plano Diretor do Recife, foram utilizadas na análise do presente trabalho as Zonas Especiais de Interesse Social (ZEIS), as Zonas Especiais de Patrimônio Histórico (ZEPH), e os IPAV.

Segundo o Artigo 106 do PDCR, as ZEIS são áreas de moradias de população de baixa renda onde seja possível a urbanização, regularização fundiária e construção de habitação de interesse social. Além disso, possuem como objetivo possibilitar melhores condições de habitabilidade para a população, a promoção de regularização fundiária e inibir a especulação imobiliária e comercial nos imóveis dessas áreas. Para que seja considerado ZEIS o assentamento precisa ter surgido de forma espontânea e ser consolidado, mas pode também ser proposto pelo Poder Público.

3. DIAGNÓSTICO URBANÍSTICO DOS BAIROS CAXANGÁ E VÁRZEA

O município do Recife é dividido em seis Regiões Político-Administrativas (RPA) para efeito de formulação, execução e avaliação permanente das políticas e do planejamento governamental (**Figura 01**). Para esta pesquisa foi selecionada a RPA 4 que compreende 12 bairros (**Figura 02**), sendo dois deles o Caxangá e a Várzea, os definidos como os objetos deste estudo (**Figura 03**).



Figuras 01, 02 e 03- Mapa das Regiões Político-Administrativas – RPA (2008); Ampliação RPA4 (2008); Ampliação Várzea e Caxangá (2008).
Fonte: Prefeitura do Recife, 2020.

Através dos dados estatísticos disponibilizados no site da Prefeitura do Recife, de acordo com o Censo Demográfico de 2010 - IBGE, foram obtidos gráficos com o perfil da população residente de cada bairro (**Figuras 04 e 05**). Estes dados da população por faixa etária auxiliam no desenvolvimento das propostas urbanísticas, uma vez que indicam o público para o qual o serviço será prestado. Por exemplo, as propostas para o bairro Caxangá serão direcionadas para o grupo de idosos, o qual possui necessidades específicas, seja em relação à necessidade de deslocamentos na cidade, seja por um modo de vida contrário a agitação e correria de grupos mais jovens, como a maior parte da população da Várzea.



Figuras 04 e 05 - Gráficos da População por Faixa Etária (2010). Várzea e Caxangá.
Fonte: Prefeitura do Recife, 2020

Outro dado importante para o estudo dos bairros, foi o levantamento a respeito dos tipos de usos de cada imóvel, através do Mapa do Uso do Solo (**Figura 06**). Este mapeamento serve para analisar onde há a maior densidade de um mesmo uso, identificar suas carências e pontos fortes e assim pensar em soluções viáveis para o funcionamento do bairro.

No Mapa do Uso do Solo dos bairros em questão, observou-se que ambos possuem uma diversidade de usos, contudo, em sua maioria são residenciais. Desse modo, os outros usos são para suprir as carências da população residente. A Várzea, por ter características de centralidade, possui alguns usos mais específicos, sendo eles: institucionais, educacionais, industriais e, além disso, possui subestação, pousada e até mesmo cemitério. Alguns terrenos são subutilizados como estacionamentos, ferro velho ou garagem para leilões de carros; os quais poderiam servir para suprimento das carências habitacionais.



Figura 06- Mapa do Uso do Solo. Várzea e Caxangá.
Fonte: Google Maps (2020); ESIG-Recife (2008). Editado pelas autoras (2020).

Entre 2000 e 2010, houve alterações preocupantes nestes bairros residenciais no que se refere ao processo de verticalização. Com os dados obtidos por meio do Índice de Verticalização disponibilizados pelo IBGE, pode-se observar a concentração de domicílios do tipo apartamento em um setor censitário¹. O índice auxilia a análise permitindo que seja comparado a evolução do processo da verticalização com o passar dos anos, como pode ser visto no gráfico (**Figura 07**).

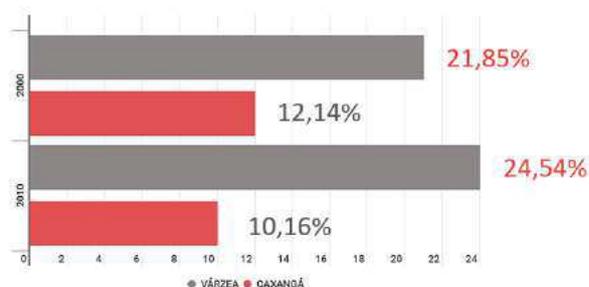


Figura 07- Índice de Verticalização. Várzea e Caxangá.
Fonte: IBGE - Censo Demográfico 2010

O gráfico mostra que em 2000 a Várzea atingia 21,85% de verticalização enquanto Caxangá atingia 12,14%, ainda sendo considerados de baixa verticalização (até 40%). Em 2010 houve uma alteração nesses valores, enquanto a Várzea cresceu cerca de 2,5% passando a apresentar 24,54% de verticalização, Caxangá diminuiu cerca de 2% apresentando 10,16% de verticalização, mostrando com isso que a construção residencial térrea nesse bairro, aumentou. O que diz muito sobre o perfil de residentes distintos dos bairros que foram mostrados nos primeiros gráficos.

Com o aumento da verticalização, entra a preocupação com outra característica forte presente nos bairros, o número de assentamentos precários. O bairro da Várzea, juntamente com Caxangá, totaliza em torno de seis assentamentos precários registrados pela prefeitura como ZEIS (Zonas Especiais de Interesse Social), além de 24 CIS (Comunidades de Interesse Social) pelo ATLAS CIS. Com isso, sabe-se que a especulação imobiliária está estritamente ligada ao processo de verticalização, e o quanto oferece um grande risco à população das ZEIS.

4. PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO NOS BAIROS ATRAVÉS DA UTILIZAÇÃO DOS INSTRUMENTOS DO ESTATUTO DA CIDADE E DO PLANO DIRETOR DO RECIFE

4.1. CONTENÇÃO DA VERTICALIZAÇÃO

Ambos os bairros têm a horizontalidade predominante em sua tipologia, uma extensa área verde e construções dispersas ao longo do seu território. A

¹ O Índice de Verticalização é obtido a partir da divisão do número de apartamentos do setor censitário pelo total de moradias.

Classifica-se nas seguintes categorias:

- Alta verticalização: acima de 60%
- Média verticalização: de 40% a 60%
- Baixa verticalização: de 1% a 40%
- Sem verticalização: abaixo de 1%

maior concentração da verticalidade dos bairros se encontra próximo à centros importantes como: A Cidade Universitária, a Avenida Caxangá e as áreas mais próximas ao Rio Capibaribe. O mapeamento traz a tipologia construtiva dos bairros, mostrando onde há o maior adensamento da verticalização (Figura 08).

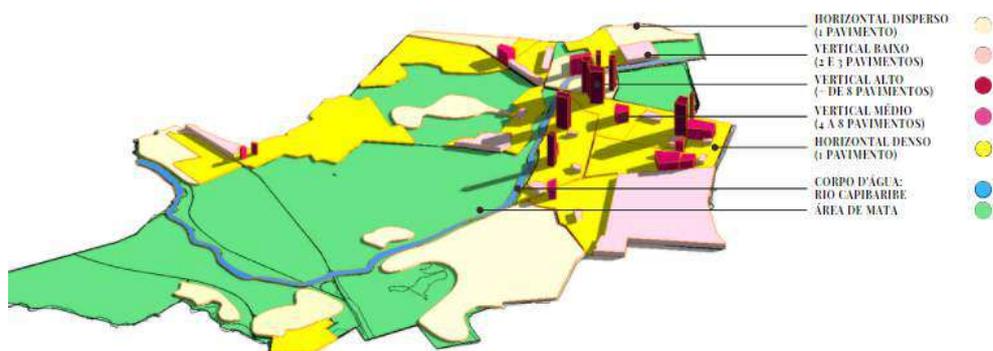


Figura 08 - Mapeamento das Tipologias Construtivas. Várzea e Caxangá.
Fonte: Google Maps (2020). Editado pelas autoras (2020).

O bairro da Várzea em sua maioria é horizontal, e isso proporciona ao bairro um clima mais ameno, além de favorecer o uso de bicicletas e faz com que a população ocupe mais os espaços públicos. Com o crescimento da verticalização (Figura 07), diversos problemas são gerados, como aumento de problemas climáticos, congestionamentos, além de espaços públicos menos ocupados, tendo em vista que os condomínios mais novos tendem a criar diversos atrativos para que não seja necessário que os moradores saiam do edifício.

Por isso mesmo, propõe-se a aplicação da Transferência do Direito de Construir na ZAC- Moderada dos bairros de estudo (Figuras 09 e 10).



Figuras 09 e 10 - Zoneamento PDCR (2008); Zoneamento Proposto (2020). Várzea e Caxangá.
Fonte: ESIG-Recife (2008). Editado pelas autoras (2020).

Com o objetivo de impedir a verticalização no bairro, permite-se que os proprietários possam transferir o coeficiente de utilização da ZAC – Moderada (zona vermelha 2), para a ZAC – Moderada (zona laranja 3) (Figura 10).

4.2. PRESERVAÇÃO DO IMÓVEL DA RUA MENDES MARTINS, 76, VÁRZEA

O Art. 123 do Plano Diretor de Desenvolvimento da Cidade do Recife (PDCR), determina que:

Art. 123 Poderão ser classificados, através de legislação específica, novos imóveis como IEP, levando-se em consideração os seguintes aspectos:

I - referência histórico - cultural;

II - importância para a preservação da paisagem e da memória urbana;

III - importância para a manutenção da identidade do bairro;

IV - valor estético formal ou de uso social, relacionado com a significação para a coletividade; e,

V - representatividade da memória arquitetônica, paisagística e urbanística dos séculos XVII, XVIII, XIX e XX.
(RECIFE, 2008).

O imóvel localizado na Rua Mendes Martins, 76, Várzea (Figuras 11 e 12), foi construído em 1901 e serve como memória urbana para o bairro, tendo em vista as suas importantes características históricas. Porém, ainda não é um imóvel protegido e devido ao aumento da especulação imobiliária no bairro, imóveis como este, podem acabar sendo demolidos para dar lugar a um novo condomínio ou a um outro tipo de empreendimento.



Figuras 11 e 12 - Localização do imóvel a ser tombado na Rua Mendes Martins, 76, Várzea; Fachada do Imóvel de Preservação – IEP Proposto. Várzea. Fonte: Google Maps, 2020

Desse modo, propõe-se a transformação em Imóvel Especial de Preservação (IEP) por lei municipal, ou o tombamento por lei estadual ou federal, do imóvel que é hoje Pousada Bed & Breakfast Casa da Várzea (Figura 12), com o intuito de preservar o imóvel, a paisagem e a memória. Permitindo que o bairro tenha a sua identidade e representatividade arquitetônica preservadas.

4.3. CRIAÇÃO DE UMA ZEPH NA RUA SÃO FRANCISCO DE PAULA, CAXANGÁ

O Art. 116 do Plano Diretor de Desenvolvimento da Cidade do Recife - PDCR, diz que:

Art. 116 O Poder Executivo poderá instituir, mediante lei específica, novas áreas como Zonas Especiais de Preservação do Patrimônio Histórico-Cultural - ZEPH, levando-se em consideração os seguintes aspectos:

I - referência histórico-cultural;

II - importância para a preservação da paisagem e da memória urbana;

III - importância para a manutenção da identidade do bairro;

IV - valor estético formal ou de uso social, relacionado com a significação para a coletividade;

V - representatividade da memória arquitetônica, paisagística e urbanística dos séculos XVII, XVIII, XIX e XX;

VI - tombamento pelo Estado de Pernambuco; e,

VII - tombamento pela União.
(RECIFE, 2008).

A Rua São Francisco de Paula localizada próxima a Av. Caxangá, possui dois Imóveis Especiais de Preservação (IEP) que possuem as características previstas no Plano Diretor em seu Art. 123. (Figuras 11, 12 e 13). Ao seguir o procedimento de análise e vistoria nos bairros de estudo, verificou-se a existência de oito edificações com características de IEP (Figuras 14 e 15), configurando a rua como uma zona histórica e agradável na forma como conceituada nos incisos II, III, IV e V do art. 116 do PDCR.



Figura 11- Imóveis Especiais de Preservação – IEP, Zoneamento PDCR (2008). Caxangá.
Figuras 12 e 13 - Imagens dos imóveis tombados existentes. Caxangá.
Fonte: ESIG-Recife (2008). Google Maps (2020).



Figuras 14, 15 e 16 - Outros Imóveis na Rua São Francisco de Paula que não são preservados pelo PDCR (2008).
 Fonte: Google Maps (2020).

A proposta visa regularizar esta rua como um sítio histórico, uma Zona Especial de Preservação Histórica – ZEPH (Figura 17). Pois, não existe apenas dois destes imóveis com características de IEP na Rua São Francisco de Paula, existem oito imóveis com referência histórico-cultural que valorizam a paisagem urbana e a identidade do bairro, e que ocupam a maior parte da área edificada da Rua (Figura 18), sendo que alguns desses imóveis já se encontram em estado de abandono, em ruínas e descaracterizados (Figuras 15 e 16).

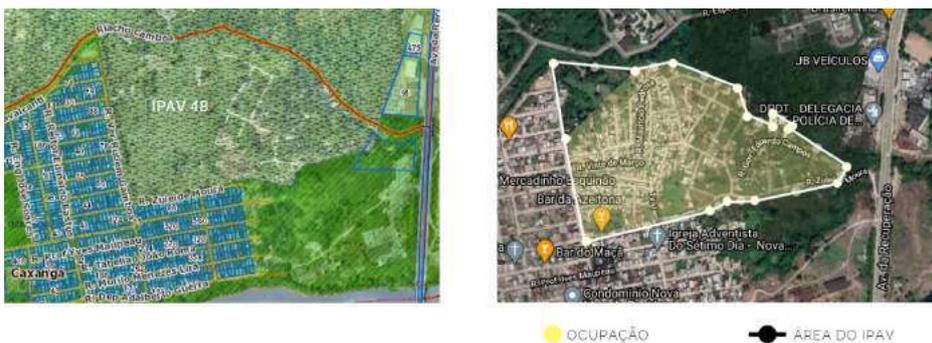


Figuras 17 e 18 - Zoneamento Proposto (2020): Zoneamento dos outros Imóveis de Preservação (2020). Caxangá. Fonte: ESIG-Recife (2008). Editado pelas autoras (2020).

4.4. TRANSFORMAR ÁREA DO IPAV 48 DO CAXANGÁ EM ZEIS I

De acordo com o Art. 128 do PDCR (2008), “o Imóvel de Proteção de Área Verde - IPAV é uma unidade de domínio público ou privado, que possui área verde formada, predominantemente, por vegetação arbórea ou arbustiva, cuja manutenção atende ao bem-estar da coletividade” (RECIFE, 2008). Ou seja, deve ter sua extensa área verde preservada e servir à população, entretanto, não foi o que aconteceu com o IPAV 48 do bairro Caxangá.

De 2008 a 2020 houve alterações no IPAV 48, a falta de gestão resultou na ociosidade que o Imóvel de Preservação Ambiental se encontrou, dando assim, abertura para a ocupação (Figuras 19 e 20).



Figuras 19 e 20 - Zoneamento PDCR (2008); Ocupação irregular IPAV 48 (2020). Caxangá. Fonte: ESIG-Recife (2008); Google Maps (2020). Editado pelas autoras (2020).

E no que diz respeito à Política Municipal de Habitação, o inciso III do Art. 32 do PDCR de 2008, traz a seguinte diretriz, “a democratização do acesso ao solo urbano e da oferta de terras para a Política Municipal de Habitação, a partir da disponibilidade de imóveis públicos e privados, em consonância com os instrumentos previstos neste Plano Diretor.” (RECIFE, 2008).

Sendo assim, propõe-se a utilização da regularização da ZEIS I associada à CDRU e à usucapião. A proposta busca regularizar os assentamentos precários que se apropriaram de quase toda a extensão do IPAV 48 da Caxangá, como uma ZEIS I, com o objetivo de legalizar a permanência em uma área pública para fins de habitação com infraestrutura do município para os ocupantes de baixa renda (Figura 21).



Figura 21 - Zoneamento Proposto para o PDCR (2020). Caxangá. Fonte: ESIG-Recife (2008). Editado pelas autoras (2020).

4.5. ATRIBUIR UMA FUNÇÃO SOCIAL AO IPAV 95 DA VÁRZEA

Assim como o IPAV 48 da Caxangá, o IPAV 95 da Várzea não atende as diretrizes descritas no Art. 128 do PDCR de 2008 (Figura 22), o imóvel se encontra sem preservação e sem uso. No local, havia uma antiga casa com características de IEP que foi demolida (Figura 23), e diferente do IPAV 48 não houve ocupação no imóvel, atualmente é um terreno abandonado que não atende ao bem estar da população.



Figuras 22 e 23 - IPAV 95 localizado na Rua Cruz Macedo (2008). Várzea
Fonte: ESIG-Recife (2008); Google Maps (2020). Editado pelas autoras (2020).

A proposta é revitalizar o imóvel valorizando a vegetação presente, atendendo assim, ao bem-estar da coletividade. Tendo em vista que se não for preservado, o imóvel pode trazer riscos à população como um vazio urbano, contribuindo para a insegurança e violência no bairro.

Desse modo, propõe-se a utilização do instrumento de Desapropriação por utilidade pública, para que esse terreno tenha um melhor aproveitamento, seja para construção de uma área de lazer, um parque ou uma praça, contanto que, atenda ao bem estar da coletividade, em especial dos idosos, ao invés de ser mais um imóvel ocioso na cidade do Recife.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da avaliação dos bairros Caxangá e Várzea foram encontrados diversos problemas urbanísticos, sejam eles ligados ao Patrimônio Histórico e Cultural da cidade, aos Imóveis de Proteção de Área Verde (IPAV), às Zonas Especiais de Interesse Social ou à verticalização excessiva. Através da aplicação dos instrumentos urbanísticos presentes no Estatuto da Cidade, torna-se possível criar novas perspectivas para as localidades.

Foi proposta a aplicação do instrumento Transferência do Direito de Construir devido ao crescimento da verticalização no bairro da Várzea, com o intuito de manter as tipologias construtivas já existentes em seu território. Assim, a horizontalidade permanecerá como característica predominante no bairro, evitando problemas como ilhas de calor e segregação sócio-espacial. Além desse instrumento, aplicou-se o Tombamento para que o Patrimônio Histórico e Cultural de ambos os bairros sejam preservados, valorizando a memória urbana dos bairros de estudo.

Foi encontrado em ambos os bairros, dois IPAV com características distintas. Em Caxangá ele é ocupado por assentamentos precários, assim, propõe-se que seja transformado em uma ZEIS, para atender à população que já está fixada no local. O IPAV da Várzea, no entanto, está sem uso, desse modo, propõe-se a Desapropriação por Utilidade Pública para que o imóvel seja revitalizado para o bem da coletividade.

Espera-se que essas propostas possam demonstrar que há possibilidade de melhorias na cidade através da utilização dos instrumentos urbanísticos presentes na legislação. Pois, como afirma Coutinho (2014, p. 72), os “[...] instrumentos de política urbana são peças-chave na efetivação do direito à cidade. Eles permitem que certas medidas de política pública [...] sejam postas em prática.” Sendo assim, verifica-se a necessidade de uma melhor aplicação dos instrumentos nos bairros do Recife.

6. REFERÊNCIAS

BRASIL. [Decreto-Lei (1941)]. **Decreto-Lei Nº 3365, de 1941**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del3365.htm. Acesso em: 28 fev. 2021.

BRASIL. [Decreto-Lei (1967)]. **Decreto-Lei Nº 271, de 1967**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del0271.htm. Acesso em: 28 fev. 2021.

BRASIL. [Decreto-Lei (2001)]. **Decreto-Lei Nº 10257, de 2001**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10257.htm. Acesso em: 28 fev. 2021.

BRASIL. [Decreto-Lei (2007)]. **Decreto-Lei Nº 11481, de 2007**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Lei/L11481.htm#art7. Acesso em: 28 fev. 2021.

BRASIL. [Decreto-Lei (1937)]. **Decreto-Lei Nº 25, de 1937**. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Decreto_no_25_de_30_de_novembro_de_1937.pdf. Acesso em: 28 fev 2021.

RECIFE. **Lei nº 16176, de 1996**. Disponível em: https://www.recife.pe.gov.br/pr/leis/luos/soloCoeficiente_de_Utiliza_o_do_Terr.html. Acesso em: 06 mar. 2021.

COUTINHO, D. et al. **O direito nas políticas públicas urbanas e habitacionais: o uso de instrumentos urbanísticos no município de Santo André, São Paulo**. São Paulo: Cadernos Gestão Pública e Cidadania, 2014.

Concessão de direito real de uso. Enciclopédia Jurídica da PUCSP, 01 abril 2017. Disponível em: <https://enciclopediajuridica.pucsp.br/verbete/16/edicao-1/concessao-de-direito-real-de-uso>. Acesso em: 28 fev. 2021.

RECIFE. **Lei nº 17511, de 2008**. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/pe/r/recife/lei-ordinaria/2008/1751/17511/lei-ordinaria-n-17511-2008-promove-a-revisao-do-plano-diretor-do-municipio-do-recife>. Acesso em: 06 nov. 2020.

PLANEJAMENTO URBANO 4, PAISAGISMO 2, TÉCNICAS RETROSPECTIVAS E PROJETO DE INTERIORES 2

A interdisciplinaridade desenvolvida no oitavo período do curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Damas engloba as disciplinas de **Planejamento Urbano 4, Paisagismo 2, Técnicas Retrospectivas e Projeto de Interiores 2**, com o objetivo de conceber melhorias para áreas históricas, por meio de teorias, levantamentos, análises, diagnósticos e planejamentos. No semestre de 2020.2, a área de estudo escolhida foi uma parte do bairro da Torre, no Recife, englobando o antigo cotonifício abandonado e seu entorno. Para a disciplina de Planejamento Urbano 4, os alunos desenvolveram intervenções nos espaços públicos e na própria área da antiga fábrica, de modo a promover melhorias para a comunidade local. Um conjunto de quatro casas de estilo eclético foi selecionado, na disciplina de Técnicas Retrospectivas, para que os alunos apresentassem propostas de conversão destes imóveis em restaurantes temáticos, de pequeno porte, cujos ambientes internos foram projetados em detalhes na disciplina de Projeto de interiores 2. Os fundos dos terrenos destes quatro imóveis foram lembrados e convertidos em espaço público integrado ao empreendimento por meio de projeto desenvolvido na disciplina de Paisagismo 2. Assim, os alunos puderam ter uma visão ampla da problemática existente no âmbito da preservação do patrimônio cultural, da escala macro à escala micro, e da diversidade de áreas nas quais o arquiteto e urbanista pode atuar.

Professores:

Dra. Ana Maria Filgueira Ramalho: Planejamento Urbano 4

Dra. Luciana Santiago Costa: Paisagismo 2

Dr. Pedro Henrique Cabral Valadares: Técnicas Retrospectivas

Ms. Gisele Melo de Carvalho: Projeto de Interiores 2

INTERVENÇÕES URBANÍSTICAS NO BAIRRO DA TORRE/RECIFE-PE.

Ana Idalice Laurentino da Silva

Graduanda do 9º período do curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Damas da Instrução Cristã, Recife-PE. E-mail: anaidalice@gmail.com;

Isadora de Melo Bradley Bachmann

Graduanda do 9º período do curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Damas da Instrução Cristã, Recife-PE. E-mail: isadorambb@hotmail.com;

Ana Maria Figueira Ramalho

Doutora em Desenvolvimento Urbano. Professora do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Damas, Recife-PE. E-mail: ana.maria@faculdedamas.edu.br.

1. INTRODUÇÃO

O presente relato busca apresentar as atividades desenvolvidas na disciplina Planejamento Urbano IV – Intervenções em Sítios Históricos, integrante da grade curricular, do oitavo período, do Curso de Arquitetura e Urbanismo, que contribui com a interdisciplinaridade do curso, junto com outras disciplinas que permeiam assuntos correlatos, seja da arquitetura e do paisagismo em sítios históricos, todas desenvolvidas em uma mesma área de trabalho. Este relato de experiência tem como objetivo apresentar os resultados apreendidos no decorrer de um semestre letivo, tanto do ponto de vista teórico como prático, através de aulas expositivas dialogadas, apresentação de seminários com estudos de casos de intervenções em sítios históricos, discussão de textos e o desenvolvimento de propostas urbanas em uma área da cidade do Recife: o Bairro da Torre. Para tanto, neste relato além de abordar informações gerais da disciplina e das etapas metodológicas, são apresentadas as propostas desenvolvidas por dois grupos de trabalho – Grupo 1 e Grupo 2.

2. OBJETIVO DA DISCIPLINA E OBJETO DE ESTUDO

A disciplina de Planejamento Urbano 4, ministrada pela Prof^a Dr. Ana Maria Figueira Ramalho, tem como objetivo analisar e intervir em sítios históricos de um município, sejam estes já com o reconhecimento legal ou em áreas urbanas com potencialidades, pelas suas características históricas e culturais, para tornarem-se sítios históricos. Buscou-se na disciplina, como atividade prática

elaborar um diagnóstico e plano urbanístico com diretrizes gerais, além de desenvolver projetos urbanos específicos, utilizando os procedimentos adotados no desenho urbano. A disciplina também teve como objetivo a disseminação do conhecimento teórico pautado nos conceitos do planejamento urbano participativo e na conservação urbana integrada, na cidade contemporânea.

Neste contexto, o objeto de estudo empírico que este relato aborda é o bairro da Torre, localizado na Região Política Administrativa/RPA 4, em Recife, especificamente, a área do antigo Cotonifício da Torre, mais conhecida como a Fábrica da Torre e o seu entorno imediato, que impulsionou o crescimento urbano do bairro. Neste trabalho, além dos aspectos históricos, foram identificados também os diversos problemas existentes, como: infraestrutura, habitação, mobilidade, segurança etc. Através do levantamento desses dados foi possível desenvolver propostas gerais para o bairro e propostas para a área da Fábrica da Torre, com o principal intuito de fortalecer o valor histórico ainda presente.

3. DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO

A primeira etapa do trabalho consistiu no aprofundando de conhecimentos teóricos sobre a identificação de valores que podem ser atribuídos às edificações, às ruas, aos quarteirões, bairros ou cidades, tendo como pressuposto que só se pode alcançar à preservação de algum bem, quando algum valor lhe é atribuído. Paralelamente foi pesquisado nas documentações digitais informações sobre a história do Bairro da Torre - desde quando a área era uma sesmaria abandonada, que foi comprada por um senhor de engenho português até o momento em que as terras já estavam divididas e começavam a se formar vilas operárias em torno da famosa fábrica têxtil - o Cotonifício da Torre. Ao perceber a importância histórica que a área possui concluiu-se que muito do que ainda existia dos séculos passados deveria ser preservado, pois contam a história, os costumes e a identidade dos diversos grupos sociais que por ali passaram. A partir de então, se buscou aplicar alguns conceitos estudados como a atribuição dos valores que o espaço possui, dentre eles: o valor histórico, valor cultural, valor econômico etc., bem como, os valores imateriais referentes às festividades realizadas no local. Além disso, um dos principais conceitos que foi analisado e aplicado foi o conceito da Conservação Urbana Integrada, o qual rompe os limites da restauração e recuperação do monumento - ampliando para os sítios históricos; e trabalha com diversos tipos de relação entre os atores com capacidade de comando sobre as estruturas ambientais urbanas - enfocando a participação popular, conceito fundamental da Conservação Urbana Integrada (LACEDA; ZANCHETTI, 2012).

Após o aporte teórico estudado, outra etapa foi fazer uma análise urbana do bairro, identificando o traçado urbano, as tipologias - edifícios novos e os antigos edíficos remanescentes relacionados a história da fábrica, como as vilas operária e casarios antigos, os usos, a legislação urbana. Os dados foram coletados através de imagens aéreas, fotografias, documentos, leis municipais, e com isto se poder perceber como o bairro se encontra e quais as suas principais características, potencialidades e limites existentes. A figura 1 mostra um conjunto de imagens que caracteriza e simboliza o bairro: um mapa antigo da área com a implantação da fábrica, a torre da fábrica - elemento simbólico visto ainda de vários lugares do bairro, a Igreja da Torre, e os casarios que pertenceram às vilas operárias.

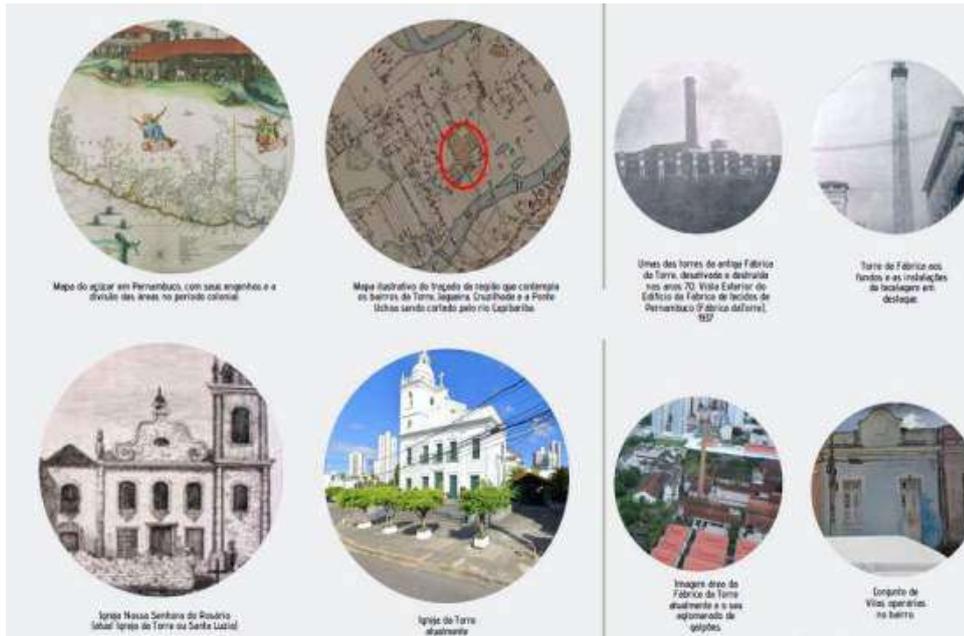


Figura 1. Caracterização dos elementos do bairro da Torre.
 Fonte: Imagens do Google, adaptado por Laurentino, 2020.

Como complementação desta análise, também foi desenvolvido e aplicado um questionário virtual na plataforma *Google* e divulgado através das redes sociais, no período de setembro a outubro de 2020, a fim de identificar a opinião dos moradores e transeuntes sobre o bairro e as suas principais necessidades.

Com o questionário virtual aplicado se buscou identificar, entre outras questões, se a população tem conhecimento e se concorda com o tombamento da área da fábrica, o que poderia ser feito com a área abandonada dos edifícios da fábrica, tanto quanto em relação a restauração das estruturas obsoletas existentes, quanto aos possíveis usos. De 127 respondentes, 58,3% disseram que não sabiam do tombamento, mas que concordavam com o mesmo e 17,3% sabiam do tombamento e também concordam com ele. Quanto a permanência da tipologia das antigas estruturas fabris, de 121 respostas, 88,4% disseram que deveriam ser restaurados e reaproveitados, ou seja, concordam com a tipologia industrial que ali ainda se faz presente. E, quanto aos usos, como era possível mais de uma resposta por respondente, foi predominante a sugestão para a criação de praças ou parques, com 55%; e de conjuntos habitacionais, com 77%. As figuras 2, 3 e 4, apresentam os respectivos resultados.

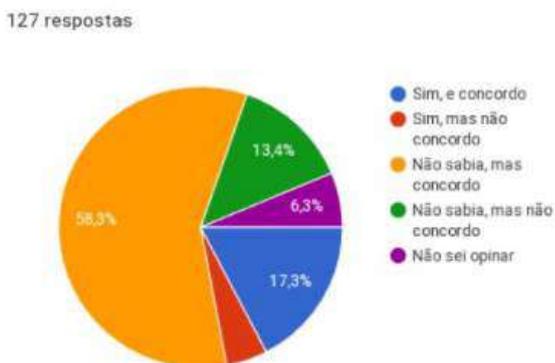


Figura 2. Sobre o tombamento da área da Fábrica.
 Fonte: Google forms, 2020.

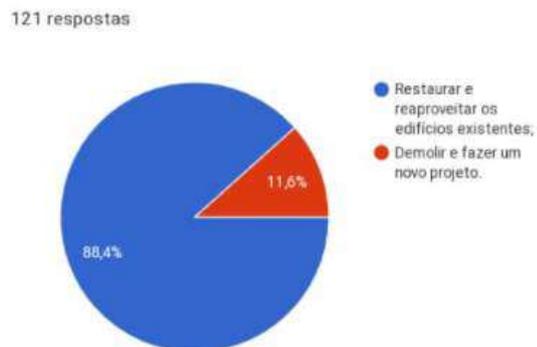


Figura 3. Sobre os edifícios existentes.
 Fonte: Google forms, 2020.

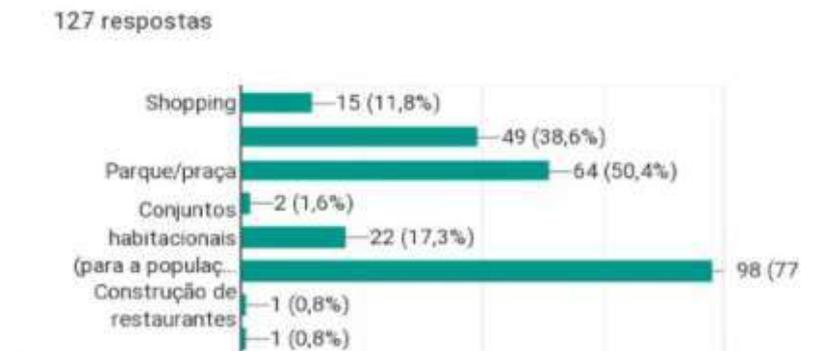


Figura 4. Sobre os usos preferenciais.
Fonte: Google forms, 2020.

4. PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO URBANA PARA O BAIRRO

A partir de todos os dados coletados, foi proposto um conjunto de diretrizes urbanas gerais para o bairro e proposições de novos usos que o antigo Cotonifício da Torre poderia ter. A figura 5 apresenta as principais diretrizes e o conjunto de propostas referentes aos espaços públicos, infraestrutura, serviços públicos, uso e ocupação do solo e mobilidade.

Espaços Públicos - Tem o intuito de melhorar, valorizar e estimular o uso dos espaços públicos e equipamentos urbanos da cidade, sem nenhuma distinção de classe, gênero ou cor;

- *Proposta 01:* Idealização e reforma da área da Fábrica da Torre;
- *Proposta 02:* Criação de equipamentos públicos como, academias da cidade, parklets, etc;
- *Proposta 03:* Criação de mais espaços verdes no bairro, para melhor ventilação e diminuição de calor.

Infraestrutura - Beneficiar o bairro, com estrutura de qualidade e durabilidade;

- *Proposta 04:* Implementar pontos de coleta seletiva nas praças e no entorno do bairro;
- *Proposta 05:* Propor iluminação de qualidade no bairro;
- *Proposta 06:* Propor saneamento básico em locais que não possuem.

Serviços Públicos - Garantir aos moradores e usuários do bairro serviços de qualidade e segurança.

- *Proposta 07:* Criação de postos de segurança;
- *Proposta 08:* Criação de pontos turísticos para valorização da cultura e história local do bairro.

Uso e ocupação do solo

- *Proposta 09:* Regulamentação da área compreendida de Santa Luzia para criação de ZEIS

Mobilidade

- *Proposta 10:* Criação, expansão e melhoria de vias, para melhor tráfego no bairro da torre;
- *Proposta 11:* Alargamento de calçadas.

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2020.
Figura 5. Diretrizes gerais para o bairro.

Outra etapa do trabalho consistiu em definir um novo zoneamento, haja vista que, na área além da existência da antiga estrutura fabril, o bairro nos últimos anos vem passando por uma excessiva verticalização, além de existir

assentamentos precários e áreas de preservação ambiental, especialmente, as margens do Rio Capibaribe, que contorna parte do bairro. Cabe destacar também, que o bairro da Torre sofre reflexos da Lei Municipal de Nº 16.719, conhecida como a Lei dos 12 bairros, que tem como principal objetivo diminuir a altura das edificações e estimular muros mais permeáveis em 12 bairros da cidade. Apesar do bairro da Torre não pertencer aos 12 bairros que incide esta lei, são os bairros vizinhos, que fazem limites com os 12 bairros, como é o caso da Torre, que acabam por ser o novo alvo do mercado imobiliário e das rápidas e constantes verticalizações, o que contribui para a não preservação histórica da Torre. Além de que, se teve a informação de que o Cotonifício da Torre e um conjunto próximo de edificações, as antigas vilas operárias, estão em processo de análise pelo órgão de preservação estadual, para ser tombado. Este fato justificou uma maior coerência para os trabalhos dos grupos, com as propostas de revitalização da área objeto de tombamento. Com base nestas reflexões, cada um dos grupos definiu estratégias distintas do zoneamento, conforme estão apresentadas nas figuras 5 e 6.

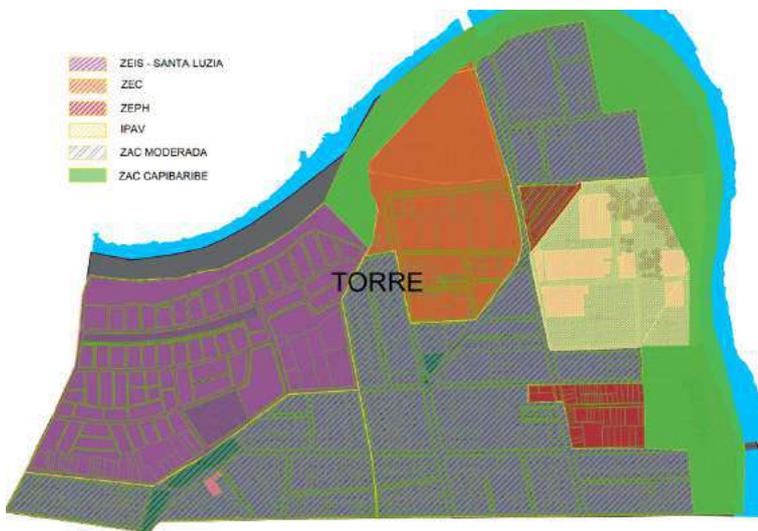


Figura 6. Zoneamento pelo Grupo 1.
Fonte: Esig Recife, adaptado por Laurentino, 2020.

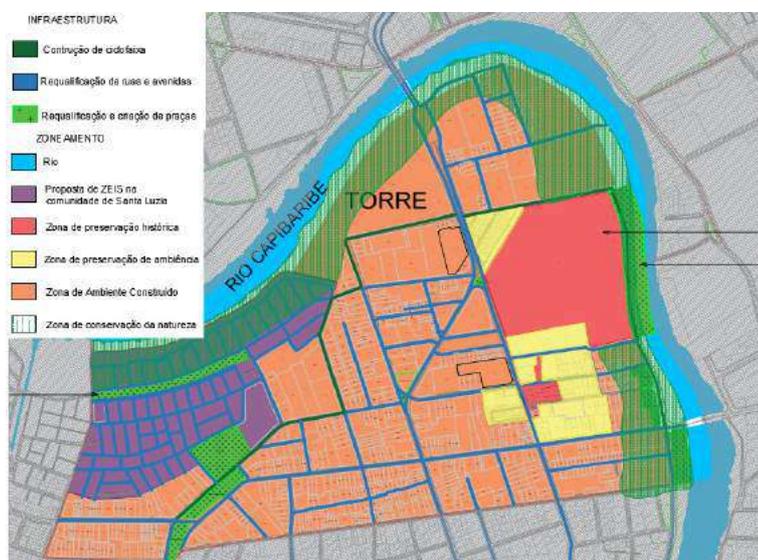


Figura 07 - Zoneamento proposto Grupo 02
Fonte: Esig Recife, adaptado por Bachmann, 2020

O Grupo 1 teve como objetivo enfatizar e agregar valor ao bairro, com uma proposta de reforma da área da fábrica através da implantação dos espaços públicos de lazer e equipamentos urbanos, com o uso de equipamentos como *parklets* e a criação de áreas verdes para a melhoria do conforto ambiental. Pensando na infraestrutura do bairro, indicou-se a implementação de coleta seletiva em áreas estratégicas, a melhoria da iluminação pública e a conclusão do saneamento para áreas que ainda não foram beneficiadas com o esgotamento sanitário. Quanto aos serviços públicos, recomendou-se a criação de postos de segurança e pontos turísticos para enaltecer a histórica que o bairro carrega. Quanto ao zoneamento, além da ênfase às estruturas históricas, buscou-se também regulamentar a área compreendida pela comunidade Santa Luzia, um assentamento precário formado por antigos trabalhadores da fábrica, transformando-o numa Zona Especial de Interesse Social/ZEIS e pensando na mobilidade, se previu a expansão de vias e o alargamento das calçadas.

No caso do Grupo 02, manteve-se o zoneamento proposto pelo tombamento estadual, que contempla uma zona de preservação histórica e zona de preservação de ambiência, e também foi percebida a necessidade de considerar a comunidade existente no bairro, transformando-a também numa ZEIS. Dando continuidade ao zoneamento, criou-se a zona de ambiente construído que conteriam regras de gabarito, muros e recuos específicos com o objetivo de desacelerar a verticalização na área, pois através do questionário virtual aplicado, percebeu-se que este é um dos principais fatores geradores de violência e insegurança, já que os edifícios com os seus muros altos, deixam os transeuntes isolados nas ruas, acrescidos dos problemas de iluminação pública e calçadas de má qualidade. Junto a isso, e com o intuito de fomentar o uso de veículos não motorizados e também de criar um sentimento de apropriação do bairro, foi idealizada uma ciclofaixa que circunda o Cottonifício da Torre que vai até a Capela de Santa Luzia, fazendo um passeio pelos principais pontos históricos do bairro.

É importante ressaltar ainda, que todo o desenvolvimento do trabalho se deu de modo virtual devido ao período da pandemia do novo coronavírus, em que o mundo está vivendo. Com isso, não se teve a oportunidade de vivenciar o local e sentir presencialmente as necessidades, os problemas e as potencialidades deste bairro.

5. PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO URBANA NA ÁREA DA FÁBRICA DA TORRE.

As propostas do trabalho do Grupo 01 consistiram na intervenção da área da Fábrica da Torre, com a recuperação dos edifícios existentes e com a implantação de espaços públicos para atividades recreativas, e a implantação de um conjunto habitacional, atendendo assim, as sugestões da população que responderam ao questionário. As figuras 8 e 9 mostram a planta de situação com o agenciamento da área da fábrica e os cortes esquemáticos.



Figura 8 - Proposta 01 de espaços públicos - Grupo 01.
Fonte: Plano Urbanístico do Grupo 1, 2020.

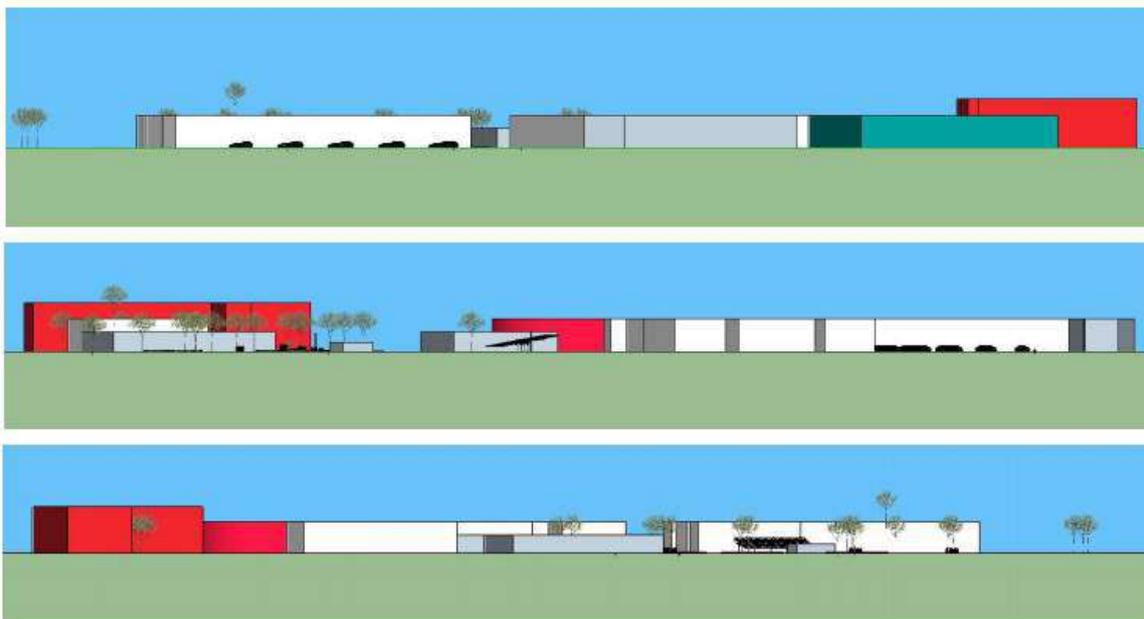


Figura 9. Cortes esquemáticos da proposta da Fábrica da Torre - Grupo 01.
Fonte: Plano Urbanístico do Grupo 1, 2020.

As propostas do Grupo 02 também envolvem novos usos para os galpões da antiga fábrica. Algumas edificações precisarão ser demolidas, já que se encontram em ruínas, e com isso se buscou proporcionar um destaque maior para as edificações que serão preservadas. A área da fábrica foi dividida em 4 parce-

las, sendo a mesma cortada verticalmente por uma via de veículos prioritariamente motorizados e, horizontalmente, por uma via só para pedestres, transformando-se num *boulevard*, com árvores sombreando o local e promovendo maior conforto ao passeio. Foi adicionada também na proposta geral do bairro, uma ciclofaixa que passa pela avenida que margeia o Rio Capibaribe e vai até a Praça Professor Barreto Campelo, onde está localizada a Igreja da Torre. Em cada nova parcela, se definiu um conjunto de atividades, com equipamentos de educação e cultura, como museu e teatro e também de comércio para fomentar a economia local, além de um parque com pista de *cooper*, área infantil, Academia da Cidade, uma praça de eventos ao ar livre, para múltiplos usos. As figuras 10, 11 e 12, mostram respectivamente o zoneamento da área da fábrica com o reaproveitamento dos edifícios e implantação dos espaços livres, os cortes esquemáticos mostrando a permanência do gabarito dos edifícios e uma perspectiva.



Figura 10. Proposta da Fábrica da Torre - Grupo 02.

Fonte: Plano Urbanístico do Grupo 2, 2020.

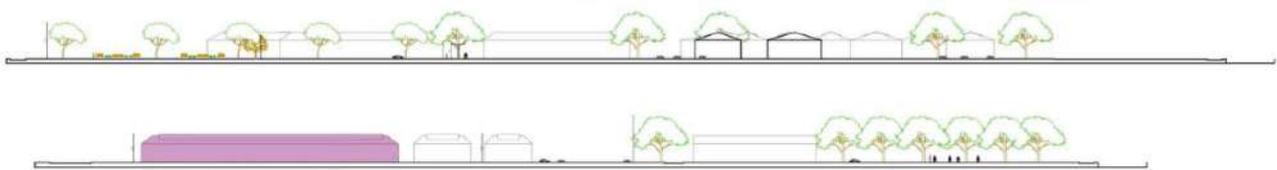


Figura 11. Cortes esquemáticos da proposta da Fábrica da Torre - Grupo 02.

Fonte: Plano Urbanístico do Grupo 2, 2020.



Figura 12. Perspectivas da proposta da Fábrica da Torre - Grupo 02.
Fonte: Plano Urbanístico do Grupo 2, 2020.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final da disciplina foi possível concluir a necessidade de se pensar a cidade para toda a população e não apenas para grupos específicos. Sendo assim, se faz necessário ter um melhor controle do uso do solo regulando o mercado imobiliário e permitindo a permanência das estruturas históricas que compõem valores à cidade. Com esta disciplina se fez possível uma reflexão clara de que se deve pensar e criar mais alternativas para que a população esteja em sintonia com o meio em que vivem, evitando assim, muitos dos problemas urbanos presentes nos dias atuais, como: a insegurança, a má qualidade da mobilidade urbana, excessiva verticalização, entre outros. Mas, também, a importância da valorização das estruturas urbanas históricas que se tornam patrimônio, uma vez que, mantêm relações afetivas entre a cidade e o homem que nela habita. Portanto, foi possível através das pesquisas e análises, além das diretrizes gerais e de intervenções urbanísticas, compreender a cidade e a sua história e, conseqüentemente, trazer melhores resultados para os seus habitantes.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LACERDA, Norma; ZANCHETTI Sílvia (Orgs). **Plano de Gestão da Conservação Urbana: Conceitos e Métodos de Organização**. Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrada (CECI). Olinda, 2012.

RECIFE. **Lei dos 12 bairros**. Lei Municipal de Nº 16.719. Promulgada em 30 de novembro de 2001.

RECIFE. **ESIG** – Informações Geográficas do Recife. Disponível em: [www:https://esigportal.recife.pe.gov.br/arcgis/apps/webappviewer/index.html?id=679e74b-46c7b44caaad64abd5f751b4b](http://www.esigportal.recife.pe.gov.br/arcgis/apps/webappviewer/index.html?id=679e74b-46c7b44caaad64abd5f751b4b). Acessado em 20 de novembro de 2020.

INTERVENÇÃO ARQUITETÔNICA EM UMA ANTIGA RESIDÊNCIA PARA UM NOVO USO.

Ana Idalice Laurentino da Silva

Graduanda do 9º período do curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Damas da Instrução Cristã, Recife-PE. E-mail: anaidalice@gmail.com;

Isadora de Melo Bradley Bachmann

Graduanda do 9º período do curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Damas da Instrução Cristã, Recife-PE. E-mail: isadorambb@hotmail.com;

Pedro Henrique Cabral Valadares

Doutor em Desenvolvimento Urbano. Professor do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Damas da Instrução Cristã, Recife – PE. E-mail: arq.pedrovaladares@gmail.com.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata de um trabalho desenvolvido na disciplina de Técnicas Retrospectivas, do oitavo período do curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Damas, ministrada pelo Prof. Dr. Pedro Valadares, que teve como objetivo o estudo da prática de intervenção arquitetônica no patrimônio cultural edificado, com base no estudo dos principais teóricos da preservação, das cartas patrimoniais e da legislação vigente. O desenvolvimento do trabalho ocorreu em diálogo com as disciplinas de Planejamento Urbano 4, Paisagismo 2 e Projeto de Interiores 2. Foi escolhida uma parte do bairro da Torre, no Recife, englobando o antigo cotonifício abandonado e seu entorno. Para a disciplina de Técnicas Retrospectivas, foi selecionado um conjunto de quatro casas ecléticas abandonadas, localizadas na avenida José Bonifácio, para convertê-las em restaurantes temáticos de pequeno porte.



Figura 1: Vista geral.
Fonte: Google Street View, 2020.

2. DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO

Após as aulas que abordaram os principais teóricos do restauro, as principais cartas patrimoniais, a legislação vigente e os casos exemplares de intervenções e edifícios históricos, a equipe deu início à elaboração de uma pesquisa histórica acerca do bairro, de modo a compreender como ele se desenvolveu e qual era a relação daquele casario com esse contexto histórico. Guedes (2018) aponta que aquela área já foi um apanhado de terras de uma sesmaria abandonada que foi comprada por um colono português no século XVI e ali fundou um engenho de açúcar. Após alguns anos de disputas por terra com os holandeses e depois de tê-los vencido, o proprietário português restaurou o engenho e, para melhorar sua comunicação com outras regiões da cidade, construiu a famosa Ponte d'Uchoa, atualmente inexistente.

Já no século XX, com o crescimento industrial e o aumento da produção dos mais diversos materiais e objetos, chegou também ao Recife a indústria têxtil, instalada no bairro da Torre, o que tornou a região cada vez mais atrativa para comércios e pessoas em busca de novas oportunidades de emprego e moradia. Desta forma, novas construções foram erguidas na localidade, dando início a um processo de crescimento e consolidação urbana, principalmente a partir da construção de vilas operárias. Dentro desse contexto, estão as quatro casas da Rua José Bonifácio que não faziam parte da vila de operários, mas que foram construídas com o intuito de serem alugadas, o que explica a adoção do mesmo partido arquitetônico. Durante a pesquisa, constatou-se que a Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (FUNDARPE) havia recentemente tombado o conjunto arquitetônico da antiga fábrica, juntamente com as quatro casas selecionadas para o desenvolvimento do trabalho na disciplina de Técnicas Retrospectivas.

A turma se dividiu em quatro grupos, sendo cada um responsável por desenvolver o projeto arquitetônico de intervenção das quatro casas, inclusive a pesquisa histórica, a contextualização, juntamente com uma análise do partido arquitetônico e estilístico do imóvel. Devido às restrições impostas por decorrência da pandemia do coronavírus, não foi possível ter acesso aos imóveis, o que se configurou como nosso primeiro desafio. Porém, em visitas realizadas

pelo exterior das casas, com observações a partir da calçada e com o auxílio do Google Maps/Street View, constatou-se que se tratava de casas “soltas” no lote, como passou a ser comum nas áreas de expansão urbana a partir do final do século XIX e, principalmente, início do século XX, período em que vigorou o estilo eclético, o qual se observa nas casas em questão. Com a impossibilidade de ter acesso aos imóveis, que se encontravam abandonados, o próximo desafio foi desenvolver os desenhos necessários para o desenvolvimento do trabalho. Através das plantas baixas adquiridas do acervo da Seção de Esgotos do antigo Departamento Geral de Viação e Obras Públicas da Prefeitura do Recife, comumente conhecido como acervo do período do engenheiro sanitarista Saturnino de Brito, observou-se a compartimentação interna da edificação.

Com estas informações, nossa equipe, responsável pela casa de número 704, elaborou os desenhos das fachadas e dos cortes, com base nas plantas antigas e nas imagens atuais, de modo a obter os desenhos técnicos necessários para as etapas seguintes. A primeira delas foi a análise arquitetônica para melhor compreensão das características do partido arquitetônico, com a compreensão da composição da fachada frontal, mais rebuscada esteticamente, e da compartimentação interna da edificação.

Foi percebido que o módulo direito¹ da fachada frontal, na qual predominam as superfícies cheias sobre os vazios, corresponde ao agrupamento de quartos, enquanto o módulo esquerdo, em que predominam os vazios sobre os cheios, corresponde às áreas sociais e de serviço. Isto nos deu a ideia de que talvez o autor do projeto da casa tivesse tido a intenção de que os cheios garantissem a privacidade das áreas íntimas e os vazios permitissem maior liberdade às áreas sociais e de serviço.



Figura 2: Fachada frontal e planta baixa (análise arquitetônica).
Fonte: As autoras, 2020.

Após a realização da pesquisa histórica e da análise arquitetônica, o próximo passo foi a elaboração do mapa de danos, que consistiu em identificar os principais danos existentes e representá-los graficamente. Esta etapa se concentrou apenas na fachada frontal devido à impossibilidade de acesso e visualização das demais fachadas e do interior da edificação. Apesar disso, a elaboração do mapa de danos deste trecho do imóvel foi suficiente para que os alunos tivessem uma noção da complexidade e importância desta etapa.

¹ Em uma edificação, a referência para direito ou esquerdo é dada pelo posicionamento do observador no interior do imóvel, de frente para a fachada frontal.

A etapa seguinte consistiu em apresentar soluções técnicas para os danos mapeados, partindo dos conceitos teóricos abordados em sala.



Figura 3: Fachada frontal e planta baixa.
Fonte: As autoras, 2020.

O desafio final da disciplina de Técnicas Retrospectivas se deu pela elaboração de um projeto de intervenção arquitetônica para conversão do imóvel em um restaurante de pequeno porte, preservando suas fachadas, principalmente a frontal, e adaptando os ambientes internos para o novo uso.

A ideia deste novo uso partiu do pressuposto de que a preservação de um imóvel histórico se torna ainda mais possível quando ele está em uso. Como o conjunto de quatro casas está abandonado e o entorno tem se transformado gradativamente em uma sequência de edifícios multifamiliares, estas casas antigas tendem a ser relegadas no processo de transformação do bairro, assim como ocorre em outras áreas da cidade. Além disso, embora tais casas sejam bens tombados pela FUNDARPE, o estado de abandono as coloca em risco de processo de arruinamento, depredação e consequente desvalorização. Desta forma, o estudo realizado na disciplina de Planejamento Urbano 4, que envolveu uma área mais ampla, apontou que a implantação de restaurantes temáticos de pequeno porte naquela localidade seria viável, principalmente após a planejada intervenção urbanística elaborada na referida disciplina.

Toda a intervenção arquitetônica proposta para o interior do imóvel foi minuciosamente discutida em assessoramentos com o professor, mas também com a professora Gisele Carvalho, da disciplina Interiores 2, na qual pudemos detalhar o projeto com a especificação de novos materiais, acessórios e mobiliário, de modo a conciliar os novos elementos com a edificação antiga. Este processo de conciliação entre o novo e o antigo, entre as disciplinas de Interiores 2 e Técnicas Retrospectivas foi um grande desafio, parte integrante da interdisciplinaridade, a qual contava também com a já mencionada etapa do planejamento urbano de toda a área que envolve a antiga fábrica e seu entorno, juntamente com um projeto paisagístico no terreno lembrado das quatro casas, desenvolvido na disciplina de Paisagismo 2.

Junto a isso, houve o projeto de Interiores II que necessitava de grandes intervenções internamente, pois era preciso adequá-la para o novo uso comercial (restaurante) e adicionar um anexo para comportar tudo que o empreendimento necessitava. No caso da casa 712, foi resolvido fazer um anexo compartilhado

com a casa vizinha na tentativa de economizar a área construída e manter mais jardim. A solução encontrada para os dois restaurantes foi dividir somente o espaço de vestiário dos funcionários que foi todo feito em concreto e fazer o deck de ampliação do salão em madeira e com pergolado. O uso de materiais contemporâneos e de origem divergente do da construção foi uma solução encontrada para enfatizar que aquele anexo não fazia parte da casa e para ressaltar a beleza e a história da edificação existente.

3. RESULTADOS OBTIDOS

A casa 704 recebeu novos ares com a intervenção arquitetônica proposta. Além das adaptações físicas internas, as fachadas receberam novas cores, com a valorização de seus elementos decorativos originais. Os anexos existentes foram demolidos, tanto por não representarem significância substancial como pela má qualidade construtiva e de estado de conservação. Porém, para viabilizar o novo uso, foi necessário propor um novo anexo, auxiliar às funções propostas para o imóvel principal, respeitando as dimensões e o protagonismo estético e volumétrico da edificação histórica. A maior parte da casa em si foi reservada para as áreas de atendimento ao público, de modo a manter as pessoas sempre em contato com a arquitetura tradicional. No anexo, foram dispostas as funções operacionais de serviço. Além disso, o anexo possui uma área para mesas, para os clientes interessados em estar em contato com o jardim proposto no projeto paisagístico.



Figura 4: Planta de layout da proposta.
Fonte: As autoras, 2020.



Figura 5: Perspectiva da vista frontal.
Fonte: As autoras, 2020.

Como o anexo é mais baixo do que a casa e está localizado na parte posterior, a intervenção se apresenta de modo discreto, sem interferências visuais negativas, à luz do que defendia Camilo Boito (2014) e Gracia (1996), no que se refere ao protagonismo do imóvel objeto da intervenção.



Figura 6: Perspectiva da vista posterior com o anexo proposto.
Fonte: As autoras, 2020.



Figura 7: Perspectivas internas.
Fonte: As autoras, 2020.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O intuito da interdisciplinaridade existente no oitavo período do curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Damas é proporcionar aos alunos o entendimento das diversas escalas de atuação do arquiteto e urbanista, mais especificamente no âmbito da preservação do patrimônio cultural. Desta forma, desenvolver um planejamento urbano, propor uma intervenção arquitetônica em um imóvel histórico e um projeto paisagístico para um espaço público, todos em uma mesma área histórica, não apenas favorece o processo de aprendizado como estimula a apreensão das diversas relações possíveis entre as escalas de intervenção, da urbana para o ambiente de um imóvel.

Desta forma, a referida interdisciplinaridade se apresenta como uma eficiente maneira de promover a conscientização da importância de preservar o patrimônio construído por meio de uma coletividade, de ações que envolvem diversos agentes, de especialidades distintas, em um esforço inter e multidisciplinar.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE JÚNIOR, Nivaldo Vieira de. **Metamorfose arquitetônica: Intervenções projetuais contemporâneas sobre o patrimônio edificado**. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2006.

BOITO, Camilo. **Os restauradores**. Ateliê editorial: São Paulo, 2014.

GRACIA, Francisco de. **Construir em lo construído**. Nerea: São Paulo, 1996.

GUEDES, Rosilda. **A preservação do cotonifício da torre: usos da memória e problemas urbanos**. Trabalho de Conclusão de Curso (Museologia) da Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2018.

PROJETOS DE ARQUITETURA DE INTERIORES PARA RESTAURANTES DE CULINÁRIA JAPONESA E ITALIANA

Ana Idalice Laurentino da Silva

Graduanda do 9º período do curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Damas da Instrução Cristã, Recife-PE. E-mail: anaidalice@gmail.com;

Isadora de Melo Bradley Bachmann

Graduanda do 9º período do curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Damas da Instrução Cristã, Recife-PE. E-mail: isadorambb@hotmail.com;

Gisele Melo de Carvalho

Mestre em História. Professora do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Damas da Instrução Cristã, Recife – PE. Email: carvalhogm15@gmail.com.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata da descrição de Projeto de Arquitetura de Interiores Comercial elaborado para dois restaurantes em edificações históricas, indo do nível de Anteprojeto até o Projeto Executivo de Arquitetura. Para a execução deste projeto foram considerados o conhecimento da legislação acerca de projetos comerciais e de projetos na área de restaurantes. Foram também desenvolvidos a expressão gráfica e o desenho técnico, assim como a compreensão dos mecanismos mercadológicos que têm interferência direta nos serviços e produtos arquitetônicos que abrigam as atividades deste comércio em particular.

A área do projeto em questão está localizada na Rua José Bonifácio, no bairro da Torre, no município de Recife. Trata-se de um conjunto de quatro casas do século XIX, onde foram selecionadas as casas de números 704 e 724. O tema escolhido para elaboração do projeto do restaurante da casa 724 foi a culinária italiana, e para a casa de número 704 a culinária japonesa. Serão mostrados o desenvolvimento e os resultados obtidos para cada uma das casas, envolvendo as soluções arquitetônicas para cada tema, com atendimento das suas respectivas necessidades espaciais.



Figura 01: Localização.
Fonte: Glogle maps, 2020.

2. DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO

O desenvolvimento do projeto de interiores comerciais se iniciou com a definição de qual empreendimento comercial iria ser tratado. Uma vez decidido o empreendimento - restaurantes - se deu início a abordagem teórica sobre o assunto, estudos de caso, referências projetuais, e aulas teóricas acerca de como surgiu este tipo de negócio em termos históricos.

Nesta primeira etapa procedeu-se à pesquisa do perfil dos empreendimentos e dos temas escolhidos para os dois restaurantes, gerando as diretrizes projetuais, que ajudaram a manter clara qual o foco de cada projeto.

A segunda etapa, consistiu no programa e pré-dimensionamento de cada projeto, tornando possível se pensar melhor em cada espaço e entender o que deveria ou não ser contemplado. Esta é uma das etapas mais importantes, por se configurar como o “pontapé inicial” do projeto.

- Terraço/Recepção
- Salão principal
- Deck externo com área para alimentação
- Bar/adega
- Bwc feminino e masculino
- Armazenamento
- Área de higienização
- Cozinha
- Manipulação
- Preparação
- Lixo
- Gás
- Vestiário funcionários
- Área para carga e descarga de materiais

PORTE	Nº REFEIÇÕES
Pequeno porte	500 refeições por dia
Médio Porte	de 501 a 2.000 refeições por dia
Grande Porte	2.001 a 10.000 refeições por dia
Extraporte	mais de 10.000 refeições por dia

GRANDES ÁREAS	ÁREA (%)	ÁREA (m²)
Estocagem	10% a 12% da área Total	7,48m²
Preparo	16% a 20% da área Total	11,97m²
Higienização	6% a 8% da área Total	4,49m²
Administração	12% da área Total	8,98m²
Distribuição (Salão)	45% a 48% da área Total	33,68m²

Figura 02: Programa e pré-dimensionamento.
Fonte: As autoras, 2020.

Na terceira etapa, foram pensados nos móveis e equipamentos que seriam indispensáveis para o funcionamento de cada restaurante em particular.

Após essa etapa mais técnica, foi o momento de desenvolver os conceitos do tema escolhido por cada grupo, configurados no *moodboard*, onde foram definidas as cores, revestimentos, iluminação e mobiliário para cada restaurante.

Na etapa seguinte deu-se início a traçar as primeiras opções de layout e qual seria o nível de reforma na edificação. Nesse momento, houve a necessidade de discutir as opções de layout também na disciplina Técnicas Retrospectivas que fez interdisciplinaridade com a disciplina deste trabalho, para compreender até onde se poderia intervir na estrutura e na leitura da casa.

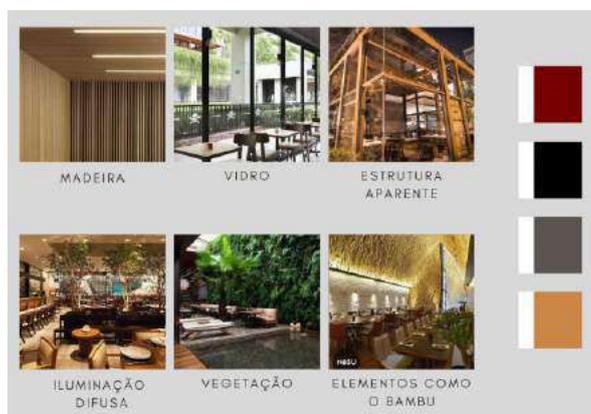


Figura 03: *Moodboard*.
Fonte: As autoras, 2020.

O trabalho prosseguiu com a execução dos primeiros esboços para a concepção do projeto. A cada assessoramento os projetos iam evoluindo tanto nos aspectos funcionais e de necessidades como também nos aspectos plásticos. O produto final desta etapa foi o Anteprojeto de arquitetura dos dois restaurantes em questão.

Posteriormente, partiu-se para o desenvolvimento das plantas técnicas e cortes de reforma, os detalhes construtivos, as plantas de iluminação, assim como as listagens de móveis, equipamentos e iluminação, configurando assim o Projeto Executivo para os restaurantes.

3. RESULTADOS OBTIDOS

Para a casa 724, dentro do pré-dimensionamento e programa necessários para o ambiente, após o layout escolhido e com o intuito de preservar ao máximo a estrutura interna da casa, foi proposto um anexo para comportar todo o programa exigido por um restaurante. O anexo foi pensado de forma harmônica com a casa principal não se sobressaindo e sim complementando a casa. Quando vista em sua fachada frontal, o anexo não aparece.

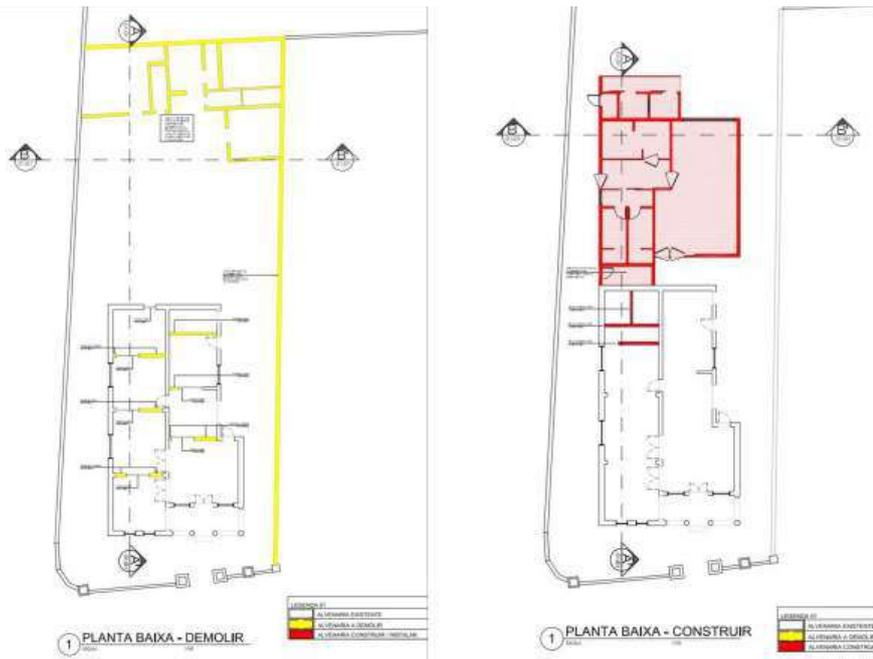


Figura 04: Planta baixa de demolição e de construção.
 Fonte: As autoras, 2020.



Figura 05: Cortes Aa' e Bb'.
 Fonte: As autoras, 2020.

Os cortes enfatizam as diferenças de altura da casa e do anexo, onde observa-se o pé direito mais baixo no anexo para dar destaque à casa histórica, preservando sua identidade.

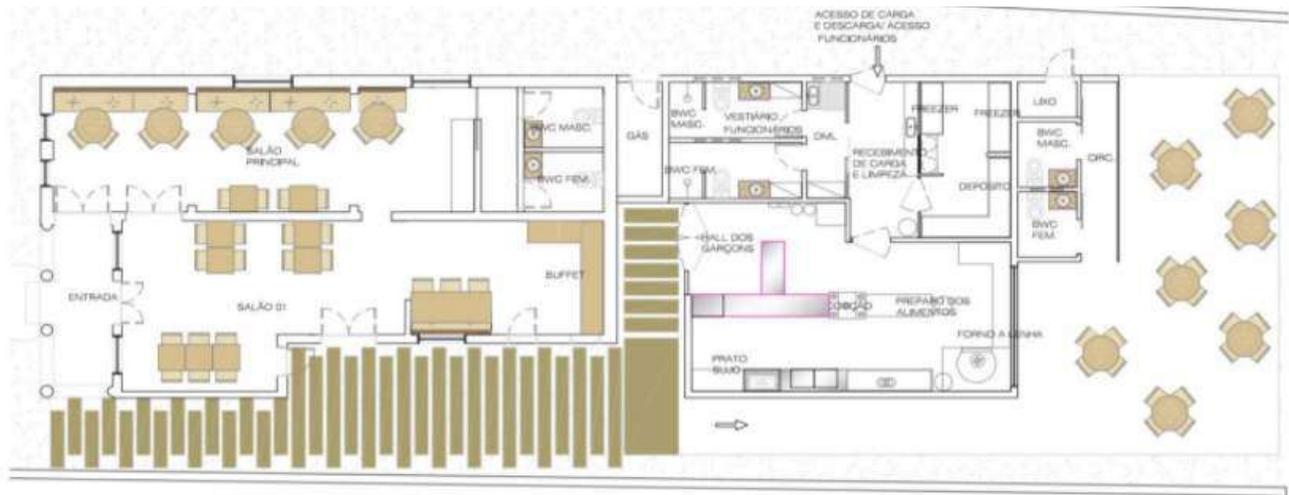


Figura 06: Planta baixa de layout.
Fonte: As autoras, 2020.

A casa principal abrigou a área social do restaurante e o anexo à parte de serviço. O terreno foi contemplado com um deck de madeira onde foram colocadas mesas para que os usuários pudessem escolher entre duas propostas de ambientes: um mais intimista e o outro mais sociável.



Figura 07: Fachadas frontal e posterior.
Fonte: As autoras, 2020.



Figura 08: Fachadas laterais.
Fonte: As autoras, 2020.



Figura 09: Perspectiva interna.
Fonte: As autoras, 2020.



Figura 10: Perspectiva do salão (casa 724).
Fonte: As autoras, 2020.



Figura 11: Perspectiva da cozinha (casa 724).
Fonte: As autoras, 2020.

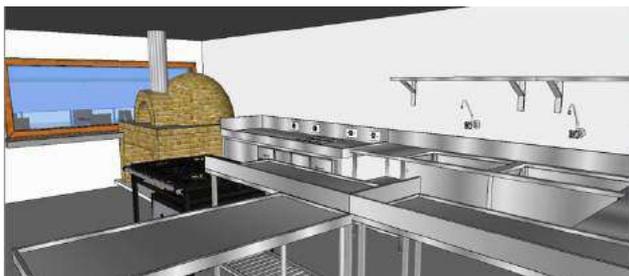


Figura 12: Perspectiva da cozinha (casa 724).
Fonte: As autoras, 2020.



Figura 13: Perspectiva do salão (casa 724).
Fonte: As autoras, 2020.



Figura 14: Perspectiva do salão (casa 724).
Fonte: As autoras, 2020.



Figura 15: Perspectiva do salão (casa 724).
Fonte: As autoras, 2020.

Na casa 704 tentou-se também fazer o mínimo de intervenções dentro da edificação existente e quando feitas, foram usadas alternativas para demarcar antigas paredes existentes com o objetivo de relembrar a leitura da antiga casa.

A criação de um anexo também foi necessária, mas dessa vez optou-se por fazer um compartilhamento do setor de funcionários com o empreendimento vizinho, a casa de número 692 (objeto de trabalho de outro grupo), com o objetivo também de diminuir a quantidade de área construída para cada restaurante.

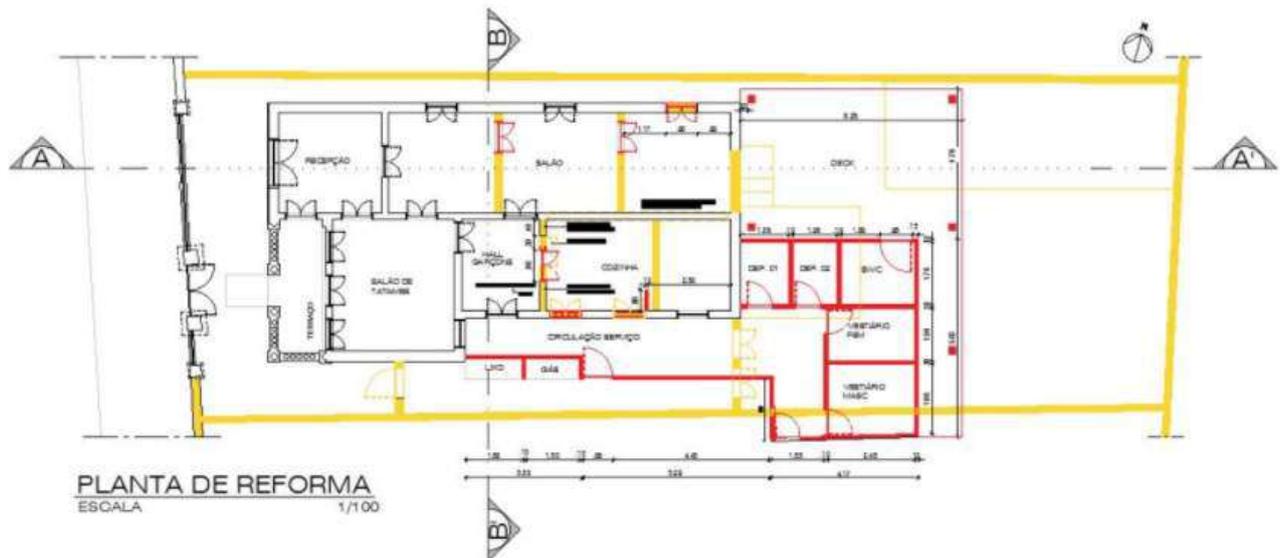


Figura 16: Planta baixa de reforma (casa 704).
Fonte: As autoras, 2020.

Com o intuito de enaltecer a casa histórica e mantê-la como maior destaque no projeto, o anexo foi feito com uma altura mais baixa e com o uso de materiais distintos, o concreto e a madeira aparentes.

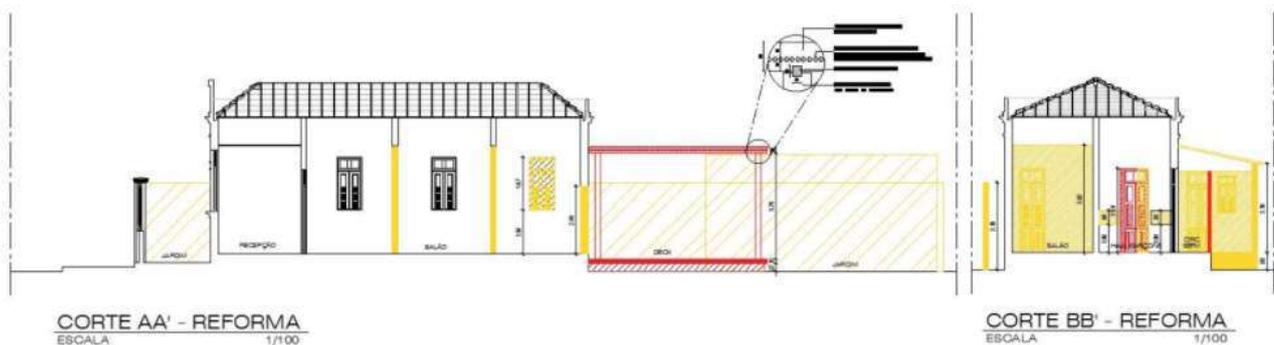


Figura 17: Cortes AA' e BB' (casa 704).
Fonte: As autoras, 2020.

Pensando nas questões de mercado, na situação de pandemia que nos encontramos e fazendo uma alusão ao uso do primeiro ambiente que era utilizado no séc. XIX, como sala de visitas, utilizamos o primeiro espaço como recepção, para o aguardo da liberação de uma nova mesa e higienização necessária para entrar no restaurante, e com o intuito decorativo de ser um espaço "instagramável". Espaço este que pretende chamar a atenção e os olhos sobre aquele espaço, e que induza o cliente a tirar uma foto, a postar e assim divulgar ainda mais o empreendimento. A outra sala foi destacada como salão tradicional, remetendo à cultura japonesa e os outros ambientes como salão e áreas de serviço.



Figura 18: Planta de layout (casa 704).
Fonte: As autoras, 2020.



Figura 19: Perspectiva recepção (casa 704).
Fonte: As autoras, 2020.



Figura 20: Perspectiva salão (casa 704).
Fonte: As autoras, 2020.



Figura 21: Perspectiva salão geral (casa 704).
Fonte: As autoras, 2020.



Figura 22: Perspectiva anexo (casa 704).
Fonte: As autoras, 2020.

No salão geral, é importante enfatizar a marcação das vigas e a marcação do piso elucidando a antiga existência de paredes para não haver uma ruptura completa da antiga composição da casa.



Figura 22: Anexo e deck (casas 704 e 692).
Fonte: As autoras, 2020.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A execução dos referidos projetos foi um desafio no sentido de intervir numa casa de cunho histórico, tendo em vista dois empreendimentos comerciais distintos. Além de abordar novos conceitos de projetos de arquitetura, no caso empreendimentos comerciais voltados para a área de restaurantes, abriu possibilidades de estudar de maneira prática o mercado, buscando compreender de que maneira, através da Arquitetura de Interiores, pode-se atrair clientes, tanto através do tipo de culinária que é oferecida, quanto a partir do deleite e a satisfação com o ambiente.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

NEUFERT, Ernest; NEUFERT, Peter. **Arte de projetar em arquitetura**. 17. ed. Gustavo Gili, 2009.

PANERO, Julius; ZELNIK, Martin. **Dimensionamento humano para espaços interiores: um livro de consulta e referência para projetos**. Barcelona: Gustavo Gili, 2002.

PROJETO DE JARDIM PARA CASARIO NO BAIRRO DA TORRE.

Ana Idalice Laurentino da Silva

Graduanda do 9º período do curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Damas da Instrução Cristã, Recife-PE. E-mail: anaidalice@gmail.com;

Isadora de Melo Bradley Bachmann

Graduanda do 9º período do curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Damas da Instrução Cristã, Recife-PE. E-mail: isadorambb@hotmail.com;

Luciana Santiago Costa

Doutora em Desenvolvimento Urbano pelo MDU/UFPE. Professora do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Damas da Instrução Cristã, Recife – PE. E-mail: luciana.santiago@faculdedamas.edu.br.

1. INTRODUÇÃO

A disciplina de Paisagismo II, ministrada pela Prof^a Dr. Luciana Santiago, tem como intuito apresentar as práticas paisagísticas, diagnóstico dos espaços livres públicos em escala macro, estudo do mobiliário urbano suas proposições, com o objetivo de capacitar o aluno para o entendimento dos conceitos e elaboração de levantamentos de áreas, esboços e anteprojetos paisagísticos em escala macro.

O presente trabalho tem como objetivo expor o aprendizado adquirido ao longo do desenvolvimento do anteprojeto produzido na referida disciplina. A cadeira está inserida na interdisciplinaridade proposta pela faculdade para o oitavo período do curso de Arquitetura e Urbanismo, onde temos a possibilidade de articular sobre os assuntos em comum a partir de diversas ópticas e com o objetivo principal de praticar o diálogo de intercessões que podem haver nesses projetos e propostas. Dentre as disciplinas temos Planejamento Urbano IV, Paisagismo II, Técnicas Retrospectivas e Interiores II.

2. A ÁREA OBJETO DE ESTUDO

A área eleita para desenvolvimento das pesquisas foi o bairro da Torre, enfatizando um casario localizado na Rua José Bonifácio que se tornou objeto das disciplinas exceto de Planejamento Urbano. O conjunto é composto por quatro casas no qual cada grupo selecionou uma das edificações para trabalhar e desenvolver o novo uso que seria restaurantes. Em paisagismo, chegamos num consenso de que cada grupo projetaria o jardim do conjunto inteiro das casas somado a um terreno de fundo que poderia ser demolido (dentro do estudado em Técnicas Retrospectivas), cada uma com seu tema em específico. Nesse relatório, serão explicitados dois dos trabalhos desenvolvidos para a área, a casa 724 e a casa 704 que serão comentadas de acordo com as etapas pré-estabelecidas e irão conter informações mais específicas de cada imóvel e seu partido, atendendo as necessidades e funcionalidades desses novos empreendimentos, mantendo a sua originalidade por se tratar de um bem tombado, mas harmonizando com sua nova função (**Figura 01**).

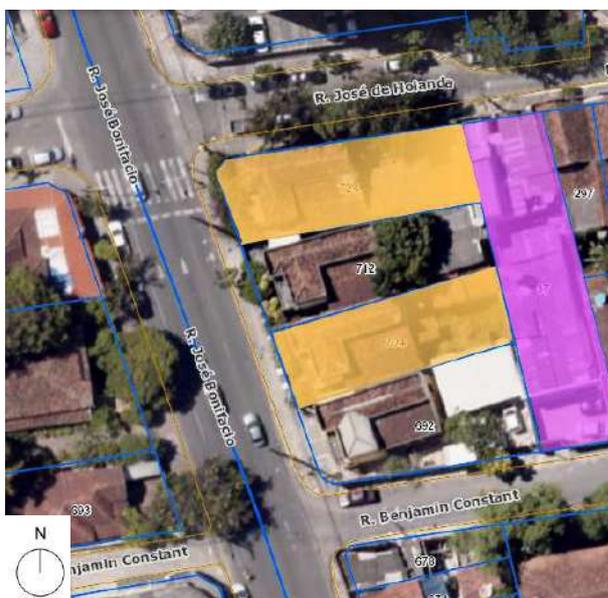
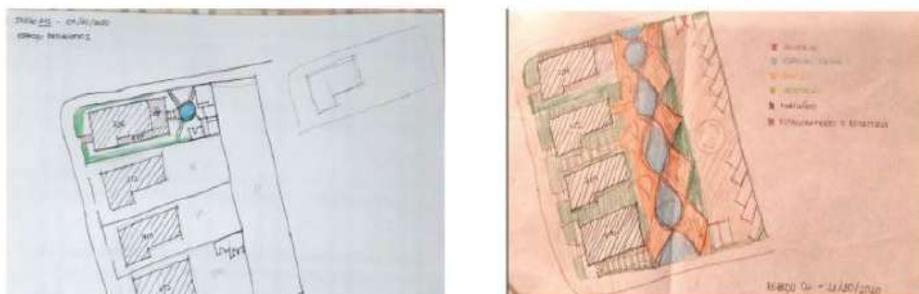


Figura 01 - Identificação das casas 724, 704 e terreno.
Fonte: Google Maps. Editado pelas autoras, 2020.

3. DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO

No primeiro momento, tratamos da parte teórica e estudos de caso referente aos espaços públicos, mobiliários urbanos, funcionalidades e impactos sociais. Ao decorrer da cadeira, quando definido o empreendimento comercial, se deu início aos esboços e soluções que poderiam além de enaltecer a área, torná-la convidativa e atraente a quem estivesse nos arredores, além de tratar a parte do conforto ambiental e soluções sustentáveis em harmonia com o deleite visual do ambiente. Os traçados paisagísticos, foram pensados de acordo com o tema de cada restaurante e trouxeram em si, sua própria identidade de espaço. As referências de iluminação, mobiliário, vegetação e pisos, foram pensadas para que o usuário se sentisse confortável, inspirado e incentivado por estar ali.

No imóvel 724, os primeiros esboços feitos à mão, foram o pontapé inicial para a concepção do projeto. O uso de cores, também são um dos instrumentos que facilita a setorização do que terá em cada espaço e como interligá-los. O projeto de paisagismo presente no terreno em estudo foi pensado em uma proposta para o melhor aproveitamento do espaço que se destaca por meio de um conceito de linhas orgânicas que dão mais dinamismo ao local e deixam o ambiente mais harmônico e agradável ao usuário. Foram adotados ao longo do caminho espelhos d'água mostrando a importância do componente líquido como fonte da vida e da beleza natural, além da implantação de diversas espécies de árvores, arbustos e herbáceas para deixar o caminho mais leve. Pode-se destacar também a iluminação embutida no piso intertravado que foi usado para compor toda a trilha planejada. Para mostrar mais personalidade ao local em paralelo ao restaurante italiano, foram pensados também em traços que remetem à cidade de Verona que se localiza no país da Itália usando um mobiliário com bancos soltos para acolher as pessoas que passam por ali e que pudessem desfrutar da paisagem. Foi elaborado um estacionamento no terreno ao lado para as pessoas guardarem seus carros e um bicicletário que comporta uma boa quantidade de vagas (**Figuras 02 e 03**).



Figuras 02 e 03 - Esboços de paisagismo da casa 724.

Fonte: as autoras, 2020



Figura 04 - Moodboard da casa 724

Fonte: as autoras, 2020

Além disso, ao se fazer um projeto de paisagismo, é necessário uma série de plantas baixas que devem ser contempladas para ter o máximo de conhecimento e informações possíveis para entendimento e execução do projeto. Dentre elas temos a planta de piso - que indica quais pisos e em quais locais serão utilizados, a planta de mobiliário urbano - que diz respeito a mobília que será usada - e a planta de vegetação, - que está diretamente ligada ao paisagismo natural, com toda a vegetação escolhida (**Figura 04**).

No segundo grupo, casa 704, foi eleito para o restaurante o tema da culinária japonesa, mas para o paisagismo o grupo sentiu a necessidade de refletir um pouco da história do bairro, e como ele é circundado pelo Rio Capibaribe, fazendo uma grande curva nos inspiramos nesse traçado e unimos com uma de nossas inspirações, a segunda fase mais orgânica de Burle Marx (**Figura 05**).



Figura 05 - Esboço casa 704
Fonte: as autoras, 2020

É importante ressaltar ainda, que no caso desse grupo, houve uma junção do anexo da casa 704 com a casa 692, de esquina com a Rua Benjamin Constant, onde através dela conseguimos economizar espaço de acréscimo para os dois restaurantes e desenvolver uma área convidativa para os usuários e que mantivesse a personalidade de cada tema escolhido para o comércio (**Figura 06**).



Figura 06 - Anexo casa 712 e 692
Fonte: as autoras, 2020

4. RESULTADOS OBTIDOS

O conceito do traço paisagístico usado na casa de nº 724, veio do tema do restaurante italiano, o paisagismo teve a intenção de remeter aos jardins italianos, com aspectos, iluminações e toques dos jardins da Itália. O caminho usado

na proposta faz com que o usuário consiga caminhar pelo jardim e chegar aos empreendimentos. A setorização dos espaços foi feita com os tipos de pisos diferentes, sempre deixando visível que a vegetação é o cargo chefe do projeto. A área foi pensada para que o usuário não sinta que é só uma área de passagem, mas sim, que se sente, converse e explore os espaços. O uso do mobiliário é parte importante para que o ambiente realize a sua finalidade. As **Figuras 07 a 16** mostram as propostas do primeiro grupo.

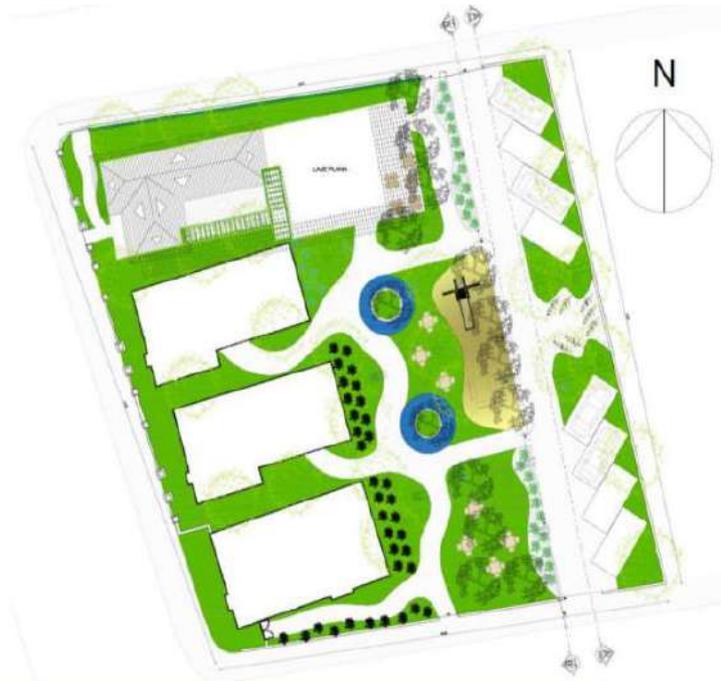


Figura 07 - Planta geral de paisagismo da casa 724
Fonte: as autoras, 2020

Planta baixa de piso



Figura 08 - Planta baixa de piso da casa 724.
Fonte: as autoras, 2020.

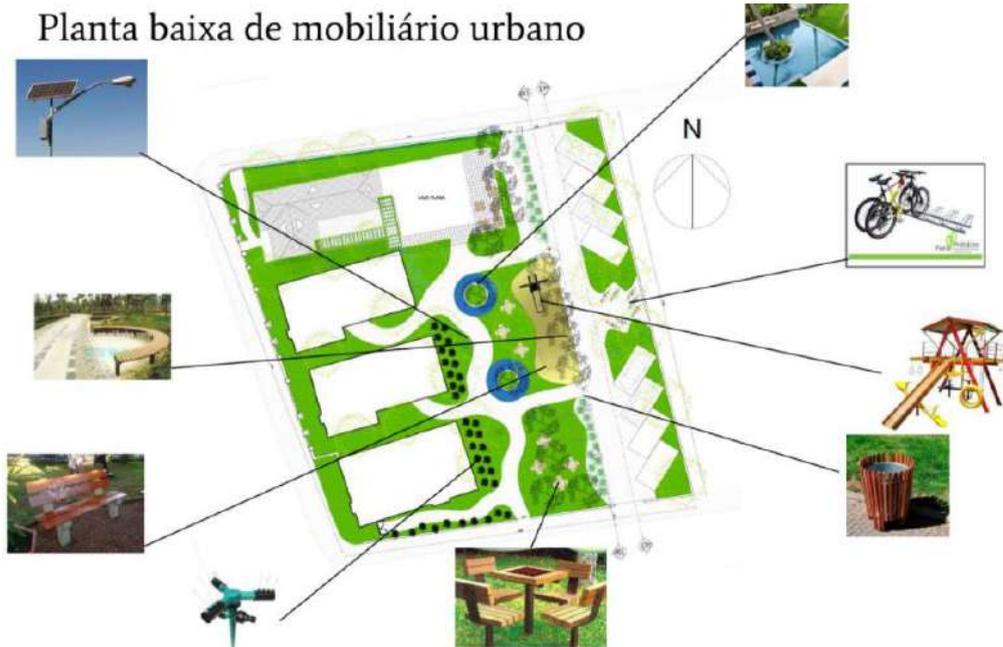


Figura 09 - Planta baixa de mobiliário urbano - casa 724.
Fonte: as autoras, 2020.



Figura 10 - Planta baixa de vegetação - casa 724.
Fonte: as autoras, 2020.



Figura 11 - Corte esquemático 01 - casa 724
Fonte: as autoras, 2020



Figura 12 - Corte esquemático 02 - casa 724
Fonte: as autoras, 2020



Figuras 13 e 14 - Perspectivas 01 e 02 - casa 724
Fonte: as autoras, 2020



Figuras 15 e 16 - Perspectivas 03 e 04 - casa 724
Fonte: as autoras, 2020

No segundo grupo, o resultado obtido na casa 704 foi de um passeio repleto de experiências de cores, texturas, curvas e surpresas. Além do parquinho adicionado para as crianças, foi pensado também no bicicletário para usuários e entregadores adeptos desse meio de transporte. Foram usadas mesas externas para contemplação da paisagem, os dois espelhos d'água como meio de remeter ao rio e também à cultura japonesa (tema do restaurante), a preservação de algumas árvores existentes bem como a adição de novas árvores como a Acácia Mimosa para sombrear e a quaresmeira para adicionar mais cor além da zebrina ou roxinha que é uma planta arbustiva.



Figura 17 - Planta baixa geral - casa 704
 Fonte: as autoras, 2020.



Figuras 18 e 19 - Perspectivas 01 e 02 - casa 704.
 Fonte: as autoras, 2020.



Figuras 20 e 21 - Perspectivas 03 e 04 - casa 704.
 Fonte: as autoras, 2020.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cadeira em questão, trouxe a afirmação de que o projeto paisagístico é de extrema importância para o contexto social e urbano. Os ambientes externos que se denominam praças, parques, e locais públicos tem um verdadeiro compromisso de passar para quem habita e se apropria desses locais a ideia de

conforto e de deleite, seja pelo seu traçado, pelo uso de vegetações, pelo mobiliário urbano ou pelos diferentes usos de pisos no local. O projeto paisagístico, se torna um cartão postal de uma cidade, e se torna mais do que isso, se torna a identidade de uma população que adere aquele espaço e coloca sua ligação afetiva nesses locais.

6. REFERÊNCIAS

MALAMUT, Marcos. **Paisagismo: projetando espaços livres**. São Paulo: SENAC, 2010.

MASCARÓ, Juan. Luiz (org). **Infra-estrutura da paisagem**. São Paulo: SENAC 2008.

LEITÃO, Lúcia. **As Praças que a gente quer... Manual para Intervenção em praças**. PCR Recife: Prefeitura do Recife, 2000.

O texto do livro é composto em Verdana, corpo 12 / 15
Os títulos e autores são compostos em Tahoma, corpo 22/26 e 12/13
Ilustração da Capa é de autoria de hati.royani - Vecteezy.com
Faculdade Damas da Instrução Cristã - Março de 2021



TEMPO DE APRENDER: ARQUITETURA E URBANISMO

Prof^a Mércia Carréra de Medeiros (Org.)

Esta edição resulta da iniciativa da coordenação do curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Damas que, assim, divulga para conhecimento público, a produção dos discentes durante o semestre de 2020.2, auxiliados pelos docentes das disciplinas.

O objetivo principal é estimular a produção acadêmica e incentivar a divulgação dos trabalhos desenvolvidos. Os componentes que elaboraram os artigos se esforçaram para produzir uma publicação em que se reconhecesse, essencialmente, o conteúdo apreendido em sala de aula.

